

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

Nº 469 | Ano XV  
03/08/2015

ISSN 1981-8769  
(impresso)  
ISSN 1981-8793  
(online)

## O ECOmenismo de *Laudato Si'*

*Da Crise Ecológica à Ecologia Integral*

Hans Joachim Schellnhuber: *Uma base comum - A encíclica papal, a ciência e a preservação do planeta Terra*

Josh Rosenau: *Por uma ética da terra – Caminhos para o desenvolvimento científico*

Edgard de Assis Carvalho: *Da crise ecológica ao pensamento complexo*

**Gaël Giraud:**  
Da dívida ecológica  
ao débito do sistema  
financeiro com os  
pobres

**Chiara Frugoni:**  
Uma outra face  
de São Francisco  
de Assis

**Moema Miranda:**  
Laudato Si' - A  
perspectiva sistêmica  
que atualiza o debate  
ambiental

# O ECOMenismo de Laudato Si'. Da Crise Ecológica à Ecologia Integral

A íntegra da Carta Encíclica Laudato Si' pode ser lida, em português, disponível em <http://bit.ly/1LDHe15>.

**F**rente ao paradigma tecnocrático dominante, a Carta Encíclica do Papa Francisco Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum, coloca em causa o lugar do ser humano na contemporaneidade.

O texto se inscreve no contexto da realização da 21ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas - COP 21, a ser realizada em Paris, de 30 de novembro a 11 de dezembro de 2015.

A edição desta semana da revista **IHU On-Line** debate o documento pontifício no contexto das mudanças climáticas que desafiam o cuidado da casa comum. Participam do debate pesquisadores e pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento como os cientistas abaixo:

- **Josh Rosenau**, diretor do Projeto de Informação Pública da National Center for Science Education - NCSE dos EUA;

- **Jefferson Simões**, glaciólogo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

- **Veerabhadran Ramanathan**, da Universidade da Califórnia, em San Diego, EUA;

- **Partha Dasgupta**, da Universidade de Manchester, no Reino Unido;

- **Filipe Duarte Santos**, diretor do Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa, Portugal;

- **Tercio Ambrizzi**, doutor em Meteorologia pela Universidade de Reading, Inglaterra.

O pensamento econômico do Papa Francisco, expresso na Encíclica e no discurso proferido no *Encontro Mundial de Movimentos Populares*, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, é analisado por **Gaël Giraud**, economista e jesuíta, diretor de pesquisa do *Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS*, membro do Centro de Economia da Sorbonne e da Escola de Economia de Paris. Incisivo, ele constata que "a economia neoclássica fracassou completamente em seu programa epistemológico que consiste em excluir a justiça social do campo da economia".

Igualmente o documento é debatido por ambientalistas:

- **Moema Miranda**, antropóloga do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas - Ibase;

- **Maurício Waldman**, sociólogo e antropólogo, tradutor do Manifesto Eco Modernista;

- **Carlos Rittl**, coordenador executivo do Observatório do Clima;

- **Jennifer Morgan**, diretora do Climate Program at the World Resources Institute.

Uma leitura do texto bergogliano à luz do paradigma da complexidade de Edgar Morin é feita por **Edgard de Assis Carvalho**, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

A abordagem multidimensional da questão ecológica é, igualmente, ressaltada por **José Roque Junges**, professor e pesquisador do PPG em Saúde Coletiva da Unisinos e por **Patrick Viveret**, filósofo e ensaísta francês.

A Carta Encíclica também é refletida por teólogos e teólogas:

- **André Wenin**, professor da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, e da Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, que discute a fundamentação exegético-bíblica do documento;

- **Paulo Suess**, assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário - CIMI, analisa e detalha os pontos fundamentais do documento à luz do discurso do Papa Francisco, acima referido, proferido no Encontro Mundial de Movimentos Populares;

- **Christiana Peppard**, professora de Teologia, Ciência e Ética na Fordham University;

- **Jame Schaefer**, teóloga que leciona na Universidade de Marquette, em Milwaukee, Wisconsin, EUA;

- **Christian Albin**, teólogo leigo italiano;

**Chiara Frugoni**, historiadora italiana de renome internacional nos estudos sobre a Idade Média, descreve traços característicos de Francisco de Assis, que inspiram a Laudato Si', a começar pelo título tomado do Cântico das Criaturas.

Por sua vez, **Michael Czerny**, jesuíta, assessor do Conselho Pontifício Justiça e Paz, narra sucintamente alguns detalhes dos bastidores do processo de elaboração da Laudato Si'.

Por fim, a edição faz memória de **Dorothy Stang**, assassinada na defesa da Amazônia. A entrevista com **Roseanne Murphy**, socióloga e religiosa norte-americana, e um testemunho de **Jane Dwyer**, companheira de vida religiosa de Dorothy, completam a edição.

A todas e a todos uma boa leitura e uma ótima semana!

Crédito da imagem de capa: Yogendra/flickr-creative commons

**IHU** ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) e no endereço [www.ihuonline.unisinos.br](http://www.ihuonline.unisinos.br).

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

#### Diretor de Redação

Inácio Neutzling ([inacio@unisinos.br](mailto:inacio@unisinos.br))

#### Jornalistas

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS ([joaovs@unisinos.br](mailto:joaovs@unisinos.br))

Leslie Chaves - MTB 12.415/RS ([leslies@unisinos.br](mailto:leslies@unisinos.br))

Márcia Junges - MTB 9.447/RS ([mjunges@unisinos.br](mailto:mjunges@unisinos.br))

Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS ([prfachin@unisinos.br](mailto:prfachin@unisinos.br))

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS ([ricardom@unisinos.br](mailto:ricardom@unisinos.br))

#### Revisão

Carla Bigliardi

#### Projeto Gráfico

Ricardo Machado

#### Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

#### Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Machado.



**Instituto Humanitas Unisinos - IHU**

Av. Unisinos, 950  
São Leopoldo / RS  
CEP: 93022-000

**Telefone:** 51 3591 1122 | Ramal 4128

**e-mail:** [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

**Diretor:** Inácio Neutzling

**Gerente Administrativo:** Jacinto Schneider ([jacintos@unisinos.br](mailto:jacintos@unisinos.br))

# Sumário

## Destaques da Semana

---

- 4 Baú da IHU On-Line
- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 Artigo da Semana - Hans Joachim Schellnhuber: Uma base comum - A encíclica papal, a ciência e a preservação do planeta Terra

## Tema de Capa

---

- 18 Jefferson Simões: O humanismo como resgate ético à ciência tecnocrática
- 24 Josh Rosenau: Por uma ética da terra - Caminhos para o desenvolvimento científico
- 29 Veerabhadran Ramanathan: Ecologia integral, um olhar científico sobre o conceito
- 32 Partha Dasgupta: A sintonia fina entre *Laudato Si'* e as ciências econômicas, sociais e naturais
- 34 Filipe Duarte Santos: Assumir problema climático como antropogênico. Primeiro passo para mudança
- 37 Tercio Ambrizzi: A interdisciplinaridade das mudanças climáticas
- 40 Gaël Giraud: Da dívida ecológica ao débito do sistema financeiro com os pobres
- 45 Maurício Waldman: Manifesto Eco Modernista e *Laudato Si'*: duas visões da crise ecológica
- 52 Carlos Rittl: *Laudato Si'*: a novidade que provoca e agita a agenda ambiental
- 58 Edgard de Assis Carvalho: Da crise ecológica ao pensamento complexo
- 62 Moema Miranda: *Laudato Si'*: a perspectiva sistêmica que atualiza o debate ambiental
- 68 Jennifer Morgan: *Laudato Si'* para além da COP 21
- 71 Michael Czerny: O grito da terra nos ecos da ciência. *Laudato Si'* é a "Rerum Novarum de 2015"
- 74 André Wenin: As convergências entre a Bíblia, a *Laudato Si'* e o tempo presente
- 78 Chiara Frugoni: Uma outra face de São Francisco de Assis
- 83 Christian Albini: De religiosa a laica e científica: as perspectivas de uma Encíclica
- 91 Paulo Suess: Os ecos de *Laudato Si'* e o discurso do Papa Francisco no Encontro dos Movimentos Populares em Santa Cruz de la Sierra
- 104 José Roque Junges: Ecologia Integral e justiça ambiental no cuidado da "casa comum"
- 111 Jame Schaefer: O despertar da consciência
- 116 Christiana Peppard: O novo e o velho na Encíclica de Francisco
- 120 Patrick Viveret: A desertificação humana e ecológica
- 124 Roseanne Murphy: A luta pela Ecologia Integral na Amazônia brasileira
- 128 Jane Dwyer: Os conflitos pela terra no norte do país e as Irmãs de Notre Dame de Namur

## IHU em Revista

---

- 132 Agenda de Eventos
- 134 Publicações
- 135 Retrovisor

# Baú da IHU On-Line

Confira outras publicações do IHU sobre a *Encíclica Laudato Si'*

- **Laudato Si' - Prestemos atenção às notas de rodapé.** Artigo publicado nas Notícias do Dia, de 25-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1SQaVH3>
- **''Tudo está interligado'': uma leitura comunicacional da *Laudato si'*.** Artigo publicado nas Notícias do Dia, de 25-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1J9Z1Do>
- **Laudato Si'. Uma "Contemplatio" inspiradora.** Artigo publicado nas Notícias do Dia, de 25-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1GC2l66>
- **O clima definitivamente entrou na pauta global.** Artigo publicado nas Notícias do Dia, de 25-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1NlQ2At>
- **Laudato Si'. A encíclica do Papa Francisco cita um sábio muçulmano e Teilhard de Chardin.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 25-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1RDhCK7>
- **Laudato Si' é inspiração aos que querem fazer parte da solução.** Artigo publicado nas Notícias do Dia, de 25-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1eMnSTT>
- **Ban Ki-Moon visita o Papa Francisco para tratar da encíclica sobre o meio ambiente.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 24-04-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1KfPTi0>
- **O núcleo teológico de *Laudato Si'*.** Artigo publicado nas Notícias do Dia, de 24-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1fJF24E>
- **Secretário-geral da ONU elogia encíclica papal que destaca mudanças climáticas como "questão moral" fundamental.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 23-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1LKgXox>
- **Papa defende a ecologia e ataca a ideologia de gênero: uma contradição ou uma escolha?** Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 23-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1LKfplL2>
- **"A Laudato Si' é, talvez, o ato número 1 de um apelo para uma nova civilização".** Entrevista com Edgar Morin publicada nas Notícias do Dia, de 23-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1J9UaUJ>
- **Laudato si': um desafio para os poderosos do mundo.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 21-06-2015, no sítio do IHU disponível em <http://bit.ly/1LA39jm>
- **Para ambientalistas, encíclica de Francisco é um "presente".** Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 19-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1Gxh2bt>
- **Laudato si': a íntegra e um "guia" para a leitura da Encíclica.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 18-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1eMcE1u>
- **Ecologia integral. A grande novidade da Laudato Si'. "Nem a ONU produziu um texto desta natureza".** Entrevista com Leonardo Boff publicada nas Notícias do Dia, de 18-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1SQ9tV1>
- **A ecologia integral do Papa Francisco.** Artigo publicado nas Notícias do Dia, de 01-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1RDcQMC>
- **Deus e a criação em uma era científica.** Cadernos Teologia Pública de William R. Stoeger, 59ª edição, disponível em <http://bit.ly/1Hkkqfy>
- **Perdendo e encontrando a criação na tradição cristã.** Cadernos Teologia Pública de Elizabeth A. Johnson, 57ª edição, disponível em <http://bit.ly/1NlQbE2>
- **Eucaristia e Ecologia.** Cadernos Teologia Pública de Denis Edwards, 52ª edição, disponível em <http://bit.ly/1J9ZXrp>
- **O Deus vivo em perspectiva cósmica.** Cadernos Teologia Pública de Elizabeth A. Johnson, 51ª edição, disponível em <http://bit.ly/1NlQi2s>
- **Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida.** A teologia ecológica de Jürgen Moltmann. Cadernos Teologia Pública de Sérgio Lopes Gonçalves, 23ª edição, disponível em <http://bit.ly/1HkSaYc>

**IHU** ON-LINE



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

# Destques da Semana

# Destques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 27-07-2015 e 30-07-2015 no sítio do IHU

## Parque da Serra da Capivara: “Estamos vendo o fim se aproximando”

Entrevista com Niéde Guidon, graduada em História Natural pela Universidade de São Paulo - USP, especialista em arqueologia pré-histórica, pela Sorbonne, França. Integrante da Missão Arqueológica Franco-Brasileira, e atualmente Diretora Presidente da Fundação Museu do Homem Americano.

Publicada em 30-07-2015

Disponível em <http://bit.ly/1OQNwCZ>

Depois de 40 anos desenvolvendo pesquisas e buscando fundos para manter o Parque da Serra da Capivara, no Piauí, que tem “a maior concentração de sítios com pinturas rupestres do mundo, um meio ambiente muito rico, ainda não completamente estudado e monumentos geológicos fantásticos”, a arqueóloga Niéde Guidon é categórica ao afirmar que não vislumbra “nenhum” futuro para os projetos que vêm sendo desenvolvidos até então. A falta de recursos financeiros para dar continuidade ao projeto que vem sendo desenvolvido nas últimas quatro décadas tem tornado impossível “manter um corpo permanente de funcionários, os veículos e máquinas necessários para os trabalhos”, informa. Na avaliação de Niéde, a atual situação do Parque da Serra da Capivara é o claro exemplo de que “o problema é que no Brasil há muitas leis, mas não são fornecidos recursos para que as mesmas sejam aplicadas”.



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## O imobilismo e a tentativa de resgatar o sentimento progressista

Entrevista com Talita Tibola, psicóloga e tradutora, doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense - UFF, integrante do Grupo PesquisarCom e da Universidade Nômade. A pesquisadora participou do ciclo de Ocupas e de movimentos autônomos em Bologna, na Itália.

Publicada em 29-07-2015

Disponível em <http://bit.ly/1LZHjGu>

Junho de 2013 significou “a perda do medo e a retomada do político pela população”. Contudo, “depois de junho”, restaurou-se o medo, fragmentou-se a mobilização e houve uma divisão ainda maior entre partidos políticos e movimentos sociais, afirma Talita Tibola, psicóloga que vem estudando as manifestações políticas que têm surgido no país nos últimos anos. Entre as divisões políticas acentuadas pós-junho, a psicóloga destaca a divisão no Partido dos Trabalhadores, a qual tem como finalidade “conservar a unidade” do partido apesar das posições divergentes. “Contraditoriamente, no momento em que o governo do PT é praticamente um governo de direita, o que é consenso inclusive entre os grupos mais à esquerda, o ‘sentimento de esquerda’ é convocado para defender, no final das contas, o governo. O resultado é mais imobilismo. Porque em vez de práticas, pautas, reinvenção, o que acontece é uma ação baseada na negação de algo, em ser ‘anti-direita’”, pontua.



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## Desmatamento silencioso da Caatinga tem intensificado a desertificação do semiárido brasileiro

Entrevista com Iêdo Bezerra de Sá, graduado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, mestre em Sensoriamento Remoto pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, doutor em Geoprocessamento pela Universidad Politécnica de Madrid, e pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa.

Publicada em 28-07-2015

Disponível em <http://bit.ly/1lqIP2T>

Mais de 50% das áreas do semiárido brasileiro já “estão com processo de desertificação acentuado”, e cerca de 10 a 15% do território enfrenta uma situação de desertificação severa. Para se ter uma ideia, a soma das extensões de terras degradadas no Ceará, na Bahia e em Pernambuco equivale a “63 mil km<sup>2</sup>” de desertificação, aponta Iêdo Bezerra de Sá. O pesquisador explica que a desertificação é um fenômeno de degradação ambiental que acontece particularmente em regiões áridas, semiáridas e subúmidas secas, a exemplo do Nordeste e de parte do Sudeste brasileiro.

De acordo com o engenheiro florestal, no Brasil a desertificação no semiárido tem se agravado por causa do desmatamento na Caatinga. “Ao desmatar a Caatinga, os solos ficam completamente expostos a todas as intempéries”, frisa. Além do desmatamento, Bezerra de Sá enfatiza que a irregularidade das chuvas contribui para que a degradação seja ainda mais acentuada em algumas regiões.



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## A história grega ainda está sendo escrita

Entrevista com Rodrigo Nunes, doutor em Filosofia pelo Goldsmiths College, Universidade de Londres, e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. É colaborador de diversas publicações nacionais e internacionais. Como organizador e educador popular, participou de diferentes iniciativas ativistas, e foi membro do coletivo editorial de Turbulence, uma revista influente entre os movimentos sociais da Europa e da América do Norte.

Publicada em 27-07-2015

Disponível em <http://bit.ly/1lu8N10>

A crise grega, que já dura cinco anos, “não tem nenhuma perspectiva de terminar — pelo contrário, tende a se agravar com as novas medidas”, avalia Rodrigo Nunes, que acaba de retornar de Atenas, após participar da conferência Democracy Rising, da qual também participaram pessoas como Tariq Ali, Costas Lapavitsas, Paul Mason, Zoe Konstantopoulou, Bruno Bosteels, Jodi Dean, Sandro Mezzadra, entre outros.

Na entrevista, Nunes diz que há muitas questões em aberto em relação à crise grega, em especial ao novo memorando anunciado pelo governo grego, resultado do novo acordo com a Troika, e ao futuro político de Tsipras e do Syriza de modo geral. Rodrigo Nunes lembra que o “Syriza se elegeu com a linha da ala moderada, majoritária, do partido: acabar com a austeridade sem sair do Euro”. Entretanto, pontua, “a questão é: é possível ter as duas coisas ao mesmo tempo?”



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)



# Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU entre os dias 27-07-2015 e 31-07-2015, relacionadas a assuntos que tiveram repercussão ao longo da semana.

## **Belo Monte: modelo para aniquilar os povos tradicionais**

É um método requintado, aprimorado durante a construção da terceira maior hidrelétrica do mundo, que atinge quase 40 mil pessoas em uma população original de 100 mil, caso da cidade de Altamira. São oito mil casas destruídas, sendo que cinco mil já foram abaixo. Parte da população, chamados de beiradeiros, porque vivem na beira do rio e trabalham dentro da floresta, é obrigada a optar: urbano ou rural. Escolhe qual situação vai aderir, ou fica sem nada. Esta é a opção dada pela terceirizada da Norte Energia S.A., a sociedade de propósito específico, responsável pela usina. O Instituto Socioambiental (ISA) elaborou um Dossiê sobre Belo Monte. Por um motivo fundamental: em fevereiro deste ano, a empresa entrou com o pedido de Licença de Operação, o que praticamente encerra o poder de barganha da população atingida, de conseguir amenizar seu sofrimento. A reportagem é de Najar Tubino, publicada por Carta Maior, em 29-07-2015.

Leia mais em <http://bit.ly/1U9rNcu>

## **Com mortes, crise migratória explode no túnel do Canal da Mancha**

Houve milhares de tentativas de entrada nos últimos dias, e nove mortes desde junho. Um jovem migrante sudanês com idade entre 25 e 30 anos morreu na madrugada de 29-07-2015 no túnel do Canal da Mancha, que liga a França ao Reino Unido, segundo informou a operadora Eurotunnel. A vítima foi esmagada por um caminhão ao qual tentava subir. Centenas de migrantes também em situação irregular tentaram entrar durante a noite nas instalações, além de outras 2.000 tentativas na véspera. A Eurotunnel diz já ter interceptado este ano até 37.000 pessoas que tentaram penetrar de forma ilegal em suas instalações. Com esse novo drama, já são nove os cidadãos da Etiópia e da Eritreia mortos nessas condições desde o início de junho. O ministro do Interior francês, Bernard Cazeneuve, anunciou que enviará 120 agentes complementares a Calais para reforçar a segurança na entrada do túnel. A reportagem é de Ana Teruel e Pablo Guimón e publicada por El País, em 29-07-2015.

Leia mais em <http://bit.ly/1h7BdHd>

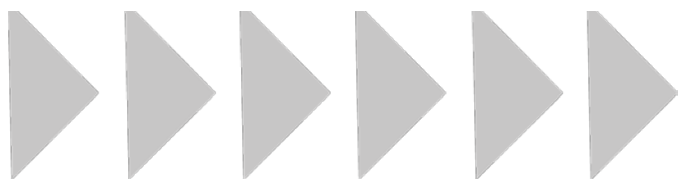
## **Estará o Papa negociando a soltura de Paolo Dall'Oglio?**

Apesar de inúmeros rumores, nada mais se soube a respeito do Pe. Paolo Dall'Oglio desde que ele desapareceu na Síria há dois anos. Agora, o Papa Francisco criou esperanças para o regresso do padre jesuíta. A informação foi publicada por The Daily Beast, em 29-07-2015. A tradução é de Isaque Gomes Correa.

Paolo Dall'Oglio, padre jesuíta italiano de 60 anos de idade, foi sequestrado enquanto caminhava por Raqqa, na Síria, em 27 de julho de 2013. Houve inúmeros rumores de sua morte brutal nas mãos de terroristas jihadistas, e o mesmo acontece com as muitas histórias de sua sobrevivência milagrosa supostamente por causa da declarada oposição que ele fez ao regime de Bashar al-Assad. Porém, nunca o Estado Islâmico reivindicou autoria no sequestro do sacerdote, e a família de Dall'Oglio diz que ele está, diferentemente, sendo mantido por um grupo ligado à Al Qaeda, embora se saiba que ninguém nunca exigiu um resgate.

Leia mais em <http://bit.ly/1JxJQFW>





## **Varoufakis quer criar na Europa movimento político transnacional e antiausteridade**

Entre os quadros da organização, que não se apresenta como partido, estarão os economistas Paul Krugman e Joseph Stiglitz, conforme notícia a imprensa europeia. A reportagem foi publicada no portal Opera Mundi, em 28-07-2015.

O ex-ministro das Finanças grego Yanis Varoufakis está preparando a criação de um novo movimento político cujo objetivo será lutar contra o “austericídio”, o suicídio provocado pelas políticas de austeridade imposta por credores internacionais. O agrupamento terá alcance europeu, plataforma transnacional e deverá reivindicar mais democracia nas instituições da União Europeia. Liderado pelo próprio Varoufakis, o novo grupo político possivelmente se chamará Aliança Europeia e pretende participar das próximas eleições gregas - previstas para 2019, caso não haja antecipação.

Leia mais em <http://bit.ly/1eCVin0>

## **A coragem da desesperança**

“A verdadeira coragem não é imaginar uma alternativa, mas, sim, aceitar as conseqüências do fato de que não há uma alternativa claramente discernível: o sonho de uma alternativa é um sinal da covardia teórica, suas funções são como um fetiche que evita que pensemos até o final de nossa elaboração. Em outras palavras, a verdadeira coragem é admitir que a luz ao final do túnel é a luz de outro trem que se aproxima de nós na direção oposta”, escreve Slavoj Zizek, filósofo e crítico cultural. Segundo ele, “a história recorrente da esquerda contemporânea é a de um líder ou partido eleito com entusiasmo universal, prometendo um “novo mundo” (Mandela, Lula), mas, então, cedo ou tarde, em geral, após alguns anos, depara-se com o dilema fundamental: atreve-se a mexer nos mecanismos capitalistas ou decide “continuar o jogo?””, questiona.

Leia mais <http://bit.ly/1N439pv>.

## **Gays e transexuais católicos dos EUA querem se encontrar com o papa**

Um grande grupo de católicos gays e transexuais estadunidenses quer se encontrar com o Papa Francisco quando, em setembro próximo, o pontífice realizará a sua primeira visita aos Estados Unidos. O objetivo é levá-lo a tomar posição sobre as questões de gênero e sexualidade, que estão cada vez mais dividindo os fiéis. A reportagem é do sítio Askaneews, e foi publicada em 27-07-2015. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Esse grupo de católicos quer que o Papa Francisco aproveite a sua popularidade para reconhecê-los como membros de pleno direito da Igreja, com um acesso igual aos sacramentos como batismo e matrimônios. É verdade que o seu pontificado, até agora, se centrou em quem vive às margens da sociedade, como os pobres, os migrantes e os presos, mas ainda não está claro se Jorge Mario Bergoglio incluirá as minorias sexuais no conjunto dos indivíduos que, segundo ele, precisam de justiça.

Leia mais em <http://bit.ly/1LZyE78>

## ARTIGO

# Uma base comum - A encíclica papal, a ciência e a preservação do planeta Terra

Por Hans Joachim Schellnhuber | Tradução Luis Sander

“A ciência é clara: o aquecimento global é movido pelas emissões de gases de efeito estufa que resultam da queima de combustíveis fósseis. Se deixarmos de reduzir fortemente essas emissões e reverter a curva do aquecimento, nós, nossos vizinhos e nossos filhos estaremos expostos a riscos intoleráveis”, afirma Hans Joachim Schellnhuber, pesquisador do Instituto de Pesquisa sobre o Impacto Climático, Potsdam, Alemanha, e do Instituto de Pesquisa sobre Sistemas Complexos, Santa Fé, EUA.

Eis o artigo.

Laudato Si', a Encíclica Papal,<sup>1</sup> foi compilada em um momento crucial na história da humanidade: hoje.

Defrontamo-nos com o grande desafio de limitar o aquecimento global para um nível abaixo de 2 °C e, ao mesmo tempo, fomentar o desenvolvimento para os mais pobres. Mas também estamos vivenciando uma janela de oportunidade especial porque o conhecimento sobre o sistema da Terra nunca foi maior do que hoje. Além disso, dispomos das soluções técnicas e econômicas para superar os desafios com que nos confrontamos.

A urgência de agir em relação a essas questões urgentes que se expressa na Encíclica reflete os achados científicos que se acumularam até formar um conjunto irresistível de evidências. A ciência é clara: o aquecimento global é movido pelas emissões de gases de efeito estufa que resultam da queima de combustíveis fósseis. **Se deixarmos de reduzir fortemente essas emissões e reverter a curva do aquecimento, nós, nossos vizinhos e nossos filhos estaremos expostos a riscos intoleráveis.** O consenso científico representado pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) tem sido reafirmado continuamente pelas mais eminentes academias científicas, incluindo a Pontifícia Academia das Ciências e a Pontifícia Academia das Ciências Sociais, que se reuniram várias vezes ao longo dos últimos anos para abordar os temas da mudança climática e da

sustentabilidade global)<sup>2</sup>. Já que qualquer adiamento adicional de medidas de mitigação podem ameaçar a estabilidade climática e, assim, nosso futuro, está na hora de formar alianças, encontrar terreno comum e agir juntos como humanidade - mas também de assumir responsabilidade individual e mudar o que está em nosso poder mudar.

## O que fizemos

A produção de energia à base de combustíveis fósseis em larga escala que foi iniciada pela Revolução Industrial e acelerada no século XX levou a um grande desenvolvimento humano - para uma minoria. Para muito poucos, ela gerou extrema riqueza. Do outro lado desse desenvolvimento se encontram os pobres e os mais pobres dentre os pobres. A violência estrutural desse desenvolvimento predetermina a vida deles. As fontes de energia de combustíveis fósseis são bens privados, de propriedade de empresas ou controlados por governos. Assim, o acesso à energia depende em grande parte dos recursos financeiros do indivíduo. **Segue-se que a utilização da energia de combustíveis fósseis e os avanços**

<sup>2</sup> *Pontifical Academy of Sciences and Pontifical Academy of Social Sciences. Sustainable Humanity Sustainable Nature: Our Responsibility. Vatican City, 2014; A Report by the Working Group Commissioned by the Pontifical Academy of Sciences: Fate of Mountain Glaciers in the Anthropocene. 2011; Pontifical Academy of Sciences. Declaration of Religious Leaders, Political Leaders, Business Leaders, Scientists and Development Practitioners. Vatican City, 2015; P. Dasgupta, V. Ramanathan, P. Raven, M. Sánchez Sorondo, M. Archer, P. J. Crutzen, P. Léna, M. J. Molina, M. Rees, J. Sachs, H. J. Schellnhuber. Climate Change and the Common Good: A Statement of the Problem and the Demand for Transformative Solutions. Vatican City, 2015. (Nota do autor)*

<sup>1</sup> Papa Francisco, Carta Encíclica Laudato Si': Sobre o cuidado da casa comum. Cidade do Vaticano, 2015. (Nota do autor)

tecnológicos a ela conectados levaram a disparidades sem precedentes e a um uso excessivo e esbanjador de recursos. A história do uso do carbono por parte da humanidade é uma história de exploração.

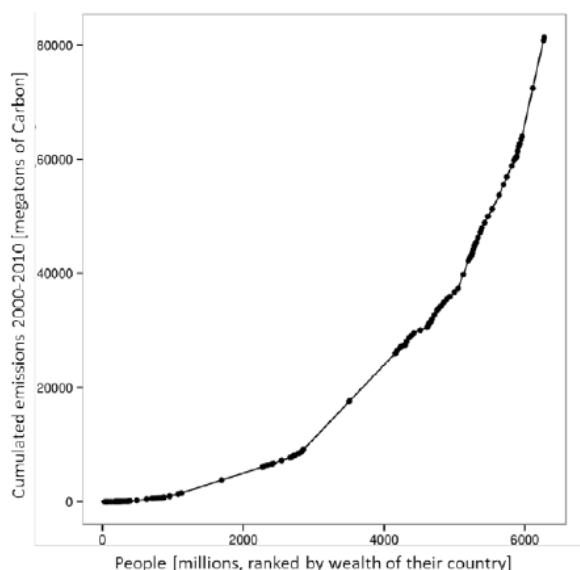


Figura 1:

*Distribuição das emissões globais de carbono pela população mundial (agrupada em países e classificada por seu grau de riqueza). A parte esquerda da curva é “plana”, indicando que o bilhão na base não contribui com virtualmente nada para o aquecimento global. Além disso, os grupos de renda mais baixa pouco contribuem para as emissões globais na média. A parte direita da curva é “íngreme”, indicando o quanto mais o estilo de vida do indivíduo médio em países ricos contribui para o problema global total.*

*Fontes dos dados: CDIAC para as emissões e Penn World Tables 8.0 para o PIB e a população. Os dados necessários não estavam disponíveis para todos os países; daí a diferença para com o número efetivo da população mundial de mais de 7 bilhões.*

Mas os pobres não só foram excluídos da participação no progresso humano; agora são forçados a enfrentar um horrível subproduto dele: a mudança climática. Isso constitui uma inaceitável desigualdade dupla: os pobres são responsáveis por uma parte diminuta das emissões globais (figura 1), mas têm de arcar com as maiores consequências. **Ao contrário do que têm afirmado alguns, não é a massa das pessoas pobres que destrói o planeta, mas o consumo dos ricos.** O aquecimento global é a consequência desse desenvolvimento de alguns poucos e irá afetar todo o mundo, mas traz devastação especialmente para os mais débeis na sociedade. Como destacou a Encíclica, não é possível atacar a mudança climática e a pobreza consecutivamente, em qualquer sequência. É indispensável enfrentá-las *simultaneamente*, pois o desenvolvimento humano está profundamente entrelaçado com os serviços que a Terra presta.

Se esses serviços estiverem ameaçados em função da destruição ambiental produzida pelo ser humano, os pobres serão os primeiros a sofrer. Eles vivem em áreas expostas e não têm recursos para se adaptar a um clima que está mudando. Além disso, alguns dos impactos climáticos afetarão desproporcionalmente muitos dos países em desenvolvimento.

Atualmente, as disparidades estão enraizadas tão profundamente que os pobres ficam sem voz, estando conscientes das mudanças em seu meio ambiente, mas sem qualquer conhecimento sobre as causas subjacentes. Eles são continuamente impedidos de formar uma opinião sobre a mudança climática porque carecem de educação formal; entretanto, sua necessidade de uma vida digna tem sido repetidamente abusada como pretexto para a inação em relação à mudança climática. Até agora, a dignidade tem permanecido algo impossível de atingir para os muitos que vivem em seu próprio lixo e no lixo de outros, sem acesso a água potável, expostos a riscos ambientais e desprovidos do poder para moldar seu próprio futuro. O sofrimento desnecessário pelos qual os pobres têm tido de passar em um mundo de abundância não pode mais ser aceito.

**Nós já não só violamos as fronteiras morais de nossa sociedade civil global, mas também estamos deixando o espaço operacional seguro de nosso planeta ao ultrapassar barreiras de segurança planetárias.**<sup>3</sup> A continuação dessa trajetória de desenvolvimento não trará prosperidade para todos, mas poderá terminar em desastre para a maioria. Mas não se trata de um destino inevitável ao qual a humanidade tem de sucumbir. Visto que a mudança climática é obra do ser humano, também está em nossas mãos reverter a tendência. Embora o sistema da Terra se caracterize por grandes complexidades e mais pesquisas sejam necessárias em muitas áreas, o conhecimento científico sobre os impactos da mudança climática já é tão profundo que será impossível alegar ignorância para justificar nossa inação.

## O que aprendemos

“Se o Senhor Todo-Poderoso tivesse me consultado antes de empreender a Criação, eu teria recomendado algo mais simples”, disse Alonso X de Castela no século XIII. Se esse conselho tivesse sido aceito, nós teríamos sido privados da extraordinária alegria que reside na admiração da complexidade que nos cerca - da própria natureza. Até mesmo um matemático com a mais abstrata das mentes reconhece o espantoso mistério que está atrás do fato de que uma equação aparentemente

<sup>3</sup> W. Steffen, K. Richardson, J. Rockström, S. Cornell, I. Fetzer, E. Bennett, R. Biggs, S. R. Carpenter, C. a. de Wit, C. Folke, G. Mace, L. M. Persson, R. Veerabhadran, B. Reyers, S. Sörlin. Planetary boundaries: Guiding human development on a changing planet. Science (80-. ), v. 347, n. 6223, p. 1259855, 2015. (Nota do autor)

muito simples pode se transformar maravilhosamente em um belo e intrincado quadro. O clima da Terra (em viva concorrência com o cérebro humano) constitui, talvez, uma das mais empolgantes manifestações dessa complexidade [1, nº 20]. Nós vivemos em uma era que nos concede o privilégio de basear-nos em séculos de tradição nas ciências naturais movida pela curiosidade humana - isso nos possibilita, mais do que nunca antes, avaliar as causas da mudança do clima.

Tive a honra de aprofundar esse assunto em uma contribuição para uma oficina realizada pelas Pontifícias Academias das Ciências e intitulada "Humanidade Sustentável, Natureza Sustentável: Nossa Responsabilidade", no ano passado.<sup>4</sup> Ela afirma que "o sistema climático é um tecido extremamente delicado de componentes planetários interligados (como a atmosfera, os oceanos, a criosfera, os solos e os ecossistemas) que interagem por meio de intrincados processos físicos, químicos, geológicos e biológicos (como, p. ex., adveccção, ressurgência, sedimentação, oxidação, fotossíntese e evapotranspiração). [...] No final das contas, damo-nos conta do fato de que puxar um único fio poderia ter o potencial de romper o tecido todo."

Esse tecido constitui o paraquedas de nosso voo diário no ambiente que nos cerca, abalado pelas poderosas forças da natureza - e, ainda assim, um pequeno e privilegiado grupo da humanidade vem puxando fios de modo cada vez mais vigoroso desde o início da Revolução Industrial no século XVIII. Em decorrência disso, já começamos a entrar em parafuso. Por exemplo, após uma "década de extremos climáticos",<sup>5</sup> está claro agora que os recordes locais de calor acontecem cerca de cinco vezes mais frequentemente do que o fariam em um clima não mudado - isto é, com um paraquedas intacto.<sup>6</sup> Ao mesmo tempo, embora ainda esteja longe demais para ser diretamente visível para a maioria de nós (mas não para todos!), uma turbulência significativa está se aproximando inexoravelmente: quase 20 cm de aumento médio global do nível do mar desde 1880, por exemplo, está começando a impactar sociedades inteiras, e a água está levando o chão em que elas vivem ou degradando o solo em que plantam seus alimentos pela intrusão da água do mar.

A elevação do nível do mar ilustra claramente muitos dilemas muitas vezes implicados também em outros impactos da mudança climática. Os níveis crescentes, por exemplo, são causados, por um lado, pela *expan-*

*são* da água do mar à medida que ela se aquece e, por outro lado, pela *quantidade* adicional de água em nossas bacias oceânicas em razão do derretimento das geleiras e calotas de gelo. Visto que a maior parte do gelo da Terra - herdado de muitas eras glaciais ao longo de incontáveis milênios - está localizada perto dos polos na Groenlândia e no Continente Antártico, sua perda por derretimento reduz a força gravitacional e libera a água, que flutua mais na direção do Equador. Essa é a região do globo onde vive a maior parte das pessoas que *não* têm condições de comprar paraquedas de reserva em forma de terrenos em locais mais elevados. Outro dilema reside no longo lapso de tempo entre a causa e o efeito - o tecido já danificado vai se desfilar cada vez mais, silenciosa mas inexoravelmente, até que as consequências não possam mais ser ignoradas. Mudanças no fluxo do gelo que estão acontecendo agora, por exemplo, em uma grande bacia glacial na Antártica ocidental<sup>7</sup> parecem ter sido desencadeadas por águas oceânicas quentes que banham as línguas de gelo dos glaciares. Mas a aceleração do fluxo do gelo daí resultante provavelmente não pode, depois de iniciada, ser detida por causa da existência de não linearidades na dinâmica subjacente. Isso significa que, em última análise, cerca de 1,2 m de elevação do nível do mar - além de todas as contribuições esperadas da interferência humana no sistema climático - têm de ser esperados daquela única fonte nos séculos vindouros.

A manta de gelo da Antártica ocidental é - por causa da não linearidade mencionada acima - um exemplo clássico de elemento de ruptura no sistema da Terra.<sup>8</sup> Mas há muitos mais: das mantas de gelo e geleiras para os solos permanentemente gelados na vastidão da Sibéria e na América do Norte setentrional, os sistemas de monções, a Corrente de Jato e o padrão El Niño-Oscilação Meridional, e para sistemas biológicos como os recifes de corais ou a Floresta Amazônica. O que eles têm em comum é que mudanças fundamentais de estado, causadas por uma perturbação externa relativamente pequena, são possíveis por causa da complexidade do sistema não linear associado a eles. Embora a respectiva dinâmica desses elementos esteja começando a ser melhor entendida, nossa capacidade como seres humanos para compreender intuitivamente não linearidades é surpreendentemente limitada: em nossa experiência cotidiana, a causa e o efeito geralmente estão estreitamente conectados no tempo, espaço e extensão. Esse, entretanto, não é o caso dos elementos de ruptura: **a mudança cli-**

4 H. J. Schellnhuber, M. A. Martin. Climate-system tipping points and extreme weather events. In: Pontifical Academy of Sciences and Pontifical Academy of Social Sciences. Sustainable Humanity, Sustainable Nature: Our Responsibility. 2014. (Nota do autor)

5 D. Coumou, S. Rahmstorf. A decade of weather extremes. Nat. Clim. Chang., mar. 2012. (Nota do autor)

6 D. Coumou, A. Robinson, S. Rahmstorf. Global increase in record-breaking monthly mean temperatures. Clim. Change, 2013. (Nota do autor)

7 E. Rignot, J. Mouginot, M. Morlighem, H. Seroussi, B. Scheuchl. Widespread, rapid grounding line retreat of Pine Island, Thwaites, Smith, and Kohler glaciers, West Antarctica, from 1992 to 2011. Geophys. Res. Lett., v. 41, p. 3502-3509, 2014; I. Joughin, B. E. Smith, B. Medley. Marine ice sheet collapse potentially underway for the Thwaites Glacier Basin, West Antarctica. Science, v. 735, maio 2014. (Nota do autor)

8 H. J. Schellnhuber. Tipping elements in the Earth system. Proc. Natl. Acad. Sci., v. 106, n. 49, p. 20561-3, dez. 2009. (Nota do autor)

mática causada por essa diminuta molécula de CO<sub>2</sub> pode desencadear disrupções súbitas, irreversíveis e de grande escala nos sistemas físicos e ecológicos interligados que mencionamos acima. Por isso, é de suma importância para a comunidade científica comunicar claramente os riscos implicados na alteração de nosso clima - ultrapassar certos limiares pode transformar buraquinhos no tecido em buracões cada vez maiores.

A visualização desses riscos na Figura 2 visa tornar vívidos esses resultados científicos às vezes áridos: ela ilustra um raciocínio crucial que está por trás da conhecida barreira dos 2 °C. Enquanto que, por muitos milênios, a civilização humana teve o privilégio de desfrutar de uma temperatura em grande parte estável da Terra (em azul), estamos agora a caminho de abandonar esse paraíso climático, como mostra claramente o forte aumento da temperatura (em preto). Dependendo das opções que fizermos hoje, em nosso futuro poderemos seguir o caminho verde, respeitando a barreira dos 2 °C, ou - se continuarmos no mesmo ritmo - as emissões dos gases de efeito estufa nos levarão para o caminho vermelho, passando dos 4 °C por volta do final deste século e com níveis de aquecimento ainda mais elevados depois disso.

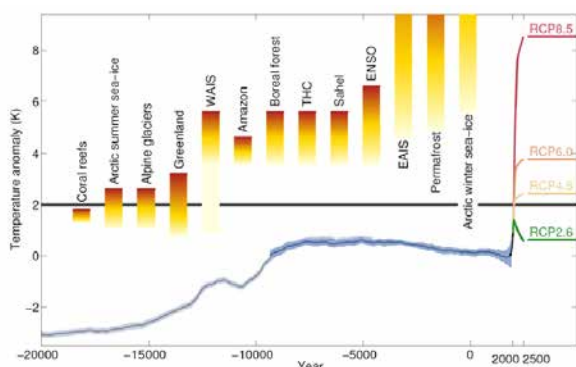


Figura 2:

*Evolução da temperatura global média da superfície desde o Último Máximo Glacial até o Holoceno, com base em dados proxy paleoclimáticos<sup>9</sup> (cinza claro), medições instrumentais desde 1750 (dados HadCRUT, preto) e diferentes cenários do aquecimento global para o futuro (veja [15] quanto a estes últimos). Faixas de limiares para a ultrapassagem de vários pontos de ruptura em que importantes subsistemas do sistema climático se desestabilizam são acrescentados a partir de referências.<sup>10</sup>*

9 S. A. Marcott, J. D. Shakun, P. U. Clark, A. C. Mix. A reconstruction of regional and global temperature for the past 11,300 years. *Science*, v. 339, p. 1198-1201, 2013; J. D. Shakun, P. U. Clark, F. He, S. A. Marcott, A. C. Mix, Z. Liu, B. Otto-Bliesner, A. Schmittner, E. Bard. Global warming preceded by increasing carbon dioxide concentrations during the last deglaciation. *Nature*, v. 484, n. 7392, p. 49-54, abr. 2012. (Nota do autor)

10 IPCC. *Climate Change 2014: Synthesis Report*. 2014; T. M. Lenton, H. Held, E. Kriegler, J. W. Hall, W. Lucht, S. Rahmstorf, H. J. Schellnhuber. Tipping elements in the Earth's climate system. *Proc. Natl. Acad. Sci.*, v. 105, n. 6, p. 1786-93, fev. 2008; A. Levermann, J. L.

Que diferença faz? Essa pergunta é muitas vezes feita com a noção de que uma duplicação do aumento da temperatura significaria uma simples duplicação da gravidade das consequências. E ela revela o pensamento linear que é tão natural para a maioria de nós. Entretanto, essa suposição é completamente enganosa. **A complexidade da natureza produz limiares de temperatura que, se ultrapassados, deixam o elemento de ruptura associado a eles em um estado fundamentalmente diferente.** Na Figura 2 se podem visualizar esses limiares de uma série de elementos climáticos. Os recifes de corais, por exemplo, correm o risco de uma degradação de longo prazo<sup>11</sup> e o manto de gelo da Groenlândia talvez se derreta no final,<sup>12</sup> mesmo que a barreira de 2 °C seja respeitada. Mas quanto mais a temperatura subir, tanto mais elevado é o risco de ultrapassar o ponto de ruptura de cada elemento, e tanto mais elementos climáticos correm perigo. As consequências como o colapso do "pulmão da Terra", a floresta tropical da Amazônia, seriam desastrosas, sem falar na completa desintegração dos mantos de gelo da Antártica Ocidental e da Groenlândia, associados com um aumento do nível do mar de cerca de 3,3 e 7 metros, respectivamente. Como também diz a Encíclica [1, n° 34], os avanços tecnológicos não teriam condições de manter o ritmo de produção de soluções para dar conta de mudanças dessa escala.

A diferença entre 2 e 4 °C de aquecimento global se reflete nesses elementos de ruptura. Mas, mesmo sem considerar explicitamente essas mudanças em potencial, que são de grande escala e não lineares, é indiscutível que um mundo 4 °C mais quente tem de ser evitado.<sup>13</sup> Por exemplo, extremos de calor, que estão virtualmente ausentes na atualidade e quase certamente nunca ocorreram desde o surgimento da humanidade (e nem mesmo desde a formação de ecossistemas-chave) se tornariam normais no centro da África Ocidental segundo o caminho vermelho - esse é o cenário para a manutenção do ritmo atual.

Bamber, S. Drijfhout, A. Ganopolski, W. Haeberli, N. R. P. Harris, M. Huss, K. Krüger, T. M. Lenton, R. W. Lindsay, D. Notz, P. Wadhams, S. Weber. Potential climatic transitions with profound impact on Europe. *Clim. Change*, v. 110, n. 3, p. 845-878, jun. 2012; T. M. Lenton. Arctic climate tipping points. *Ambio*, v. 41, n. 1, p. 10-22, fev. 2012; A. Robinson, R. Calov, A. Ganopolski. Multistability and critical thresholds of the Greenland ice sheet. *Nat. Clim. Chang.*, v. 2, n. 4, p. 1-4, mar. 2012. (Nota do autor)

11 K. Frieler, M. Meinshausen, A. Golly, M. Mengel, K. Lebek, S. D. Donner, O. Hoegh-Guldberg. Limiting global warming to 2 °C is unlikely to save most coral reefs. *Nat. Clim. Chang.*, v. 3, p. 165-170, 2013. (Nota do autor)

12 A. Robinson, R. Calov, A. Ganopolski. Multistability and critical thresholds of the Greenland ice sheet. *Nat. Clim. Chang.*, v. 2, n. 4, p. 1-4, mar. 2012 (Nota do autor)

13 World Bank. *Turn down the heat: Why a 4°C warmer world must be avoided*. 2012; World Bank. *Turn down the heat: Climate extremes, regional impacts, and the case for resilience*. 2013; World Bank. *Turn down the heat: Confronting the new climate normal*. 2014. (Nota do autor)

Uma mudança drástica dessas atingiria, mais uma vez, com a maior gravidade aqueles que não comeram em qualquer medida significativa do fruto da queima de combustíveis fósseis: os pobres.

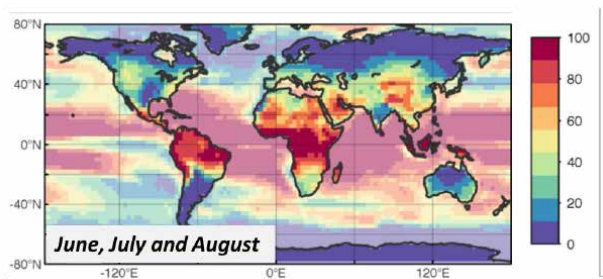


Figura 3:

*Distribuição regional da frequência de meses extremamente quentes (“meses 5σ”) em um mundo de 4 °C (junho, julho e agosto entre 2080 e 2100). A codificação de cores indica o percentual de meses mais quentes do que hoje em cinco desvios-padrão (5σ) - esses extremos de calor ficariam virtualmente ausentes sem mudança climática. Em uma extremidade da escala de cores está o azul escuro (0-10% de todos os meses são mais quentes em 5σ); na outra extremidade, o vermelho escuro (90-100% de todos os meses são mais quentes em 5σ). Isso mostra claramente que os meses 5σ se tornam o novo “clima normal” nas regiões de terras tropicais.<sup>14</sup>*

## O que precisamos fazer

A perspectiva de longo prazo ilustrada por meio dos limiares de ruptura na Figura 2 revela uma percepção de grande alcance: embora os pobres sejam os primeiros a sofrer e os mais fundamentalmente afetados, toda a humanidade depende, em última análise, do mesmo paraquedas, independentemente dos benefícios de curto prazo temporários para um punhado de pessoas. Esse paraquedas - um clima estável - sendo destruído por alguns é *nosso bem comum*. **A Encíclica confirma essa avaliação que os cientistas e filósofos morais têm reivindicado no contexto da política climática: “O clima é um bem comum global de todos e para todos” [1, nº 20].** A atmosfera é um bem global por causa de seu espaço limitado de destinação para emissões de gases de efeito estufa. No presente, as classes médias e altas no mundo inteiro estão esgotando rapidamente esse recurso escasso emitindo gases de efeito estufa em vastas quantidades. Em contraposição ao escasso espaço de destinação na atmosfera, os combustíveis fósseis, especialmente o carvão, são abundantes. Por conseguinte, limitar o aumento da temperatura global média em até 2 °C exige que se restrinja a quantidade de carbono a

ser ainda lançado na atmosfera para 1.000 gigatoneladas de Co<sub>2</sub> (ou menos). Ao passo que restringir o uso da atmosfera como lixão de carbono é absolutamente necessário para evitar dano e sofrimento intolerável para muitas pessoas, isso vai desvalorizar os ativos e os títulos de propriedade dos atuais donos de carvão, petróleo e gás. Quase 80% do carvão tem de ficar debaixo do solo em um cenário de mitigação da mudança climática em comparação com um cenário em que se continue no mesmo ritmo como até agora. Portanto, a política climática implica transferir os direitos de propriedade para o uso da atmosfera dos proprietários dos combustíveis fósseis para um novo dono - a humanidade como um todo.<sup>15</sup>

É compreensível que haja reivindicações de indenização pela desvalorização dos ativos no setor de combustíveis fósseis. Entretanto, a desvalorização desses ativos de modo algum é uma expropriação ilegítima, pois ela serve ao bem comum - a evitação de riscos climáticos catastróficos. A Encíclica chama a atenção para o princípio da “obrigação social da propriedade privada”. Isso remonta a S. Tomás de Aquino e foi desenvolvido pelo ensino social da Igreja Católica, em particular por essa Encíclica “Laudato Si’” do Papa Francisco I (1, nºs 20, 93-95, 156-158). Ela sustenta que a propriedade privada, em geral, e em patrimônios de recursos naturais, em particular, só é eticamente justificável se serve ao bem comum. Além disso, a desvalorização vindoura de recursos fósseis poderia ser vista como um ato de “destruição criativa”, instigando uma nova revolução industrial integral que traria enormes oportunidades econômicas - possivelmente também para as pessoas que até agora não participaram do progresso humano. A transformação da maneira como produzimos nossa energia pode muito bem causar uma transformação maior da sociedade como um todo.

As negociações internacionais em torno de objetivos nacionais de redução de emissões, preços nacionais do carbono ou mesmo um preço global alocam, implícita ou explicitamente, direitos para o uso do espaço do carbono na atmosfera a estados nacionais, empresas e consumidores. “Laudato Si’” não dá orientação técnica sobre como alocar direitos de usuários para a atmosfera. Entretanto, o Papa Francisco destaca a dimensão ética do problema do clima e propõe princípios fundamentais a serem aplicados para soluções: a opção preferencial pelos pobres, a justiça inter e intrageracional, a responsabilidade comum mas diferenciada, orientação pelo bem comum. A Encíclica de-

14 World Bank. Turn down the heat: Climate extremes, regional impacts, and the case for resilience. 2013; World Bank. Turn down the heat: Confronting the new climate normal. 2014. World Bank. Turn down the heat: Why a 4°C warmer world must be avoided. 2012. (Nota do autor)

15 O. Edenhofer, C. Flachsland, M. Jakob, K. Lessmann. The atmosphere as a global commons: Challenges for international cooperation and governance. In: L. Bernard, W. Semmler (eds.). The Oxford Handbook of the Macroeconomics of Global Warming. Oxford: Oxford University Press, 2015. (Nota do autor)

fende uma estrutura de governança global para todo o espectro dos bens comuns planetários [1, nº 174]. Fixar um preço para emissões de CO<sub>2</sub> - seja em forma de sistemas de limitação e comércio de emissões como o europeu ou o que a China pretende estabelecer, seja através de tributos nacionais sobre o CO<sub>2</sub> - é um instrumento eficaz para proteger o bem comum.

A Figura 4 mostra que um caminho de mitigação é economicamente viável, sem perdas significativas de consumo, em comparação com um cenário em que se continue no mesmo ritmo como até agora. Além disso, um objetivo forte, juridicamente vinculante, e um preço adequado para o CO<sub>2</sub> dariam às empresas marcos mais previsíveis para operarem - algo que até as principais companhias petrolíferas pediram recentemente - e ofereceriam incentivos para investir em tecnologias limpas. Isso aceleraria significativamente a inovação nas áreas da produção, distribuição e armazenamento de energia renovável e, ao mesmo tempo, reduzir os custos de produção e os preços no varejo. Para estimular o incremento de novos sistemas energéticos no mundo em desenvolvimento, apoiar esses países em seus esforços de mitigação e em medidas de adaptação para construir a resiliência climática, instrumentos financeiros como o Fundo Verde para o Clima são indispensáveis. É claro que controlar o uso eficiente do financiamento para o benefício dos pobres é um desafio. Entretanto, sistemas de seguro agrícola, por exemplo, que possibilitam que agricultores que plantam para sua subsistência sobrevivam economicamente a quebras de safra e outros desastres relacionados ao clima ilustram o quanto já pode ser feito hoje em dia. Além disso, várias soluções surgiram do discurso científico, incluindo, por exemplo, o monitoramento internacional de reduções de emissões nacionais ou o estabelecimento de um "banco do clima" global para gerir as licenças de emissões.

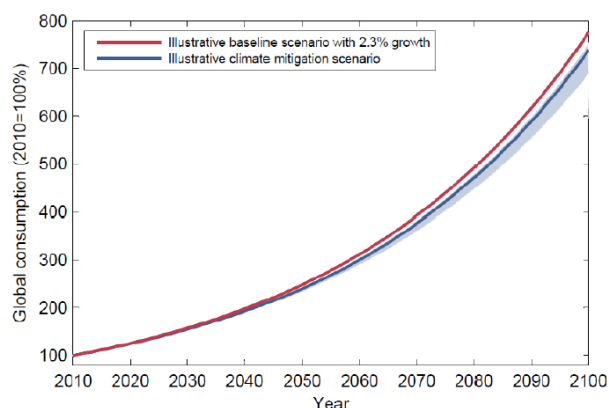


Figura 4:

*"O custo de salvar o planeta". A trajetória azul da mitigação mostra a redução mediana do consumo e sua mar-*

*gem de incerteza segundo a estimativa do IPCC, ilustrada aqui em relação a um exemplo de referência (vermelho) com um crescimento anual de 2,3%. O aumento quase óctuplo no consumo global por volta do ano 2100 no caso de referência é atingido dois anos mais tarde no caso que inclui os custos de mitigação do clima mediano. Observe que essas estimativas de custo não consideram prejuízos decorrentes de dano climático, que provavelmente acabariam sendo um ônus muito maior do que os custos de mitigação, assim como não inclui benefícios ou efeitos colaterais da mitigação.*

Tecnologicamente, a utilização de energia limpa para todos é viável:<sup>16</sup> essa energia, na verdade, está disponível em abundância. Tudo o que temos de fazer é captá-la apropriadamente e gerir responsabilmente nosso consumo. Enquanto trabalhamos década após década no desenvolvimento de um reator de fusão incrivelmente caro, já somos abençoados com um que funciona perfeitamente bem e é grátis para todos nós: o Sol. A energia fotovoltaica, a eólica e a proveniente da biomassa são, em última análise, todas movidas a luz do sol. Essas novas tecnologias poderiam desdobrar seu potencial em países pobres onde não existem redes para distribuir a eletricidade produzida por usinas centralizadas e onde os assentamentos talvez estejam distantes demais uns dos outros para tornar viável um sistema assim. Assim como no caso do uso em evolução de telefones móveis sem o estabelecimento anterior de redes fixas, os países em desenvolvimento poderiam pular o episódio dos combustíveis fósseis e entrar na era da produção descentralizada de energia renovável sem desvios.

Portanto, o cuidado de nosso planeta não precisa virar uma tragédia dos bens comuns. Ele bem que pode se tornar uma história de grande transformação em que se aproveitou a oportunidade para superar as profundas desigualdades. Essas disparidades surgiram da coincidência geológica da distribuição regional de combustíveis fósseis controlada por uns poucos e da exploração concomitante. Hoje em dia, as implicações de nossas ações e os caminhos estão claros. É só uma questão de qual é o futuro em que optamos por acreditar e que optamos por buscar.<sup>17</sup>

16 IPCC. Climate Change 2014: Mitigation of Climate Change: Contribution of Working Group III to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change – Chapters 6 and 7. Cambridge, United Kingdom and New York, NY, USA: Cambridge University Press, 2014. (Nota do autor)

17 O. Edenhofer, J. Wallacher, H. Lotze-Campen, M. Reeder, B. Knopf, J. Müller. Climate Change, Justice and Sustainability: Linking Climate and Development. Springer, 2012. (Nota do autor)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

WWW

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



[unisinos.br/blogs/ihu](http://unisinos.br/blogs/ihu)



[fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos](https://fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos)



[instagram.com/\\_ihu](https://instagram.com/_ihu)



[youtube.com/ihucomunica](https://youtube.com/ihucomunica)



[twitter.com/\\_ihu](https://twitter.com/_ihu)



**IHU** ON-LINE



INSTITUT  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

# Tema de Capa

# O humanismo como resgate ético à ciência tecnocrática

Para Jefferson Simões, “todo cientista sério deve obrigatoriamente adquirir uma formação humanística e ter inserção social”

Por João Vitor Santos

**O** glaciólogo e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS Jefferson Simões endossa o coro de cientistas ao assegurar que “a crise ambiental planetária é, antes de tudo, uma crise de valores”. Para ele, um dos méritos da Encíclica *Laudato Si'* é trazer à luz essa perspectiva. Outro ponto destacado por Simões é o fato de o documento introjetar premissas científicas para constituir o atual cenário de degradação do Planeta. No entanto, reconhece que a Encíclica também faz o movimento contrário, com suas críticas ao pensamento científico tecnicista, chamando à reflexão também pesquisadores. “É ilusório achar que ciência sem consciência leva ao desenvolvimento humano”, dispara, ao defender uma espécie de consciência humanística nos mais variados campos científicos.

O professor lembra ainda que isso tem a ver com o conceito de Ecologia Integral, tão presente na carta do Papa Francisco. Não é o fazer ciência pela ciência, tendo em horizonte apenas o desenvolvimento do homem e da sociedade e como se fosse ele o senhor a colocar o planeta cada vez mais a seus serviços. “Todo cientista sério e de vanguarda deve obrigatoriamente adquirir uma formação humanística e ter inserção social”, defende, na entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*.

Porém, Simões lembra que se há nas áreas exatas da academia uma tendência ao tecnicismo, há também algumas posturas nas ciências humanas que distanciam esse ideal de integralidade. “O que me preocupa são algumas tendências em setores das humanidades e das ciências sociais que questionam a possibilidade de uma verdade objetiva (base das ciências naturais). Isso leva a

consequências absurdas apresentadas por um relativismo absurdo pós-moderno, e que creio serem portas para o obscurantismo”, destaca.

Ao longo da entrevista, o professor ainda analisa a influência da Encíclica em fóruns internacionais, como a COP 21, e o desafio de abandonar a dependência de combustíveis fósseis. O pesquisador sai em defesa do Papa Francisco, sobre as acusações de ter escutado apenas o lado da ciência que acredita em aquecimento global antropogênico. “O que temos não é um embate científico. Temos um embate ideológico e que envolve questões de visões econômicas, de valores e até religiosas”, dispara.

Jefferson Cardia Simões é professor de Geografia Polar e Glaciologia da UFRGS e membro titular da Academia Brasileira de Ciências. É pioneiro da ciência glaciológica no Brasil. Tem PhD pelo Scott Polar Research Institute, University of Cambridge, Inglaterra, e é pós-doutor pelo Laboratoire de Glaciologie et Géophysique de l'Environnement, du Centre National de la Recherche Scientifique - LGGE/CNRS, França, e pelo Climate Change Institute - CCI, University of Maine, Estados Unidos. Toda sua carreira é dedicada às Regiões Polares, tendo publicado 115 artigos, principalmente sobre processos criosféricos. Pesquisador do Programa Antártico Brasileiro - PRO-ANTAR, é o delegado nacional junto ao Scientific Committee on Antarctic Research - SCAR do Conselho Internacional para a Ciência - ICSU. Simões participou de 22 expedições científicas às duas regiões polares, criou e dirige o Centro Polar e Climático da UFRGS.

**Confira a entrevista.**

“

## ***Devemos entender que alguns grupos montaram uma estratégia de negação do problema climático com o objetivo de postergar o máximo possível qualquer regulamentação sobre emissão de gases***

**IHU On-Line - Como o senhor recebeu a Encíclica *Laudato Si'*? Quais pontos destaca?**

**Jefferson Simões** - Muito bem, trata-se de um posicionamento religioso, ético e moral sobre a crise ambiental e sobre as consequências para a sociedade como um todo. E está alinhada a várias encíclicas e declarações dos sumos pontífices antecessores do Papa Francisco e que mostram a preocupação da exploração do homem pelo homem e da natureza pelo homem. É como o Papa Leão XIII<sup>1</sup> já exprimiu na encíclica *Rerum novarum*<sup>2</sup> no final do século XIX. Enfatiza que os mais pobres, os menos providos, serão, como sempre, os mais afetados pelos impactos das mudanças climáticas globais.

*Laudato Si'* ainda reflete o conhecimento científico atualizado com a questão das mudanças do clima, mostrando que o Vaticano reconhece a ciência como uma luz no meio da escuridão. Como cien-

**1 Leão XIII (1810-1903):** nascido *Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci*. Foi Papa de 20 de fevereiro de 1878 até a data da sua morte. Notabilizou-se primeiramente como popular e bem-sucedido Arcebispo de Perugia, o que conduziu a sua nomeação como Cardeal em 1853. Ficou famoso como o “papa das encíclicas”. A mais conhecida de todas, a *Rerum Novarum*, de 1891, sobre os direitos e deveres do capital e trabalho, introduziu a ideia da subsidiariedade no pensamento social católico. (Nota da IHU On-Line)

**2 Rerum Novarum:** primeira encíclica pontifícia que aborda os problemas sociais, publicada no dia 15 de maio de 1891 pelo papa Leão XIII. O título pode ser traduzido por “Das coisas novas”. O subtítulo da encíclica é: “Sobre a condição de vida dos operários”. (Nota da IHU On-Line)

tista ambiental tenho que valorizar e também apreciar o modelo invocado por sua Santidade: São Francisco de Assis, pelo cuidado com o frágil, a preocupação pela natureza, a justiça, e que considero uma obrigação moral daqueles que como nós adquiriram um nível de afluência econômica numa sociedade ainda tão injusta como a nossa. Também tenho a destacar que a Encíclica dá atenção à questão da água, bem comum primordial da humanidade e que teremos que lutar para evitar qualquer possibilidade de apropriação desse direito humano essencial, a água potável para todos.

**IHU On-Line - Qual a importância de uma instituição como a Igreja Católica manifestar seu posicionamento sobre as questões ambientais?**

**Jefferson Simões** - Considero essencial, principalmente para mostrar para aqueles que por ignorância, medo ou autointeresse não aceitam as conclusões da comunidade científica plenamente. Essa postura acaba mostrando que a questão da crise ambiental, e em particular das mudanças do clima, é real e imediata. Mostra, também, que a solução da questão não depende somente de soluções tecnológicas ou econômicas. Sobre este último ponto, temos que concordar plenamente com o Beato Paulo VI<sup>3</sup>, que já afirmava o que o

**3 Papa Paulo VI:** nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o

Papa Francisco reforça: “os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem”<sup>4</sup>.

**IHU On-Line - Como a perspectiva da religião, em especial a visão manifestada na Encíclica, pode contribuir para o campo científico?**

**Jefferson Simões** - A contribuição, evidentemente, não será diretamente para o campo científico, e sim para indicar a cientistas, políticos, tomadores de decisão e leigos em geral que a questão da crise ambiental vai muito além de soluções tecnológicas e envolve, antes de tudo, mudança de escala de valores. De reconhecer que nossos problemas sociais, como a violência urbana, a concentração de renda, o uso excessivo de veículos individuais, a exploração do outro e a crise ambiental, estão todos interconectados e são gerados pelo atual modelo econômico e de consumo e como visualizamos a relação com nosso entorno. E também enfatiza algo que as gerações anteriores não tiveram que se preocupar: a ética transgeracional.

**IHU On-Line - De que forma esse documento apostólico influencia questões internacionais de política ambiental? Como imagina que deva ser o impacto em acordos internacionais e em encontros como a COP 21<sup>5</sup>, em Paris?**

Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da IHU On-Line)

**4 (LS 5).** (Nota da IHU On-Line)

**5 COP 21:** COP é a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática. É a autoridade máxima para a tomada de decisões sobre os esforços para controlar a emissão dos gases de efeito estufa. Em 2015, a COP tem sua 21ª edição, a

**Jefferson Simões** - Vem a se somar à posição dos cientistas, filósofos e ambientalistas e líderes de outras religiões que já se manifestaram. Todos se posicionam pela necessidade de regularmos o nosso cuidado com o ambiente, principalmente com a sua parte mais tênue e mais fácil de ser modificada, a atmosfera. Espero que seja um guia para aqueles políticos católicos envolvidos nas negociações da COP 21.

**IHU On-Line - A dependência de combustíveis fósseis é duramente criticada pelo Papa Francisco na *Laudato Si'*. Pensar em formas alternativas de energia renovável deve ser a principal pauta da COP 21? Por que os países resistem tanto a abandonar o uso de combustíveis fósseis?**

**Jefferson Simões** - Acredito que sim, e em todas as alternativas possíveis. Se por um lado é ainda inviável a substituição plena dos combustíveis fósseis, devemos investir pesadamente na pesquisa de todas as fontes de energia. Veja o sucesso da energia eólica. Vinte anos atrás era algo impensável. Note que até mesmo as empresas inovadoras, no ramo do óleo e gás, como a Petrobras, hoje investem na geração de fontes alternativas de energia.

A questão da substituição dos combustíveis fósseis é complexa. Envolve não só a questão tecnológica, mas também toda a dependência econômica gerada em mais de um século desse recurso natural que permitiu um excedente energético que, em geral, permitiu o aumento da qualidade de vida da humanidade. Mas, por outro lado, sua intensa exploração e uso modificou o ambiente terrestre muitas

ser realizada em Paris, França, em dezembro. O objetivo é revisar o comprometimento dos países, analisar os inventários de emissões e discutir novas descobertas científicas sobre o tema. Foi criada na ECO-92 e teve sua primeira edição em 1995, em Berlim, na Alemanha. Desde então, ocorre anualmente. (Nota da **IHU On-Line**)

vezes além de sua capacidade de resiliência.

Assim, hoje temos aqueles que são beneficiados diretamente pela exploração desses recursos, e com posições mais conservadoras, resistindo ao investimento em fontes alternativas. No entanto, também temos que entender que somos todos responsáveis, pois muitas vezes adotamos uma postura de desperdício desse e outros recursos, como se a Terra fosse prover infinitamente

## “ A crise ambiental planetária é, antes de tudo, uma crise de valores

te todas nossas necessidades. Até mesmo a China passou a aceitar que cedo ou tarde teremos que reduzir o consumo de óleo e gás e procurar fontes alternativas. A grande questão hoje é se realmente seremos capazes de agir antes de um colapso ambiental.

**IHU On-Line - A Encíclica apresenta o conceito de ecologia integral. Como o senhor entende essa perspectiva?**

**Jefferson Simões** - O sistema ambiental é único e indivisível e nós somos partes integrais e inseridas neste sistema. Vivemos em grande parte com uma ideia do século XX, com o mito de que tínhamos avançado numa sociedade que poderia se considerar independente do entorno ambiental. Assim, poderia, pelo desenvolvimento científico-tecnológico, adquirir independência das variações do meio natural. Basta um evento extremo, um terremoto, um desequilíbrio ambiental que leva a tempestades de poeira, secas, etc., para notar-mos que isso ainda está longe. E

com o aumento da população humana, esta sensibilidade a variações e mudanças ambientais tende a crescer.

Portanto, vejo o conceito ecológico integral como o respeito a todas as partes do ambiente, a outras espécies, ao solo, ao oceano, às massas de gelo. Devemos entender, como bem aponta a Encíclica, que a Terra não é nossa propriedade para dominar, saqueá-la e transformá-la imaginando que o sistema ambiental não responderá. Pela Teoria de Sistemas<sup>6</sup>, ou pela Teoria de Gaia<sup>7</sup>, ou até por princípios físicos elementares, o sistema como um todo responde a nossas agressões. Devemos constantemente nos questionar sobre os limites que devemos impor a todos no cuidado do bem comum, garantindo a preservação desse Planeta, não somente para nós, mas para as gerações futuras.

**IHU On-Line - Outro ponto da *Laudato Si'* que tem tido grande**

**6 Teoria de Sistemas:** estuda, de modo interdisciplinar, a organização abstrata de fenômenos, independente de sua formação e configuração presente. Investiga todos os princípios comuns a todas as entidades complexas, e modelos que podem ser utilizados para a sua descrição. A Teoria de Sistemas, cujos primeiros enunciados datam de 1925, foi proposta em 1937 pelo biólogo Ludwig von Bertalanffy, tendo alcançado o seu auge de divulgação na década de 50. Em 1956, Ross Ashby introduziu o conceito na ciência cibernética. A pesquisa de Von Bertalanffy foi baseada numa visão diferente do reducionismo científico até então aplicada pela ciência convencional. (Nota da **IHU On-Line**)

**7 Teoria Gaia:** teoria que afirma ser o planeta Terra um ser vivo. Apresentada em 1969 pelo investigador britânico James Lovelock, a Teoria, também conhecida como Hipótese Gaia, diz ser a biosfera terráquea capaz de gerar, manter e regular suas próprias condições de meio ambiente. Para chegar a estas conclusões, o cientista e a bióloga americana Lynn Margulis analisaram pesquisas que comparavam a atmosfera da Terra com a de outros planetas. Estes cientistas propuseram que é a vida da Terra que cria as condições para a sua própria sobrevivência, e não o contrário, como as teorias tradicionais sugerem. Vista com descrédito pela comunidade científica internacional, a Teoria de Gaia encontra simpatizantes entre grupos ecológicos, místicos e alguns pesquisadores. O nome Gaia é uma homenagem à titã Gaia, que representava a Terra na mitologia grega. Sobre o assunto, confira o artigo de James Lovelock publicado na edição 171 da **IHU On-Line**, intitulado “A vingança de Gaia”. (Nota da **IHU On-Line**)

repercussão é a crítica ao antropocentrismo. Em que medida uma visão menos antropocêntrica, mais ecológica, pode contribuir para o desenvolvimento científico?

**Jefferson Simões** - É essencial. Devemos entender que dividimos esta Terra com milhões de espécies, tão essenciais como nós para a preservação do planeta. Se for fundamental que usemos várias delas para nossa alimentação, para nossas vestimentas, etc., devemos respeitá-las e minimizar o seu sofrimento. Devemos valorizar e respeitar a riqueza de nossa biodiversidade, resultado da evolução ao longo de bilhões de anos. Hoje, várias áreas das ciências já se beneficiam dessa postura, principalmente as ciências da vida, ao ajudar a entendermos que somos produto da evolução dessa biodiversidade e não estamos separados dela.

**IHU On-Line** - Como articular conhecimento científico específico, técnicos e mais duros, no seu caso estudos glaciológicos, com questões como a desigualdade social? O senhor acredita num ponto de encontro entre as ciências humanas e exatas ou numa fusão entre as duas grandes áreas do conhecimento?

**Jefferson Simões** - Todo cientista sério e de vanguarda deve obrigatoriamente adquirir uma formação humanística e ter inserção social. É ilusório achar que ciência sem consciência leva ao desenvolvimento humano, leva sim a sua destruição. O cientista sem esta consciência será um alienado de seu entorno. Ou pior, cedo ou tarde será usado pelos detentores do poder ou poderá ainda prejudicar a sociedade que o financia, ou ambos.

A ciência glaciológica é uma ciência ambiental e, especificamente na minha área de investigação (testemunhos de gelo para reconstrução da história ambiental), exige conhecimento da história do uso

da terra, modificações no modo de produção, entre outros. Acredito em pontos de encontro entre as ciências humanas e exatas, algo que o cientista ambiental deve constantemente procurar. Mas isso não implica a existência de fusão das duas áreas de conhecimento

“

**Somos produto da evolução dessa biodiversidade e não estamos separados dela**

que ainda hoje possuem métodos e discursos diferentes. O que me preocupa, por outro lado, são algumas tendências em setores das humanidades e das ciências sociais que questionam a possibilidade de uma verdade objetiva (base das ciências naturais). Isso leva a consequências absurdas apresentadas por um relativismo absurdo pós-moderno, e que creio serem portas para o obscurantismo.

**IHU On-Line** - Críticos da Encíclica alegam que o Papa Francisco se cercou apenas de cientistas que acreditam que o aquecimento global decorre da ação do homem no planeta. Como o senhor vê o campo da ciência que entende que as mudanças climáticas não são provocadas pelo ser humano? Como se dá esse debate na ciência?

**Jefferson Simões** - Na verdade, não existe este debate. Vejamos os fatos: aproximadamente 98% dos artigos científicos mostram evidências de que o atual quadro de mudanças do clima já tem o sinal da interferência humana. Ainda, todas as sociedades científicas e academias de ciências nacionais têm a mesma opinião. Ou seja, não é somente o Painel Intergovernamental

da ONU sobre Mudanças do Clima<sup>8</sup> que tem esta opinião.

Assim, ao colocar esta questão, o que devemos perguntar é por que temos esta percepção de um embate. Bom, devemos entender que desde o início dos anos de 1990 alguns grupos (principalmente *think tanks* norte-americanos) montaram uma estratégia de negação do problema climático com o objetivo de postergar o máximo possível qualquer regulamentação sobre emissão de gases estufa que poderiam levar à intensificação do efeito estufa (que sem a interferência humana é um processo natural e essencial para o clima planetário). Sabe-se hoje que esse grupo usa as mesmas técnicas de comunicação social das campanhas tabagistas que durante mais de três décadas negaram os problemas causados pelo fumo.

O que temos, então, não é um embate científico. Temos um embate ideológico e que envolve questões de visões econômicas, de valores e até religiosas. Mais grave: esta campanha nos Estados Unidos é financiada pela Exxon-Mobil<sup>9</sup>, American Petroleum Insti-

**8 Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática - IPCC:** órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2.500 cientistas de todo o mundo. O documento divulgado pelo IPCC em fevereiro de 2007 afirmou que os homens são os responsáveis pelo aquecimento global. Sobre o tema, a **IHU On-Line** 215 produziu uma edição especial, intitulada *Estamos no mesmo barco. E com enjoo. Anotações sobre o relatório do IPCC*. O sítio do IHU tem dado ampla cobertura ao tema. No endereço eletrônico ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), podem ser acessadas entrevistas sobre o assunto. (Nota da **IHU On-Line**)

**9 ExxonMobil:** uma empresa multinacional de petróleo e gás dos Estados Unidos, com sede em Irving, Condado de Dallas, no estado do Texas. A ExxonMobil foi formada em 30 de novembro de 1999 na fusão da Exxon com a Mobil, duas empresas resultantes da divisão da Standard Oil Company em 1911. A Exxon Mobil Corporation opera atualmente no mercado sob a marca ExxonMobil, e também opera as marcas Exxon, Mobil e Esso. Sua sede brasileira encontra-se na cidade do Rio de Janeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

tute<sup>10</sup> e Koch Charitable Foundation<sup>11</sup>. Recomendo aos leitores o livro “Merchants of Doubt: How a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming”<sup>12</sup>, por Naomi Oreskes e Erik Conway.

**IHU On-Line - Para o Papa Francisco, áreas como a Amazônia, floresta do Congo, desertos e reservas glaciais e hídricas são interconectados e agem na equalização do clima no mundo. Portanto, são de interesse comum. A Antártica não pertence a nenhum país<sup>13</sup>. De que forma acordos internacionais, como o Tratado da Antártica<sup>14</sup>, asseguram o trabalho científico internacional nesses locais “comuns”?**

**Jefferson Simões -** Sim, os sistemas naturais estão interconectados, porque obviamente só temos um ambiente terrestre, ele não é compartimentado. Podemos compartimentar o meio natural para estudarmos e aprofundarmos nosso entendimento, mas isso é so-

mente um artifício intelectual. As regiões do mundo não partilhadas durante o período do colonialismo, felizmente, foram de uma maneira ou outra inseridas em tratados internacionais. Assim foi pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar ou o Tratado da Antártica. Este último teve sucesso pleno, primeiramente por reservar toda a área do Planeta ao sul de 60°S como uma região para a paz e a ciência. Uma região não militari-

“  
*Pela teoria de sistemas, ou pela teoria de Gaia, ou até por princípios físicos elementares, o sistema como um todo responde a nossas agressões*

zada, e desde 1998 sob uma moratória de 50 anos para a exploração de recursos não renováveis (basicamente os recursos minerais). O Tratado congelou as reivindicações territoriais dos sete países e, ao mesmo tempo, nenhum dos outros 45 signatários do Tratado reconhece essas reivindicações.

Finalmente, o Tratado da Antártica tem uma cláusula única. Exige a pesquisa científica e livre trânsito das informações científicas e pessoas em toda sua região. Isso garante uma constante colaboração internacional, em uma comunidade que de qualquer modo deve constantemente lidar com um dos ambientes mais agressivos do Planeta.

**IHU On-Line - Qual a diferença entre acordos como Tratado da**

**Antártica e a ideia de internacionalização, como a que se comenta em torno de áreas como Amazônia?**

**Jefferson Simões -** Muito diferente. A Amazônia faz parte de vários territórios nacionais onde a soberania do Brasil e outros países deve ser respeitada. Cabe a nós, sul-americanos amazônicos, fazer o uso sustentável da região, fazendo uma exploração racional e não destrutiva. Já a Antártica é uma região sem população nativa e cuja ocupação permanente só foi possível com o avanço científico-tecnológico posterior à Segunda Grande Guerra. Evidentemente, as duas regiões devem ser preservadas ao máximo, para o equilíbrio ambiental planetário, mas as similaridades param por aí.

**IHU On-Line - O que seus estudos sobre a Antártica já revelam sobre a presença do homem no Planeta?**

**Jefferson Simões -** Primeiramente é importante deixar claro que o cientista moderno não trabalha individualmente, nossas conclusões são acumulativas e geradas pelo avanço do conhecimento gerado por nossa comunidade internacional. Note que desde o início do Programa Antártico Brasileiro - PROANTAR<sup>15</sup> ficou evidente o papel do

**15 Programa Antártico Brasileiro - PROANTAR:** é um programa da Marinha do Brasil, que tem presença no continente da Antártica. Ele coordena a pesquisa e o apoio operacional para a pesquisa na região. Atualmente, mantém uma estação de pesquisa durante todo o ano na Antártica (Estação Antártica Comandante Ferraz), bem como vários acampamentos sazonais. Também mantém dois navios de investigação que navegam nas águas da Antártica. Os objetivos científicos do Programa incluem o desenvolvimento de pesquisas no continente Antártico para ampliar o conhecimento dos fenômenos naturais que ali ocorrem e sua repercussão sobre o território brasileiro. Em 2012, ocorreu um incêndio na Estação Comandante Ferraz. Na ocasião, o sítio do IHU publicou repercussões do incidente — acesse em <http://bit.ly/1OhVxjB>. O governo federal anunciou um programa para a reconstrução da base antártica. No entanto, nenhuma empresa demonstrou interesse em participar para licitação aberta para reconstrução. Em 2014, as pesquisas foram retomadas após a instalação de módulos emergen-

**10 American Petroleum Institute - API:** é a maior associação comercial para a indústria de petróleo e gás natural dos Estados Unidos. Representa cerca de 400 empresas envolvidas na produção, refinamento, distribuição e muitos outros aspectos da indústria de petróleo. (Nota da **IHU On-Line**)

**11 Koch Charitable Foundation:** fundação ligada à corporação multinacional norte-americana, com sede em Wichita, Kansas, Estados Unidos. Possui filiais envolvidas na fabricação, comércio e investimentos. Foi fundada como Wood River Oil and Refining Company, em 1940, e mais tarde como Rock Island Oil & Refining Company. (Nota da **IHU On-Line**)

**12 ORESKES, Naomi e CONWAY, Erik. Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming.** Londres (Reino Unido): Bloomsbury Press, 2011. (Nota da **IHU On-Line**)

**13 Países como Argentina, Austrália, Chile, França, Noruega, Nova Zelândia e Reino Unido reivindicam seu território.** (Nota da **IHU On-Line**)

**14 Tratado da Antártica:** documento assinado em 1º de dezembro de 1959 pelos países que reclamavam a posse de partes continentais da Antártida (Argentina, Austrália, Chile, França, Noruega, Nova Zelândia e Reino Unido). No documento, comprometem-se a suspender suas pretensões por período indefinido, permitindo a liberdade de exploração científica do continente, em regime de cooperação internacional. (Nota da **IHU On-Line**)

continente antártico e do enorme oceano Austral (que rodeia o continente) como essenciais no controle do clima da América do Sul. Para entendermos a variabilidade do clima brasileiro, os processos climáticos antárticos são tão importantes quanto os que ocorrem na Amazônia. Basta, por exemplo, citar a questão da intensidade e frequência das frentes frias, formadas no oceano Austral<sup>16</sup>, que tomamos ciência de como nosso cotidiano é afetado por processos que lá ocorrem.

Uma das mais importantes constatações da ciência antártica veio exatamente da minha área de investigação, testemunhos de gelo. Por esses estudos sabemos que as concentrações dos dois principais gases estufas (gás carbônico e metano) têm hoje as maiores concentrações ao longo dos últimos 800 mil anos. É um claro sinal do impacto do homem na compo-

ciais. Em maio de 2015, a empresa CEIEC, da China, foi a vencedora da licitação para reconstrução. O custo da obra será de 99,7 milhões de dólares e a previsão é de que seja concluída em 2016. (Nota da **IHU On-Line**)  
**16 Oceano Austral:** também chamado de Oceano Antártico e Oceano Glacial Antártico. É o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos não reconhecem a existência do Oceano Antártico, considerando-o uma junção de partes dos outros oceanos. (Nota da **IHU On-Line**)

sição química do ar. Nas áreas geográficas no norte da Antártica (a parte mais quente), onde trabalhamos, temos um dos maiores aquecimentos ao longo dos últi-

“

***Se por um lado é ainda inviável a substituição plena dos combustíveis fósseis, devemos investir pesadamente na pesquisa de todas as fontes de energia.***

mos 60 anos, e com substancial perda de gelo.

**IHU On-Line - Quais os países que mais diretamente sofrem os efeitos de mudanças no continente gelado? Como somos impactados no Brasil?**

**Jefferson Simões -** A grande parte das mudanças ambientais antárticas terá impacto global. Veja por exemplo a questão do derreti-

mento de geleiras: a água, quando derrete, vai para os oceanos e isso afeta o nível médio dos mares. Ou seja, descontando os fatores locais e regionais, estamos com um cenário do aumento do nível do mar entre 25 centímetros e um metro até 2.100 metros. Isso para a costa brasileira também.

Como o Brasil é o sétimo país mais próximo da Antártica, alguns processos poderão afetar mais nossa costa e clima. É o caso de mudanças na frequência de frentes frias (que devem se tornar menos frequentes), mudanças na intensidade das correntes oceânicas frias que chegam aos continentes do hemisfério sul (o que poderia modificar sua piscosidade<sup>17</sup>).

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Jefferson Simões -** A crise ambiental planetária é, antes de tudo, uma crise de valores. Ou seja, para aquela parte da sociedade que já adquiriu as condições mais do que suficientes para uma qualidade de vida aprazível. A grande questão será o que queremos levar de nossa experiência curta neste planeta belo e que, pelo que sabemos até agora, único. ■

**17 Piscosidade:** característica do que é piscoso; qualidade do que possui uma grande quantidade de peixes. (Nota da **IHU On-Line**)

## LEIA MAIS...

- *A mudança climática segundo os testemunhos do gelo.* Entrevista com Jefferson Cardia Simões, publicada nas **Notícias do Dia**, de 09-01-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1gGvR0h>.
- *A importância da Glaciologia para entendermos as mudanças climáticas no Brasil.* Entrevista com Jefferson Simões, publicada nas **Notícias do Dia**, de 22-10-2007, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/10rY3V3>.
- *Mudanças climáticas e os impactos na água potável.* Entrevista com Jefferson Simões, publicada na **IHU On-line**, edição 311, de 19-10-2009, disponível em <http://bit.ly/1fYKDEz>.
- *Degelo na Antártica aumentará o efeito estufa, dizem pesquisadores.* Reportagem publicada pela Agência Brasil - EBC, em 03-01-2014, reproduzida nas **Notícias do Dia**, de 07-01-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1gdh3FI>.

# Por uma ética da terra – Caminhos para o desenvolvimento científico ecológico

Joshua Rosenau analisa a *Laudato Si'* desde a perspectiva acadêmica. Entretanto, não opõe ciência e religião e destaca que um tipo de visão ética ampliada contribui para o desenvolvimento científico mais ecológico

Por João Vitor Santos | Tradução Luis Sander

**P**erspectiva ética. É esse o maior avanço ao aliar o ideário da religião ao pensamento científico. O argumento é do biólogo Josh Rosenau, integrante do National Center for Science Education - NCSE (em tradução livre, Centro Nacional para Educação Científica) dos Estados Unidos. Para ele, esse movimento é feito na Encíclica *Laudato Si'*, ao reconhecer os avanços a partir do pensamento científico e também ao apresentar uma preocupação ética integral, ou o que chama de ética da terra. “À medida que moldamos cada vez mais o mundo natural, temos um dever ético de considerar os efeitos dessas mudanças”, destaca, ao definir o conceito. “As decisões sobre o que fazer com novas informações devem ser tomadas sabiamente, por pessoas que entendam a ciência claramente e possam ligá-la com os marcos éticos mais amplos de sua sociedade”, completa, lembrando que a religião pode auxiliar nessa ligação.

Na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o cientista ainda destaca a boa recepção do documento entre seus pares. Sobre as críticas de que a *Laudato Si'* adota apenas uma visão para tratar das questões climáticas (considerando apenas o aquecimento global antropogênico), defende o caminho seguido pelo Papa. “A Encíclica se sai bem ao esclarecer por que essa negação por parte da ciência não merece um assento igual à mesa e como ela corre perigo de prejudicar a sociedade de modo geral. O Papa parece ter tomado a posição de que deveria dar ouvidos ao consenso da comunidade científica e explorar

as consequências teológicas, filosóficas e morais desses achados, em vez de tentar rediscutir as últimas décadas de literatura submetida à revisão por pares”, avalia.

Rosenau ainda destaca que tem grandes expectativas quanto à repercussão do documento apostólico. “Pelo fato de deslocar o diálogo para a questão do que fazer com a ciência e ao articular um marco moral claro para essa discussão, creio que a Encíclica tem um tremendo potencial de moldar a COP 21”. No entanto, também faz críticas, lembrando temas que poderiam ser explorados. “É difícil separar o desafio do consumo excessivo do desafio do crescimento populacional. Essa parece ser uma área em que o Papa teve uma oportunidade de explorar novas compreensões do mandamento de ser fecundos e multiplicar-se”, aponta.

Joshua Rosenau, ou Josh, como é conhecido, é diretor do Projeto de Informação Pública da National Center for Science Education - NCSE. É biólogo, formado na Universidade de Chicago, com doutorado pela Universidade de Kansas. Estuda a forma como a competição ecológica molda o nicho ecológico e áreas geográficas de espécies. Josh ainda trabalha com grupos de base para melhorar a compreensão pública das questões científicas e para defender a educação científica ética e precisa. Suas publicações recentes incluem um estudo de novas estratégias jurídicas utilizadas pelos criacionistas, e um estudo da retórica dos criacionistas no mundo islâmico.

**Confira a entrevista.**





## ***Foi animador que o Papa Francisco tenha dirigido sua Encíclica muito cuidadosamente não apenas a seus correligionários católicos, mas também à sociedade de modo geral***

**IHU On-Line - Como foi a recepção da Encíclica *Laudato Si'* na comunidade científica dos Estados Unidos?**

**Josh Rosenau** - Creio que muitos cientistas ficaram impressionados com quão abrangente e acurada é a exposição do Papa Francisco a respeito da ciência. Está claro que ele recorreu à sua própria formação científica, mas também ao abundante conhecimento científico especializado que está disponível por intermédio da Pontifícia Academia das Ciências<sup>1</sup>.

Creio que os cientistas, de modo geral, tenderam a adotar uma postura favorável à sua descrição do caminho que a sociedade deve seguir, embora muitos tenham destacado o fato de a Encíclica pôr de lado as questões populacionais como algo contraditório ou, ao menos, fora de propósito. É difícil separar o desafio do consumo excessivo do desafio do crescimento populacional, e, levando em conta que até mesmo muitos católicos não adotam a postura da Igreja sobre contracepção e questões afins, essa parece ser uma área em que o Papa teve uma oportunidade de

<sup>1</sup> **Pontifícia Academia de Ciências:** foi fundada em Roma, em 1603, com o nome de Academia dos Linceus por Frederico Cesi e foi a primeira academia científica do mundo. Galileu Galilei foi um de seus membros. Muitos dos cientistas-membros, provenientes de todo o mundo, não são católicos. Promover a pesquisa e examinar questões científicas de interesse da Igreja são objetivos da Academia. A Academia conta com 80 membros, homens e mulheres, de diferentes países, que têm prestado uma contribuição marcante nos seus domínios de atividade científica. São nomeados pelo Papa após terem sido eleitos pelos outros acadêmicos. (Nota da **IHU On-Line**)

explorar novas compreensões do mandamento de ser fecundos e multiplicar-se.

Acredito que muitos cientistas também ficaram animados ao ver uma discussão de decisões científicas e políticas críticas referentes à mudança climática ocorrer em termos explicitamente morais. Muitas vezes, os debates sobre opções políticas orientadas por valores são desviados para debates sobre a ciência consolidada, ou se espera que os cientistas sirvam de árbitros em discordâncias referentes aos valores e à ética da política climática. O próprio fato da encíclica e sua vigorosa postura moral mudam essa dinâmica de forma que deixam que a ciência continue avançando e os debates sobre as políticas sigam seu próprio caminho em separado.

**IHU On-Line - Uma das críticas ao documento foi o fato de o Papa Francisco não ter ouvido cientistas mais céticos com relação ao aquecimento global antropogênico. Quais são os impactos desta postura à encíclica?**

**Josh Rosenau** - Felizmente, essa crítica parece ter tido pouco efeito. A Encíclica se sai bem ao esclarecer por que essa negação por parte da ciência não merece um assento igual à mesa e como ela corre perigo de prejudicar a sociedade de modo geral. Os grupos que negam a mudança climática tentaram exercer influência sobre o processo, essencialmente fazendo lobby junto ao Papa para obter seu apoio. No entanto, ele e seus assessores científicos se ativeram à corrente principal da ciência. É

a mesma ciência que também molda o processo do IPCC<sup>2</sup>, a Avaliação Nacional do Clima dos EUA e declarações de consenso científico de academias de ciências do mundo inteiro. Essencialmente, o Papa parece ter tomado a posição de que deveria dar ouvidos ao consenso da comunidade científica e explorar as consequências teológicas, filosóficas e morais desses achados, em vez de tentar rediscutir as últimas décadas de literatura submetida à revisão por pares.

**IHU On-Line - De que maneira este documento dialoga com as questões de fundo da COP 21,<sup>3</sup> que será realizada no mês de dezembro em Paris?**

**Josh Rosenau** - Pelo fato de deslocar o diálogo para a questão do que fazer com a ciência e ao articular um marco moral claro para essa discussão, creio que a Encíclica tem um tremendo potencial de moldar a COP 21. Desde os debates originais sobre o Protocolo de Quioto<sup>4</sup>, um desafio central com que se

<sup>2</sup> **Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática - IPCC:** órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2.500 cientistas de todo o mundo. O documento divulgado pelo IPCC em fevereiro de 2007 afirmou que os homens são os responsáveis pelo aquecimento global. Sobre o tema, a **IHU On-Line** nº 215 produziu uma edição especial, intitulada *Estamos no mesmo barco. E com enjoo. Anotações sobre o relatório do IPCC*. O sítio do IHU tem dado ampla cobertura ao tema. No endereço eletrônico ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), podem ser acessadas entrevistas sobre o assunto. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **COP 21:** COP é a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática. É a autoridade máxima para a tomada de decisões sobre os esforços para controlar a emissão dos gases do efeito estufa. Em 2015, a COP tem sua 21ª edição, a ser realizada em Paris, França, em dezembro. O objetivo é revisar o comprometimento dos países, analisar os inventários de emissões e discutir novas descobertas científicas sobre o tema. Foi criada na ECO-92 e teve sua primeira edição em 1995, em Berlim, na Alemanha. Desde então, ocorre anualmente. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Protocolo de Kyoto ou Protocolo de Quioto: consequência de uma série de eventos iniciada com a Toronto Conference on the Changing Atmosphere, no Canadá (outubro de 1988), seguida pelo IPCC's First Assessment Report**

defronta a política climática tem sido o da equidade internacional. Ou seja, que algumas nações já se beneficiaram do uso irrestrito de combustíveis poluentes à base de carbono e que, por isso, as soluções para o clima não deveriam negar a outras nações uma oportunidade semelhante para se desenvolver. A maneira habilidosa como a Encíclica junta a ameaça da mudança climática com uma preocupação genuína com a equidade e o bem-estar das pessoas mais necessitadas do mundo esboça o desafio central a ser superado em Paris e oferece uma visão de uma solução bem-sucedida.

**IHU On-Line - De que forma a *Laudato Si'* pode contribuir para mobilizar os católicos sobre temas científicos, especialmente a visão ecológica acadêmica?**

**Josh Rosenau** - Há uma tremenda diversidade no pensamento católico sobre o meio ambiente<sup>5</sup>. O catolicismo é uma comunidade enorme, de modo que essa diversidade não chega a ser uma surpresa. Entretanto, ao colocar o *imprimatur*<sup>6</sup> papal no consenso científico, essa Encíclica oferece uma oportunidade para levar os diálogos em igrejas e comunidades católicas para além da ciência consolidada, rumo à questão crítica de como enfrentar esse desafio ambiental (e moral).

em Sundsvall, Suécia (agosto de 1990) e que culminou com a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (CQNUMC, ou UNFCCC em inglês) na ECO-92, no Rio de Janeiro, Brasil (junho de 1992). Também reforça seções da CQNUMC. Constitui-se no protocolo de um tratado internacional com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa antropogênica do aquecimento global. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Tema que discuti em artigo publicado no site *Science League of America*, disponível em <http://bit.ly/1J3og9l>. (Nota do entrevistado)

<sup>6</sup> **Imprimatur**: é uma declaração oficial da Igreja Católica que diz que um trabalho literário ou similar não vai contra as ideias da Igreja e que é uma boa leitura para qualquer católico. Em latim, *imprimatur* significa “deixem-no ser impresso”. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - O senhor já publicou alguns comentários sobre a Encíclica em que diz que o Papa tem uma ciência sólida. Isso se deve à aliança que ele estabelece entre teologia (religião e fé) e ciência?**

**Josh Rosenau** - Creio que isso se deve, em sua maior parte, ao fato de ele ter recorrido a bons assessores científicos. Pelo que sei, ele tem o equivalente a um diploma de química, ainda que sem a credencial formal, e isso certamente o ajudou a examinar as evidências científicas e avaliar como os debates científicos se desdobram. Para muitos não cientistas, o simples fato de os cientistas discordarem pode dar a impressão de que a ciência básica está em disputa. Mas mesmo quando os cientistas discordam uns dos outros, a base de suas disputas tende a se deslocar com o passar do tempo. Assim, os pontos sobre os quais concordam simplesmente deixam de ser tópicos de discussão. As pessoas familiarizadas com a leitura de textos de ciência entendem esse processo, mas aquelas que não dispõem dessa formação podem ter mais dificuldade de entender do que os cientistas estão discordando.

**IHU On-Line - Em que medida as perspectivas da religião contribuem com a ciência?**

**Josh Rosenau** - Diferentes cientistas abordam a relação entre ciência e religião de maneira diferente. Como Laplace<sup>7</sup>, a quem Napoleão<sup>8</sup> perguntou por que seus

<sup>7</sup> **Pierre Simon Laplace** (1749-1827): matemático, astrônomo e físico francês que organizou a astronomia matemática, resumindo e ampliando o trabalho de seus predecessores nos cinco volumes do seu *Mécanique Céleste* (Mecânica celeste) (1799-1825). Esta obra traduziu o estudo geométrico da mecânica clássica usada por Isaac Newton para um estudo baseado em cálculo, conhecido como mecânica física. Ele também formulou a equação de Laplace. A transformada de Laplace aparece em todos os ramos da física matemática — campo em que teve um papel principal na formação. O operador diferencial de Laplace, da qual depende muito a matemática aplicada, também recebe seu nome. (Nota da IHU On-Line)

<sup>8</sup> **Napoleão Bonaparte** (1769-1821): líder político e militar francês. Adotando o nome de Napoleão I, foi imperador da França de

cálculos astronômicos não faziam menção de Deus, alguns cientistas simplesmente pensam que não têm necessidade dessa hipótese. Outros consideram o fato da existência de um universo inteligível como prova da existência de uma inteligência que sustenta esse universo. Outros acham que a capacidade do universo de se explicar por meio de leis naturais na verdade refuta as premissas religiosas.

Muitos outros assumem concepções mais sutis, mais nuançadas. As inspirações científicas vêm de muitas fontes, à medida que os cientistas recorrem à formação que tiveram, a seus valores, suas experiências em busca de analogias e percepções de novas ideias. Muitas pessoas que eu conheço e que estudaram em escolas jesuítas atribuem a essa escolarização religiosa o amor que têm pela ciência.

No fim das contas, entretanto, o que importa na ciência é como as percepções e ideias de uma pessoa combinam com as evidências empíricas. Independentemente da inspiração, o que importa é quão bem ela combina com os fatos. E isso permite que a ciência sirva como linguagem universal. Assim, foi animador que o Papa Francisco tenha dirigido sua Encíclica muito cuidadosamente não apenas a seus correligionários católicos, mas também à sociedade de modo geral e tenha procurado arraigar suas reivindicações éticas em fundamentos éticos mais amplos do que tão somente a doutrina católica.

**IHU On-Line - Uma das críticas do Papa feita na *Laudato Si'* é com relação ao antropocentrismo. Como o meio científico entende esse conceito? Quais as consequências de uma visão estritamente antropocêntrica na ciência?**

18 de maio de 1804 a 6 de abril de 1814, posição que voltou a ocupar por poucos meses em 1815 (20 de março a 22 de junho). Sua reforma legal, o Código Napoleônico, teve grande influência na legislação de vários países. Através das guerras napoleônicas, foi responsável por estabelecer a hegemonia francesa sobre boa parte da Europa. (Nota da IHU On-Line)

**Josh Rosenau** - No maravilhoso livro *The Comforting Whirlwind*<sup>9</sup> [O redemoinho consolador], Bill McKibben<sup>10</sup> discute o discurso que Deus faz para Jó do meio do redemoinho. Ele observa que, mais notável até do que o tom sarcástico usado por Deus, é o ambiente. Deus está descrevendo um mundo sem pessoas, um mundo que existiu muito antes das pessoas e que parece ter seu próprio sentido independente. O Deus de Jó está contestando a narrativa autocentrada que Jó e seus amigos adotam, mas também contestando sua atitude humanocêntrica.

Escreve McKibben: “O primeiro sentido, acho eu, do discurso de Deus para Jó é que nós somos uma parte de toda a ordem da criação — simplesmente uma parte. E isso é, naturalmente, uma ideia radical, bem mais radicalmente subversiva do que o marxismo ou o leninismo ou o maoísmo ou qualquer uma das outras sedições que nos criamos aprendendo a temer. Esses radicalismos são, é claro, profundamente humanocentros; a voz radical do meio do redemoinho parece nos atribuir um papel menos excelso. Ser uma parte da criação, e não seu centro, parece ser tão surpreendente quanto a compreensão copernicana de que estamos girando em torno de um centro, em vez de servirmos como centro. Isso mina uma de nossas ortodoxias”. E quando o Papa critica o antropocentris-

mo, ele está minando essa mesma ortodoxia, e a partir da mesma postura profundamente ortodoxa.

**IHU On-Line - Baseado na *Laudato Si'*, quais são as críticas do Papa à ciência? Como as apreende?**

**Josh Rosenau** - Uma das críticas é o perigo de uma ciência não moldada pela ética, uma ciência que implementa o que é possível sem considerar se esses avanços são prudentes, ou sem considerar as consequências para todos. “Decisões que talvez pareçam puramente instrumentais são, na realidade, decisões sobre o tipo de sociedade que queremos construir”, escreve ele. Creio que a maioria dos cientistas concordaria que a ciência precisa operar dentro de um marco ético e distinguiriam o ato da descoberta da decisão de aplicar ou utilizar um artefato tecnológico. Essa ambiguidade entre ciência e tecnologia é comum, e é importante separá-las.

A descoberta científica deve seguir em frente seja em que direção for, e tentar restringir o rumo da pesquisa provavelmente fará mais mal do que bem. Mas as decisões sobre o que fazer com novas informações devem ser tomadas sabiamente, por pessoas que entendam a ciência claramente e possam ligá-la com os marcos éticos mais amplos de sua sociedade. O Papa cita exemplos como a engenharia genética e as armas nucleares, e muitas outras poderiam nos ocorrer. A descoberta de ferramentas capazes de fabricar novas formas de vida não nos obriga a fazer isso e pode, em geral, ser usada de modo ético ou não ético.

Uma técnica de engenharia genética também pode ser tornada não ética se estiver vinculada a um marco jurídico que prejudica as pessoas, como pode acontecer quando patentes são usadas para punir agricultores que simplesmente permitem que sementes caídas no chão cresçam em seus campos. Mas essa mesma técnica pode criar arroz que dê a esses mesmos agricultores vitaminas que salvam vi-

das, ou pode produzir insulina para o diabetes, ou biocombustíveis que forneçam uma alternativa para a gasolina que seja neutra em termos de carbono.

**IHU On-Line - O senhor considera que Francisco tem uma “ética da terra”. É a chamada Ecologia Integral que o Papa fala na Encíclica? De que forma essa ideia se associa ao pensamento do biólogo conservacionista americano Aldo Leopold<sup>11</sup>?**

**Josh Rosenau** - Em minha opinião, a ética da terra e a ideia de Leopold de pensar como uma montanha estão profundamente ligadas. Pensar como uma montanha significa pensar sobre sistemas, e não apenas sobre plantas ou animais tomados individualmente. Que proteger cada cervo individualmente poderia resultar na destruição total das plantas em uma montanha, e que se os seres humanos querem erradicar os predadores, eles precisam assumir alguns dos deveres ecológicos desses predadores.

À medida que moldamos cada vez mais o mundo natural, temos um dever ético de considerar os efeitos dessas mudanças. Isso está relacionado com o conceito central que Bill McKibben discutiu em sua obra seminal *The End of Nature*<sup>12</sup> [O fim da natureza] e é, creio eu, perfeitamente comparável com a ideia de Ecologia Integral. Quando reconhecemos que não só fazemos parte da natureza, mas estamos integrados nela, e em uma posição de comando sobre ela, temos um novo conjunto de deveres éticos para com ela.

**IHU On-Line - *Laudato Si'* é incisiva ao atribuir a degradação do**

<sup>11</sup> **Aldo Leopold** (1887-1948): escritor americano, cientista, ecologista, guarda florestal, conservacionista e ambientalista. É mais conhecido por seu livro *A Sand County Almanac* (New York City: Ballantine Books, 1949), que já vendeu mais de dois milhões de cópias. Influenciou a ética ambiental e o movimento para a conservação da natureza selvagem. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>12</sup> McKibben, Bill. *The End of Nature*. New York: Random House, 2006. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>9</sup> McKibben, Bill. *The Comforting Whirlwind*. Arkansas City: Cowley Publications, 2005. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>10</sup> **William Ernest “Bill” McKibben** (1960): ambientalista americano, escritor e jornalista. É um dos líderes do grupo que coordena a campanha anticarbono 350.org. Em 2009, ele liderou a organização de 350.org de 5.200 manifestações simultâneas em 181 países. Em 2010, McKibben e 350.org conceberam a Festa do Escritório Global de 10/10/10, que reuniu mais de 7.000 eventos em 188 países. Em dezembro de 2010, 350.org coordenou um projeto de arte de planeta-escala, com muitos dos 20 trabalhos visíveis a partir de satélites. Em 2011 e 2012 ele liderou a campanha ambiental contra o projeto do oleoduto Keystone XL e passou três dias preso em Washington. Recebeu o Prêmio Gandhi da Paz em 2013. Recentemente o sítio do IHU reproduziu o artigo Crise climática: por que agir agora, de Bill McKibben, disponível em <http://bit.ly/1E4m91Y>. (Nota da **IHU On-Line**)

**mundo ao homem. Porém, preserva uma visão católica conservadora com relação ao controle populacional. Como o senhor avalia essa questão?**

**Josh Rosenau** - Como mencionei acima, acho que há uma tensão aí. Não estou conseguindo identificar a fonte de um dito espiritual, que li certa vez, feito por um ambientalista que sustenta que chegamos a um ponto em que deveríamos simplesmente declarar que o "sede fecundos e multiplicai-vos" já foi cumprido e tirá-lo da lista dos afazeres da humanidade. Mas enquanto alguém não decide fazer isso, não chega a surpreender que o Papa queira separar questões de crescimento populacional das discussões ambientais.

Fiquei intrigado com a maneira como ele ligou sua exposição da questão da população com a equidade. Mas assim como ele não sustentaria que o mundo em desenvolvimento merece queimar todo o carvão que quiser, creio que há um argumento plausível, dentro do marco ético que ele apresenta, de que o crescimento populacional talvez também precisasse ser desacelerado.

**IHU On-Line - Como entender a ciência desde uma perspectiva de uma ética ecológica? De que maneira essa visão pode fazer a ciência com maior humanismo?**

**Josh Rosenau** - A integração da pesquisa científica e de preocupações éticas como essas sempre foi complexa. Certamente, espera-se que os cientistas não tentem moldar suas conclusões para combinarem com um compromisso ético. Alguns cientistas gostam de se ver como pessoas que empreendem a ciência aonde quer que ela os leve, não escolhendo temas de pesquisa com base em preocupações éticas. Mas especialmente no âmbito do

conservacionismo, muitos cientistas falam explicitamente sobre as formas pelas quais recorrem à ética ao considerarem que tipo de pesquisa vão empreender.

Assim, eles pesquisam organismos que acham que são os mais ameaçados, ou que parecem os mais centrais para ecossistemas ameaçados. Fazem isso tanto a partir de uma ética pessoal quanto por causa dos valores que os levaram para a ciência. Como explicou o biólogo tropical Dan Janzen<sup>13</sup> em 1986: "Se há um futuro para a ecologia tropical e do que ele consistirá, isso não reside na revelação de mais outra intrincada interação animal-planta, na aplicação de maravilhas tecnológicas ou na descoberta de uma planta que possa ser cultivada com alto rendimento em solos de florestas tropicais. Os engenheiros constroem pontes, os escritores tecem palavras e os biólogos são os representantes do mundo natural. Se os biólogos querem um trópico em que possam fazer biologia, terão de comprá-lo usando cuidado, energia, esforço, estratégia, tática, tempo e dinheiro. E não posso enfatizar em excesso a urgência e a responsabilidade. Se os trópicos do mundo sucumbirem, os biólogos do mundo só terão a si mesmos para culpar por isso. Podemos ver

<sup>13</sup> **Daniel Janzen** (1939): ecologista, biólogo, conservacionista. Ele divide seu tempo entre sua cátedra em biologia na Universidade da Pensilvânia (Filadélfia, EUA) e sua pesquisa e trabalho de campo na Costa Rica. Lá exerce a função (sem remuneração) de conselheiro técnico de dois projetos, que concebeu e iniciou em 1970: Área de Conservación Guanacaste, uma das mais antigas, a maior e mais bem-sucedida recuperação do habitat do projeto no mundo, 1.430 km<sup>2</sup>, localizado ao sul da Costa Rica - Nicarágua, entre o Oceano Pacífico e a Cordilheira de Tilaran; e do Instituto Nacional de Biodiversidade (INBio), uma organização de pesquisa que assumiu a tarefa de inventariação, catalogação e descrevendo o gigantesco dom natural do país. (Nota da **IHU On-Line**)

muito claramente o que está acontecendo, quais serão as consequências irreversíveis para a biologia e a humanidade e como as soluções devem ser construídas".

Ele está descrevendo um dever ético para com os animais, as plantas e os sistemas que esses cientistas estudam, e a conclamação de Janzen teve uma ampla influência. O campo da Biologia da Conservação foi fundado, em parte, com base nesses princípios éticos, implicando desenvolver uma ciência que servisse ao mundo natural e o preservasse. Em certo sentido, a encíclica papal é uma vitória para esse longo esforço, que assegurou que os biólogos não carreguem sozinhos o fardo de falar em prol do mundo natural.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Josh Rosenau** - Só gostaria de enfatizar a importância da conclamação da Encíclica para que todas as pessoas se eduquem em relação à mudança climática e às questões ambientais a ela relacionadas. E, também, da necessidade de travar uma ampla discussão sobre nossas obrigações éticas para com o mundo natural e sobre como cumprir essas obrigações ao mesmo tempo em que ajudamos nossos semelhantes em seu esforço de melhorar sua sorte.

Compreender a ciência é um fundamento crucial para esses debates éticos que devem seguir-se. Quando compreendemos o mundo natural e as formas como nossas ações podem moldá-lo, podemos fazer opções bem informadas sobre quais as ações que são prudentes e necessárias. Quando agimos sem essa compreensão, corremos o risco de criar novos problemas ou de aprofundar aqueles com os quais já nos deparamos. ■

## LEIA MAIS...

— *A santa aliança entre criacionistas e negacionistas da mudança climática.* Reportagem do jornal **Folha de São Paulo**, de 07-03-2010, reproduzida nas Notícias do Dia, do dia 08-03-2010, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1l80tFs>.

# Ecologia integral, um olhar científico sobre o conceito

Para Veerabhadran Ramanathan a aliança entre o campo religioso e o científico tem um potencial transformador

Por João Vitor Santos e Leslie Chaves | Tradução Gabriel Ferreira

**A**s desigualdades sociais acabam provocando também assimetrias quanto ao impacto da degradação ambiental. As camadas mais pobres da população mundial sofrem com mais intensidade os reflexos desses problemas. De acordo com o professor de Ciências Atmosféricas e Clima Veerabhadran Ramanathan, que concedeu entrevista por e-mail à IHU On-Line, além das populações mais vulneráveis social e economicamente, as gerações futuras também serão atingidas e, portanto, o debate sobre a preservação da natureza tem uma dimensão ética e moral importante. Para o professor a Encíclica chama a atenção para este aspecto das discussões através do fortalecimento dos laços entre ciência e religião. “Até agora, cientistas têm se esquivado de traduzir suas descobertas para a forma de problemas éticos e morais. Espero que essa atitude mude depois de verem o enorme impacto da Encíclica do Papa sobre a sociedade”, ressalta.

Ramanathan frisa ainda que “todas as religiões nos exortam para que protejamos a Mãe Natureza e, assim, outros líderes religiosos podem igualmente ter um impacto transformador”. Segundo o pesquisador, nas últimas duas décadas os cientistas perceberam que a complexidade envolvida na mudança climática e em outros problemas ambientais demanda uma abordagem in-

tegrada. Uma visão sistêmica que abranja perspectivas científicas, éticas, mas principalmente sociais e econômicas é fundamental para a busca de soluções. “Eu tenho apresentado diversos artigos no Vaticano mostrando como um bilhão das pessoas mais ricas do planeta contribuem para 60% do aquecimento global, enquanto os três bilhões mais pobres contribuem 6% ou menos, uma vez que não podem adquirir combustíveis fósseis. A mudança climática é um problema vital para esses três bilhões de pessoas mais pobres. As grandes empresas e as nações mais ricas têm de perceber que sua própria sobrevivência também depende drasticamente da redução da poluição do planeta”, aponta.

Veerabhadran Ramanathan é professor de Ciências Atmosféricas e Clima do Instituto Scripps de Oceanografia da Universidade da Califórnia, em San Diego. Atualmente também preside uma equipe científica internacional da Ásia, África e América Latina no âmbito do Programa Atmospheric Brown Cloud - ABC, um projeto de cooperação internacional financiado pelo Programa Ambiental da Organização das Nações Unidas - ONU para questões de poluição transfronteiriça que visa formatar e promover iniciativas regionais e intergovernamentais de combate à poluição do ar.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Como o senhor avalia os comentários e a recepção da Encíclica *Laudato Si'* junto à comunidade científica?**

**Veerabhadran Ramanathan -** Eu já esperava que a recepção fosse ser bastante positiva, mas me sur-

preendi acerca de quão unanimemente forte foi o apoio da comunidade científica.

**IHU On-Line - De que forma a aliança entre ciência e religião**

**pode fortalecer ações para frear a degradação do planeta?**

**Veerabhadran Ramanathan -** A degradação ambiental e seu impacto desproporcionalmente maior sobre os pobres, bem como o impacto de tal degradação sobre as



**Cerca de 98% de um grupo de 10 mil cientistas e mais de 50 ganhadores de prêmios Nobel têm concluído que a mudança climática é real e causada por atividades humanas**

gerações vindouras, são problemas éticos e morais, assim, a aliança entre religião e ciência exercerá uma força transformadora na proteção da Terra e das pessoas.

**IHU On-Line - Como a fragmentação e a compartimentação dos conhecimentos nos conduziu à Crise Ecológica em sentido conceitual?**

**Veerabhadran Ramanathan** - Ela feriu as pessoas e o planeta imensamente. A falta de um forte envolvimento dos cientistas sociais e dos líderes religiosos (até agora) é um dos maiores fatores que impediram uma ação mais poderosa até o momento.

**IHU On-Line - Em entrevistas para imprensa internacional, o senhor destaca a visão humanista e espiritual do Papa Francisco. É essa a visão que falta para a ciência na contemporaneidade? Esse é o maior ganho da aliança entre religião e ciência?**

**Veerabhadran Ramanathan** - Sim. Até agora, cientistas têm se esquivado de traduzir suas descobertas para a forma de problemas éticos e morais. Espero que essa atitude mude depois de verem o enorme impacto da Encíclica do Papa sobre a sociedade.

**IHU On-Line - Qual a importância da religião, e em especial a Instituição Igreja Católica, em**

**acolher a ciência e a partir dela refletir sobre questões globais, como as mudanças climáticas?**

**Veerabhadran Ramanathan** - Uma vez que a mudança climática se torna uma questão ética e moral, o chamado da religião católica para o zelo para com o planeta terá um poderoso impacto na sociedade. Todas as religiões nos exortam para que protejamos a Mãe Natureza e, assim, outros líderes religiosos podem igualmente ter um impacto transformador.

**IHU On-Line - *Laudato Si'* é reconhecida pela perspectiva de Ecologia Integral. Esse conceito é a materialidade do trabalho entre ciência e religião? Como o meio científico compreende esse conceito?**

**Veerabhadran Ramanathan** - Concordo que o tema central que emerge da Encíclica seja Ecologia Integral. Ainda é cedo para dizer como a comunidade científica irá compreender esse conceito. Meu melhor palpite, a partir das minhas limitadas interações com outros cientistas, é que ele tem sido muito bem recebido. Nas últimas duas décadas, cientistas também perceberam que a mudança climática e outros problemas ambientais são muito complexos e demandam uma abordagem integrada.

**IHU On-Line - Qual a responsabilidade das grandes empresas e**

**dos países desenvolvidos nessa situação de mudanças climáticas em que nos encontramos? Como romper a barreira do lobby e da hegemonia das grandes corporações para estimular o uso de energias alternativas, renováveis?**

**Veerabhadran Ramanathan** - Eu tenho apresentado diversos artigos no Vaticano mostrando como um bilhão das pessoas mais ricas do planeta contribuem com 60% do aquecimento global, enquanto os três bilhões mais pobres contribuem 6% ou menos, uma vez que não podem adquirir combustíveis fósseis. Ainda assim, esses três bilhões mais pobres irão sofrer as piores consequências da mudança climática e podem perder seus meios de subsistência, se não mesmo suas vidas. A mudança climática é um problema vital para essas pessoas mais pobres. As grandes empresas e as nações mais ricas têm de perceber que sua própria sobrevivência também depende drasticamente da redução da poluição do planeta. A mudança climática prevista será tão grande em poucas décadas que, se as empresas não evoluírem suas tecnologias para transformarem-nas em tecnologias mais amigáveis ao meio ambiente, sua viabilidade econômica se tornará bastante questionável.

**IHU On-Line - Qual deve ser o papel dessas grandes empresas e de países desenvolvidos em acordos internacionais?**

**Veerabhadran Ramanathan** - Elas devem se comprometer a reduzir drasticamente sua poluição por carbono dentro dos próximos 25 anos. Além disso, devem reduzir drasticamente a emissão de poluentes climáticos de vida curta (como metano, ozônio, hidrocarbonetos halogenados e fuligem) a fim de trazer um alívio rápido a sete bilhões de pessoas ameaçadas pela mudança climática. Por último, elas devem fornecer acesso à energia limpa para aqueles três bilhões mais pobres; sem isso, a emissão de poluentes desses três bilhões se

tornará tão grande em 2050, que irá levar a mudanças climáticas massivas para todos.

**IHU On-Line - Como imagina que a *Laudato Si'* pode inspirar as discussões da COP 21, em Paris? Como o senhor deve acompanhar o encontro e quais suas expectativas?**

**Veerabhadran Ramanathan -** Imensamente, eu espero. A Encíclica fornecerá apoio das pessoas para que os líderes empreendam ações mais fortes.

**IHU On-Line - Críticos da Encíclica apontam que o documento é falho por desconsiderar o campo da ciência que não reconhece as mudanças climáticas como provocadas pela ação do homem. Como responder a essa crítica?**

**Veerabhadran Ramanathan -** A mudança climática antropogênica não é uma tese; é um fato documentado por milhares de observações. Cerca de 98% de um grupo de 10 mil cientistas e mais de 50 ganhadores de prêmios Nobel têm concluído que a mudança climática é real e causada por atividades humanas.

**IHU On-Line - Em que medida o pensamento antropocêntrico engessa o desenvolvimento científico? Como fugir dessa concepção e das amarras do instrumental meramente técnico?**

**Veerabhadran Ramanathan -** Essa é a área dos líderes religiosos. Nós temos de ensinar em todas as igrejas, todos os templos, todas as mesquitas e em todas as outras instituições religiosas o fato de que somos parte da natureza e que fazemos parte de uma "Ecologia Integral". O conceito de Ecologia Integral tem de ser ensinado em todas as escolas, desde a mais tenra idade.

**IHU On-Line - Um de seus trabalhos de maior repercussão consta-**

**tuou que não é somente o dióxido de carbono, a partir de combustíveis fósseis, que provoca o aquecimento global. Há também a incidência de outros gases, também liberados pela ação humana na Terra, que podem ser ainda mais perigosos. Essa sua tese é da**

“

***A aliança entre religião e ciência exercerá uma força transformadora na proteção da Terra e das pessoas***

**década de 1970. Desde então, o quanto se evoluiu nas análises e no controle de emissão de gases? Quais os desafios do século XXI?**

**Veerabhadran Ramanathan -** Essa tese tem sido amplamente aceita. O documento mais recente da ONU, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas - IPCC, reconhece que aproximadamente 45% do aquecimento é devido a quatro poluentes climáticos de vida curta - PCVCs. Em primeiro lugar estão os hidrocarbonetos halogenados. Em 1975, descobri o potente efeito estufa do hidrocarboneto halogenado clorofluorcarboneto, também conhecido como CFC, pertencente àquela família. Uma molécula de CFC tem o mesmo efeito de aquecimento que 10 mil moléculas de dióxido de carbono. CFCs são chamados gases-traço porque existem em pequenas quantidades na atmosfera, diferentemente do CO<sub>2</sub>.

Antes da minha descoberta, geralmente se pensava que o CO<sub>2</sub> era o único gás estufa presente na atmosfera que era produzido pelo homem. Após o meu artigo da *Science*, em 1975, outros gases-traço,

como metano e ozônio, também foram identificados como potentes gases com efeito estufa. Após o Protocolo de Montreal,<sup>1</sup> em 1989, CFCs foram banidos, uma vez que eles esgotam a camada de ozônio. Já que não se reconhecia, àquela época, que os CFCs também eram potentes agentes de efeito estufa, a Dupont produziu um composto de hidrocarboneto halogenado alternativo, chamado HFC, que não afetaria a camada de ozônio. Mas uma molécula de HFC tem o mesmo efeito aquecedor que 2.000 a 4.000 moléculas de CO<sub>2</sub>.

Atualmente tenho trabalhado com outros cientistas para banir os HFCs por conta de seu forte efeito aquecedor. Os quatro poluentes climáticos de vida curta são: hidrocarboneto halogenado, metano, ozônio e o carbono negro (partículas). De fato, há oito anos eu propus o corte pela metade, nas próximas quatro décadas, na emissão desses outros poluentes aquecedores, como hidrocarboneto halogenado, metano, ozônio e fuligem. Em resposta, as Nações Unidas formaram a Coalizão para o Clima e o Ar Limpo<sup>2</sup>, a fim de diminuir a emissão desses poluentes. Mais de 50 países tomaram parte nessa coalizão. ■

**1 Protocolo de Montreal:** tratado internacional que dispõe sobre as substâncias que fragilizam a camada de ozônio onde os países signatários comprometem-se a substituir componentes químicos que demonstram estar reagindo com o ozônio (O<sub>3</sub>) na parte superior da estratosfera. (Nota da **IHU On-Line**)

**2 Coalizão para o Clima e o Ar Limpo - CCAC:** foi formada em fevereiro de 2012 para mitigar as mudanças climáticas, proteger o meio ambiente e preservar a saúde, se concentrando principalmente no combate ao uso dos poluentes conhecidos como poluentes climáticos de curta duração, cujas emissões não têm vida longa na atmosfera da Terra, mas a ciência mostra que contribuem notadamente para o aquecimento global. Os Estados Unidos foram um dos fundadores da CCAC, juntamente com Bangladesh, Canadá, Gana, México e Suécia. Novos membros incluem o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável e a Aliança Global para Fogões com Energia Limpa, perfazendo um total de 60 parceiros. (Nota da **IHU On-Line**)

# A sintonia fina entre *Laudato Si'* e as ciências econômicas, sociais e naturais

Para Partha Dasgupta, a religião pode ser um caminho para despertar o respeito ao meio ambiente

Por Ricardo Machado e Leslie Chaves | Tradução Walter O. Schlupp

**C**iência e religião têm travado um diálogo profícuo no debate sobre as questões ambientais documentado na Encíclica *Laudato Si'*. Compartilha desse ponto de vista o doutor em Economia Partha Dasgupta, que defende que a Encíclica está alinhada à compreensão científica contemporânea dos diversos aspectos da Crise Ecológica. Em entrevista por e-mail à IHU On-Line, o pesquisador aponta que, para além do argumento científico sobre os danos que a ação da humanidade causou ao ambiente, o Papa chama a atenção para a urgência de conscientização sobre a gravidade do problema e a mudança de atitude. "A Encíclica está apontando para a necessidade de que façamos a coisa certa ao natural, mesmo quando ninguém esteja olhando", ressalta.

Nesse sentido, Dasgupta observa ainda que Bergoglio bem reconhece na *Laudato Si'* a insuficiência de políticas como a prescrição de impostos e subsídios corretivos sobre bens e males ambientais. Segundo o pesquisador, a religião poderia contribuir para a edu-

cação ambiental desde a infância, evidenciando a dimensão moral da Crise Ecológica e fomentando o respeito e o amor à natureza. "Numa cultura cada vez mais urbana, isto poderá ser crucial", constata.

Partha Dasgupta nasceu em Bangladesh, na Índia, graduou-se em Física pela Universidade de Delhi e em Matemática pela Universidade de Cambridge, onde também obteve o título de doutor em Economia. Atualmente é professor emérito de Economia na Universidade de Cambridge, professor pesquisador na Universidade de Manchester e membro da Faculdade St John, todas instituições localizadas no Reino Unido. Entre as suas publicações destacam-se *Economics: A Very Short Introduction* (Oxford: Oxford University Press, 2007), obra traduzida para 11 idiomas; *Ecosystems and Human Well-Being: Synthesis* (Washington, DC: Island Press, 2005); e *The Economics of Non-Convex Ecosystems* (Amsterdam: Kluwer Academic Publishers, 2003).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - De que forma a *Laudato Si'* provoca tensionamentos à perspectiva científica, sobretudo à econômica?**

**Partha Dasgupta -** Eu não acredito que haja qualquer coisa na Encíclica que não seja coerente com

a compreensão científica contemporânea dos fenômenos que o Papa levanta. Claro, existem diferenças terminológicas, mas elas não chegam a constituir diferenças em relação à sua leitura das interações entre o ser humano e a natureza.

Por exemplo, ele usa o termo "Ecologia Integral" para designar os processos que configuram as relações entre ser humano e natureza. Os conceitos econômicos da Encíclica são sadios. Se você ler os documentos apresentados no Simpósio da Pontifícia Academia,





## ***A Encíclica está apontando para a necessidade de que façamos a coisa certa ao natural, mesmo quando ninguém esteja olhando***

sob o título "Humanidade Sustentável, Natureza Sustentável: Nossa Responsabilidade"<sup>1</sup>, de abril de 2014, você vai constatar que a Encíclica se alinha tanto com as ciências sociais quanto com as naturais.

**IHU On-Line - Nesse sentido, que novidades a *Laudato Si'* traz ao debate relacionado às questões ambientais em perspectiva com a racionalidade econômica?**

**Partha Dasgupta** - O Papa argumenta que há uma dimensão moral que não pode ser incorporada simplesmente mediante impostos e subsídios corretivos sobre bens e males ambientais. Eu acredito que ele está certo, porque é impossível monitorar quem faz o que a qual aspecto da natureza: o capital natural tem uma tendência inata para deslocar-se ou viajar. Pássaros e insetos voam, o vento sopra, água flui. Em vista desse fato, as políticas de regulamentação, não importa quão bem concebidas, não serão suficientes.

A Encíclica está apontando para a necessidade de que façamos a coisa certa ao natural, mesmo quando ninguém esteja olhando. É por isso que há necessidade de mudar nossa cultura. A natureza não é apenas mais uma mercadoria, assim

<sup>1</sup> Documento original em inglês disponível em <http://bit.ly/1O6S5Zz>. (Nota da **IHU On-Line**)

como seres humanos não são meras *commodities*.

**IHU On-Line - Em que medida a desigualdade, econômica e social, é resultado da Crise Ecológica que vivemos?**

**Partha Dasgupta** - Empiricamente isto é muito difícil de se estimar. Por um lado, o mundo rico consome mais recursos através da importação de produtos primários e seus derivados, de modo que as pegadas ecológicas das pessoas nos países ricos excedem em muito a sua produção [ou pegada] ecológica local. Por outro lado, não sei o que aconteceria se o Produto Interno Bruto - PIB do mundo inteiro fosse distribuído por igual entre as pessoas. Quanto eu saiba, a pegada ecológica global aumentaria.

**IHU On-Line - De que forma o aquecimento global afeta economicamente e socialmente as populações mais vulneráveis? Por que a racionalidade econômica dominante parece ser incapaz de resolver esta questão?**

**Partha Dasgupta** - A mudança climática global é um processo que envolve um mal público global de hoje: "a temperatura média global". A racionalidade econômica dominante não contradiz esse entendimento. O que está acontecendo é que as nações têm interesses

diferentes sobre o assunto, e até agora elas nada fizeram em prol de um acordo coletivo sobre a contenção das emissões, aumentando as transferências de ajuda para regiões vulneráveis do mundo pobre. Uma economia padrão recomendaria que o mundo atenda a essas obrigações para o futuro e para os contemporâneos.

**IHU On-Line - Como a fragmentação e a compartimentação dos conhecimentos nos conduziu à Crise Ecológica em sentido conceitual?**

**Partha Dasgupta** - Não penso que a fragmentação do conhecimento seja particularmente grave aqui. Na verdade, os cientistas que trabalham em questões ecológicas sempre tiveram uma abordagem interdisciplinar. É a demanda pelo conhecimento produzido por cientistas ecológicos que é baixa. Interesses escusos produzem argumentos espúrios contra o fato indiscutível de que a humanidade tem causado uma Crise Ecológica, e o público em geral, por sua vez, não tem interesse em tomar conhecimento, porque poderia obstruir suas inclinações diárias.

**IHU On-Line - Quais são as principais contribuições da perspectiva religiosa para os estudos científicos?**

**Partha Dasgupta** - A contribuição da igreja seria chamar a atenção para a dimensão moral do problema. Ela poderia começar insistindo em que a educação agora deve incluir ecologia, que as crianças aprendam sobre os processos da natureza. Dessa forma, elas podem vir a amar a natureza. Numa cultura cada vez mais urbana, isto poderá ser crucial. ■

# Assumir o problema climático como antropogênico. Primeiro passo para mudança

Para Filipe Santos, ao apontar o ser humano como principal causador do desequilíbrio ambiental, a Encíclica revela urgência na mudança de postura das pessoas na relação com o Planeta

Por Márcia Junges e João Vitor Santos

**O** reconhecimento da base científica da Encíclica *Laudato Si'* é um dos destaques dado ao documento por pesquisadores e cientistas. O geofísico Filipe Duarte Santos endossa essa perspectiva e vai além. Entende que o documento parte de uma constatação acadêmica — assumida pela maioria dos estudiosos do clima — e segue em provocações que suscita a necessidade de mudanças profundas na forma de vida na Terra. “Penso ser um documento muito importante por reconhecer que há mudanças climáticas, que estas têm, na sua maior parte, origem em algumas atividades humanas (antropogênicas) e que urge combatê-las diminuindo as emissões de gases com efeito de estufa para a atmosfera. A posição expressa na encíclica irá dar visibilidade ao debate sobre a mudança climática e contribuirá para encontrar soluções para o problema”, destaca em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Assim, a abrangência do documento apostólico vai de constatações práticas para demonstrar que a crise ecológica é envolta numa crise social, econômica e ética, além de ambiental. Isso dá um caráter transdisciplinar à *Laudato Si'*. Ou seja, é um documento que vai além da orientação de uma igreja para os seus fiéis. “Aquilo que diz o Papa Francisco na sua recente Encíclica é partilhado por outras religiões e por muitas pessoas, algumas que não são praticantes de nenhuma religião. A

transdisciplinaridade é essencial para se encontrar a via para um desenvolvimento sustentável”, reconhece Santos.

O professor ainda destaca que o documento aponta caminhos. Isto tudo sempre pondo em perspectiva uma ética de que não somos nós os donos do Planeta e que é nosso dever deixar os frutos da criação para gerações futuras. “Num planeta finito, os recursos naturais também são finitos. Ainda há muitos recursos naturais para explorar, mas a exploração intensiva associada ao modelo do consumismo e às profundas desigualdades sociais está degradando o ambiente. Temos de construir uma sociedade mais equitativa e justa, temos de gerar uma economia circular, temos de respeitar a natureza, temos de preservar a biodiversidade, temos de travar a mudança climática antropogênica”, provoca.

Filipe Duarte Santos é pesquisador e professor universitário português. É licenciado em Geofísica pela Universidade de Lisboa, com doutorado em Física Nuclear pela Universidade de Londres. Atua como professor de Física na Universidade de Lisboa. Foi vice-presidente do Instituto de Meteorologia de Portugal e coordenou a redação do primeiro e único Livro Branco sobre o Estado do Ambiente em Portugal, publicado em 1991. É o atual diretor do Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa.

**Confira a entrevista.**



## ***A Encíclica é um documento muito corajoso que permitiria atingir um desenvolvimento sustentável e se baseia nos atuais conhecimentos científicos sobre esses temas***

**IHU On-Line - Qual é a importância da Encíclica *Laudato Si'* na convergência de esforços para mitigar as mudanças climáticas?**

**Filipe Duarte Santos** - Penso ser um documento muito importante por reconhecer que há mudanças climáticas, que estas têm, na sua maior parte, origem em algumas atividades humanas (antropogênicas) e que urge combatê-las diminuindo as emissões de gases com efeito de estufa para a atmosfera. A posição expressa na encíclica irá dar visibilidade ao debate sobre a mudança climática e contribuirá para encontrar soluções para o problema.

**IHU On-Line - Como está sendo a recepção desse documento entre os pesquisadores e ambientalistas portugueses?**

**Filipe Duarte Santos** - Está sendo muito bem recebido tanto pelos pesquisadores como pelos ambientalistas. Em Portugal, como no resto do mundo, a grande maioria dos pesquisadores (97%) concorda que as atuais mudanças climáticas têm uma origem antropogênica e que é necessário combater as suas causas para evitar impactos mais graves do que os atuais no futuro.

**IHU On-Line - Em quais aspectos esse documento apostólico dialoga e problematiza as principais constatações e concepções científicas de nosso tempo?**

**Filipe Duarte Santos** - A encíclica *Laudato Si'* foi escrita com a colaboração de vários cientistas e pesquisadores de competência reconhecida internacionalmente.

No que diz respeito diretamente à ciência e à tecnologia, a Encíclica inclui muitas das conclusões e cenários futuros que se podem encontrar em artigos e livros científicos sobre desenvolvimento sustentável, crise ecológica, alterações globais e mudanças climáticas antropogênicas. Muitas dessas conclusões e cenários podem, por exemplo, encontrar-se no meu livro "Humans on Earth. From Origins to Possible Futures"<sup>1</sup>.

**IHU On-Line - Em 2010, o senhor afirmou que as alterações climáticas e o aquecimento global iriam aumentar a probabilidade de haver tornados em Portugal. Qual é o cenário dessas ocorrências desde então em seu país?**

**Filipe Duarte Santos** - Efetivamente tem havido uma tendência de aumento do número de tornados em Portugal Continental. Contudo, o problema é mais geral. Isto porque a mudança climática tende a aumentar a frequência e a intensidade de alguns fenômenos meteorológicos extremos. A região do Mediterrâneo, incluindo o sul da Europa, é considerada um "hotspot"<sup>2</sup> para a mudança climática. É uma região onde os impactos dessa mudança serão particularmente graves. Em grande parte

<sup>1</sup> Santos, Filipe Duarte. *Humans on Earth. From Origins to Possible Futures*. Berlin: Springer-Verlag Berlin Heidelberg, 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Hotspot** (do inglês *hot*, quente e *spot*, ponto): é o nome dado ao local onde a tecnologia Wi-Fi está disponível. Aqui, o entrevistado usa o termo para descrever o local que deve sofrer o impacto da mudança climática provocada a partir de determinados pontos. (Nota da **IHU On-Line**)

devido à diminuição da precipitação média anual, que já se verifica nessa região, e que tem tendência a se agravar no futuro.

**IHU On-Line - Quais são os fatores climáticos fundamentais que estão por trás de eventos como os tornados? Em que medida essas ocorrências têm se intensificado?**

**Filipe Duarte Santos** - Em decorrência do aumento da temperatura média global da atmosfera e da maior quantidade média de vapor de água na atmosfera, esta acaba se tornando mais convectiva. Isto tende a aumentar a frequência e intensidade dos fenômenos convectivos tais como a precipitação intensa em intervalos de tempo curtos, que provoca inundações, e os tornados.

**IHU On-Line - A partir do campo de estudo da geofísica, quais são as principais mudanças climáticas que já se deram e que estão em curso, e que irão impactar a forma como a vida existe na Terra?**

**Filipe Duarte Santos** - As emissões antropogênicas de gases com efeito de estufa, principalmente o dióxido de carbono, CO<sub>2</sub> (proveniente da combustão dos combustíveis fósseis e das alterações no uso dos solos), o metano, CH<sub>4</sub>, e o óxido nitroso, N<sub>2</sub>O, estão intensificando o efeito estufa na atmosfera, provocando alterações climáticas. Segundo o quinto relatório do Painel Intergovernamental das Nações Unidas para as Mudanças Climáticas - IPCC<sup>3</sup>, publicado em 2014, as concentrações atmosféricas

<sup>3</sup> **Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática - IPCC**: órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2.500 cientistas de todo o mundo. O documento divulgado pelo IPCC em fevereiro de 2007 afirmou que os homens são os responsáveis pelo aquecimento global. Sobre o tema, a **IHU On-Line** 215 produziu uma edição especial, intitulada *Estamos no mesmo barco. E com enjoo. Anotações sobre o relatório do IPCC*. O site do IHU tem dada ampla cobertura ao tema. No endereço eletrônico ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), podem ser acessadas entrevistas sobre o assunto. (Nota da **IHU On-Line**)

cas desses gases em 2011 eram de 391 ppmv (partes por milhão em volume), 1.803 ppbv (partes por bilhão em volume) e 324 ppbv, excedendo os valores pré-industriais (século XVIII) em 40%, 150% e 20%, respectivamente.

A mudança climática antropogênica caracteriza-se pelo aumento da temperatura média global da atmosfera e dos oceanos, pelo aumento da frequência e da intensidade de alguns fenômenos meteorológicos extremos. Por exemplo: ondas de calor, eventos de precipitação intensa em intervalos de tempo curtos, secas e ainda pela subida do nível médio global do mar.

**IHU On-Line - Em que sentido é preciso repensar os conceitos de desenvolvimento e progresso que norteiam as sociedades do nosso tempo para que as mudanças climáticas não representem riscos à vida na Terra? De que forma *Laudato Si'* inspira a discussão?**

**Filipe Duarte Santos** - De acordo com a Encíclica, é necessário mudar o nosso paradigma de consumismo que implica uma utilização intensiva de combustíveis fósseis – carvão, petróleo e gás natural. A combustão dos combustíveis fósseis e as alterações no uso dos solos, especialmente o desmatamento, lançam para a atmosfera grandes quantidades de dióxido de carbono. Este é um gás que provoca o efeito estufa. *Laudato Si'* preconiza um novo modelo de desenvolvimento que tenha em atenção a solidariedade com os pobres e o respeito pela natureza e pelos recursos naturais. Estou convenci-

do de que, se os povos seguissem o modelo que o Papa Francisco nos apresenta, o desenvolvimento sustentável seria possível.

**IHU On-Line - Nessa lógica, qual é a importância das políticas de gestão de recursos naturais e de ambiente adequadas?**

**Filipe Duarte Santos** - Apenas um exemplo: um celular tem um teor de ouro muito mais elevado do que o teor de ouro do minério das minas atuais mais produtivas, ricas em ouro. Por outras palavras: pode se retirar mais ouro de uma tonelada de celulares do que de uma tonelada de minério de ouro da mina mais rica em ouro do mundo. O mesmo acontece com a prata que existe nos nossos celulares.

Num planeta finito, os recursos naturais também são finitos. Ainda há muitos recursos naturais para explorar, mas a exploração intensiva associada ao modelo do consumismo e às profundas desigualdades sociais está degradando o ambiente. Isso vai tornar alguns desses recursos escassos. Temos de construir uma sociedade mais equitativa e justa, temos de gerar uma economia circular, temos de respeitar a natureza, temos de preservar a biodiversidade, temos de travar a mudança climática antropogênica. Se não o fizermos, as gerações futuras terão um planeta com maiores desigualdades econômicas e sociais, maior número de conflitos violentos, mais migrações, um ambiente muito degradado, recursos naturais perigosamente escassos e um clima mais adverso.

**IHU On-Line - Em que medida a Encíclica aponta para uma compreensão de vida na Terra que pressupõe o bem comum como seu fundamento?**

**Filipe Duarte Santos** - A Encíclica reflete os conhecimentos científicos atuais sobre o ambiente, os recursos naturais e o clima. Aponta soluções para os grandes problemas da humanidade, incluindo as alterações globais e a crise ecológica. Na minha opinião, vai haver uma grande resistência dos setores financeiro e econômico à escala global às propostas do Papa Francisco. A Encíclica é um documento muito corajoso que permitiria atingir um desenvolvimento sustentável e se baseia nos atuais conhecimentos científicos sobre esses temas.

**IHU On-Line - Qual é a importância da transdisciplinaridade e também do diálogo entre as religiões para a busca de soluções aos problemas climáticos que enfrentamos?**

**Filipe Duarte dos Santos** - Aquilo que diz o Papa Francisco na sua recente Encíclica é partilhado por outras religiões e por muitas pessoas, algumas que não são praticantes de nenhuma religião. A transdisciplinaridade é essencial para se encontrar a via para um desenvolvimento sustentável. Ou seja, para um desenvolvimento que deixe aos nossos filhos, netos e aos seus descendentes uma Terra que lhes permita uma vida melhor para todos, com menos desigualdades, sem crise ecológica, com recursos naturais relativamente abundantes e sem uma profunda mudança climática antropogênica. ■

DATA:

**28 e 29**  
setembro/2015

Local: Auditório Central  
Unisinos - São Leopoldo | RS

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

**SEMINÁRIO  
OBSERVATÓRIOS  
METODOLOGIAS  
E IMPACTOS**

**DADOS e  
PARTICIPAÇÃO**



# A interdisciplinaridade das mudanças climáticas

Para Tercio Ambrizzi, a busca pela solução para o aquecimento global passa por uma abordagem ampla da questão. Afinal, “um aumento de temperatura tem impactos na saúde, na produção agrícola, na economia”

*Por João Vitor Santos*

**U**m dos pontos mais elogiados, tratado como grande avanço da Encíclica *Laudato Si'*, é a abordagem ampla que é dada ao tema do meio ambiente. Dentro do conceito de Ecologia Integral, o Papa Francisco não apresenta uma, mas sim várias crises. A saída para esse estado de crise requer pensamentos e ações integrais. O meteorologista Tercio Ambrizzi, especialista em fenômenos atmosféricos, endossa essa perspectiva. Para ele, mudança climática é tema de várias disciplinas – ou áreas de conhecimento –, já que o aumento da temperatura impacta desde a saúde da população, passando pela produção agrícola e chegando à economia. Ambrizzi destaca que o fato de a Igreja se posicionar desta forma sobre o tema confere ainda mais urgência no debate ambiental. “A Igreja católica tem possivelmente bilhões de fiéis no mundo todo. Se ela puder motivar estes fiéis a se engajarem e pressionarem os governos, talvez consigamos efetivamente ter uma política internacional de emissões”, afirma.

Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o pesquisador avalia os recentes acordos internacionais e fala sobre o polêmico mercado de compensação de carbono, uma mania no mundo corporativo. “Com toda a publicidade em torno das mudanças climáticas, o tema sustentabilidade virou um modismo também”, destaca. O lado bom é que, se todos falam nisso, as empresas buscam meios de associar suas produções a formas de minimizar

impactos ambientais. “Por outro lado, a compensação pelo mercado de carbono sugere que se alguém está emitindo muito é possível pagar para outro que emita menos. Assim, vendendo os créditos dessa forma, estaria contribuindo para um mundo sustentável”, explica. No entanto, ressalta que “é excelente quando uma empresa se torna sustentável, mas isso não pode ocorrer à custa de outra ou pela transferência de culpa por degradação a um terceiro”.

Tercio Ambrizzi é doutor em Meteorologia pela Universidade de Reading, na Inglaterra. Foi Diretor do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo - USP e professor do Departamento de Ciências Atmosféricas da USP. Foi Chefe do Departamento de Ciências Atmosféricas e é membro da Comissão de Pesquisa do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP. Foi editor-chefe da Revista Brasileira de Meteorologia. Tem coordenado projetos nacionais e internacionais de pesquisa. Atua na área de Ciências Atmosféricas, com ênfase em Meteorologia Dinâmica, Modelagem Numérica da Atmosfera e Climatologia. É autor principal de um dos relatórios de mudanças climáticas regionais encomendado pelo Ministério do Meio Ambiente em uma parceria entre USP e CPTEC/INPE.

A entrevista foi publicada nas Notícias do Dia, de 18-07-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1gE4pFG>.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Como a Encíclica *Laudato Si'* foi recebida entre os cientistas brasileiros? Quais as contribuições mais significativas do documento para o campo?**

**Tercio Ambrizzi** - De forma geral, a Encíclica foi bem recebida. Demonstra uma preocupação com o planeta de forma geral e um apoio bem-vindo para as discussões que irão ocorrer na próxima COP<sup>1</sup>. Em termos de contribuições, ela faz, na verdade, uma revisão básica do estado da arte do conhecimento. Mas, por óbvio, não há contribuições científicas novas.

**IHU On-Line - A grande questão ambiental que está presente em todos os capítulos da *Laudato Si'* é o aquecimento global. Como é possível compreender esse fenômeno na perspectiva da Encíclica?**

**Tercio Ambrizzi** - Não li todo o conteúdo da Encíclica, mas em vários trechos o texto tenta deixar claro o conceito do aquecimento global e o quanto nocivo pode ser para a humanidade.

**IHU On-Line - A *Laudato Si'* é elogiada pelo embasamento científico. No entanto, é criticada por ter excluído a vertente que pensa o aquecimento global de forma não antropogênica. Como avalia essa questão? Qual o impacto das ações humanas no aquecimento?**

**Tercio Ambrizzi** - Na verdade, a fração de pesquisadores que são considerados negacionistas<sup>2</sup> é mui-

<sup>1</sup> **COP 21:** COP é a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática. É a autoridade máxima para a tomada de decisões sobre os esforços para controlar a emissão dos gases de efeito estufa. Em 2015, a COP tem sua 21ª edição, a ser realizada em Paris, França, em dezembro. O objetivo é revisar o comprometimento dos países, analisar os inventários de emissões e discutir novas descobertas científicas sobre o tema. Foi criada na ECO-92 e teve sua primeira edição em 1995, em Berlim, na Alemanha. Desde então, ocorre anualmente. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> No sentido de que negam o aquecimento global antropogênico. (Nota da **IHU On-Line**)

to pequena comparado com aqueles que concordam que as mudanças climáticas, particularmente sua aceleração em relação à variabilidade natural, é fruto da ação do homem. Além do mais, as bases científicas utilizadas para negar o aquecimento global são fracas e têm muito mais incertezas do que as que afirmam que ele se deve à ação antrópica.

**IHU On-Line - De que forma as mudanças climáticas impactam na organização da sociedade, na economia e até mesmo nas relações internacionais? Como podemos perceber isso desde o Brasil?**

**Tercio Ambrizzi** - As mudanças climáticas podem impactar a sociedade de diversas formas. Se pegarmos apenas os impactos devidos a extremos climáticos (enchentes ou secas extremas, por exemplo), veremos que há um impacto grande sobre as pessoas mais vulneráveis (desabrigados devido a enchentes ou lavouras ou culturas de subsistência sem água em razão de períodos de secas extensas). Isso acaba se refletindo na economia local e mesmo do Estado. Como mudanças do clima não têm fronteiras, todos estão envolvidos. Sendo assim, a discussão das reduções de emissões de gases de efeito estufa (GEE), da mitigação de impactos e outros tem um caráter transfronteiriço.

No Brasil, a percepção da variabilidade climática tem aumentado em função das secas contínuas no nordeste do Brasil e dos dois anos seguidos de seca no sudeste. Isso acarretou diminuição drástica dos reservatórios de água, impactando na produção de energia. Tais fatos têm impactos enormes na economia como um todo, prejudicando a agricultura, a indústria e mesmo o turismo em algumas regiões.

**IHU On-Line - O senhor integrou o grupo que trabalhou na composição do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC).**

**De que forma a Encíclica dialoga com os principais apontamentos do estudo?**

**Tercio Ambrizzi** - O PBMC seguiu muito de perto a estrutura do IPCC<sup>3</sup>, mas com um foco na ciência das mudanças climáticas que estava sendo feita no Brasil, particularmente. Os princípios da Encíclica estão inseridos nos Relatórios preparados pelo Painel. No entanto, no nosso caso, o foco era a América do Sul com ênfase no Brasil.

**IHU On-Line - Passados quase dois anos da apresentação dos estudos do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas, de que forma os governos (da União e dos estados) vêm buscando soluções para questões emergidas da pesquisa?**

**Tercio Ambrizzi** - Os relatórios produzidos pelo PBMC têm servido de base para alguns planos de ciência e tecnologia do governo. Servem, também, para apontar algumas deficiências em estudos específicos para o Brasil. Creio que, como uma primeira experiência, foi válido. No entanto, é necessário deixar claro que o PBMC deve continuar, e com ênfase e suporte do próprio governo. O objetivo deve ser o de contribuir para o aprimoramento da pesquisa neste tema e um desenvolvimento tecnológico para mitigar e se adaptar às mudanças do clima.

**IHU On-Line - De que forma a ciência, em especial Ciência Atmos-**

<sup>3</sup> **Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática - IPCC:** órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2.500 cientistas de todo o mundo. O documento divulgado pelo IPCC em fevereiro de 2007 afirmou que os homens são os responsáveis pelo aquecimento global. Sobre o tema, a **IHU On-Line** 215 produziu uma edição especial, intitulada *Estamos no mesmo barco. E com enjoo. Anotações sobre o relatório do IPCC*. O sítio do IHU tem dado ampla cobertura ao tema. No endereço eletrônico ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) podem ser acessadas entrevistas sobre o assunto. (Nota da **IHU On-Line**)

férica e estudos de clima, pode ser impactada pela *Laudato Si'*?

**Tercio Ambrizzi** - Creio que o maior impacto é na publicidade em relação à importância desta área para toda a humanidade e em sua expansão e conhecimento em termos científicos.

**IHU On-Line - A Encíclica critica a segmentação e o tecnocentrismo do mundo da ciência. Como compreender as mudanças climáticas de forma multidisciplinar?**

**Tercio Ambrizzi** - Na verdade, mais que multidisciplinar, as mudanças climáticas são interdisciplinares. Por exemplo, um aumento de temperatura tem impactos na saúde, na produção agrícola, na economia, etc. Note que tudo está inter-relacionado e devemos tratar este tema de forma conjunta e não isoladamente.

**IHU On-Line - A onda de compensação pelo mercado de carbono é vista como forma de minimizar impactos ambientais pela ação do ser humano. No entanto, o Papa Francisco alerta que essa lógica não subverte o sistema de degradação do planeta. Qual a sua opinião? Por que essa compensação virou mania, indo de grandes corporações até pequenas organizações? Quais os riscos dessa política?**

**Tercio Ambrizzi** - Primeiramente, com toda a publicidade em torno das mudanças climáticas, o tema sustentabilidade virou um modismo também. Assim, grandes corporações e mesmo as pequenas utilizam esse slogan para promover a relação entre seus produtos e a forma sustentável com que são gerados.

Por outro lado, a compensação pelo mercado de carbono sugere que se alguém está emitindo muito é possível pagar para outro que emita menos. Assim, vendendo os créditos dessa forma, estaria con-

tribuindo para um mundo sustentável. A preocupação do Papa vai na seguinte direção: é excelente quando uma empresa se torna sustentável, mas isso não pode ocorrer à custa de outra ou pela transferência de culpa por degradação a um terceiro.

**IHU On-Line - Como deve ser o impacto da *Laudato Si'* na política internacional de emissão de gases? E de que forma pode inspirar as discussões da COP 21, em dezembro, em Paris?**

**Tercio Ambrizzi** - A Igreja católica tem possivelmente bilhões de fiéis no mundo todo. Se ela puder motivar estes fiéis a se engajarem e pressionarem os governos, talvez consigamos efetivamente ter uma política internacional de emissões de GEE. Dessa forma, teremos um novo "Protocolo de Kyoto"<sup>4</sup> mais abrangente e forte.

**IHU On-Line - Como o senhor avalia os recentes acordos entre países sobre a redução na emissão de gases?**

**Tercio Ambrizzi** - Os acordos ainda são tímidos e a visão de gastos econômicos para efetivá-los é o verdadeiro motor por trás disso. Por outro lado, os acordos recentes dos dois maiores poluidores mundiais, China e Estados Unidos, mostram que pelo menos há uma intenção de diálogo e propostas. Isso pode ser um avanço.

**4 Protocolo de Kyoto ou Protocolo de Quioto:** consequência de uma série de eventos iniciada com a Toronto Conference on the Changing Atmosphere, no Canadá (outubro de 1988), seguida pelo IPCC's First Assessment Report em Sundsvall, Suécia (agosto de 1990) e que culminou com a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (CQNUMC, ou UNFCCC em inglês) na ECO-92 no Rio de Janeiro, Brasil (junho de 1992). Também reforça seções da CQNUMC. Constituiu-se no protocolo de um tratado internacional com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa antropogênica do aquecimento global. (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line - A *Laudato Si'* concebe o clima como bem comum. Destaca a importância da Amazônia, Bacia Fluvial do Congo, grandes lençóis freáticos e glaciares. Como pensar nesses locais como bem comum, de todos, sem destituir a soberania dos países? Aliás, qual a responsabilidade dos países que detêm essas áreas tão fundamentais para equalização do clima? A preservação das áreas passa pela manutenção dessa soberania?**

**Tercio Ambrizzi** - Todos nós vivemos no mesmo planeta, e o clima não tem fronteiras. Num primeiro momento, impedir que a Floresta Amazônica seja destruída, por exemplo, serviria para todos em termos de diminuição das emissões de carbono e impacto no clima global. Cabe ao país a preservação, sim. Não somente pensando no seu próprio povo, mas também em termos globais. Ações de manutenção devem ser feitas pelo próprio país ou então em colaboração com outros uma vez que pode beneficiar a todos. Obviamente toda e qualquer ação tem que ser liderada pelo país onde o ambiente deve ser preservado.

**IHU On-Line - E em que medida a internacionalização dessas áreas, como a Amazônia, representa um risco para todo mundo?**

**Tercio Ambrizzi** - Este é um tema mais difícil. Sem dúvida envolve a soberania discutida anteriormente. Creio que os governos devem ter ações próprias, amparadas pelo seu povo em função da importância de se preservar uma floresta tão importante como a Amazônia. Acredito que através da educação e do conhecimento possamos criar uma consciência sustentável para toda a nação. Assim, desta forma, preservar, cuidar e monitorar fará parte do nosso dia a dia, a fim de salvar o planeta em que vivemos. ■

# Da dívida ecológica ao débito do sistema financeiro com os pobres

O economista francês Gaël Giraud aponta os processos financeiristas como a raiz de toda a problemática ecológica de nosso tempo

Por Ricardo Machado | Tradução Vanise Dresch

**P**ensar as complexidades da crise global em que vivemos, chamada na *Laudato Si'* de Crise Ecológica, exige ampliar as sensibilidades e perceber o mundo para além do racionalismo técnico financeirista. Em linhas gerais, é isso o que o economista, teólogo e pesquisador francês Gaël Giraud argumenta em sua entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Em sua Encíclica, ele (o Papa) denuncia a ‘dívida ecológica’, ou seja, o fato de que, extraindo hoje da natureza mais do que ela é capaz de nos dar sem pôr em perigo sua própria renovação, acumulamos uma dívida muito maior do que os bilhões que a dívida da Grécia representa”, aponta Gaël.

“O ser humano é, antes de tudo, relação. Com Deus, com outrem, com a natureza. E quando danifica uma dessas três relações, ele danifica automaticamente as duas outras. O progresso é a cura do que está ferido nessas relações, é a regeneração de uma maneira santa de nos relacionarmos uns com os outros, com Deus e com a natureza”, complementa o pesquisador. De acordo com o economista, a finança é o principal empecilho para o progresso da humanidade. “De fato, os financistas têm a maior fatia de responsabilidade no desastre atual. Este foi um tema denunciado muitas vezes pelo Papa Francisco: muitos financistas são os grandes sacerdotes de uma religião pagã que erigiu o dinheiro em bezerro de ouro”, critica.

Frente a tal cenário, Gaël reforça o discurso de Francisco e argumenta que as alternativas para o momento de crise estão com a potência criadora dos pobres. “São eles (os pobres) que inventarão formas humanas e dignas de vida. A economia solidária, a partilha, as cooperativas, a economia circular são exemplos dessas invenções”, reitera.

Gaël Giraud é diretor de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS, membro do Centro de Economia da Sorbonne e da Escola de Economia de Paris e professor associado na ESCP-Europe. Jesuíta, faz parte do conselho científico do Laboratório sobre Regulação Financeira e do Observatório Europeu Finance Watch. Além disso, leciona no Centre Sèvres, dos jesuítas, e é membro do conselho científico da Fundação Nicolas Hulot para a Natureza e o Homem. O trabalho de Gaël Giraud pode ser visto em seu sítio na internet [www.gaelgiraud.net](http://www.gaelgiraud.net). É autor de vários livros, dos quais destacamos *Illusion financière* (Paris: Les Éditions de l'Atelier, 2014), *Le facteur 12. Pourquoi il faut plafonner les revenus* (Paris: Carnets Nord-Montparnasse éditions, 2012) e *Vingt propositions pour réformer le capitalisme* (Paris: Ed. Flammarion, 2009).

A entrevista foi publicada nas Notícias do Dia, de 02-08-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1IjU209>.

**Confira a entrevista.**



**IHU On-Line - Que novidade a *Laudato Si'* traz ao debate relacionado às questões ambientais em perspectiva com a racionalidade economicista?**

**Gaël Giraud** - A Encíclica do Papa Francisco privilegia a manutenção das condições de vida decente para todos no planeta. Ela constata que somente a acumulação do lucro não possibilita reunir essas condições, e dá prioridade às condições de vida para todos. Ora, a racionalidade econômica dominante, essa que se expressa através da dita economia neoclássica, parte da hipótese de que a maximização do lucro pelas empresas e a concorrência são o segredo da prosperidade. O Papa Francisco diz simplesmente que isso é uma mentira. Foi o que ele repetiu, com muita pertinência, em seu grande discurso em Santa Cruz de La Sierra,<sup>1</sup> Bolívia, em 09 de julho de 2015. Alegar que o lucro privado e a concorrência vão garantir a prosperidade e, em particular, garantir condições de vida digna para todos num planeta que é finito é uma mentira. Aliás, como a própria economia neoclássica reconhece, na realidade, a teoria do equilíbrio geral (elaborada nos anos 1950 por Arrow<sup>2</sup> e Debreu,<sup>3</sup> que receberam por isso o Prêmio dito "Nobel" de economia) considera que os mercados financeiros são muito ineficazes na alocação do capital e do risco. Considera também que os mercados não podem internalizar corretamente as "externalidades" provocadas pela poluição, pela destruição da biodiversidade e pelo desajuste climático. Nessas condições, aqueles que pretendem solucionar esses imensos problemas unicamente com o

1 A íntegra pode ser lida nas Notícias do Dia, de 10-07-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1IASSiG>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Kenneth Joseph Arrow** (1921): é um economista estadunidense. Recebeu o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel de 1972. É considerado um dos fundadores da moderna (pós Segunda Guerra Mundial) economia neoclássica. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Gérard Debreu (1921-2004): foi um economista estadunidense (naturalizado em 1974) de origem francesa. Foi laureado com o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel de 1983. (Nota da **IHU On-Line**)

apoio do mercado são ignorantes em economia ou usurpadores.

**IHU On-Line - Como o senhor compreende o paradigma tecnocômico discutido na Encíclica?**

**Gaël Giraud** - Esse paradigma foi fartamente denunciado pelo teólogo protestante Jacques Ellul.<sup>4</sup> Em certo sentido, a Encíclica retoma temas bem conhecidos do pensamento de Ellul. Trata-se de denunciar a ilusão de que a técnica nos salvará do desastre climático e ecológico. Alguns recusam, de fato, considerar a mudança radical de modo de vida a que precisamos consentir, explicando que conseguiremos, mais cedo ou mais tarde, encontrar um aparato técnico para o desafio ecológico. Muitos defensores da geoengenharia, especialmente nos Estados Unidos, mantêm esse estado de espírito. Ora, tais soluções não existem hoje, e não estamos prestes a encontrá-las sem riscos consideráveis para a humanidade. É isso que Clive Hamilton,<sup>5</sup> por exemplo, denuncia veementemente. Então, cessemos de sonhar que uma alga patenteada pelo Massachusetts Institute of Technology - MIT vá conseguir digerir o carbono que lançamos na atmosfera. Reconheçamos que precisamos mudar de estilo de vida. Eis o apelo que nos lança a Encíclica.

**IHU On-Line - De que forma as crises ambiental e social estão relacionadas à questão econômica? Como isso fica evidenciado na Encíclica?**

4 Jacques Ellul: nascido em Bordeaux, na França, o teólogo foi um dos líderes da resistência francesa durante a 2ª Guerra Mundial. Trabalha com tecnologia, fazendo uma aproximação determinista e fatalista. Entre os livros publicados está *Anarchy and Christianity* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co 1991), em que argumenta que o anarquismo e o cristianismo têm as mesmas perspectivas sociais. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Clive Charles Hamilton** (1953): é um australiano intelectual público e professor de Ética Pública do Centro de Filosofia Aplicada e Ética Pública, e vice-chanceler em Ética Pública da Charles Sturt University. É membro do Conselho de Administração da Autoridade de Mudanças Climáticas do governo australiano, além de fundador e ex-diretor executivo do The Institute Australia. (Nota da **IHU On-Line**)

**Gaël Giraud** - O desajuste climático é a injustiça em mais alto grau. De fato, ele afetará muito mais rápido e de forma muito mais duradoura os mais pobres. Tanto os países do Sul mais pobres como, em cada país, as populações mais pobres. Aliás, essa é uma das razões pelas quais as elites econômicas de um grande número de países não levam a sério o desajuste climático e a destruição da biodiversidade. Elas estão convencidas de que terão riqueza suficiente para se salvarem disso, enquanto os pobres morrerão. Ora, a economia neoclássica dominante alega que as questões de justiça não contam: a divisão da riqueza não é ditada, nesse pensamento econômico, por uma lógica política, tampouco, portanto, por considerações éticas, sendo puramente ditada por uma lógica interna ao mercado. Pelo menos, é o que alega a economia neoclássica. Porém, isso não é verdadeiro: a economia neoclássica fracassou completamente em seu programa epistemológico que consiste em excluir a justiça social do campo da economia. Na realidade, tornou-se um puro instrumento ideológico de defesa dos interesses dos mais ricos. Da mesma maneira que o marxismo-leninismo se tornou, na União Soviética, um puro instrumento ideológico de defesa dos interesses dos caciques do Partido. Assim, a adoção da economia neoclássica como paradigma dominante na formação das elites, dos economistas, dos funcionários públicos, etc., gerou aquilo a que essa economia visa: a apropriação, por uma minoria cada vez menor, da riqueza produzida; a explosão das desigualdades, à custa dos mais pobres. Isso é também denunciado pela Encíclica.

Além disso, essa ideologia neoclássica está alicerçada na ideia de que o crescimento da produção é uma coisa boa em si. É neste aspecto que ela adere à quimera de uma salvação pela técnica. Existe uma convivência muito forte entre o produtivismo, o culto da técnica, a concorrência como modo de relação universal e a ideologia neoclássica. Observem como erigimos o crescimento do Produto Interno

Bruto - PIB em bezerro de ouro! Ora, o crescimento do PIB é acompanhado por um crescimento proporcional das devastações ecológicas e do consumo de energia (fóssil na maioria das vezes). Enquanto nossas economias não conseguirem desvincular a prosperidade do consumo de energia fóssil, continuaremos destruindo o planeta, fazendo de conta que estamos trabalhando pelo bem de todos, ao passo que essa destruição beneficia tão somente um pequeno grupo.

**IHU On-Line - Qual a relação da crise ecológica apresentada pelo Papa Francisco e os altos níveis globais de desigualdade?**

**Gaël Giraud** - De forma pertinente, a Encíclica estabelece uma ponte entre a explosão das desigualdades e a crise ambiental. Como expliquei em meu livro *Le facteur 12. Pourquoi il faut plafonner les revenus* (Paris: Carnets Nord-Montparnasse éditions, 2012) está constatado, hoje, que são os ricos que poluem mais. O modo de vida deles os leva a emitir consideravelmente mais gases de efeito estufa do que os mais pobres. Isto é verdadeiro tanto em nível nacional (cada canadense emite, em média, mais de dez vezes mais carbono que um habitante da Zâmbia), quanto dentro de um mesmo país. Ora, como acabamos de ver, o enriquecimento dos mais ricos não traz nenhuma garantia de prosperidade aos mais pobres. Assim, as desigualdades significam simplesmente que os mais ricos conseguem captar uma parte crescente da riqueza produzida (por todos) para o seu benefício pessoal. E essa acumulação de riqueza os leva a adotar modos de vida predadores em relação ao planeta, logo, em relação às gerações vindouras. É por essa razão que se faz necessário reduzir as desigualdades para salvar o clima.

**IHU On-Line - A dívida externa é um dos temas mais discutidos em nível global, como, por exemplo, a questão contemporânea da Grécia. No entanto, a dívida ecológica não entra na pauta das relações internacionais. De que**

**forma isso evidencia uma espécie de degradação ética e ambiental?**

**Gaël Giraud** - A dívida pública da Grécia é um pretexto, encontrado pelas autoridades europeias, para provocar a saída da Grécia da zona do euro. Martin Schulz<sup>6</sup> afirmou isto explicitamente, e Wolfgang Schäuble<sup>7</sup> também: a intenção do governo alemão e do eurogrupo não é ajudar a Grécia a se salvar. É excluir a Grécia a qualquer preço ou derrubar o governo Tsipras. No segundo caso, isso levaria a Grécia a seguir a trajetória da Itália, depois da substituição de Berlusconi<sup>8</sup> por Monti<sup>9</sup> (um técnico neoclássico sem nenhuma legitimidade democrática, que foi afastado da vida política italiana assim que os italianos puderam votar!). O equivalente grego de Monti instauraria maior austeridade orçamentária, continuaria reduzindo os salários e rebaixaria a Grécia, no plano econômico, ao nível de um povoado chinês rural. Dessa maneira, os industriais alemães poderiam investir na Grécia, colocando os gregos a trabalhar com níveis salariais chineses. A prosperidade industrial alemã tem se baseado, nos últimos vinte anos, em suas “colônias do

interior”, isto é, pagando salários de miséria para aqueles que trabalham arduamente no lugar dos alemães. Mas o governo de Angela Merkel,<sup>10</sup> sem dúvida, entendeu que essa estratégia, aplicada com êxito no leste europeu, não funcionará com a Grécia. O comunismo não é comparável à Igreja ortodoxa: ao contrário dos antigos países do bloco soviético, a Grécia não dispõe de uma administração pública suficientemente forte para impor um regime econômico de ferro a assalariados subpagos. Portanto, o governo alemão tomou a primeira opção, a do *Grexist*.<sup>11</sup> Aliás, nem todos os alemães concordam com essa estratégia. É o caso, notadamente, de Sven Giegold.<sup>12</sup> Por que o governo Merkel-Schäuble-Schulz fez essa opção? Por temor de que as regras da zona do euro sejam questionadas. De fato, a zona do euro é uma zona sem projeto político, que funciona somente por regras, as quais, por sua vez, foram inspiradas em uma economia neoclássica (que, como vimos, é mentirosa). Essa zona está construída com base na ideia (falsa) de que o equilíbrio orçamentário é desejável *a priori*, de que as dívidas privadas não têm nenhuma importância e de que, quando as finanças públicas de um país se descontrolam, convém adotar a austeridade a qualquer preço. Nem todas essas receitas funcionam, como temos visto fartamente nos últimos cinco anos pelo menos. É por temer uma contestação dessas regras (que não têm nenhum fundamento sério) que o governo alemão quer provocar a saída da Grécia, para fazer dela um exem-

6 **Martin Schulz** (1955): é um político alemão pertencente ao Partido Social-Democrata da Alemanha (filiação à Internacional Socialista). Schulz é deputado do Parlamento Europeu desde 1994, foi desde 2004 o coordenador da bancada socialista e foi eleito Presidente do Parlamento Europeu em 17 de Janeiro de 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Wolfgang Schäuble** (1942): é um político alemão do partido União Democrata-Cristã. É desde 22 de novembro de 2005 o Ministro das Finanças da Alemanha de Merkel. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Silvio Berlusconi** (1936): líder político do partido Força Itália, que criou especificamente para sua entrada na vida política. É o proprietário do império midiático italiano Mediaset, além de empresário de comunicações, bancos e entretenimento. É a pessoa mais rica da Itália, segundo a revista *Forbes*, e o 37º mais rico do mundo. Foi acusado inúmeras vezes de corrupção e ligações com a Máfia. Gerou polêmica na Europa ao apoiar a Guerra dos EUA contra o Iraque, em 2003. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Mario Monti** (1943): é um economista e político italiano, Primeiro-ministro de seu país, de 2011 a 2013. Foi comissário europeu durante dois mandatos consecutivos e reitor e presidente da Universidade Luigi Bocconi. Em 2011, em meio à Crise do Euro, foi eleito Presidente do Conselho de Ministros, tendo sido nomeado, antes disso, senador vitalício no Senado italiano. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Angela Merkel** (1954): cientista e política alemã, é chanceler de seu país desde 2005 e líder do partido União Democrata-Cristã - CDU desde 2000. Em setembro de 2013 sua coligação venceu por ampla maioria as eleições legislativas, sem, contudo, obter a maioria absoluta que lhe permitiria formar um terceiro mandato sem outras coligações. É, na atualidade, uma das principais líderes da União Europeia. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Termo para designar a expulsão da Grécia da zona do euro. (Nota do Tradutor)

12 **Sven Giegold** (1969): é um político alemão pela Aliança 90/Verdes e um dos membros fundadores da Attac Alemanha. Ele se tornou um membro dos Verdes apenas em 2008, e foi eleito para o Parlamento Europeu nas eleições de 2009. (Nota da **IHU On-Line**)

plo capaz de insuflar medo nos outros países: Portugal, Espanha, Itália e, sobretudo, França.

O Papa Francisco já denunciou o absurdo dos credores europeus que exigem o pagamento de uma dívida que os gregos nunca conseguirão pagar. Em sua Encíclica, ele denuncia a “dívida ecológica”, ou seja, o fato de que, extraindo hoje da natureza mais do que ela é capaz de nos dar sem pôr em perigo sua própria renovação, acumulamos uma dívida muito maior do que os bilhões que a dívida da Grécia representa. Se avaliarmos, por exemplo, as degradações que infligimos ao planeta pela nossa pegada ecológica, esta é, hoje, equivalente a cerca de um planeta e meio. Em outras palavras, os ricos (pois são eles que, em sua maioria, degradam o planeta, como já se disse) vivem como se tivessem à sua disposição planeta e meio. A quem eles devem essa dívida ecológica? A toda a humanidade que vive hoje no planeta e que já sofre com o desajuste climático (como, por exemplo, os habitantes das ilhas do Pacífico, principalmente em Vanuatu, que em breve será engolida pela subida do nível das águas), bem como à humanidade que habitará esse planeta nos próximos anos e que sofrerá ainda mais com o desajuste climático.

O pagamento dessa dívida é uma questão elementar de justiça. O Papa não está fazendo nada mais que lembrar a justiça. E a tradição bíblica, desde sempre, fez da justiça a marca distintiva da santidade, da amizade com Deus. Em outras palavras, aos olhos de Francisco, a recusa pelos mais ricos de pagar sua dívida ecológica é um imenso pecado. Talvez o pecado mais grave hoje.

**IHU On-Line - Que tipo de “progresso” Bergoglio propõe quando sustenta que devemos redefinir tal conceito?**

Gaël Giraud - É preciso entender que o progresso humano não pode ser medido pela técnica, tampouco pelo lucro. Mede-se, sobretudo, pela qualidade das relações sociais que tecemos entre nós. Assim, a Encíclica insiste muito na vertente relacional da antropologia. O

ser humano é, antes de tudo, relação. Com Deus, com outrem, com a natureza. E quando danifica uma dessas três relações, ele danifica automaticamente as duas outras. O progresso é a cura do que está ferido nessas relações, é a regeneração de uma maneira santa de nos relacionarmos uns com os outros, com Deus e com a natureza. Desenvolvi, juntamente com Cécile Renouard,<sup>13</sup> um índice que batizamos de *Relational Capability Index*, que mede a qualidade do tecido social. É uma maneira de medir o progresso.

**IHU On-Line - De que forma a ideia da “mão invisível do mercado” e, conseqüentemente, a racionalidade moderna fracassaram no projeto de desenvolvimento humano? De que forma esta matriz de pensamento nos levou ao paradigma tecnocrático contemporâneo?**

Gaël Giraud - Como eu disse, o mercado é muito ineficiente. A pobreza está longe de ter desaparecido no mundo. Em realidade, as estatísticas que mostram que a proporção do número de pobres diminuiu se esquecem de explicar que isso se deve essencialmente à política voluntarista da China. E isso nada tem a ver com o Consenso de Washington<sup>14</sup> ou o livre-comércio, uma vez que a China é um dos raros países do planeta que não adotaram a economia neoclássica como paradigma.

<sup>13</sup> **Cecile Renouard**: desde 2006 ensina ética social e filosofia moral e política no Centro Sèvres, em Paris. De formação inicial econômica e comercial, estudos de teologia e filosofia a levaram a escrever uma tese de filosofia política sobre a responsabilidade ética das empresas multinacionais nos países em desenvolvimento. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>14</sup> **Consenso de Washington**: conjunto de medidas composto por dez regras básicas, formulado em novembro de 1989 por economistas de instituições financeiras baseadas em Washington D.C., como o FMI, o Banco Mundial e o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, fundamentadas num texto do economista John Williamson, do International Institute for Economy, e que se tornou a política oficial do Fundo Monetário Internacional em 1990, quando passou a ser “receitado” para promover o “ajustamento macroeconômico” dos países em desenvolvimento que passavam por dificuldades. (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line - Do que se trata a ideia de Ecologia Integral trazida pelo Papa Francisco?**

Gaël Giraud - Ela se enraíza no que eu disse a respeito da unidade em nossas relações. A ecologia integral é aquela que cuida de nossos três tipos de relações: com Deus, entre os humanos e com a natureza.

**IHU On-Line - Quais saídas a Encíclica aponta? De que forma o texto aborda as complexidades de nosso tempo?**

Gaël Giraud - A Encíclica diz muito claramente que a finança é o principal obstáculo ao progresso. De fato, os financistas têm a maior fatia de responsabilidade no desastre atual. Este foi um tema denunciado muitas vezes pelo Papa Francisco: muitos financistas são grandes sacerdotes de uma religião pagã que erigiu o dinheiro em bezerro de ouro.

Portanto, primeiro ponto muito concreto: a Encíclica recomenda neutralizar o poder dos banqueiros. Já era o que dizia o Papa Pio XI,<sup>15</sup> em 1931, em sua encíclica *Quadragesimo Anno*.<sup>16</sup> Segundo ponto: a Encíclica evoca também muito claramente a necessidade de os países do Norte aceitarem “certo decréscimo”. É preciso romper com o produtivismo, a loucura da concorrência de todos contra todos, do crescimento do PIB a qualquer custo. Em seguida, em seu grande discurso de Santa Cruz de la Sierra, Francisco diz, de forma ainda mais clara do que na Encíclica, que a “chave” são os pobres. São eles que inventarão formas humanas e dignas de vida. A economia solidária, a partilha, as cooperativas, a economia circular são exemplos dessas invenções.

<sup>15</sup> **Papa Pio XI** (1857-1939): nascido Ambrogio Damiano Achille Ratti, foi Papa de 6 de fevereiro de 1922 até a data da sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>16</sup> **Quadragesimo Anno**: Encíclica “sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a Lei Evangélica no XL aniversário da Encíclica de Leão XIII ‘Rerum Novarum’”, de autoria do Papa Pio XI, publicada em 15 de maio de 1931, disponível em <http://migre.me/4mXxa>. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Bergoglio diz na Encíclica: “Às vezes, para que haja uma liberdade econômica da qual todos realmente se beneficiem, pode ser necessário pôr limites àqueles que detêm maiores recursos e poder financeiro” (LS 129). É possível fazer uma relação desta perspectiva com propostas que defendem a taxaçoão às grandes fortunas? Como?

Gaël Giraud - É claro. Aumentar o imposto sobre a fortuna é uma maneira entre muitas outras de estabelecer limites para aqueles que dispõem de mais meios de destruir o planeta e, portanto, de ferir a Deus e aos homens. Mas existem muitas outras maneiras. O problema do imposto é que ele sempre intervém tarde demais. Ele supõe que a relação de forças já esteja estabelecida, para tentar corrigir desigualdades *ex post*. Então, ele não contesta radicalmente o modo de produção e as desigualdades que o acompanham. É isso que meu colega Piketty<sup>17</sup> não entende. Ao

propor um imposto sobre o capital, Piketty quer apenas manter o sistema. O Papa Francisco, ao contrário, pede que se implemente “outro sistema”. Como fazer isso? Em meu livro *Vingt propositions pour réformer le capitalisme* (Paris: Ed. Flammarion, 2009), apresento várias propostas nesse sentido. O mais urgente e importante é reformar a finança. Cindir os bancos entre bancos de depósitos e bancos de mercado, principalmente.

IHU On-Line - De que maneira a Encíclica coloca em pauta outro tipo de racionalidade e como isso pode impactar e tensionar a compreensão hegemônica da economia?

Gaël Giraud - A racionalidade que a Encíclica propõe é aquela do amor, da ternura. A que a economia neoclássica promove é uma racionalidade mortífera, de uma humanidade que não crê mais em seu futuro e cujas elites tentam

sigualdade. A edição 449 da **IHU On-Line**, intitulada *A desigualdade no século XXI. A desconstrução do mito da meritocracia*, inspira-se na obra *O Capital no Século XXI* e foi publicada meses antes de a obra ser publicada traduzida no Brasil. O IHU realiza no segundo semestre de 2015 o Ciclo de Estudos *O Capital no Século XXI* – uma discussão sobre a desigualdade no Brasil. Mais informações em <http://bit.ly/1PO4PS2>. (Nota da **IHU On-Line**)

se apropriar do máximo de riquezas possíveis para salvar sua pele quando o Titanic afundar.

IHU On-Line - O senhor deseja acrescentar algo?

Gaël Giraud - Leiam a Encíclica! É provavelmente o texto magistral mais importante que a Igreja católica escreveu desde o Concílio Vaticano II.<sup>18</sup> ■

**18 Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O **Instituto Humanitas Unisinos - IHU** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/02e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II, 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. (Nota da **IHU On-Line**)

**17 Thomas Piketty** (1971): economista francês, concentra seus estudos no acúmulo e desigualdade de renda. É diretor de pesquisas da École des hautes études en sciences sociales (EHESS) e professor da Escola de Economia de Paris. Seu livro best-seller, *O Capital no Século XXI*, enfatiza as questões do acúmulo de renda nos últimos 250 anos, e argumenta que o acúmulo de capital cresce mais rápido que a economia, o que gera de-

## LEIA MAIS...

- *Gaël Giraud, jesuíta, economista-chefe da Agência Francesa de Desenvolvimento?* Reportagem sobre Gaël Giraud publicada nas **Notícias do Dia**, de 04-02-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1KbcYBs>.
- “*O problema não é a dívida pública, mas os bancos.*” Entrevista com Gaël Giraud publicada nas **Notícias do Dia**, de 10-10-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1THbDGS>.
- *Gaël Giraud: o jesuíta que enfrenta os bancos.* Entrevista publicada nas **Notícias do Dia**, de 04-06-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1TH9g6X>.
- *Para o economista Gaël Giraud, “a política de austeridade equivoca-se no diagnóstico”.* Entrevista publicada nas **Notícias do Dia**, de 19-09-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1Hz3krq>.
- *A ecologia econômica como alternativa às desigualdades.* Entrevista publicada na **IHU On-Line**, edição 449, de 04-08-2014, disponível em <http://bit.ly/1LqDKr2>.
- *Além da moral dos bancos.* Entrevista com Gaël Giraud publicada nas **Notícias do Dia**, de 13-01-2012, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1fQjpd>.

# Manifesto Eco Modernista e *Laudato Si'*: duas visões da crise ecológica

Para Maurício Waldman, a Encíclica propõe repensar o tecnocentrismo. Já o Manifesto empodera a tecnologia

Por João Vitor Santos

O sociólogo e antropólogo Maurício Waldman propõe outro olhar sobre a Encíclica *Laudato Si'*. Para entender a complexidade do documento, dos conceitos aos avanços que propõe no debate sobre a crise ecológica, traz o Manifesto Eco Modernista - documento lançado em abril de 2015 por personalidades ambientalistas, contestando teses clássicas da área. Para ele, tradutor e crítico do Manifesto, a Encíclica tem outra dimensão. Os dois nascem a partir da constatação de uma crise. “Embora expressando concepções muito diferentes, tanto o Manifesto Eco Modernista quanto a Encíclica *Laudato Si'* se inscrevem num mesmo rol de preocupações e debates ambientais”, destaca. No entanto, lembra que “o Manifesto Eco Modernista adota uma linha inspirada no tecnicismo”. Já a Encíclica entende que “as tecnologias apenas poderão se traduzir em boas novas para as amplas maiorias, na hipótese de um sentido ético mais profundo ser emprestado ao conhecimento científico”.

Em certa medida, o movimento de análise proposto pelo professor evidencia o quanto a modernidade é cegada pela sedução tecnológica, a qual é vista como a opção mais viável para superar a crise ambiental. “No Manifesto esta tendência se materializa quando, no texto, a tecnologia é empoderada de opções que não são da sua alçada”, completa Waldman. Para ele, aproximando os dois documentos é possível perceber que o “Manifesto Eco Modernista pode ser definido enquanto uma proposta preocupada em adereçar a modernidade com um signo ecológico”. Já *Laudato Si'* “é uma afirmação da vida humana como parte de um projeto maior, integrado à aspiração de um acerto de mundo, da continuidade da Criação e da interação dos humanos com elementos constitutivos da mística espiritual”. Por isso, busca uma saída da crise a partir da abordagem complexa apresentada pela ideia de ecologia integral.

Waldman também trata deste conceito de Ecologia Integral e da crítica ao antropocentrismo, pre-

sente na Encíclica, paralelamente ao conceito de “Bom Antropoceno”, presente no Manifesto. Este segundo conceito vê a solução a partir do acesso universal das ferramentas tecnológicas. “Os pobres adquiriram benesses técnicas e continuaram a ser o que sempre foram: uma massa de excluídos funcionalmente do sistema”, critica. Porém, pensando em alinhamento com a Encíclica, destaca que “um Bom Antropoceno será gerado não por mais tecnicidade, mas sim por mais humanidade”.

Maurício Waldman é doutor em Geografia, mestre em Antropologia e graduado em Sociologia pela Universidade de São Paulo - USP. cursou pós-doutorado em Geociências pela Universidade de Campinas - UNICAMP e em Relações Internacionais pela USP. Waldman iniciou em janeiro de 2014 seu 3º pós-doutorado, pesquisa centrada na área do meio ambiente com foco na questão dos catadores, incineração e reciclagem dos resíduos sólidos. A investigação possui respaldo institucional da Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE, de Presidente Prudente, e financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Ambientalista histórico do estado de São Paulo, participou em mobilizações antinucleares e em prol das águas doces da região da Grande São Paulo. Traduziu diversos textos e livros, tais como *O Ecologismo dos Pobres*, de Joan Martinez Alier, e *50 Grandes Filósofos*, de Diané Collinson. Entre suas obras estão *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992), *Meio Ambiente & Antropologia* (Senac, 2006), *Antropologia Ambiental e Lixo: Cenários e Desafios* (Cortez 2010). Neste ano, Maurício Waldman traduziu para o português, juntamente com Alcides Tadeu Marques, o *Manifesto Eco Modernista*, que pode ser lido na íntegra em <http://bit.ly/1hfqfzw>.

A entrevista foi publicada nas Notícias do Dia, de 07-07-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1ljU2O9>.

**Confira a entrevista.**



## Os pobres adquiriram benesses técnicas e continuaram a ser o que sempre foram: uma massa de excluídos funcionalmente do sistema

**IHU On-Line - Como ambientalista, qual valor o senhor atribui à Encíclica?**

**Maurício Waldman** - Primeiramente, cabem algumas palavras à figura-chave da Encíclica *Laudato Si'*: o Papa Francisco. Protagonista central do documento, Francisco é um pontífice cujo modo de ser e de pensar granjeou-lhe em pouco tempo calorosa popularidade. No campo católico, no seio das múltiplas confissões cristãs e em muitos ponderáveis segmentos da opinião pública mundial, o Papa projetou uma imagem de simpatia e receptividade. É visível o quanto tem se empenhado em criar uma atmosfera de interlocução entre atores diferentes e diferenciados entre si.

Em face da gravidade do momento que vivemos, deixou claro desde o início do seu pontificado uma disposição em abrir portas para o diálogo sobre temas candentes, cruciais para o futuro imediato. Dentre estes, evidentemente a temática ambiental. Aliás, é inescapável sublinhar que a adoção do nome Francisco foi em si mesmo um ato carregado de simbolismo ecológico. Em face da sua obra, trajetória e pregação de São Francisco de Assis – marcada pela compaixão para com todos os seres vivos, pelos pobres e desafortunados – o santo católico inspira forte vínculo com as ideias ambientalistas. Não há quem coloque em dúvida que São Francisco de Assis desfrutou de popularidade em todos os segmentos sociais, grupos e comunidades, assertiva que incluiria até mesmo fiéis de outras religiões. Nesta se-

quência, a predileção demonstrada pelo Papa por São Francisco de Assis é seguramente inspiradora.

**IHU On-Line - Por que esse recorte é importante para compreendermos a Encíclica?**

**Maurício Waldman** - A Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco e São Francisco estão conceitualmente, contextualmente e conjunturalmente articulados das mais diversas formas na narrativa do documento. De mais a mais, como seria evidente para todo conhecedor de confecção de texto, não é nem um pouco fortuito que o próprio nome da Encíclica – *Laudato Si'* – sinalize para um famoso cântico atribuído ao santo, conhecido pelo seu apreço à natureza e aos pobres.

A vocação da Encíclica em defesa da integralidade da Criação, evidente no subtítulo “Sobre o cuidado da Casa Comum”, se insere de igual modo na órbita das pregações franciscanas. Além de citado no preâmbulo, o ideário franciscano configura um fio condutor em inúmeros apontamentos tecidos ao longo do documento. Isto, tanto em menções textuais quanto como pressuposto das argumentações. Em suma, a presença da doutrina pastoral de São Francisco na grade conceitual da Encíclica é inquestionável. Ademais, o fato da *Laudato Si'* ter uma redação construída na primeira pessoa do singular confirma o vínculo que conecta o Papa Francisco como a narrativa da Encíclica e como a mensagem franciscanista.

**IHU On-Line - Qual o conceito central do documento?**

**Maurício Waldman** - A noção mais importante é a responsabilidade dos humanos como mantenedores da Criação. Até porque, uma vez oriundos da terra, cabe aos humanos, como nos recordaria o livro de Gênesis, zelar e guardar pela mesma terra da qual foram formados. Uma função que apenas pode ser executada com o exercício da cultura da paz e da cultura da não violência, plataforma que na Encíclica engloba a justiça social. Nesta perspectiva, a *Laudato Si'* resgata pronunciamentos de papas que antecederam Francisco. Dentre estes constam *Pacem in Terris*<sup>1</sup>, proclamada por João XXIII<sup>2</sup> (1962), o Discurso à Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura - FAO de Paulo VI<sup>3</sup> (1971) e as Cartas *Redemptor hominis*<sup>4</sup> e

<sup>1</sup> ***Pacem in terris***: Carta encíclica do Papa João XXIII a todos os homens e mulheres de boa-vontade, com uma mensagem de esperança. A *Pacem in Terris* enuncia quatro critérios para uma sociedade em paz: verdade, justiça, amor e liberdade. Trata-se de quatro valores tão essenciais que constituem não somente os sinais que nos permitem reconhecer uma sociedade realizada, mas também os quatro princípios que sustentam o edifício da paz. A revista **IHU On-Line** já abordou esse tema na edição número 53, datada de 31 de março de 2003, com o título *40 anos depois: Pacem in terris*. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Papa Paulo VI**: nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> ***Redemptor hominis*** (em português “o Redentor do homem”): primeira encíclica escrita pelo Papa João Paulo II. Estabelece um modelo para seu pontificado em sua exploração dos problemas humanos contemporâneos e, especialmente, suas soluções propostas encontrados em uma compreensão mais profunda da pessoa humana. A encíclica foi promulgada em 4 de março de 1979, menos de cinco meses após a sua instalação como papa. (Nota da **IHU On-Line**)

*Centesimus annus*<sup>5</sup>, anunciadas por João Paulo II<sup>6</sup> (1979 e 2001). Não obstante, uma nota predominante da Encíclica é o franciscanismo, eventualmente mesclado a subsídios advindos dos debates que marcaram o trabalho dos hermenutas bíblicos cristãos nos anos 1980 e 1990, em especial os filiados a uma declinação crítica.

Manifestadamente, o texto apreende uma índole mística, sensível ao mundo do mistério, básica para articular a visão crítica inscrita na Encíclica, voltada, no caso, para avaliar a crise ambiental. Com base nesta lógica, a *Laudato Si'* afirma a necessidade de se pensar os sentidos místicos e espirituais que energizam o viver no mundo, desvelando sua profundidade, integralidade e, nesta perspectiva, o alcance postado pela plenitude. Uma plataforma que se justificaria unicamente através da animação de todos os seres e pelo respeito à vida e à justiça. Reflexão teológica que enquanto tal se associa às prédicas franciscanistas de Francisco de Assis.

**IHU On-Line - De que forma a religião pode influenciar a ciência? É possível se pensar numa ciência mais humanista, baseada na relação com a religião?**

**Maurício Waldman** - Entendo que a religião enquanto experiência contextualizada se articula ao conjunto de fenômenos socioculturais que modelam o *ethos*. Diz respeito ao caráter, crenças e ideais estruturantes da identidade de comunidades, nações, povos, grupos

<sup>5</sup> *Centesimus Annus*: *Centesimus Annus*: carta encíclica do Papa João Paulo II, promulgada em 1º de maio de 1991, para marcar o centenário da Encíclica *Rerum Novarum*, daí o seu nome de Centésimo Ano em latim. Dirige-se aos Bispos, ao Clero em geral, às famílias, em especial aos fiéis da Igreja Católica e todos os homens de boa vontade, disponível em <http://migre.me/4mZEm>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da IHU On-Line)

e civilizações. Os móveis que engendram a irrupção de determinado *ethos* são, neste exato sentido, reveladores do que em língua alemã corresponde a *zeitgeist*<sup>7</sup>: espírito de uma época, de uma vivência histórico-social. Origem da palavra ética, ou seja, aquilo que pertence ao *ethos*.

“

## Laudato Si' reforça o entendimento de que é um destino comum

O que se tem, portanto, é a religião como um modelo organizador de uma visão de mundo. Ao mesmo tempo, a experiência religiosa é específica na sua forma de ser, onde a fé como elemento fundante pode se contrapor à fundamentação científica. Por outro lado, nada disso indis põe *a priori* religião e ciência. Apesar de as esferas da ciência e da religião terem especificado, ao longo do surgimento e consolidação da civilização ocidental, vocações que em muitos momentos atritaram entre si, enquanto referencial ético está predicado à religião um papel de interpretação da realidade. Deste modo, para utilizar uma conceituação cara aos filósofos, nada disto implica que ontologicamente ciência e religião estejam condenadas a trilhar caminhos opostos. Tanto esta afirmação confere que a Encíclica *Laudato Si'* elenca em defesa das teses arroladas no texto ampla coleção de dados científicos, respaldados em laudos e levantamentos técnicos cuja finalidade última, ao serem

<sup>7</sup> **Zeitgeist**: termo alemão cuja tradução significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. O *Zeitgeist* significa o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo. (Nota da IHU On-Line)

evocados, é subsidiar uma visão de mundo que de modo incontestante se filia a uma predicação religiosa. E, ao menos em minha opinião, o faz com muita leveza e profundidade por se prender ao sentido que as pessoas podem captar do que a crise ambiental vem mostrando aos olhos de todos.

**IHU On-Line - Como avalia a crítica ao antropocentrismo presente na Encíclica?**

**Maurício Waldman** - No enredo proposto por *Laudato Si'*, o texto posiciona duas visões de mundo. Uma é atinente à propositura bíblica, quer dizer, a uma cosmovisão categorizada pelas ciências sociais como enraizada num modo tradicional de compreensão do mundo. A segunda reporta às expectativas que lentamente se corporificaram em meio às percepções cultivadas pelo ocidente e pela sociedade moderna.

Nesta linha de argumentação, a Encíclica, quando se detém no modo de vida ocidental, refere-se a um antropocentrismo despótico, “desinteressado das outras criaturas”, também referendado como antropocentrismo desordenado, predisposto ao “uso desordenado das coisas” e ademais, um antropocentrismo moderno, preocupado em colocar “a razão técnica acima da realidade”, motivando “um estilo de vida desordenado”. Obviamente todas estas declinações são condizentes ao parecer proposto em toda extensão da Encíclica no sentido de ressaltar o laço umbilical que associa a sociedade moderna com a crise do meio ambiente.

**IHU On-Line - Que relação é possível estabelecer entre a concepção de antropocentrismo apresentada na *Laudato Si'* e a visão pertinente ao Manifesto Eco Modernista<sup>8</sup>?**

<sup>8</sup> **Manifesto Eco Modernista**: é um documento lançado em abril de 2015, assinado por 18 personalidades de proa do campo ambiental. O texto contesta muitas teses clássicas do ambientalismo. Em particular, coloca em

**Maurício Waldman** - Numa argumentação cara ao ambientalismo, seria cabível salientar que tanto a *Laudato Si'* quanto o manifesto estão conotados por averbações que repetem a clássica dicotomia estabelecida entre modos de vida centrados no Ser com aqueles assentados no Ter. O texto da Encíclica é uma afirmação da vida humana como parte de um projeto maior, integrado à aspiração de um acerto de mundo, da continuidade da Criação e da interação dos humanos com elementos constitutivos da mística espiritual, processo este que reclama parceria com a esfera do divino. Compõe nesta acepção uma narrativa empenhada na defesa do Ser.

O Manifesto Eco Modernista adota por premissa um princípio radicalmente diferente. A preocupação básica do documento é propor uma alternativa para a crise ambiental contemporânea calcada no reforço dos mecanismos de reprodução material do sistema existente, basicamente pela intensificação do desenvolvimento e incorporação de tecnologias exponenciais. O cenário trabalhado pelo Manifesto constitui uma utopia materialista, em cujo cerne habita a pretensão em universalizar planetariamente o estilo de vida moderno. Por isso mesmo o título do documento agrega à máxima modernista o radical eco. Disso decorre que o Manifesto Eco Modernista pode ser definido enquanto uma proposta preocupada em adereçar a Modernidade com um signo ecológico. Por esta via, torna-se compreensível a razão de o Manifesto dispensar uma visão crítica dos condicionantes históricos e sociais que alimentaram a irrupção do mundo moderno. Neste prisma, o Manifesto tem axiomáticamente por pressuposto a continuidade de um modo de vida assentado no Ter.

discussão as percepções presentes no imaginário social a respeito da natureza. A íntegra do manifesto está disponível em <http://bit.ly/1LZCE7o>. (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line** - O senhor identifica alguns aspectos em que o Manifesto Eco Modernista dialoga com a Encíclica?

**Maurício Waldman** - Entendo que os dois documentos mais polarizam do que dialogam entre si. O que há em comum entre os dois textos é o fato de constituírem proposições cujo pano de fundo é o mesmo. Ou seja: a crise ambiental, cujas sequelas negativas recrudescem a cada dia que passa. O que vem depois disso simplesmente carece de analogias.

“

## *Para os autores do Manifesto Eco Modernista, a linha mestra de conduta da modernidade é poupada de contestações*

**IHU On-Line** - Em qual sentido a questão da tecnologia é tratada de forma diferente pela Encíclica na comparação com o Manifesto?

**Maurício Waldman** - O que irei dizer pode constranger alguns ouvintes, mas paciência. O que para mim parece claro é que o Manifesto Eco Modernista adota uma linha inspirada no tecnicismo. Ou seja: a técnica parece investida do poder de solucionar tudo, transformar o mundo por conta unicamente das suas possíveis virtudes e benfeitorias. Contudo, entendo que este primado é um equívoco. Basicamente porque, como insiste a *Laudato Si'*, não há como dissociar as proposições tecnológicas dos aparatos de poder hegemônicos. Especialmente quando se trata de uma estrutura de mando político-econômico a quem justamente cabe à

boa parte o desastre ambiental dos dias de hoje.

Como pontua o Papa Francisco em diversos parágrafos da Encíclica, as tecnologias apenas poderão se traduzir em boas novas para as amplas maiorias na hipótese de um sentido ético mais profundo ser emprestado ao conhecimento científico, direcionando em favor da sociedade humana e dos ciclos naturais. Neste sentido, ao se desconectar da materialidade social, a proposição tecnológica do Manifesto incorre num nítido aporte de fundo ideológico.

## **Por que Ideológico**

O geógrafo brasileiro Milton Santos<sup>9</sup>, uma das glórias da academia nacional, pondera que o nexos matricial da ideologia é seu pendor em ignorar a realidade concreta. Tal peculiaridade da ideologia, enquanto construção cognitiva, faz com que ela parta de um princípio abstrato posteriormente transformado num modelo pelo qual busca enquadrar o reino do real. Como resultado desta propensão, o que se estabelece como modelo termina ungido do poder de julgar, definir e explicar o real. Isto é, torna-se um sistema de justificativa alheio ao movimento da sociedade. Consequentemente, sua função passa a ser a manutenção do *status quo* e, de quebra, a condenação dos que o questionam. Trata-se de um processo que na literatura sociológica é definido como reificação. Ou dito de outro modo, fazer com que as coisas tenham significados que na prática não possuem, uma lógica pela qual o produto da cabeça passa a governar a própria cabeça.

**IHU On-Line** - Em que momento isto ocorre no Manifesto?

<sup>9</sup> **Milton Almeida dos Santos** (1926–2001): geógrafo brasileiro. Apesar de ter se graduado em Direito, Milton destacou-se por seus trabalhos em diversas áreas da geografia, em especial nos estudos de urbanização do Terceiro Mundo. Foi um dos grandes nomes da renovação da geografia no Brasil ocorrida na década de 1970. (Nota da **IHU On-Line**)



**Maurício Waldman** - No Manifesto esta tendência se materializa quando, no texto, a tecnologia é empoderada de opções que não são da sua alçada. Basta adotar uma tecnologia e pronto: está tudo resolvido! Não é assim que as coisas acontecem. Mesmo porque não é a técnica que define a estrutura social. Inversamente, é a sociedade no seu movimento continuamente contraditório que irá determinar quais e de qual modo as tecnologias serão empregadas. Não é a tecnologia, mas a investidora de novas ideias e expectativas sociais que abrem espaço para novos aparatos tecnológicos surgirem e acontecerem. A propósito, idênticamente neste particular a Encíclica se diferencia de modo cabal da techedura do Manifesto.

### **Quebrar paradigmas**

Para que as mudanças ocorram, é essencial mudar o paradigma. Não se chegou à lâmpada melhorando a iluminação a vela. Caso tivesse sido esta a direção, no lugar de lâmpadas iluminando praças e avenidas, teríamos velas gigantes. A partir desta imagem, podemos traçar uma analogia para diferenciar a Encíclica para com o Manifesto.

Enquanto documento, o que a *Laudato Si'* propõe é uma mudança de direcionamento da sociedade contemporânea, uma alteração do horizonte de expectativas. Questiona práticas que tem determinadamente pavimentado o caminho rumo ao colapso ambiental generalizado. O documento faz uma crítica sem meias palavras ao *modern lifestyle*<sup>10</sup>. Portanto, aponta para a necessidade de alterar as prioridades. Mas, para os autores do Manifesto Eco Modernista, a linha mestra de conduta da Modernidade é poupada de contestações. Não subscreve qualquer crítica ao consumismo ou à descartabilidade. Por sinal, algo de resto coerente com o fato de que o gravíssimo problema

<sup>10</sup> Moderno estilo de vida, em tradução livre. (Nota da **IHU On-Line**)

gerado pelos resíduos sólidos não seja sequer mencionado ao longo deste texto. Mais desenvolvimento e não menos, acompanhado de mais tecnologia: eis a fórmula mágica que irá afastar para sempre o fantasma da crise ambiental. Ora, isto é na minha visão um disparate.

“

***Para que as mudanças ocorram, é essencial mudar o paradigma. Não se chegou à lâmpada melhorando a iluminação a vela***

**IHU On-Line - Sendo o Manifesto um texto assinado por grande número de técnicos, isto não lhe garante legitimidade?**

**Maurício Waldman** - Não necessariamente. Note-se que o Papa Francisco é ele mesmo um homem com formação técnica. Jorge Mario Bergoglio se formou técnico em Química, possuindo experiência em processamento de alimentos. Não é de modo algum uma pessoa que desconhece o universo técnico. Informação não é conhecimento e, por sua vez, conhecimento não é sabedoria. Fossem estes termos sinônimos entre si, o texto do Manifesto seria mais preciso e criterioso quando, por exemplo, põe na mesa propostas como o chamado “Bom Antropoceno” enquanto solução para o problema ambiental.

**IHU On-Line - Em que consiste o conceito de “Bom Antropoceno”?**

**Maurício Waldman** - Como sugere o próprio nome, semanticamente o “Bom Antropoceno” estaria

em oposição ao que é considerado “Mau Antropoceno”. Referindo-se às paisagens esculturadas pelas sociedades humanas, o Antropoceno no seu avatar positivo ou modernizante se ajusta a uma proposição que na visão do Manifesto se confunde com a cidade moderna, particularmente na sua fisionomia metropolitana. Carregada de conteúdos técnicos, catalisada pela dissociação para com o mundo natural e determinada em aplicar sem qualquer hesitação os mecanismos de modernização. Esta urbe mantém relação siamesa com um horizonte utópico da Modernidade.

Neste novo reino expurgado dos desvios que teimam em contrariar os fundamentos que, em tese, traziam prosperidade e felicidade a todos os humanos, mazelas como a pobreza e a exclusão social seriam metabolizadas pela expansão do sistema de vida moderno. Assim, então, passaria a incluir sob sua tutela a totalidade da Humanidade. Contudo, trata-se de uma ideia absolutamente questionável por excluir do ferramental de análise o movimento contraditório das sociedades. Por isso mesmo está fadada ao insucesso.

Os autores ecomodernistas des-cortinam uma sociedade que estaria — acatando de certo modo modelos funcionalistas de entendimento da realidade — simplesmente solicitando ajustes e correções. Em síntese, o sistema estaria correto na sua fundamentação mais essencial. Se algo ocorre contrariando tal expectativa é porque as diretrizes sistêmicas não estão sendo aplicadas corretamente. Portanto mais e não menos sistema é que seria a solução.

Por esta via de compreensão, o Manifesto desconsidera que as formas de reprodução histórica da sociedade ocidental são diuturnamente magnetizadas pelo contraditório. Citando novamente o geógrafo brasileiro Milton Santos, no cenário urbano moderno, “a ordem é apenas a ordem do possível,

já que nada é desordenado”. Nesta aferição, a grande cidade tecnológica antevista pelos ecomodernistas não passa de uma peça de ficção, uma mitologia que tende a confundir e mascarar a solução dos problemas vividos pelo mundo contemporâneo.

**IHU On-Line - Diante deste cenário, é possível vislumbrar uma saída?**

**Maurício Waldman** - No âmbito da Economia e das Ciências Sociais, está bastante claro que garantir acesso ao aparato tecnológico é gahardamente insuficiente para solucionar os problemas sociais. Para exemplificar, basta de certo modo observar o que está ocorrendo no país. Na “nova bonança” inaugurada pela “socialização das mercadorias” levada adiante no último decênio, os excluídos passaram a adquirir CD players, celulares, laptops, computadores e automóveis. Mas continuaram pobres. Na nova universalização perversa das inovações, as favelas se tornaram *high tech*, os cortiços conquistaram feição inteligente e o casario dos bairros mais afastados passaram a usufruir impulsos digitais. Só que continuaram a ser favelas, cortiços e guetos. Persistiram como espaços animados por elevados níveis de desigualdade.

Em resumo, os pobres adquiriram benesses técnicas e continuaram a ser o que sempre foram: uma massa de excluídos funcionalmente do sistema. Por conseguinte, um Bom Antropoceno será gerado não por mais tecnicidade, mas sim por mais humanidade. Por esta razão que *Laudato Si'* estaria mais próxima de identificar as raízes da crise ambiental e as formas para solucioná-la. É o que podemos ler no texto da Encíclica: “não existe ecologia sem uma adequada antropologia”. Em bom português: Bom Antropoceno tem que ser bom para todos.

**IHU On-Line - De que forma um documento apostólico**

**pode influenciar a discussão acerca de como enfrentar os dilemas ambientais do mundo contemporâneo?**

**Maurício Waldman** - Diria que não somente um documento apostólico, mas que muitos documentos e pronunciamentos elaborados por autoridades religiosas cumprem esta função. Basta observar a relevância alcançada pelo Dalai Lama<sup>11</sup> nos últimos 30 anos. Nesta linha de abordagem, *Laudato Si'*, ao se pronunciar em prol de uma casa comum, reforça o entendimento de que é um destino comum. Portanto, tonifica o ideal do que pode ser uma retomada da Criação, de um reinício de benefício para todos os humanos e todas as formas de vida. Esperança.

**IHU On-Line - Como deve ser a repercussão no meio científico e entre ambientalistas?**

**Maurício Waldman** - Seria um precário exercício de futurismo antecipar como meios tão diferenciados internamente – caso do campo acadêmico e da comunidade ambientalista – reagirão à Encíclica. Mas, arrisco um palpite de que será bem recebida pelo ambientalismo, ao mesmo tempo que dividirá o meio científico. O campo do conhecimento sistematizado é muito sensível à sedução tecnológica. Neste particular, documentos como o Manifesto ganham pontos em auferir apoios e convencimento. Contudo, minha tendência é prognosticar que no frígido das discussões a Encíclica tende a conquistar corações e mentes. Singularmente por estar apoiada em aspirações universais em favor do meio ambiente e do avanço da justiça social.

**IHU On-Line - Laudato Si' poderá desempenhar alguma influência nas decisões a serem tomadas**

<sup>11</sup> **Dalai Lama**: líder político do Tibete. *Dalai* significa “Oceano” em mongol e “Lama” é a palavra tibetana para *mestre, guru*. O título “Oceano de Sabedoria” é dado pelo regime mongoliano. (Nota da **IHU On-Line**)

**na COP 21<sup>12</sup>? Que perspectivas o documento traz a respeito de acordos internacionais?**

**Maurício Waldman** - É sumamente importante assinalar que a COP 21, ao tratar das mudanças climáticas, coloca no centro das discussões um problema que atinge em especial os países do terceiro mundo e os grupos socialmente desfavorecidos. O que está em jogo é a seguridade climática global, tema que não pode ser dissociado de problemáticas como o intercâmbio ecologicamente desigual imposto pelas nações do hemisfério Norte aos países do Sul e das dessimetrias do consumo dos recursos naturais por classes, povos e países.

Todos estes pontos constituem temas abordados na Encíclica com forte subsídio dos debates científicos travados pelas mais diversas especialidades. Por isso mesmo *Laudato Si'* corrobora influente corrente de opinião preocupada em determinar responsabilidades e metas que visem deter os processos de destruição da biosfera. Uma contribuição que chega em boa hora e em momento propício. Isto por chamar a atenção para a obrigatoriedade em rever, repensar e redirecionar as formas existentes de relação com a natureza, tema que, como foi observado, se vincula intimamente com as prioridades sociais.

**IHU On-Line - O senhor disse, em outras entrevistas, que a Encíclica foi lançada num momento de “encruzilhada ambiental”. Que momento é esse?**

<sup>12</sup> **COP 21**: COP é a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática. É a autoridade máxima para a tomada de decisões sobre os esforços para controlar a emissão dos gases do efeito estufa. Em 2015, a COP tem sua 21ª edição (daí COP 21), a ser realizada em Paris, França, em dezembro. O objetivo é revisar o comprometimento dos países, analisar os inventários de emissões e discutir novas descobertas científicas sobre o tema. Foi criada na ECO-92 e teve sua primeira edição em 1995, em Berlim na Alemanha. Desde então, reuniões da COP ocorrem anualmente. (Nota da **IHU On-Line**)

**Maurício Waldman** - A Modernidade configura uma civilização diferente de todas as demais que a antecederam. Em especial por singularidades como a de ser única quanto à ferocidade que demonstra em se apropriar do meio natural, dada devastação e fome insaciável por recursos e aptidão em multiplicar a exclusão social. Por isso mesmo, sentenciar a respeito de um dilema civilizatório colocado para a sociedade moderna não configura qualquer arroubo de oratória. Pelo contrário, a expressão elucidada sobre as implicações suscitadas pelo uso dos recursos naturais e a voracidade por transformá-los em bens quase sempre descartados sem piedade após o uso. É a expressão de um modelo de sociedade cujas expectativas e determinações abarcam, nos dias de hoje, a totalidade do Planeta.

Neste sentido, a palavra dilema (do grego dupla proposição), de longa data assimilada pela linguagem coloquial, insere entendimentos pertinentes ao contexto vivenciado pela sociedade contemporânea. Dilema diz respeito a uma encruzilhada, uma situação embaraçosa cujas soluções são difíceis, mas ao mesmo tempo suscitando

decisão<sup>13</sup>. Trata-se exatamente disso: crise e oportunidade, dilema e decisão, problema e solução. Esperança, enfim.

**IHU On-Line - Seria possível associar este dilema com o surgimento dos novos documentos e posições a respeito da crise ambiental?**

**Maurício Waldman** - Certamente. Não é fruto do acaso que neste ano de 2015 já tenham vindo à luz dois documentos que procuram, adotando sua própria hermenêutica, interpretar o acirramento da crise ambiental. Embora expressando concepções muito diferentes, tanto o Manifesto Eco Modernista quanto a Encíclica *Laudato Si'* se inscrevem num mesmo rol de preocupações e debates ambientais. Nada disto é coincidência. Até porque a história e o alento das sociedades são avessos ao aleatório. Aliás, a expectativa é que no final do ano um terceiro documento essencial — que advirá da COP 21 — estará compondo com esta dinâmica. E assim espero, incorporando o *zeitgeist* expresso pela *Laudato Si'*.

<sup>13</sup> Ver artigo “Limites da Modernidade: dilemas do esgotamento de recursos”, disponível em <http://bit.ly/1gqqGqq>. (Nota do entrevistado)

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo?**

**Maurício Waldman** - É inevitável concluir esta entrevista mencionando meu grande amigo Frei Alamiro, padre franciscano com o qual participei do movimento ambientalista em meados dos anos 80 do século passado. Numa certa ocasião, Alamiro me confidenciou que éramos juntamente com o sociólogo Ricardo Ferraz (falecido em 2006) e o artista plástico de origem espanhola Miguel Abellá (falecido em 2000), assim como diversos outros colegas, integrantes de uma “Arca de Noé” do ambientalismo paulista. Ele dizia isto tanto em razão de formarmos um grupo muito pequeno quanto pela senioridade do nosso ativismo.

Porém, imagino que atualmente Frei Alamiro e todos os que chegaram até este momento têm motivo de sobra para estarem satisfeitos com a Encíclica *Laudato Si'*. Afinal, é um documento ímpar, que traduz o que há de mais primordial e inovador no pensamento ambientalista. E entendo que hoje não estaríamos sozinhos neste contentamento. É de fato uma boa notícia, uma boa nova para o ambiente e para as pessoas. Bom demais ver isto acontecendo. ■

## LEIA MAIS...

- *Manifesto Eco Modernista e a crença tecnológica como superação da crise ambiental*. Entrevista com Maurício Waldman, publicada nas **Notícias do Dia**, de 07-07-2015, no sítio do IHU, disponível <http://bit.ly/1gtKMqD>.
- *O ‘milagre da multiplicação dos lixos’ e a encruzilhada da Política Nacional de Resíduos Sólidos*. Entrevista com Maurício Waldman, publicada nas **Notícias do Dia**, de 01-03-2015, no sítio do IHU, disponível <http://bit.ly/1FDnyxr>.
- *Decifrar o lixo, decifrar perspectivas*. Entrevista com Maurício Waldman. Entrevista com Maurício Waldman, publicada nas **Notícias do Dia**, de 24-08-2014, no sítio do IHU, disponível <http://bit.ly/1lxZmli>.
- *A era do lixo. “Ele está visceralmente associado ao atual modo de vida”*. Entrevista com Maurício Waldman, publicada nas **Notícias do Dia**, de 11-11-2011, no sítio do IHU, disponível <http://bit.ly/1SQTph2>.

# *Laudato Si'*: a novidade que provoca e agita a agenda ambiental

Para Carlos Rittl, a Encíclica é o fato mais relevante dos últimos tempos nas discussões sobre clima. Assim, o Papa ocupa um vácuo deixado por lideranças políticas internacionais

Por Leslie Chaves e João Vitor Santos

**S**e todos vivemos numa só casa, o Planeta Terra, todos temos de cuidar dele e adotar medidas que garantam a saúde desse lugar e a nossa própria. A frase anterior diz o óbvio, mas por que na prática não é isso que acontece? A preservação do planeta é tema de agenda das discussões internacionais, mas líderes políticos parecem não sair do retórico para pôr em prática o que de fato se precisa fazer para, por exemplo, reduzir a emissão de gases. Essa falta de ação deixa um vácuo que para o coordenador do Observatório do Clima, Carlos Rittl, é muito bem ocupado pelo Papa Francisco através da Carta Encíclica *Laudato Si'*. “O Papa acaba por ocupar um vácuo de liderança política nesta agenda, com seu apelo moral sobre meio ambiente e a forma como tratamos o nosso planeta, a ‘nossa casa’”, destaca em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Para Rittl, um dos grandes legados do documento apostólico é ter como “mensagem central uma frase repetida algumas vezes no texto: ‘tudo está conectado’”. Tal frase suscita o conceito de bem comum. Pensar que todos somos parte de um mesmo todo põe em perspectiva a conexão que transcende as áreas de conhecimento, países e mesmo formas de vida. “Não é possível falar em proteção ambiental sem que esta envolva também a proteção ao ser humano, em especial os mais pobres e vulneráveis”, completa.

Como integrante do grupo de pesquisadores do Observatório do Clima,

Rittl observa como as provocações da Encíclica devem ecoar diante da agenda política internacional sobre a emissão de gases. Para ele, há uma urgência que foi revelada na *Laudato Si'* e chama a todos – chefes de estado em especial – à responsabilidade. Tendo em horizonte a COP 21, em Paris, se faz urgente um resultado do encontro que vá para além dos inócuos acordos e cooperações. “A geração atual de governantes tem à sua disposição mais argumentos do que nenhuma outra antes para agir com responsabilidade e à altura da emergência climática”. Ao longo da entrevista, Rittl também analisa a postura brasileira diante do tema. Como outros países, opera numa nebulosa lógica de discussão sobre questões ambientais. “É chegada a hora de colocar compromissos consistentes na mesa, para um acordo com compromissos mandatórios para todos os países”, dispara.

Carlos Rittl é mestre e doutor em Biologia Tropical e Recursos Naturais. Foi coordenador do Greenpeace Brasil, como coordenador da Campanha de Clima, e do WWF-Brasil, como coordenador do Programa de Mudanças Climáticas e Energia. Atualmente é coordenador executivo do Observatório do Clima.

A entrevista foi publicada nas Notícias do Dia, de 31-07-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1E4pMov>.

**Confira a entrevista.**



## A mensagem central da Encíclica é uma frase repetida algumas vezes no texto: “tudo está conectado”

**IHU On-Line - De que maneira o senhor avalia a Encíclica *Laudato Si'* em termos científicos? Como o documento encaminha o debate da questão do meio ambiente?**

**Carlos Rittl** - A Encíclica *Laudato Si'* é, em geral, bastante precisa quando se refere ao conhecimento científico e quando o associa aos desafios ambientais e climáticos de nosso tempo. Creio que a comunidade científica tenha recebido muito bem o documento. Em alguns casos, há até um excesso de cuidado – como o fazem, também, em geral, os cientistas. É o caso do parágrafo 23, do Capítulo I, “O que está acontecendo com nossa casa”, que afirma que “a maior parte do aquecimento global das últimas décadas é devida à alta concentração de gases com efeito de estufa (dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e outros) emitidos, sobretudo, por causa da atividade humana”. De fato, todo o aquecimento global observado hoje se deve às emissões de gases de efeito estufa decorrentes de atividades humanas.

Entretanto, de modo geral, a Encíclica descreve de forma muito clara a emergência pela qual passamos. E vincula a degradação ambiental presente aos padrões de produção e consumo e à própria cultura que molda a convivência humana. De forma muito apropriada, aponta as causas da degradação ambiental e do aquecimento global, suas consequências, e também aponta soluções, em uma mensagem não apenas aos católicos, mas a todos os povos.

**IHU On-Line - Como o senhor avalia a perspectiva ecológica adotada na Encíclica?**

**Carlos Rittl** - A mensagem central da Encíclica é uma frase repetida algumas vezes no texto: “tudo está conectado”. O ser humano não está dissociado da Terra ou da natureza, eles são partes de um mesmo todo. Portanto, destruir a natureza equivale a destruir o homem. Não é possível falar em proteção ambiental sem que esta envolva também a proteção ao ser humano, em especial os mais pobres e vulneráveis.

A chamada Ecologia Integral, que sustenta toda a construção da Encíclica, tanto do ponto de vista da argumentação religiosa quanto de prescrições políticas – vide críticas a cúpulas mundiais sobre meio ambiente, que “não alcançaram, por falta de decisão política, acordos ambientais globais realmente significativos e eficazes” (LS 166) –, é um excelente caminho para a análise das causas das crises ambiental e climática, e para apontar soluções. É preciso conectar aspectos sociais, ambientais, econômicos, culturais, comportamentais, e mesmo religiosos, em se tratando de uma encíclica papal, para um bom diagnóstico de todas as crises, e para prescrever caminhos para superá-las.

**IHU On-Line - Politicamente, o que a *Laudato Si'* representa para a luta pelo meio ambiente?**

**Carlos Rittl** - A *Laudato Si'* tornou o Papa Francisco um ator muito importante no diálogo mundial sobre mudanças climáticas e sobre meio ambiente. O Papa acaba por ocupar, com a Encíclica, um vácuo de liderança política nesta agenda, com seu apelo moral sobre meio ambiente e a forma como tratamos o nosso planeta, a “nossa casa”. E

o fez de forma nunca antes vista na história da Igreja Católica.

A Encíclica e as reações positivas até mesmo de representantes de outras religiões, como evangélicos, judeus, representantes do islã, entre outros, ajudam a “capilarizar”, a popularizar o tema junto a uma massa de bilhões de pessoas. Isso aumenta a pressão sobre os governos e políticos, que precisam dar respostas às expectativas da população mundial. População essa que já enfrenta as consequências do aquecimento global e do uso irracional de recursos naturais. E a Carta traz mensagens a todos, ricos e pobres, países ricos e em desenvolvimento, governos, corporações, indivíduos, sobre seu papel no cuidado com o planeta.

**IHU On-Line - De que forma analisa a recepção da Encíclica no Brasil?**

**Carlos Rittl** - Nas reações públicas à Encíclica no Brasil, predominaram as análises positivas. As mensagens da *Laudato Si'* foram muito bem recebidas. Por parte do Governo Brasileiro, as reações foram limitadas, mas positivas, como em breves menções elogiosas feitas pela Presidente Dilma Rousseff e pelo Ministro Patrus Ananias<sup>1</sup>, quando do anúncio do Plano Safra da Agricultura Familiar 2015-2016.

No entanto, ninguém ainda sabe se a proposta de compromissos do Brasil para o novo acordo global sobre mudanças climáticas irá ou não refletir o senso de emergência climática, muito claro no texto da Encíclica. Ou se seguirá o padrão de outros grandes países, que já registraram suas intenções de cortes de emissões de gases de efeito estufa junto à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima (UNFCCC)<sup>2</sup>, sem a devida ambição.

<sup>1</sup> **Patrus Ananias de Sousa** (1952): advogado e político brasileiro filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Desde janeiro de 2015 é ministro do Desenvolvimento Agrário. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima**: também conhecida como UNFCCC (do original em inglês United Nations Framework Convention

Por ora, a demora no anúncio das metas de redução de emissões do Brasil para o período pós-2020 e os sinais que têm vindo em momentos como o da Declaração Conjunta Brasil-Estados Unidos sobre Mudança do Clima<sup>3</sup>, publicada no último dia 30 de junho, são bastante preocupantes. Isso porque nenhuma grande ambição por parte do Brasil foi demonstrada.

**IHU On-Line - As discussões suscitadas pela Encíclica podem refletir nos debates da Conferência das Partes - COP 21? De que maneira?**

**Carlos Rittl -** Estamos às vésperas de grandes decisões que irão moldar os caminhos para o desenvolvimento (sustentável ou não) das nações ao longo de muitas décadas. E, ao mesmo tempo, definirão a trajetória de sucesso ou fracasso de todos no enfrentamento de alguns dos maiores desafios da humanidade, como em relação às mudanças climáticas. *Laudato Si'* foi publicada neste ano de 2015 não por acaso. O Papa o fez intencionalmente, tendo em conta não

on Climate Change) ou Convenção-Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas – CQNUAC, é um tratado internacional resultante da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - CNUMAD, informalmente conhecida como a Cúpula da Terra, realizada no Rio de Janeiro em 1992. Este tratado foi firmado por quase todos os países do mundo e tem como objetivo a estabilização da concentração de gases do efeito estufa na atmosfera em níveis tais que evitem a interferência perigosa com o sistema climático. (Nota da **IHU On-Line**)

**3 Declaração Conjunta Brasil-Estados Unidos sobre Mudança do Clima:** acordo internacional firmado entre Brasil e Estados Unidos em 2015. O Brasil se comprometeu a acabar com o desmatamento ilegal de florestas. O documento informa que o Brasil pretende restaurar e reflorestar 12 milhões de hectares de florestas até 2030. (Nota da **IHU On-Line**)

**4 COP 21:** a COP é a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática. É a autoridade máxima para a tomada de decisões sobre os esforços para controlar a emissão dos gases do efeito estufa. Em 2015, a COP tem sua 21ª edição, a ser realizada em Paris, França, em dezembro. O objetivo é revisar o compromisso dos países, analisar os inventários de emissões e discutir novas descobertas científicas sobre o tema. Foi criada na ECO-92 e teve sua primeira edição em 1995, em Berlim, na Alemanha. Desde então, ocorre anualmente. (Nota da **IHU On-Line**)

apenas a urgência na mudança de padrões de produção e consumo planetários, mas também marcos decisivos na agenda global, como será a COP 21.

## “ *Ecologia Integral (...) é um excelente caminho para a análise das causas das crises ambiental e climática, e para apontar soluções*

A Encíclica é um dos fatos novos mais relevantes do ano na agenda de mudanças climáticas. Na mais recente rodada de negociações da UNFCCC, realizada em Bonn, Alemanha, pouco antes da publicação da Encíclica, a Secretária Executiva da Convenção, Sra. Christiana Figueres<sup>5</sup>, afirmou esperar um grande impacto das mensagens do Papa, em sua Carta ao mundo, nas negociações internacionais. Nós do Observatório do Clima<sup>6</sup> também esperamos por isso. Inclusive no que se refere ao papel do Brasil e sua responsabilidade nas negociações

**5 Karen Christiana Figueres Olsen** (1956): diplomata costarriquenha, nomeada Secretária Executiva da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) em 2010, sucedendo Yvo de Boer. Figueres tinha sido membro da Costa Rica na equipe de negociação desde 1995, envolvida tanto na UNFCCC como na construção do Protocolo de Quioto. Ela tem contribuído para a concepção de instrumentos-chave de mudanças climáticas, e é um promotor principal da participação ativa da América Latina na Convenção. (Nota da **IHU On-Line**)

**6 Observatório do Clima:** rede que reúne entidades da sociedade civil com o objetivo de discutir a questão das mudanças climáticas no contexto brasileiro. Promove encontros com especialistas na área, além de articular os atores sociais para que o governo brasileiro assuma compromissos e crie políticas públicas efetivas em favor da mitigação e da adaptação do Brasil em relação à mudança do clima. (Nota da **IHU On-Line**)

internacionais da UNFCCC, sobre cuja ambição ainda não temos indicações muito claras.

**IHU On-Line - A partir dos movimentos preparatórios para a COP 21, acredita que haverá avanços na elaboração e implantação de ações para a redução das mudanças climáticas no mundo? É possível fazer um prognóstico do comprometimento dos países com essa questão?**

**Carlos Rittl -** A geração atual de governantes têm à sua disposição mais argumentos do que nenhuma outra antes para agir com responsabilidade e à altura da emergência climática. A ciência, além de indicar as causas, impactos presentes e potenciais impactos futuros, indica, também, soluções. Por exemplo, reduzir emissões e como se preparar para a adaptação às mudanças climáticas, que medidas serão necessárias.

A população mundial tem-se mobilizado cada vez mais e cobrado dos governos que priorizem as soluções para o enfrentamento das mudanças climáticas em suas agendas de desenvolvimento, políticas, planos e investimentos. As perdas econômicas diante de desastres naturais vinculados a um clima mais extremo já atingiram a escala das centenas de bilhões de dólares apenas nos últimos anos. E mais e mais estudos indicam que o enfrentamento do problema, do desafio das mudanças climáticas e da necessidade de se reduzir emissões traz benefícios significativos para a economia.

Já tínhamos, também, argumentos morais para a ação. A cada ano, centenas de milhões de pessoas são afetadas por ano pelos desastres naturais decorrentes de um clima mais hostil e milhares e milhares de pessoas perdem suas vidas com o aquecimento global já observado hoje. O apelo moral do Papa Francisco agrega muita força aos argumentos que cobram decisões adequadas dos Governos.

Haverá um acordo em Paris, não tenho dúvidas disso. Este acordo

talvez não seja o suficiente em termos do conjunto dos compromissos dos países para redução de suas emissões. Mas, como estamos tratando de um acordo que passa a vigorar a partir de 2020, é importantíssimo que a pressão de todos pavimente o caminho para o aumento de ambição necessária ao longo do tempo, entre agora e 2020. Isso para que possamos entrar na próxima década em um caminho climático mais seguro para todos.

**IHU On-Line - Como se dá a participação do Brasil nas discussões em torno da COP 21? Como o país tem se posicionado?**

Carlos Rittl - O Brasil tem sido historicamente um país muito importante nas negociações da UNFCCC. Possui negociadores muito bem preparados. Sempre se notabilizou por apresentar propostas inovadoras, como no caso do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL)<sup>7</sup>. No ano passado, trouxe à mesa de negociação novas ideias. Uma delas é a da flexibilização da diferenciação entre países para a definição de seus compromissos no âmbito do novo acordo de clima. E ainda a do reconhecimento do valor social da redução de emissões de gases de efeito estufa feita a partir de ações antecipadas (cumprimento de metas antes dos prazos) ou de superação de metas de redução de emissões, para transformá-la em uma espécie de moeda do clima. Em outros momentos, assumimos compromissos quando não tínhamos a obrigação. Como quando o ex-presidente Lula anunciou as metas do Brasil de desvio de tendência de suas emissões até 2020, em Copenhague, na COP15, em 2009.

Mas agora em que é chegada a hora de colocar compromissos consistentes na mesa, para um acordo com compromissos mandatários

**7 Mecanismo de Desenvolvimento Limpo - MDL:** é um dos mecanismos de flexibilização criados pelo Protocolo de Kyoto para auxiliar o processo de redução de emissões de gases do efeito estufa ou de captura de carbono (ou sequestro de carbono) por parte dos países do Anexo I. (Nota da IHU On-Line)

para todos os países, o Brasil tem olhado apenas para trás dizendo que já fez muito. Fizemos mais que outros países, inclusive desenvolvidos, quando se trata de redução de emissões nos últimos 10 anos. Isso é inquestionável. Mas o que fizemos não é suficiente para nos desobrigar de mais esforços daqui por diante.

“

## *As perdas econômicas diante de desastres naturais vinculados a um clima mais extremo já atingiram a escala das centenas de bilhões de dólares*

O Brasil tem que fazer a sua parte, assumir um compromisso de reduzir suas emissões de gases de forma incisiva a partir de 2020. Para nós, do Observatório do Clima, um compromisso adequado para o Brasil seria limitar suas emissões a menos de 1 bilhão de toneladas de CO<sub>2</sub>e (métrica que permite comparar o potencial de aquecimento global das emissões de todos os gases com base no CO<sub>2</sub>, o dióxido de carbono) em 2030. Hoje, as emissões brasileiras giram em torno de 1,5 bilhão de toneladas de CO<sub>2</sub>e por ano. O compromisso que propomos para o Brasil é compatível com nossa responsabilidade, capacidade e com a necessidade de limitar o aquecimento global a, no máximo, 2°C em relação a níveis pré-industriais.

**IHU On-Line - Como o senhor avalia as políticas de incentivo ao desenvolvimento de fontes alternativas de energia no Brasil?**

Carlos Rittl - O Brasil não tem uma política clara voltada para energias renováveis modernas, como a energia eólica, a da biomassa, a solar, a termossolar e nem mesmo para biocombustíveis. O setor de biocombustíveis no Brasil passou por momentos de muita incerteza nos últimos anos. Muitas usinas de processamento de cana-de-açúcar fecharam, milhares de trabalhadores foram demitidos, entre outros pela manutenção dos preços da gasolina em níveis muito baixos, de forma artificial.

O consumidor pagava mais caro para se deslocar em seu veículo movido a etanol do que a gasolina, acabava optando pela segunda. Apesar de ajustes recentes nos preços da gasolina, ainda não há clareza sobre como o papel dos biocombustíveis para a matriz de transporte do Brasil — e deveria ser uma opção não apenas para o transporte individual, mas para o transporte público também.

Em relação à energia elétrica, temos alguns instrumentos de políticas, como os leilões de energia, que acabam por contratar energia nova a ser gerada a partir dos ventos, do sol e da biomassa de cana-de-açúcar. Mas não há uma política clara, com metas para a ampliação da geração de qualquer uma destas fontes, e nem temos um direcionamento de outras políticas (industrial, tributária, de ciência e tecnologia) para o fomento às mesmas.

Leilões recentes bem sucedidos mostram enorme apetite por aquelas fontes de energia por parte de investidores. Mas muitas vezes o Governo oferece mais incentivos a outras opções, como os combustíveis fósseis<sup>8</sup> e grandes hidrelétricas. Enquanto se espera que o Brasil tenha algo em torno de 3 GW (2% do que deverá ser a matriz brasileira) de energia solar em 2023 ou 2024, outros países (Esta-

**8** Recentemente, o Governo resolveu ressuscitar o carvão mineral e contratou em leilão dois novos projetos de geração termelétrica a partir desta fonte, oferecendo grandes incentivos para tornar o preço de contratação, nos leilões, competitivo. (Nota da entrevistada)

dos Unidos, China, Índia, Alemanha e até a Arábia Saudita) avançam muito mais rápido no desenvolvimento desta fonte como opção energética. E também estruturam cadeias produtivas, geram empregos, com impactos positivos para suas economias.

**IHU On-Line - Tornar as fontes de energia limpa mais acessíveis à população seria um caminho para diminuir o problema do aquecimento global? Como promover esse acesso?**

**Carlos Rittl** - Acesso à energia de fontes limpas é um dos caminhos, sim. A maior parte das emissões mundiais de gases de efeito estufa vem do setor de energia. A energia termossolar já é uma alternativa de baixo custo para substituir os chuveiros elétricos durante boa parte do ano em diversas regiões do país. Mas carece de políticas para ampliação de sua adoção, em especial em novas edificações. As chamadas mini e microgeração de energia distribuída são, já, opção de geração de energia em escala em muitos países, em especial a partir de energia solar fotovoltaica. No Brasil, temos poucos incentivos e os custos para uma família colocar painéis solares em sua residência são altos. Só se pagam após anos de instalação dos mesmos, e pela economia nas contas de energia.

Em outros países, há formas inteligentes de promover a expansão desta fonte. Um cidadão dos Estados Unidos interessado vai, por exemplo, a uma loja de materiais de construção e encontra ali um balcão de uma empresa que comercializa energia solar. Sem que ele desembolse um centavo, a empresa desenvolve um projeto customizado, calcula o potencial de geração de energia em sua residência e o investimento se paga sozinho. O indivíduo entra com a cessão de seu telhado para a instalação dos painéis, a empresa os instala, e a venda de energia excedente paga os custos que o dono do imóvel teria para instalar os equipamentos.

No Brasil, se você quiser instalar painéis solares em sua residência, não poderá comercializar a energia, mesmo que o que você produza seja mais do que o que você consome. Apenas pode abater o excedente momentâneo de futuras contas de energia. Ainda não há, também, políticas para que esta seja uma fonte para gerar energia sem custo, ou a um custo baixíssimo, para população de baixa renda. Só recentemente algumas medidas de redução de carga tributária sobre energia solar foram tomadas para incentivar esta fonte no país. Medidas neste sentido são muito importantes para tornar esta fonte de energia uma opção adotada em escala no país. Mas precisam estar associadas a políticas claras, o que nos falta hoje.

**IHU On-Line - Como a agenda ambiental brasileira equaciona a relação entre desenvolvimento econômico, cuidado com o meio ambiente e implantação de políticas para redução da emissão de gases?**

**Carlos Rittl** - Em 2012, fomos anfitriões da Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, 20 anos depois da chamada Cúpula da Terra, a conferência sobre meio ambiente e desenvolvimento realizada no Rio de Janeiro que gerou marcos da governança ambiental e desenvolvimento global, como as Convenções sobre mudanças climáticas, biodiversidade e combate à desertificação. A Conferência de três anos atrás, que deveria servir para consolidar no país um caminho de desenvolvimento efetivamente sustentável, trouxe pouquíssimos avanços para direcionar a agenda de desenvolvimento do país para um caminho de sustentabilidade. Muito pelo contrário, estamos em fase de grandes retrocessos. Reduzimos a proteção ambiental, tornamos a legislação ambiental mais fraca e a cada dia vemos a governança socioambiental do país mais ameaçada, com propostas como redução de áreas protegidas, a não criação de novas áreas, a de emenda à Constituição Federal para a

transferência de poder de criação de novas unidades de conservação e de reconhecimento e homologação de terras indígenas do Poder Executivo para o Congresso Nacional. E, no ano de 2013, o Brasil teve um crescimento de quase 8% em suas emissões de gases de efeito estufa sem quase nenhum crescimento econômico.

Por ora, todos os grandes planos de desenvolvimento do país priorizam um desenvolvimento que não considera as mudanças climáticas como componente estratégico, seja do ponto de vista dos riscos (climáticos e ambientais), seja sob a perspectiva das oportunidades. Achamos que já fizemos muito. E nos esquecemos de olhar para que acontece já hoje, a olhos vistos, nossa vulnerabilidade às mudanças climáticas. Dados da Universidade Federal de Santa Catarina mostram que entre 1991 e 2012, 127 milhões de brasileiros foram afetados por desastres naturais (estiagens, secas, tempestades, enchentes, deslizamentos de terra, tornados, etc.) e que estes ocorreram em intensidade 40% superior na segunda metade daquele período em relação à primeira. Passamos agora pela pior crise hídrica em décadas no Sudeste do país, a pior seca em décadas no Nordeste e uma grande enchente no Norte do país. Entre janeiro e junho, a Defesa Civil registrou 1.068 municípios brasileiros em situação de emergência e calamidade pública devido a desastres naturais. Mas mudanças climáticas ainda são tratadas como tema de terceira importância quando o assunto é desenvolvimento do país.

**IHU On-Line - Na *Laudato Si'*, o Papa Francisco questiona a internacionalização de territórios com grande biodiversidade e de interesse comum, como a Amazônia, para que não fiquem à mercê de interesses "tecnocômicos". Como o senhor avalia essa discussão? Em que implicaria a internacionalização da Amazônia no contexto de preservação ambiental e politicamente para o Brasil?**



**Carlos Rittl** - Não há, hoje, no mundo, nenhum movimento consistente que busque promover o debate sobre internacionalização da Amazônia. Mas há muitos interesses econômicos sobre os recursos naturais da Amazônia e de outras regiões que são muito importantes para todo o planeta, como a bacia do Congo, ambas citadas na Encíclica. Assim, penso que o Papa Francisco, ao referir-se a estas regiões na *Laudato Si'*, chame a atenção para a necessidade de conservá-las, sim, em benefício de toda a humanidade. Mas deixando claro que este é "um dever próprio e não delegável de preservar o meio ambiente e os recursos naturais" (LS 38) dos países que se localizam naquelas regiões.

Mais importante do que discutir uma hipotética internacionalização da Amazônia e seus efeitos, é avaliar a forma como tratamos a região, seus recursos e sua população. Reduzimos o desmatamento na Amazônia nos últimos 10 anos, o que foi importante. Mas nos acomodamos, como se tudo estivesse resolvido, mesmo perdendo algo em torno de 5 mil quilômetros quadrados por ano de florestas nativas naquela região. O desmatamento cresceu em 2013, caiu um pouco

em 2014, e tudo indica que voltará a subir agora em 2015 na região. Os dados mais recentes indicam um grau acelerado de destruição e degradação florestal ocorrendo agora na floresta Amazônica.

### **Amazônia e o verdadeiro desenvolvimento**

O país ainda não conseguiu olhar para a região e enxergar ali uma base importantíssima para seu desenvolvimento, não no modelo atual, que coloca a floresta como obstáculo a ser derrubado, e sim na importância de sua biodiversidade e seus ecossistemas para o país, para o equilíbrio do clima, dos regimes hídricos, para a economia do futuro, com base em biotecnologia. Desmatamento enriquece poucos, mas empobrece muitos, em especial os que dependem da floresta conservada para sua subsistência. E o desmatamento está associado à violência contra os povos da floresta, contra as comunidades locais e suas lideranças, agrava as desigualdades locais.

Deveríamos seguir o conselho do Papa e discutir de forma muito objetiva como podemos cuidar

da Amazônia e de nossos recursos naturais para nosso próprio benefício. Mas estamos, como país, muito longe disso. O Governo não tem políticas para a região, exceto os seus grandes planos de infraestrutura, investimentos em agropecuária, nada em bases sustentáveis.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado?**

**Carlos Rittl** - O Governo Brasileiro irá muito em breve definir compromissos para o novo acordo de clima, a ser fechado na COP21, no final do ano. Estes compromissos serão determinantes para os rumos da economia do país nas próximas décadas, para definir como o Brasil se insere de forma estratégica na economia global de baixo carbono. Um compromisso ambicioso do Governo Brasileiro irá ajudar a consolidar um acordo mais ambicioso para fazer frente ao enorme desafio das mudanças climáticas. É muito importante que todos se engajem no debate sobre mudanças climáticas para que a decisão do Governo seja proporcional a este clima mais hostil que já afeta a nossa qualidade de vida, em todas as regiões do país. ■

### **LEIA MAIS...**

- *Sem acordos em 2014, agenda ambiental de 2015 será intensa.* Entrevista com Carlos Rittl, publicada em **Notícias do Dia**, de 18-12-2014, no sítio IHU, disponível em <http://bit.ly/1G9smJs>.
- *Brasil pensa que já fez muita coisa pelo clima.* Entrevista com Carlos Rittl, concedida à Folha de São Paulo, reproduzida em **Notícias do Dia**, de 10-03-2015, no sítio IHU, disponível em <http://bit.ly/1LYmTxc>.
- *Anúncio do G-7 não resolve lacuna climática que tem de ser resolvida até 2020.* Entrevista com André Nahur, publicada em **Notícias do Dia**, de 17-07-2015, no sítio IHU, disponível em <http://bit.ly/1MhGi9w>.
- *Agenda ambiental não é prioridade do Estado brasileiro.* Entrevista com Carlos Rittl, publicada em **Notícias do Dia**, de 24-03-2015, no sítio IHU, disponível em <http://bit.ly/1LSbX5h>.

# Da crise ecológica ao pensamento complexo

Edgard de Assis Carvalho analisa a *Laudato Si'* e estabelece as relações entre o documento apostólico e o pensamento complexo de Edgar Morin

Por Ricardo Machado

**E**m uma ecologia integral não há centro nem periferia, há relações. Vivemos um período ainda muito marcadamente moderno, sobretudo se considerarmos a compartimentação dos conhecimentos, resultado de um processo cartesiano de intensa disciplinarização dos conhecimentos. Na prática, esta racionalidade nos leva àquilo que Bergoglio chama, na *Laudato Si'*, de Crise Ecológica e, para tanto, sugere a perspectiva da Ecologia Integral.

O ponto de vista religioso apresentado na Encíclica encontra guarida na ciência naquilo que Edgar Morin chama de "pensamento complexo". "Religar ciências, espiritualidades, artes, propor vias para o futuro da Terra-Pátria, restaurar a Ética, construir processos educativos que superem as fragmentações disciplinares são os objetivos últimos do pensamento complexo", explica o professor e pesquisador Edgard de Assis Carvalho, em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*. "Francisco afirma que é preciso revigorar a ideia de que somos uma família humana e que o local e o global são faces de uma mesma moeda. A Ecologia religa necessariamente humanidade e animalidade, pois tudo isso está interconectado numa espécie de síntese sem síntese", frisa.

Descolada de uma ideia integral, a racionalidade moderna elevou o antropocentrismo ao grau máximo de suas possibilidades técnicas comandadas por uma ideia de poder soberano. "O antropocentrismo é expressão máxima disso. O homem não é centro de nada.

Essa cultura do narcisismo amplia intolerâncias, guerras, extermínios. A natureza não existe para ser submetida ao homem. A relação homem-natureza é de coautoria, e não de dominação ou submissão", avalia. "O racionalismo, a racionalidade, a racionalização elegeram o homem como todo-poderoso e cimentaram a ideia de que a natureza existe para ser dominada e submetida por ele. Se a ideia do poder de Deus implica uma subjetividade absoluta, o poder do Homem expõe uma subjetividade relativa, pois somos, ao mesmo tempo, iguais em gênero e espécie e diferentes em culturas e especificidades", complementa.

Edgard de Assis Carvalho é graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo - USP, doutor em Antropologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, pós-doutor pela Ecole des Hautes Études e Sciences Sociales - EHESS, na França, e livre docente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp. É professor titular de Antropologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, e representante brasileiro da Cátedra Itinerante Unesco Edgar Morin - Ciuem. É um dos autores de *Cultura e pensamento complexo* (Natal: EDUFRN, 2009). De suas obras, destacamos: *Ética, solidariedade e complexidade* (São Paulo: Palas Athena, 1998), *Edgar Morin: em busca dos fundamentos perdidos. Textos sobre o marxismo* (Porto Alegre: Editora Sulina, 2002) e *Cultura e Pensamento complexo* (Porto Alegre: Sulina, 2012).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Que relações se podem estabelecer entre a *Laudato Si'* e o paradigma da complexidade de Edgar Morin?**

**Edgard de Assis Carvalho** - *Laudato Si'* tem uma estrutura auspiciosa. Compõe-se de 246 tópicos distribuídos em seis capítulos interligados, cuja característica não linear leva o leitor aos dilemas, contradições, aporias e utopias da contemporaneidade. Há capítulos que explicitam o evangelho da criação, outros que investem mais nas raízes da crise generalizada dos ecossistemas. O capítulo 4 – Uma ecologia integral – é conceitual, teórico, explícita as condições do bem viver, da justiça, da ética. Os dois capítulos finais são propositivos, investem no diálogo intercultural, no reconhecimento, na colaboração das culturas, na religação entre espiritualidades, principalmente a cristã, as ciências, as artes. O pensamento complexo – que prefiro não chamar de paradigma, pois um paradigma é sempre um dispositivo com regras, preceitos, consensualidades – é sempre marcado pelo princípio da incerteza racional que envolve uma postura de descentramento do sujeito e sua reinserção na teia da vida. As espiritualidades em geral – a cristã inclusive – são formas cognitivas básicas de humanos de todos os tempos. O iluminismo consagrou as luzes da razão considerando que a via racional era o único acesso possível ao entendimento. A tradição judaico-cristã incumbiu-se do resto. Religar ciências, espiritua-

1 **Edgar Morin** (1921-): sociólogo francês, autor da célebre obra *O Método*. Os seis livros da série foram tema do *Ciclo de Estudos sobre "O Método"*, promovido pelo IHU em parceria com a Livraria Cultura de Porto Alegre em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A religação dos saberes. O desafio do século XXI* (Bertrand do Brasil, 2001). Confira a edição especial sobre esse pensador, intitulada *Edgar Morin e o pensamento complexo*, de 10-09-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon402>. (Nota da **IHU On-Line**)

lidades, artes, propor vias para o futuro da Terra-Pátria, restaurar a Ética, construir processos educativos que superem as fragmentações disciplinares são os objetivos últimos do pensamento complexo. Com mais de 2.500 páginas, os seis volumes de *O Método – A natureza da natureza, A vida da vida, O conhecimento do conhecimento, As ideias, A humanidade da humanidade, Ética – explicitam esse metaponto de vista* (Porto Alegre: Sulina, 2005).

**IHU On-Line - Como o senhor interpreta o conceito de Ecologia Integral trazido por Bergoglio?**

**Edgard de Assis Carvalho** - O conceito de Ecologia integral integra o homem na natureza, a natureza da química da vida. No Capítulo 1 da *Laudato Si'* – O que está acontecendo com a nossa casa – há uma constatação que considero crucial. Sofremos no corpo e na mente os efeitos da 'globalização da indiferença', do mal-estar na civilização. Francisco afirma que é preciso revigorar a ideia de que somos uma família humana e que o local e o global são faces de uma mesma moeda. A Ecologia religa necessariamente humanidade e animalidade, pois tudo isso está interconectado numa espécie de síntese sem síntese. A sustentabilidade dos ecossistemas requer novas formas de regulação das políticas públicas que se preocupem com as futuras gerações.

**IHU On-Line - De que forma os processos históricos foram esfacelando a ideia da complexidade humana? O que isso tem a ver com as dinâmicas que resultam no tecnocentrismo?**

**Edgard de Assis Carvalho** - O tecnocentrismo é a expressão máxima do quadrimotor – ciência, técnica, indústria, Estado – que comanda os dispositivos da realidade líquida em que vivemos. Em *Rumo ao abismo* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007), que reúne um conjunto de pronunciamentos de Edgar Morin em jornais, conferências, está contida a ideia de que, para sair da

crise geral – e não apenas da ecológica – é necessário mudar o paradigma. Desde Heidegger,<sup>2</sup> sabemos que, em si mesma, a técnica não é boa nem má, pois tudo depende daqueles que fazem uso dela. Um acontecimento-mundo expressa essa ambivalência: a destruição de Hiroshima<sup>3</sup> e Nagasaki,<sup>4</sup> em seis e nove de agosto de 1945. Por que acontecimento-mundo? Porque pela primeira vez na história constatou-se que um artefato técnico, produto de um desenvolvimento exponencial da Física, resultou na destruição em massa de homens, cidades, ecossistemas. Qualquer forma de centrismo é um prejuízo real e simbólico para a vida. O antropocentrismo é expressão máxima disso. O homem não é centro de nada. Essa cultura do narcisismo amplia intolerâncias, guerras, extermínios. A natureza não existe para ser submetida ao homem. A relação homem-natureza é de coautoria, e não de dominação ou submissão.

2 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do **ciclo de estudos Filosofias da diferença** – pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des) governo biopolítico da vida humana**. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Hiroshima**: é a capital da província de Hiroshima, no Japão. Em 6 de agosto de 1945, foi a primeira cidade do mundo arrasada pela bomba atômica de fissão denominada Little Boy, lançada pelo governo dos Estados Unidos, resultando em 250.000 mortos e feridos. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Nagasaki: capital da província de Nagasaki. Em 9 de agosto de 1945 foi bombardeada pela segunda bomba atômica lançada pelos EUA. (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre o conceito de “homem” abordado por Morin, que o percebe como uma tríade — indivíduo, sociedade, espécie —, e a ideia do Deus trino da Encíclica? Qual a questão de fundo que está por trás desta argumentação?**

**Edgard de Assis Carvalho** - O *homo sapiens sapiens demens* contém a ideia de que não somos apenas racionais. Esse duplo *sapiens* implica assumir que, no mundo animal, alguma forma de sapientidade já existe, principalmente no caso dos primatas não humanos. Esse é o sentido trino da ideia de homem: ele é indivíduo-sujeito, traz consigo uma longa trajetória onto e filogenética; ao mesmo tempo é sociedade, pois sempre paga um preço muito alto para viver com os outros, é espécie — homínida — que lhe confere uma especificidade no processo de evolução da vida. A questão de fundo a que você se refere traduz o esgotamento do raciocínio binário consagrado pela visão cartesiana. Assumir os mistérios da trindade é situar-se num paradigma indiciário que não diaboliza as luzes da razão, mas acredita que, sob e sobre elas, existem sombras, mistérios, loucuras, imanências, transcendências. Oriunda dos pressupostos da espiritualidade cristã, a ideia do Deus Trino — pai, filho, espírito — é, simultaneamente oposta e complementar à tríade indivíduo, sociedade, espécie. Por isso, é necessário colocá-las em circuito dialógico, recursivo, hologramático. Como está posto no capítulo seis da *Laudato Si'*, essa via “indica-nos o desafio de tentar ler a realidade em chave trinitária”.

**IHU On-Line - De que maneira a Economia, enquanto ciência, coloca-se em uma posição deificada com relação às questões contemporâneas?**

**Edgard de Assis Carvalho** - Vistos isoladamente, os processos econômicos contemporâneos que minimizam meios para maximizar fins sempre conduzem à expansão

das desigualdades por toda a face da Terra. Basta olhar o que ocorre na América Latina, na Europa — o exemplo da Grécia é paradigmático a esse respeito —, nos Estados Unidos. A Economia reduz o homem a uma engrenagem descartável empenhada na rentabilidade imediata, no crescimento econômico, nos rendimentos do capital. Em decorrência disso ampliam-se as desigualdades, a pobreza, a concentração das rendas nas mãos de poucos. A *Laudato Si'* elenca as sucessivas Declarações, apelos, conferências que, desde os anos 1970, alertam para os perigos iminentes que essa lógica impõe ao planeta. Sabemos todos que a implementação dessas recomendações por parte dos Estados nacionais e blocos econômicos é frágil, tímida, ineficaz. Os ecossistemas vivos correm o sério risco de destruição nas próximas décadas, se algo não for posto em prática de imediato.

**IHU On-Line - Em que medida essa postura científica que ignora os efeitos (colaterais e previstos) de suas ações é subsidiária da racionalidade judaico-cristã, que eleger um ser todo poderoso, imanentizada pelos humanos?**

**Edgard de Assis Carvalho** - O racionalismo, a racionalidade, a racionalização elegeram o homem como todo-poderoso e cimentaram a ideia de que a natureza existe para ser dominada e submetida por ele. Se a ideia do poder de Deus implica uma subjetividade absoluta, o poder do Homem expõe uma subjetividade relativa, pois somos, ao mesmo tempo, iguais em gênero e espécie e diferentes em culturas e especificidades. Em 2012, houve um encontro no Rio de Janeiro patrocinado pelo SESC nacional. Edgar Morin apresentou um texto-base com um curioso título: *Para um pensamento do Sul* (Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2011). Não foi nada fácil deixar de conceber esse *Sul* como uma entidade geográfica. Existem Nortes e Suis. Baseado na irreversibilidade da tecnociência, do cálculo, do lucro a qualquer preço, o pensamento hegemônico do Norte

consagra a ideia do *homo economicus* e deixa de lado o amor, a dádiva, a comunhão, a espiritualidade, a convivialidade, a brincadeira. A degradação das solidariedades tradicionais e o reconhecimento do todo do qual fazemos parte foram deixados de lado. A universalidade que nos comanda exige um reaprendizado constante. Somos todos filhos do Céu, da Terra e, se quisermos, de Deus também. Temos de assumir essa tríade universal, dialogar permanentemente com ela, e trabalhar seu lado contraditório, complementar, indeterminado.

**IHU On-Line - Como a fragmentação e a compartimentação dos conhecimentos nos conduziu à Crise Ecológica em sentido conceitual?**

**Edgard de Assis Carvalho** - Em uma das epígrafes de *Ciência com consciência* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 - 8ª Edição), Edgar Morin reitera que a fragmentação é a barbárie do pensamento, e a complexidade a civilização das ideias. Essa barbárie se expressa no fato de que a figura do especialista e do *expert* deve ser vista com reservas. Precisamos de um tipo de especialista que não se contenta mais com os contornos sitiados da sua área, mas expande suas argumentações para além dela. Daí decorre a crise geral dos saberes que presenciamos hoje. Oriunda do grego, a palavra crise expressa corte, supressão, mas também potência para tomar outros rumos, ou seja, construir vias alternativas para o futuro dos sistemas vivos. O século XXI não conseguirá concretizar a crença de que vivemos hoje uma sociedade do conhecimento se não virarmos a página dos centrismos. Precisamos de vias alternativas que acabem por desembocar numa *Via para o futuro da humanidade* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011), título este de um livro de Edgar Morin de 2011.

**IHU On-Line - Do que se trata a ética do pensamento de Morin? Como esta perspectiva dialoga**

## com a ideia da Ecologia Integral de Francisco?

**Edgard de Assis Carvalho** - O volume seis de *O Método*, de 2014, retorna aos dilemas da era planetária. A terra-pátria é a comunidade de destino que fornece as bases éticas para a humanidade, assentadas em três princípios básicos: solidariedade, responsabilidade, reconhecimento. Todo ato ético implica a religação com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade, com o cosmo. Por isso, a ética de si – autoética –, a ética do outro – socioética – e a ética das espécies – antropológica – constituem uma tríade indissociável para a instauração da democracia cognitiva, da política de civilização, da restauração da esperança. Sistematizada no capítulo quatro da Encíclica, a ideia da Ecologia integral, fundada no bem viver, no bem comum, na justiça intergeracional, parte da crítica aos antropocentrismos modernos e reitera que “as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualizar e compreender. A natureza não pode ser apartada de nós. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos”.

Uma ecologia verdadeiramente humana, ou seja, uma ecologia geral dos ecossistemas vivos, pode ser obra de um Deus criador e também de homens empenhados em fortalecer os laços conviviais em prol de uma comunidade de destino sustentável para todos. Dialogar com essas posturas pode trazer ressonâncias no ensino e na pesquisa. É claro que, sem excluir o ensino dito laico, as Pontifícias Universidades Católicas têm um importante papel a cumprir ao promover, de fato, o diálogo entre

os saberes culturais, quaisquer que sejam eles, sem qualquer tipo de rejeição ou censura.

## IHU On-Line - Como promover as religiões dos saberes? Qual a importância desta perspectiva para os desafios do século XXI?

**Edgard de Assis Carvalho** - Promover a religação requer uma reforma global dos educadores. Como Marx<sup>5</sup> já afirmara, reforma do ensino e dos educadores têm de caminhar juntas. Centros de difusão de saberes universais, as Universidades enfatizam a especialização, estimulam a fragmentação, aderem acriticamente a sistemas de avaliação e controle que aceleram o produtivismo e a *expertise*. O fosso entre cultura científica e humanista se amplia a cada dia e a formação não leva em conta a religação. São inúmeros os projetos que tentam mudar de caminho. Empenhado em reformar o ensino médio na França, em 1998, Morin defendeu a religação como forma de regeneração de

**5 Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição número 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, que tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise*. Uma leitura a partir de Marx, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty **O Capital no Século XXI**, que retoma o argumento central da obra de *Marx O Capital*, disponível em <http://bit.ly/IHUOn449>. (Nota da **IHU On-Line**)

um humanismo não antropocêntrico. Competências tecnocientíficas são fundamentais, mas devem ser inseridas em contextos mais amplos. *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001) teve ampla divulgação no Brasil, provocou uma certa mobilização, mas a Universidade não discutiu o texto como deveria, a não ser nas brechas criadas por alguns núcleos e grupos de pesquisa.

Em 2010, em Fortaleza, Morin presidiu a Conferência internacional intitulada *Os sete saberes necessários à educação do presente*. Resultado do encontro, a *Carta de Fortaleza* fez um apelo dirigido a instituições estatais, privadas, confessionais, instando-as a repensar seus modelos de ensino e pesquisa. Em 2014, Edgar Morin publicou *Ensinar a viver - manifesto para mudar a educação*. Na conclusão é mais uma vez reiterada a ideia de que “o objetivo da reforma de educação é o bem viver de cada um e de todos, principalmente de professores e alunos. É preciso regenerar Eros, pois ‘tudo aquilo que não se regenera, se degenera’”. Essa frase serve de epígrafe a mais essa reflexão baseada na esperança de uma política de civilização para a nossa casa, termo usado pelo Papa Francisco que sempre sugere ‘a riqueza do pluralismo’ como antídoto à tentação ditatorial”.

## IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

**Edgard de Assis Carvalho** - A leitura sistemática da *Laudato Si'* demonstra que toda vez que a religação é posta em marcha, o conhecimento se amplia de forma democrática, complexa, filosófica, religiosa. ■

## LEIA MAIS...

– *A revogação do antropocentrismo e a aquisição de saberes transversais*. Entrevista com Edgard de Assis Carvalho publicada na **IHU On-Line**, edição 402, de 10-09-2012, disponível em <http://bit.ly/1J6yN1Z>.

# *Laudato Si'*: a perspectiva sistêmica que atualiza o debate ambiental

Moema Miranda destaca a abordagem da Encíclica. Para ela, pensar em sistema permite entender que “a Terra ferida e os pobres despossuídos são protagonistas de processos de luta e de transformação”

Por Márcia Junges e João Vitor Santos

**A**ntropóloga Moema Miranda, diretora do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas - Ibase, debruçou-se sobre a Encíclica *Laudato Si'* e, depois de participar de encontro no Vaticano, comemora: “após dois mil anos de dualismo, pela primeira vez uma perspectiva sistêmica e integrada é afirmada com tanta clareza em um documento da Igreja”. Para ela, essa é a grande novidade do documento apostólico. É como abrir uma janela para oxigenar não só o debate de causas ambientais, mas uma visão de mundo. “Abre-se uma fundamental e bem posicionada possibilidade de diálogo com abordagens sistêmicas desenvolvidas pelas chamadas ciências do sistema terra, que envolvem a física, a química, a biologia, entre outras”, completa, em entrevista concedida por e-mail para IHU On-Line.

O que Moema chama de visão sistêmica é materializada na Encíclica com as repetidas afirmações de que “tudo está interligado”. Isso permite entender que não há uma crise ambiental e outra social. Ou seja, se a terra sofre, os pobres são impactados, e vice-versa. “A Terra ferida e os pobres despossuídos são protagonistas de processos de luta e de transformação”, destaca. Assim, percebe-se que o documento tem poder de inspirar não somente católicos. Isto credita peso político para *Laudato Si'*, que “apresenta-se como documento com enorme capacidade de influenciar o debate e de contribuir para ações mais coordenadas no enfrentamento das causas do aquecimento global”, avalia.

Na entrevista, Moema também aponta questões que foram deixadas à margem. Para ela, há “uma grande e lamentável ausência na Encíclica: trata-se do papel e do lugar das mulheres em todo este debate. Sabemos bem que a pobreza tem gênero, raça e geração. As mulheres estão entre as pessoas mais pobres em todo o mundo. São também as mulheres, especialmente aquelas vivendo em situação de pobreza, as que pagam o preço mais alto pelas mudanças climáticas que afetam as vidas de suas famílias”, avalia.

Moema Miranda é antropóloga, com mestrado e pós-graduação em Antropologia Social pelo Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integra a direção colegiada do Ibase. Participou do Comitê Facilitador da Sociedade Civil Brasileira para a Rio+20. É membro do Conselho Internacional do Fórum Social Mundial. Coordena o projeto “Diálogo dos Povos - Uma articulação Sul-Sul”, com a participação de entidades e redes da América Latina e da África. Em julho, participou da conferência sobre a Encíclica *Laudato Si'*, intitulada “As pessoas e o Planeta em primeiro lugar: imperativo a mudar de rumo”. O encontro realizado no Vaticano foi promovido pelo Pontifício Conselho da Justiça e da Paz junto com a Aliança Internacional das Organizações Católicas para o Desenvolvimento - CIDSE.

A entrevista foi publicada nas **Notícias do Dia**, de 14-07-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1hfuuuX>.

**Confira a entrevista.**



## ***Sabemos bem que a pobreza tem gênero, raça e geração. As mulheres estão entre as pessoas mais pobres***

**IHU On-Line - Qual é a importância da Encíclica *Laudato Si'* na convergência de esforços para mitigar as mudanças climáticas? Como deve ser a repercussão da Encíclica no encontro da COP 21, em dezembro, em Paris?**

**Moema Miranda** - Estamos a poucos meses da COP 21 em Paris. A Encíclica *Laudato Si'* chega – em termos políticos – a tempo de contribuir com o avanço dos debates internacionais, bem como nacionais, sobre as medidas que devem ser tomadas no campo das mudanças climáticas. As organizações da sociedade civil têm denunciado como os processos oficiais estão distantes de decisões relevantes que alterem o curso “que parece suicida” (LS 55) de aumento do aquecimento global. Na Encíclica, o Papa identifica, em consonância com este entendimento, que “as cúpulas mundiais sobre o meio ambiente dos últimos anos não corresponderam às expectativas, por que não alcançaram, por falta de decisão política, acordos ambientais globais realmente significativos e eficazes” (LS 166).

Hoje as causas humanas das mudanças climáticas, assumidas com total clareza na *Laudato Si'*, têm aceitação praticamente consensual entre cientistas e organizações da sociedade civil. Apesar disso, os mecanismos governamentais, internacionais e nacionais, para a tomada de decisões efetivas, têm se demonstrado dramaticamente ineficazes. A causa principal encontra-se na captura dos debates pelos interesses das grandes corporações, que têm cada vez

maior influência sobre os sistemas políticos.

O Papa, especialmente a partir da *Laudato Si'*, assume uma posição de destaque, sendo o único líder com expressão internacional a afirmar a necessidade de enfrentar as causas reais do aquecimento global, indo além de soluções “superficiais”. Neste contexto, muitas das denúncias e críticas que vêm sendo feitas por organizações populares, pastorais e movimentos ambientalistas e sociais há anos, ganham uma nova dimensão.

### **Revelações pela visão sistêmica**

Pela crescente popularidade e expressão social que o Papa adquiriu, sua intervenção chamará atenção para aspectos essenciais: denunciando as “falsas soluções” ou as “soluções superficiais” (LS 54); defendendo propostas que respeitem as “responsabilidades comuns porém diferenciadas” (LS 170); considerando a “dívida ecológica” dos países do Norte (LS 51); indicando a necessidade de superar o uso de energias fósseis (LS 26); exigindo que se imponham limites claros aos padrões de consumo hegemônicos: “devemos aceitar um certo decréscimo do consumo nalgumas partes do mundo” (LS 193).

Finalmente, a Encíclica, ao apresentar uma visão sistêmica (“tudo está ligado com tudo”, (LS 16), reconhece que “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental”(LS 139). Este reconhecimento coincide com o que os movimentos sociais tinham

afirmado já no Fórum Social Mundial de 2009, em Belém, ao denunciar a “crise de civilização”.

A consequência desta perspectiva é que, como afirma o Papa, “convém evitar uma concepção mágica do mercado, que tende a pensar que os problemas se resolvem apenas com o crescimento dos lucros das empresas ou dos indivíduos. Será realista esperar que quem está obcecado com a maximização dos lucros se detenha a considerar os efeitos ambientais que deixará às próximas gerações?” (LS 190).

Há, portanto, da perspectiva da Encíclica, a necessidade de superar o sistema baseado na “cultura do descarte” (LS 22), o que implica uma revisão profunda do modelo econômico, social e cultural hegemônico. A *Laudato Si'* apresenta-se, assim, como documento com enorme capacidade de influenciar o debate e de contribuir para ações mais coordenadas no enfrentamento das causas do aquecimento global. No entanto, não devemos esperar que esta seja uma batalha fácil! Os oponentes são extremamente poderosos!

**IHU On-Line - Como está sendo a recepção desse documento entre os pesquisadores e ambientalistas? A senhora participou de encontros e discussões sobre o documento (inclusive no Vaticano). O que tem surgido a partir dessas discussões?**

**Moema Miranda** - No começo de julho, em Roma, o Pontifício Conselho de Justiça e Paz<sup>1</sup>, em

<sup>1</sup> **O Pontifício Conselho Justiça e Paz** (Pontificium Consilium de Iustitia et Pace): organismo da Cúria Romana que tem em vista fazer com que no mundo sejam promovidas à justiça e a paz, segundo o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja.

Aprofunda a Doutrina Social da Igreja, empenhando-se por que ela seja amplamente difundida e posta em prática junto dos indivíduos e das comunidades, especialmente no que se refere às relações entre operários e empresários, a fim de estarem cada vez mais impregnadas do espírito do Evangelho. Recolhe notícias e resultados de pesquisas sobre a justiça e a paz, sobre o progresso dos povos e as violações dos direitos humanos, avalia-os e, segundo a oportunidade, comunica aos organismos episcopais as

cooperação com a Coordenação das Agências Católicas para o Desenvolvimento - CIDSE, organizou um importante seminário sobre a Encíclica. Contou com a presença de aproximadamente 180 pessoas de mais de 20 países. Entre eles, organizações ambientalistas, movimentos populares e pastorais sociais. A avaliação comum sobre a Encíclica foi extremamente positiva. Naomi Klein<sup>2</sup>, ativista e jornalista canadense, por exemplo, disse que “agora o Vaticano elevou o nível do debate”, abrindo possibilidades de avanços efetivos nas discussões sobre clima.

Mary Robinson<sup>3</sup> afirmou que “a Encíclica é muito melhor do que

conclusões deduzidas. Ainda favorece as relações com as associações católicas internacionais e com outras instituições não católicas, que se empenham pela afirmação dos valores da justiça e da paz no mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Naomi Klein** (1970): jornalista, escritora e ativista canadense. A carreira de escritora de Klein começou com contribuições ao jornal *The Varsity* na Universidade de Toronto, escrevia sobre feminismo. Em 2000 publicou *No Logo* (em português *Sem Logo - A Tirania das Marcas em Um Planeta Vendido*), que para muitos se transformou em um manifesto do movimento antiglobalização. O livro traz efeitos negativos da cultura consumista e as pressões impostas de grandes empresas sobre seus trabalhadores. Em 2002 publica *Fences and Windows* (em português *Cercas e Janelas*), uma coleção de matérias escrita por ela sobre o movimento antiglobalização no mundo como movimento zapatista e os protestos contra OMC e FMI. Em 2004 Klein e o marido Avi Lewis fizeram um documentário chamado *The Take* onde contam sobre os trabalhadores autônomos na Argentina. Klein também escreve regularmente para os jornais *The Nation*, *In These Times*, *Canada's The Globe and Mail*, *This Magazine* e *The Guardian*. Em outubro de 2005 esteve em 11<sup>a</sup> lugar na enquete sobre os intelectuais de 2005 promovida pela Revista *Prospect*. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Mary Robinson** (1944): política irlandesa. Entre os anos de 1969 a 1989 participou da Câmara Alta do Parlamento e, em 1988, foi co-fundadora do Centro Irlandês para as Leis Europeias. Nos anos 1990 foi eleita presidente da República da Irlanda, sendo a primeira mulher e a primeira personalidade de esquerda a ocupar o cargo. Comissária da ONU para os Direitos Humanos, Mary Robinson fundou a EGI (Iniciativa Ética Global). (Nota da **IHU On-Line**)

**Helmut Schmidt** (1918): economista e ex-político do Partido Social-Democrata (SPD) Alemão, desde 1946. Foi Chanceler da Alemanha de 1974 a 1982, tendo atuado como ministro de Relações Exteriores. (Nota da **IHU On-Line**)

esperávamos”. Pablo Solón<sup>4</sup>, reconhecido ambientalista boliviano, escreveu: “a Encíclica sobre o Cuidado da Casa Comum é um chamado a reconhecer que todos somos parte de uma família universal e a viver em comunidade com nossa Mãe Terra”<sup>5</sup>. Estas opiniões, comuns ao representante da *Via Campesina*<sup>6</sup> e a outros líderes presentes, indicam a avaliação positiva que a Encíclica vem encontrando na sociedade civil organizada. Sem dúvidas, isto se deve ao fato de que efetivamente ela recolhe inúmeras das perspectivas e propostas elaboradas ao longo de anos de mobilização e luta.

“  
*Após dois mil anos de dualismo, uma perspectiva sistêmica e integrada é afirmada com tanta clareza em um documento da Igreja*

O Papa promoveu um primeiro encontro com movimentos sociais em julho do ano passado. Não foi

Shimon Peres (1923): Político israelense. Foi primeiro-ministro de Israel nos períodos de 1984 a 1986 e 1995 a 1996, e co-fundador do Partido Trabalhista israelense, em 1968. Em junho de 2007 foi eleito presidente de Israel. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Pablo Solón Romero**: foi embaixador do Estado Plurinacional da Bolívia junto à Organização das Nações Unidas a partir de fevereiro de 2009 a julho de 2011. Ele é o filho do famoso boliviano muralista Walter Solón Romero Gonzáles. Atualmente é diretor executivo do Focus on the Global South, com sede em Bangkok. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> Em artigo publicado no Boletim Tunapa, n. 98, da Fundação Solón, distribuído no encontro (Nota da entrevistada)

<sup>6</sup> **Via Campesina**: organização internacional de camponeses composta por movimentos sociais e organizações de todo o mundo. A organização visa articular os processos de mobilização social dos povos do campo em nível internacional. (Nota da **IHU On-Line**)

um encontro banal. Percebe-se claramente que houve uma escuta séria e respeitosa da voz, tantas vezes silenciada, criminalizada, perseguida ou desqualificada dos que lutamos por um “outro mundo possível”.

## Ausência feminina

No entanto, foi identificada uma grande e lamentável ausência na Encíclica: trata-se do papel e do lugar das mulheres em todo este debate. Sabemos bem que a pobreza tem gênero, raça e geração. As mulheres estão entre as pessoas mais pobres em todo o mundo. São também as mulheres, especialmente aquelas vivendo em situação de pobreza, as que pagam o preço mais alto pelas mudanças climáticas que afetam as vidas de suas famílias. A elas cabe extratrabalho quando há problemas com a água, a terra, o aumento das doenças, entre tantos outros efeitos.

As mulheres são ativas militantes nos movimentos sociais e ambientais, nas pastorais sociais, nas organizações populares e de base. As feministas, camponesas, indígenas, quilombolas, moradoras de favelas, jovens artistas, entre tantas outras, estão organizadas. Elas defendem direitos, formulam propostas. É uma grande pena que sua voz, seu papel essencial nas lutas socioambientais e sua vitimização não tenham sido evidenciadas e valorizadas na Encíclica.

**IHU On-Line - Em quais aspectos esse documento papal dialoga e problematiza as principais constatações e concepções científicas e antropológicas de nosso tempo? Em que medida a Encíclica questiona e problematiza o antropocentrismo que caracteriza a vida na Terra?**

**Moema Miranda** - A Encíclica *Laudato Si'* é histórica por muitos de seus aspectos. Certamente, entre estes, destaca-se o fato de ser o primeiro documento pontifício a adotar uma perspectiva sistêmica,



holística, como chamou atenção Roberto Malvezzi, da Comissão Pastoral da Terra - CPT<sup>7</sup>. Após dois mil anos de dualismo, pela primeira vez uma perspectiva sistêmica e integrada é afirmada com tanta clareza em um documento da Igreja: “tudo está interligado com tudo” (LS 16). É de grande importância, neste sentido, o parágrafo 98: “Jesus vivia em plena harmonia com a criação [...]. Não Se apresentava como um asceta separado do mundo ou inimigo das coisas aprazíveis da vida [...]. Encontrava-Se longe das filosofias que desprezavam o corpo, a matéria e as realidades deste mundo. Todavia, ao longo da história, estes dualismos combatidos tiveram notável influência nalguns pensadores cristãos e desfiguraram o Evangelho.” (Grifo da entrevistada)

A partir daí, abre-se uma fundamental e bem posicionada possibilidade de diálogo com abordagens sistêmicas desenvolvidas pelas chamadas ciências do sistema terra, que envolvem a física, a química, a biologia, entre outras. Já na Introdução da Encíclica, o Papa afirma seu “objectivo de assumir os melhores frutos da pesquisa científica atualmente disponível, deixar-se tocar por ela em profundidade e dar uma base concreta ao percurso ético e espiritual seguido.” (LS 15)

### **Crítica à tecnociência**

Por outro lado, a Encíclica apresenta uma dura crítica à “tecnociência”, quando aliada aos interesses financeiros e de mercado: “é preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba por condicionar os estilos de vida e orientam as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder. Certas opções, que parecem puramente

<sup>7</sup> **Comissão Pastoral da Terra (CPT):** órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, vinculado à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz e surgido em 22 de junho de 1975, durante o Encontro de Pastoral da Amazônia, convocado pela CNBB e realizado em Goiânia. (Nota da IHU On-Line)

instrumentais, na realidade são opções sobre o tipo de vida social que se pretende desenvolver.” (LS 107)

Partindo destas premissas, a Laudato Si’ desafia o lugar que comumente atribuímos à espécie humana na cultura ocidental. Ao adotar uma perspectiva sistêmica, reconhece que somos parte da comunidade da vida: “nós mesmos somos terra (cf. Gên. 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.” (LS 2)

## “**Laudato Si’ desafia o lugar que comumente atribuímos à espécie humana na cultura ocidental**”

A inspiração sistêmica sustenta a crítica explícita ao “antropocentrismo exacerbado” e à desmedida relação humana com os bens comuns. O antropocentrismo é identificado como uma das principais causas do aumento da pobreza, bem como da crise ambiental, em todas as suas dimensões. *Laudato Si’* também compreende a crítica ao antropocentrismo do ponto de vista teológico e espiritual.

### **Perspectiva espiritual**

No entanto, reconhece que, embora hegemônica, esta perspectiva não é compartilhada por todos. Identifica, por um lado, na espiritualidade de São Francisco de Assis uma ruptura significativa com o modelo dominante. São Francisco não deve ser compreendido como um romântico, amante dos lobos e dos passarinhos. Sua espiritualidade inspira a “fraternidade universal” como consequência do reconhecimento do valor intrínseco de

todas as criaturas. A natureza, ou o mundo criado, não tem valor apenas pelo uso que definimos a partir dos interesses humanos, mas são em si valiosos e, como tal, devem ser cuidados.

Mais ainda, a espiritualidade franciscana combina grande respeito por todos os seres humanos com a mesma atitude em relação à criação: “a pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objecto de uso e domínio.” (LS 11) A Encíclica reconhece, por outro lado, que muitas culturas indígenas negam e resistem ao antropocentrismo utilitarista e, por isto, os povos indígenas assumem protagonismo na defesa de seus territórios frente ao avanço do capital e da mercantilização da vida. Nesse sentido, vale a pena ler com especial atenção o parágrafo 146.

Finalmente, mas não menos importante, ao adotar a perspectiva sistêmica, a Encíclica reconhece a Terra como ser vivente, criatura que se expressa, e não apenas fonte inerte de “recursos naturais”, ao dispor do ser humano. Assim, afirma que a Terra, “esta irmã, clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la.” (LS 2, grifo da entrevistada). A voz da terra, somada à voz dos pobres, se torna fonte de denúncia das injustiças a um tempo ambientais e sociais do modelo de desenvolvimento hegemônico. A “profecia da terra” reassume lugar de destaque. A Terra ferida e os pobres despossuídos são protagonistas de processos de luta e de transformação.

**IHU On-Line - Em que medida o debate suscitado pela Encíclica e as descobertas científicas que demonstram a mudança climática apontam para a necessidade de se repensar o paradigma do progresso sob o qual vivemos?**

**Moema Miranda** - Considero que a maior dificuldade para a adoção de medidas efetivas em relação ao aquecimento global, e a outros aspectos dramáticos da crise socioambiental, está no fato de que suas origens, sua raiz, se situa no coração do modelo de desenvolvimento capitalista. A lógica do crescimento econômico ilimitado em um planeta limitado é, inegavelmente, "suicida". O consenso científico em relação às ações humanas como principal fator do aquecimento global foi atingido com enorme disputa. Como ativistas e estudiosos indicaram, as grandes corporações lideram lobbies extremamente fortes para desqualificar as pesquisas científicas e alcançaram grande êxito. Hoje, segundo as pesquisas de opinião, a maior parte dos americanos considera que o aquecimento global é uma inverdade.

Com todos os limites, os relatórios do IPCC<sup>8</sup> que vinculam ação humana e aquecimento global ganharam, ao longo dos anos, consistência e contam com apoio quase absoluto da comunidade científica. A Encíclica assume de forma clara e explícita este entendimento: há um sistema econômico e cultural que gera, simultaneamente e de forma interligada, a pobreza de muitos e a extrema riqueza de poucos; que produz desigualdade e concentração de riqueza e poder; que degrada e destrói o ambiente e as condições de vida sobre a Terra. Este sistema se baseia em uma "cultura do descarte" e supõe que a natureza seja mera fonte de

8 **IPCC - Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática:** órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2.500 cientistas de todo o mundo. O documento divulgado pelo IPCC em fevereiro de 2007 afirmou que os homens são os responsáveis pelo aquecimento global. Sobre o tema, a **IHU On-Line** nº 215 produziu uma edição especial, intitulada *Estamos no mesmo barco. E com enjoo*. Anotações sobre o relatório do IPCC. O sítio do IHU tem dada ampla cobertura ao tema. No endereço eletrônico ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), podem ser acessadas entrevistas sobre o assunto. (Nota da **IHU On-Line**)

recursos a ser utilizada de forma irresponsável e sem cuidado pela parte da humanidade beneficiada. Portanto, "há vencedores e vencidos não só entre os países, mas também dentro dos países pobres, onde se devem identificar as diferentes responsabilidades." (LS176)

Em distintos momentos e com ênfases específicas, a Encíclica subscreve uma leitura crítica do crescimento econômico como sinônimo de progresso e, de um ponto de vista mais profundo, cultural e espiritual, afirma com lucidez: "se reconhecemos o valor e a fragilidade da natureza e, ao mesmo tempo, as capacidades que o Criador nos deu, isto permite-nos acabar hoje com o mito moderno do progresso material ilimitado. Um mundo frágil, com um ser humano a quem Deus confia o cuidado do mesmo, interpela a nossa inteligência para reconhecer como deveremos orientar, cultivar e limitar o nosso poder." (LS 78)

**IHU On-Line - Sob quais aspectos é preciso se pensar em responsabilidades diferenciadas e historicamente definidas entre os países? A partir da divulgação desse documento, em que aspectos os países ricos são diretamente incitados a agir de modo diferente em termos de modelo de produção e desenvolvimento?**

**Moema Miranda** - A partir do que foi dito até aqui, já podemos perceber como o Papa identifica as responsabilidades diferenciadas dos países do Sul e do Norte nas causas do aquecimento global. No entanto, sabemos que o princípio das "responsabilidades comuns, mas diferenciadas", consagrado a partir da Rio 1992<sup>9</sup>, no marco da

9 **Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento:** encontro realizado entre os dias 3 e 14 de junho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. O evento, que ficou conhecido como ECO-92 ou Rio-92, fez um balanço tanto dos problemas existentes quanto dos progressos realizados, e elaborou documentos importantes que continuam sendo referência para as discussões ambientais. (Nota da **IHU On-Line**)

Convenção-quadro da Nações Unidas sobre Mudanças do Clima<sup>10</sup> (UNFCCC, para a sigla em inglês), está sob forte ataque nas negociações internacionais sobre clima.

Neste sentido, a *Laudato Si'* presta uma enorme contribuição ao debate, ao reafirmar e reconhecer, no parágrafo 170: "É verdade que há responsabilidades comuns, mas diferenciadas, pelo simples motivo – como disseram os bispos da Bolívia – que "os países que foram beneficiados por um alto grau de industrialização, à custa duma enorme emissão de gases com efeito de estufa, têm maior responsabilidade em contribuir para a solução dos problemas que causaram". Ao assumir em um documento pontifício a declaração dos bispos da Bolívia, país que desempenhou papel relevante nos debates internacionais, o Papa contribui, sem dúvida, para que os governos dos países do Sul sejam fortalecidos nos debates internacionais.

O contraponto com as responsabilidades dos países do Norte é parte desta mesma lógica. São chamados a ocupar um lugar de maior responsabilidade. Como foi afirmado anteriormente, isto implica alterações profundas não apenas nos padrões políticos, mas em formas de vida marcadas pelo sobreconsumo, pelo acúmulo e pelo desperdício, o que implica não apenas os governos, mas também a parte privilegiada da população dos países do Norte.

O Papa reconhece a gravidade dos desafios: "A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos dita-

10 **Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima:** é um tratado internacional que foi resultado da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, informalmente conhecida como a Cúpula da Terra, realizada no Rio de Janeiro em 1992. O tratado não fixou, inicialmente, limites obrigatórios para as emissões de gases de efeito estufa e não continha disposições coercitivas. Em vez disso, garantia disposições para atualizações (chamados "protocolos"), que deveriam criar limites obrigatórios de emissões, dos quais o mais conhecido é o Protocolo de Quioto. (Nota da **IHU On-Line**)

mes e ao paradigma eficientista da tecnocracia. Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente a serviço da vida, especialmente da vida humana. A salvação dos bancos a todo o custo, fazendo pagar o preço a população, sem a firme decisão de rever e reformar o sistema inteiro, reafirma um domínio absoluto da finança que não tem futuro e só poderá gerar novas crises depois duma longa, custosa e aparente cura.” (LS 189)

**IHU On-Line - Em que sentido se pode dizer que uma mudança de modelo de desenvolvimento passa longe das grandes decisões econômicas e financeiras, relegando o tema ambiental a um plano secundário? Nessa lógica, como é possível se contrapor ao poderio financeiro das corporações e do mercado como um todo, que termina por sobrepujar decisões políticas e, por conseguinte, posturas no cuidado com a vida na Terra?**

**Moema Miranda** - Os movimentos sociais e ambientais em todo o mundo têm denunciado de forma contundente e dramática como a hipertrofia do mercado, subordinando todas as dimensões da vida econômica, social e cultural, dos desejos e sonhos, é nociva e destrutiva. A Encíclica nos permite aprofundar a crítica ao modelo, na mesma direção, acrescentando aspectos importantes. “O problema fundamental é (...) ainda mais profundo: o modo como realmente a humanidade assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento juntamente com um paradigma homogêneo e unidimensional. Neste paradigma,

sobressai uma concepção do sujeito que progressivamente, no processo lógico-racional, compreende e assim se apropria do objecto que se encontra fora. Um tal sujeito desenvolve-se ao estabelecer o método científico com a sua experimentação, que já é explicitamente uma técnica de posse, domínio e transformação. É como se o sujeito tivesse à sua frente a realidade informe totalmente disponível para a manipulação.” (LS 106)

Por tudo que foi exposto, fica claro que não se pode esperar que as empresas ou o mercado sejam capazes de se autolimitar. A captura dos sistemas políticos pelos interesses do capital aumentam ainda mais os desafios presentes. Esta lógica domina tanto nos planos nacionais quanto na dimensão internacional, nas cúpulas governamentais e no sistema ONU.

### Cultura do Consumo

A Encíclica, no entanto, alerta também para aspectos que se vinculam ao padrão de desejo de consumo, hegemônico no planeta. Afirma o Papa: “A consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa traduzir-se em novos hábitos. Muitos estão cientes de que não basta o progresso actual e a mera acumulação de objectos ou prazeres para dar sentido e alegria ao coração humano, mas não se sentem capazes de renunciar àquilo que o mercado lhes oferece.” (LS 209, grifo da entrevistada)

Esta percepção implica no que chama de “revolução cultural”, aliada à necessidade de “conversão ecológica”. Em países onde parte imensa da população está submetida a padrões indignos de pobreza,

há que lutar ativamente para que todos tenham acesso a todos os direitos e a condições de vida digna. No entanto, o aumento do consumo – e o desejo de consumo – deve ter limites.

Limites – palavra que o mercado odeia, porque o atinge no coração – que se impõem por um lado, pela própria natureza limitada do planeta. Mas limites que também se vinculam à valorização de uma perspectiva antropológica multidimensional. O Papa é, neste sentido, profético e desafiante: “A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. (...) A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece.” (LS 223).

### Encíclica em movimento

A Encíclica *Laudato Si'* é, sem dúvida, um documento a ser lido, relido, meditado. Acredito que será tanto mais impactante quanto mais for apropriada pelos movimentos sociais, ambientais, pastorais, comunidades e por todos os que lutam por um mundo de justiça e paz. Ela permite e exige processos profundos que implicam na nossa relação com o mundo, com uma dimensão pessoal, que considero incontornável. Finalmente, estimula que esta seja uma caminhada cheia de esperança: “Caminhemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança.” (LS 244). Que assim seja! ■

## LEIA MAIS...

– *Por uma agenda comum: Fórum Social Mundial 2012*. Entrevista com Moema Miranda, publicada nas **Notícias do Dia**, de 01-11-2011, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1NRIntj>.

# *Laudato Si'* para além da COP 21

Jennifer Morgan entende que a Encíclica reorganiza o debate em torno das questões ambientais. Como resultado, leva a discussão para além de reuniões de cúpula

Por Leslie Chaves e João Vitor Santos | Tradução Luis Sander

Não é ao acaso que o Papa Francisco preparou a Encíclica *Laudato Si'* para ser divulgada meses antes do encontro da COP 21, que ocorre em dezembro, em Paris. Na ocasião, países signatários de acordos internacionais voltam à mesa para discutir alternativas a fim de minimizar os impactos da ação do ser humano no meio ambiente. Jennifer Morgan, especialista em relações internacionais, especificamente nas questões acerca de acordos climáticos, reconhece que a Encíclica terá grande influência na reunião de dezembro. “Ela destaca a oportunidade que a COP 21 dá às pessoas responsáveis pela tomada de decisões para que emitam um sinal para o mundo de que compreendem que as coisas têm de ser feitas de maneira diferente agora”, destaca.

Entretanto, acredita que o documento apostólico tem uma função que vai além de pautar o debate desses grandes encontros internacionais. “A Encíclica vai muito além da reunião da COP 21 na medida em que realmente envolve a comunidade de fé em geral de uma forma que impacta o cotidiano, nas decisões em nível local e nacional”, destaca, em entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*. Ou seja, para a especialista, é um estímulo para uma reflexão geral sobre a ética na relação com o Planeta. Parte da ideia de repensar as atitudes de cada um, de pequenos grupos e de governos locais. “*Laudato Si'* coloca as questões ambientais em um novo lugar, um lugar que tem a ver com o cerne de nossa humanidade e nossa moralidade”.

Ao longo da entrevista, Jennifer ainda analisa os recentes acordos internacionais, as dificuldades e caminhos para a popularização do uso de fontes de energia limpa e o desafio da descarbonização em países ricos e naqueles em desenvolvimento. “Há uma boa compreensão e aceitação de que os países desenvolvidos têm condições de fazer e deveriam fazer mais do que os países em desenvolvimento. Está claro que há necessidade de um forte pacote de apoio para os países em desenvolvimento, para que eles possam se adaptar aos impactos da mudança climática e adotar um caminho para o desenvolvimento com níveis mais baixos de carbono”, indica.

Jennifer Morgan é diretora do Climate Program at the World Resources Institute (Programa de Clima do Instituto de Recursos Mundiais). Antes de ingressar no Instituto, trabalhou na Third Generation Environmentalism - E3G, como diretora de Mudança Global do Clima. Também atuou no Programa de Mudança Global do Clima do World Wide Fund for Nature - WWF (Fundo Mundial para a Natureza). A carreira de Jennifer também inclui trabalhos para a Rede de Ação US Climáticas, Fundação Robert Bosch, Conselho Empresarial Europeu para a Energia do Futuro Sustentável e para o Ministério do Meio Ambiente alemão. É bacharel em Artes pela Universidade de Indiana, em Ciência Política e Estudos Germânicos, tem mestrado em Artes pela Escola de Serviço Internacional da American University e em Relações Internacionais.

**Confira a entrevista.**



***O acordo internacional deveria incluir sinais claros de que a economia será descarbonizada ao longo deste século e incluir momentos de curto prazo em que os países podem fortalecer sua ambição de chegar lá***

**IHU On-Line - É possível dizer que a questão do aquecimento global está efetivamente na agenda das relações internacionais? Por quê? O que possibilitou a situação?**

**Jennifer Morgan** - Sim, é possível dizer que o aquecimento global está na agenda das relações internacionais. Isso se deve a uma série de fatores. Em primeiro lugar, a reunião sobre o clima em Paris<sup>1</sup>, no final de dezembro, é um marco importante, que exige decisões dos chefes de Estado. Em segundo lugar, há líderes – ministros de Relações Exteriores, chefes de Estado – que têm uma preocupação profunda com a questão e a colocaram na agenda. E, em terceiro lugar, a consciência da importância das alterações climáticas para a segurança, para a paz, para a estabilidade aumentou ao longo dos anos recentes e, por isso, ela está no topo da agenda.

**IHU On-Line - Em que medida o texto da *Laudato Si'* está alinhado, em termos científicos, ao de-**

<sup>1</sup> **COP 21:** COP é a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática. É a autoridade máxima para a tomada de decisões sobre os esforços para controlar a emissão dos gases do efeito estufa. Em 2015, a COP tem sua 21ª edição (daí COP 21), a ser realizada em Paris, França, em dezembro. O objetivo é revisar o comprometimento dos países, analisar os inventários de emissões e discutir novas descobertas científicas sobre o tema. Foi criada na ECO-92 e teve sua primeira edição em 1995, em Berlim na Alemanha. Desde então, reuniões da COP ocorrem anualmente. (Nota da **IHU On-Line**)

**bate sobre os problemas ambientais? Traz algum avanço?**

**Jennifer Morgan** - O conteúdo da *Laudato Si'* está muito alinhado com a atual compreensão científica sobre questões ambientais e, especificamente, sobre a mudança climática. É de importância fundamental que o Papa tenha levantado essa questão como uma questão que diz respeito não apenas à ciência, mas à moralidade e tenha começado a envolver um grupo muito mais amplo de pessoas no debate. Esse é um avanço significativo.

**IHU On-Line - Politicamente, o que a Encíclica representa para a luta pelo meio ambiente?**

**Jennifer Morgan** - *Laudato Si'* coloca as questões ambientais em um novo lugar, um lugar que tem a ver com o cerne de nossa humanidade e nossa moralidade. Os líderes políticos não podem simplesmente desejar que isso não exista, mas precisam se envolver com a questão, especialmente se ela parte de um líder como o Papa.

**IHU On-Line - As discussões suscitadas pela Encíclica podem refletir nos debates da Conferência da ONU sobre o clima, a COP 21, em dezembro em Paris? De que maneira?**

**Jennifer Morgan** - A Encíclica vai muito além da reunião da COP 21 na medida em que realmente envolve a comunidade de fé em

geral de uma forma que impacta o cotidiano, nas decisões em nível local e nacional. Entretanto, ela também destaca a oportunidade que a COP 21 dá às pessoas responsáveis pela tomada de decisões para que emitam um sinal para o mundo de que compreendem, verdadeira e profundamente, que as coisas têm de ser feitas de maneira diferente agora. Os riscos, especialmente para as pessoas pobres e vulneráveis, são grandes demais para que se fique apenas assistindo.

**IHU On-Line - De que forma a senhora avalia a recepção da Encíclica nos principais países envolvidos no novo acordo climático internacional, que será formalizado na COP 21?**

**Jennifer Morgan** - Acho que os principais países levaram a *Laudato Si'* a sério. Alguns estão realmente envolvendo seu público com ela, outras nem tanto. Mas isso realmente depende do país, já que cada um deles tem uma relação diferente com a fé e interligações governamentais.

**IHU On-Line - Na Encíclica é ressaltada a incompatibilidade do atual modelo de consumo e desenvolvimento econômico com a preservação do meio ambiente. De que maneira a senhora analisa essa relação? É possível conciliar estes dois aspectos?**

**Jennifer Morgan** - Está claro que o mundo precisa desenvolver novos caminhos econômicos e em termos de desenvolvimento para satisfazer as necessidades diárias das pessoas e, ao mesmo tempo, enfrentar a mudança climática. Muitas ações e decisões podem, na verdade, atacar ambos os problemas. Por exemplo, passar a usar energia limpa reduz a poluição do ar e seus danos e, ao mesmo tempo, reduz o risco da mudança climática. Há, entretanto, necessidade de entender muito mais profundamente como a sociedade baseada no consumo e os valores que ela projeta impactam o meio ambiente e, por conseguinte, as pessoas.

**IHU On-Line - De que forma avalia a trajetória de debates e proposições de políticas para descarbonizar a economia? Houve avanços nas discussões e na implementação de medidas efetivas? O que espera do novo acordo internacional?**

**Jennifer Morgan** - Até agora, os debates em torno da descarbonização são ambíguos. Mudar a forma como o mundo usa a energia e o tipo de fonte energética é um empreendimento de vulto e representa uma enorme transição. Há muitos atores que não querem ver essa transição, pois lucram com a situação atual. Há países que estão avançando em nível local, regional e nacional. A Alemanha está tomando a dianteira rumo a uma matriz formada em 80% por energias renováveis no ano de 2050, e esse processo está bem encaminhado. A Etiópia está tentando encontrar um caminho alternativo para o desenvolvimento a fim de reduzir a pobreza e enfrentar a mudança climática. A China está procurando se concentrar mais na inovação do que na manufatura.

Esses esforços estão reduzindo os custos da energia renovável a

um ponto em que a energia solar consegue agora competir com os combustíveis fósseis em alguns mercados. Isso precisa sofrer uma aceleração e um aumento de escala. O acordo internacional deveria incluir sinais claros de que a economia global será descarbonizada ao longo deste século e incluir momentos de curto prazo em que os países podem fortalecer sua ambição de chegar lá. Ele também precisa oferecer apoio para que os países pobres em desenvolvimento sigam esse rumo.

**IHU On-Line - Como os planos de combate ao aquecimento global gerenciam a questão das desigualdades no desenvolvimento econômico dos países? As políticas são equânimes, considerando a relação entre as diferentes quantidades de carbono emitidas pelos países e o contingente populacional atingido?**

**Jennifer Morgan** - No debate internacional, a abordagem para enfrentar a desigualdade é dupla. Em primeiro lugar, cada país está oferecendo agora o que pode para atacar o problema com base em sua capacidade. Há uma boa com-

preensão e aceitação de que os países desenvolvidos têm condições de fazer e deveriam fazer mais do que os países em desenvolvimento. Prevendo que esses compromissos sejam definidos em nível nacional, ela permite que essas diferenças sejam integradas no acordo. Em segundo lugar, está claro que há necessidade de um forte pacote de apoio para os países em desenvolvimento, para que eles possam se adaptar aos impactos da mudança climática e adotar um caminho para o desenvolvimento com níveis mais baixos de carbono.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado?**

**Jennifer Morgan** - Paris oferece uma oportunidade para uma guinada global, com base na *Laudato Si'* e nas muitas ações que estão em andamento no mundo todo. A Conferência deveria acelerar o ritmo e aumentar a escala da mudança, mas os governos precisarão do apoio de seus povos para ter a coragem de agir de acordo com a escala e o ritmo necessários para que se evitem efeitos devastadores no mundo todo. ■

## LEIA MAIS...

- *Um 'marco histórico' para a maioria dos ativistas.* Notícias do Dia, de 09-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1CX8G0H>.
- *Presenças e ausências que brilham na Cúpula do Clima.* Notícias do Dia, de 28-09-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1VAIhMi>.
- *Congresso dos EUA assombra a reunião do clima da ONU.* Notícias do Dia, de 18-11-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1IohrTO>.



# O grito da terra nos ecos da ciência. *Laudato Si'* é a “*Rerum Novarum* de 2015”

Michael Czerny, que integrou a equipe que auxiliou Bergoglio na redação da Encíclica, comenta o processo de construção do documento apostólico

Por João Vitor Santos e Ricardo Machado | Tradução: Walter O. Schlupp

O pós-modernismo da *Laudato Si'*, no sentido de superar uma racionalidade tipicamente moderna, reside, entre tantos fatos, na lógica que se nega a opor ciência e religião, respeitando as distintas naturezas de cada uma das correntes de pensamento. “O ponto de partida é escutar espiritualmente os resultados da melhor pesquisa científica em matéria de ambiente, disponíveis hoje, ‘deixando-os tocar-nos profundamente e fornecer uma base concreta para o itinerário ético e espiritual subsequente’. A ciência é a melhor ferramenta pela qual podemos ouvir o grito da Terra”, argumenta Michael Czerny, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“Questões extremamente complexas e urgentes são abordadas, algumas das quais são objeto de acalorado debate – como as mudanças climáticas e, principalmente, suas causas. O objetivo da encíclica não é intervir no que é da responsabilidade dos cientistas, menos ainda verificar exatamente de que forma as mudanças climáticas são consequência da ação humana”, aponta Czerny. Em sua opinião, as exigências de nosso tempo, a Crise Ecológica a que Bergoglio se refere na Encíclica, levam-nos a descobrir que perspectivas diferentes de mundo acabam se interligando quando se analisam os desafios de forma complexa. “As riquezas da fé e da tradição espiritual, a seriedade

da investigação científica, os esforços concretos em diversos níveis de governo e da sociedade civil, a contribuição especial de cooperativas e organizações populares, todas visando um desenvolvimento equitativo e sustentável”, explica. Para Czerny, este texto de Bergoglio olha para a conjuntura instável do presente, desde a perspectiva do Evangelho e da fé cristã. “É a Igreja procurando evangelizar o Povo de Deus, ao enfrentarmos as maiores dificuldades, os mais difíceis obstáculos, na nossa jornada rumo ‘à vida, à vida em plenitude’.”

Michael Czerny, jesuíta canadense, foi fundador e primeiro diretor do Centro Jesuíta para a Fé Justiça Social, em Toronto, de 1979-1989. Depois atuou como diretor do Instituto de Direitos Humanos da Universidade Centro Americana - UCA, em El Salvador, quando, em 1989, um esquadrão militar salvadorenho assassinou os jesuítas Ignacio Ellacuría, Ignacio Martín Baró, Segundo Montes, Joaquín López y López, Amando López e Juan Ramón Moreno, além de uma trabalhadora doméstica, Elba Ramos, e sua filha, Celina. De 1992 a 2002, Czerny serviu como secretário de Justiça Social da Cúria Jesuíta e, posteriormente, como diretor-fundador-coordenador da Rede African Jesuit Aids - AJAN (na sigla em inglês) até 2010.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Como foi o trabalho de preparação da Encíclica *Laudato Si'*? Como foi feita a escolha de temas e abordagens que emergem do documento?**

**Michael Czerny** - O primeiro projeto foi feito pelo cardeal Turkson<sup>1</sup> com a sua equipe. Depois eu, com ajuda de alguns, trabalhei nele. Em seguida, com alguns teólogos, fiz um terceiro projeto, enviando cópia à Congregação para a Doutrina da Fé,<sup>2</sup> à segunda seção da Secretaria de Estado e ao teólogo da Casa Pontifícia, pedindo que o estudassem bem para não dizer 'tolices'.

**IHU On-Line - Como se dá a relação entre ciência e religião na *Laudato Si'*?**

**Michael Czerny** - O ponto de partida é escutar espiritualmente os resultados da melhor pesquisa científica em matéria de ambiente, disponíveis hoje, "deixando-os tocar-nos profundamente e fornecer uma base concreta para o itinerário ético e espiritual subsequente". A ciência é a melhor ferramenta pela qual podemos ouvir o grito da Terra. Questões extremamente complexas e urgentes são abordadas, algumas das quais são objeto de acalorado debate — como as mudanças climáticas e, principalmente, suas causas. O objetivo da encíclica não é intervir no que é da responsabilidade dos cientistas, menos ainda verificar exatamente de que forma as mudanças climáticas são consequência da ação humana. O Santo Padre nos alertou

<sup>1</sup> **Peter Kodwo Appiah Turkson** (1948): é um cardeal católico ganês e presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz no Vaticano. Foi criado cardeal, pelo Papa João Paulo II, no consistório do dia 21 de outubro de 2003 com o título de San Libório, tornando-se o primeiro cardeal ganês da história de seu país. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Congregação para a Doutrina da Fé**: a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos do Vaticano. Fundada pelo Papa Paulo III, em 21 de julho de 1542, com o objetivo de defender a Igreja da heresia. É historicamente relacionada com a Inquisição. Até 1908, era denominada como Sacra Congregação da Inquisição Universal quando passou a se chamar Santo Ofício. Em 1967, uma nova reforma, durante o pontificado de Paulo VI, mudou para o nome atual. (Nota da **IHU On-Line**)

para isso em 15 de janeiro de 2015 em seu voo de Sri Lanka para as Filipinas. Na perspectiva da Encíclica — e da Igreja — é suficiente dizer que a atividade humana é um dos fatores que explicam a mudança climática. Temos, portanto, uma séria responsabilidade moral de fazer tudo ao nosso alcance para reduzir o nosso impacto e evitar os efeitos negativos sobre o ambiente e sobre os pobres.

**IHU On-Line - Na elaboração da Encíclica, o Papa Francisco consultou cientistas. Como eram esses encontros? Teólogos e religiosos da Santa Sé se reuniam diretamente com cientistas? Quais eram os pontos de maior divergência e de maior consenso?**

**Michael Czerny** - Desde o início, a Encíclica *Laudato si'*, "Sobre o Cuidado da Casa Comum", leva ao diálogo todas as pessoas e povos, todas as instituições e organizações que compartilham essa mesma preocupação de "nossa casa comum." A situação mundial nos leva a descobrir que perspectivas diferentes, porém importantes, estão cada vez mais interligadas e complementares: as riquezas da fé e da tradição espiritual, a seriedade da investigação científica, os esforços concretos em diversos níveis de governo e da sociedade civil, a contribuição especial de cooperativas e organizações populares, todas visando um desenvolvimento equitativo e sustentável.

**IHU On-Line - Quais são as bases teológicas da *Laudato Si'*? Qual o conceito central da Encíclica e qual a origem desse conceito?**

**Michael Czerny** - O significado de *Laudato si'* não é primeiramente "verde" ou de "ecologia católica". Em vez disso, é a mais recente da série de encíclicas que desenvolveram a Doutrina Social da Igreja desde a *Rerum Novarum*<sup>3</sup> do Papa Leão

<sup>3</sup> **Rerum Novarum**: primeira encíclica pontifícia que aborda os problemas sociais, publicada no dia 15 de maio de 1891 pelo Papa Leão XIII. O título pode ser traduzido por "Das coisas novas". O subtítulo da encíclica é: "Sobre a condição de vida dos operários". (Nota da **IHU On-Line**)

XIII, em 1892. De fato, *Laudato si'* pode ser lida como a "*Rerum Novarum* de 2015". Como as encíclicas sociais anteriores, lança a luz eterna do Evangelho, da fé cristã, sobre as circunstâncias desafiantes e cambiantes dos nossos temas. É a Igreja procurando evangelizar o Povo de Deus, ao enfrentarmos as maiores dificuldades, os mais difíceis obstáculos, na nossa jornada rumo "à vida, à vida em plenitude" (Jo 10,10).

**IHU On-Line - O senhor já declarou estar impressionado com o trabalho da equipe que fez a encíclica. Mas quem é essa equipe? Poderia nos relatar detalhadamente como foi esse trabalho? Qual era a dinâmica?**

**Michael Czerny** - Além de todos os que contribuíram, entre editores e revisores, também há tradutores e outras pessoas envolvidas no processo de dar a sua forma final ao texto. Que o Senhor, que conhece a todos pelo nome, os abençoe generosamente pelos seus esforços.

**IHU On-Line - O Cardeal Turkson preparou o primeiro esboço da Encíclica. Como foi esse trabalho? Quais as mudanças mais significativas que o documento sofreu desde a primeira até a última versão? Havia pontos de divergências? Quais?**

**Michael Czerny** - O "pai" da encíclica é claramente o Papa Francisco. O processo foi de diálogo e de consulta, de escrita e reescrita. As notas de rodapé testemunham as numerosas e variadas contribuições, desde os seus predecessores São João Paulo II<sup>4</sup> e o Papa emérito Bento XVI,<sup>5</sup> passando por muitas

<sup>4</sup> **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa,



Conferências Episcopais, bem como o “amado” patriarca Bartolomeu,<sup>6</sup> pensadores e escritores, tanto antigos como modernos.

**IHU On-Line - Que desafios *Laudato Si'* deixa para católicos e não católicos?**

**Michael Czerny** - O primeiro desafio, que é realmente um convite, é ler *Laudato si'* lenta e refletidamente, do início ao fim, não uma, mas várias vezes.

**IHU On-Line - Como se deram as discussões com outras religiões na composição do documento? Qual a importância do diálogo in-**

com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)  
**6 Bartolomeu I - Igreja Ortodoxa** (1940): é um religioso grego (e um cidadão turco), o atual Patriarca de Constantinopla, principal bispo da Igreja Ortodoxa, desde o ano de 1991. (Nota da **IHU On-Line**)

**ter-religioso na questão ecológica revelada pela *Laudato Si'*?**

**Michael Czerny** - Uma das duas orações com que a Encíclica termina é uma oração para a nossa Terra, que podemos partilhar com todos aqueles que acreditam em um Deus criador. “Traga cura sobre nossas vidas, para que possamos proteger o mundo e não depredá-lo, para que possamos semear beleza, não poluição e destruição.”

**IHU On-Line - Um dos pontos que chamam atenção nesta Encíclica são as inúmeras referências a documentos de conferências episcopais. Qual o significado? Como foi esse trabalho de busca por essas referências?**

**Michael Czerny** - A encíclica reúne, por isso, o pensamento do Papa Francisco, que já foi manifestado na sua primeira homilia enquanto pontífice, a 19 de março de 2013,

com as contribuições de bispos e conferências episcopais, teólogos e cientistas, tradição católica e contribuições ecumênicas.

**IHU On-Line - O senhor declarou certa vez que o Papa Francisco não deve produzir uma encíclica que trata especificamente da pobreza. Por quê? Como esse tema aparece na *Laudato Si'*?**

**Michael Czerny** - Em dezembro de 2013, é verdade, eu não esperava o Papa Francisco escrever uma encíclica sobre o tema da pobreza, porque a Igreja ainda está digerindo a grande encíclica de 2009 *Caritas in veritate*, de Bento XVI. Em São Francisco de Assis, segundo *Laudato Si'*, “se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior” (n. 10). ■

## 2º CICLO DE ESTUDOS

# ME TRÓ POLES

POLÍTICAS PÚBLICAS E  
TECNOLOGIAS DE  
GOVERNO.  
TERRITÓRIOS,  
GOVERNAMENTOS DA VIDA  
E O COMUM



**13 DE AGOSTO A  
05 DE NOVEMBRO DE 2015**

Acesse [ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br) para mais informações

# As convergências entre a Bíblia, a *Laudato Si'* e o tempo presente

De acordo com André Wénin, as Escrituras da Bíblia e os fundamentos da Encíclica dialogam e convidam à reflexão sobre o contexto contemporâneo e as condutas humanas acerca do meio ambiente

Por João Vitor Santos e Leslie Chaves | Tradução Vanise Dresch

**A**s representações presentes na Bíblia oferecem múltiplas compreensões e relações possíveis. É importante considerar que, apesar de se configurar como uma interessante chave de leitura para compreensão do mundo hoje, há uma passagem específica da história impressa nessas Escrituras. Conforme ressalta o teólogo e biblista André Wénin em entrevista por e-mail para a **IHU On-Line**, a Bíblia serve de embasamento para muitas das discussões abordadas na *Laudato Si'*. “Nesta Encíclica, Gênesis 1-3 é um texto claramente muito explorado, junto com outras páginas bíblicas que são essencialmente do Antigo Testamento”, diz. Sobre este diálogo, o biblista salienta que, ao interpretar o ambiente retratado em Genesis, deve-se levar em conta que “a Bíblia testemunha sobre um mundo onde, na relação entre o homem e a natureza, esta prevalece”. Considerando esse contexto, a questão da dominação da natureza, que aparece nessa passagem, ganha outras nuances, como o respeito profundo a todos os seres, e a concepção da terra enquanto dádiva divina e herança da humanidade, e não posse. De acordo com Wénin, esse é um dos pontos que mais se aproximam dos princípios da Ecologia Integral desenvolvidos no texto da *Laudato Si'*.

O biblista chama a atenção para o fato de que a Bíblia é um texto que chama o leitor a refletir, não oferecendo respostas prontas. “Sua contribuição consiste menos em dizer o que se deve pensar do que esclarecer o que está em jogo para levar os leitores a pensar sua própria realidade à luz de uma palavra de homens na qual a Tradição reconhece o eco da palavra do próprio Deus”, aponta. Nesse sentido, o

texto bíblico e o da Encíclica confluem no intuito de instigar a sociedade a analisar sua relação com o meio ambiente e assumir seu papel na tarefa da preservação da “casa comum”.

André Wénin é graduado em filologia clássica, é biblista exegeta, teólogo, e doutor em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Atualmente é professor da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, professor visitante em teologia bíblica na Universidade Gregoriana, em Roma, e secretário da Rede de Investigação em Análise Narrativa de Textos Bíblicos - RRENAB (Réseau de Recherche EN Analyse narrative des textes Bibliques).

Entre seus livros mais recentes estão *Il bambino conteso. Storia biblica di due donne e un re (Lapislazzuli)* (Bologna: Edizioni Dehoniane, 2014); *Il re, il profeta e la donna. Testi scelti sui primi re d'Israele (Epifania della parola; 7)* (Bologna: Edizioni Dehoniane, 2014); e *Révéler les œuvres de Dieu. Lecture narrative du livre de Tobie (Le livre et le rouleau; 46)* (Bruxelles: Lessius, 2014). Entre as obras publicadas em português estão *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano - Leitura de Gênesis 1,1- 12,4* (São Paulo: Loyola, 2011); *José ou a Invenção da Fraternidade - Leitura narrativa e antropológica de Gênesis 37-50* (São Paulo: Loyola, 2011); e *O Homem bíblico: leituras do primeiro Testamento* (São Paulo: Loyola, 2004).

A entrevista foi publicada nas Notícias do Dia, de 26-07-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1SBIDmX>.

**Confira a entrevista.**



## *A Bíblia é um livro que mais convida a pensar do que dá a crer*

**IHU On-Line - O cristianismo já foi acusado de ter permitido a aplicação de um modelo de exploração da terra a partir das palavras do Gênesis. Mas o que significa "reinar sobre a terra" e "cultivar e guardar", ideias presentes neste livro?**

**André Wénin** - A meu ver, a crítica feita ao cristianismo não é totalmente equivocada. A concepção da criação do modo como é desenvolvida no Gênesis supõe uma separação radical entre o criador e a criação (Gênesis 2, 1-3). O mundo assim separado de Deus é, então, profano. Não pode mais ser divinizado. E como, no mesmo texto, o ser humano é constituído senhor da terra, isso possibilita a dominação do mundo pela técnica. Isso até mesmo a legitima. Mas, na era industrial, as capacidades de domínio da terra pela humanidade desenvolveram-se muito, o que ocorreu primeiramente nas regiões cristianizadas. Dito isso, o cristianismo não é, enquanto tal, responsável pela deriva desse domínio, que foi se transformando aos poucos na exploração sem limites. O que explica isso é antes a atração do ganho, a cupidez, assim como a vontade de poder. Atitudes estas claramente contestadas na Bíblia.

Se retomarmos os textos do começo do Gênesis e se os lermos em seu contexto, percebemos um sentido bem mais nuançado. No Gênesis 1, 26 (projeto divino a respeito da humanidade) e 1, 28 (ordem dada aos humanos para dominar a terra, submetê-la dominando os animais), a tarefa confiada aos seres humanos é também uma responsabilidade. Mas as deri-

vas possíveis dessa dominação são logo corrigidas pela última palavra pronunciada por Deus nesse texto. Em suas últimas palavras, o Criador dá aos viventes seu alimento (versículos 29-30). Dá aos humanos os cereais e os frutos, aos animais, os vegetais. Isso pode parecer anedótico, mas, ao contrário, é essencial. Porque, se os humanos devem dominar os animais, mas não se alimentarem da carne destes, significa que podem dominá-los sem matá-los, sem violentá-los. E, uma vez que os humanos e os animais não têm a mesma alimentação, não deverão lutar entre eles para poderem comer. Tem-se aí a imagem de uma relação "suave" com a criação, uma forma de exercer o domínio sobre o mundo que respeita profundamente o mundo e seus habitantes.

Quanto ao Gênesis 2, 15, o texto narra o modo como Deus põe o ser humano no jardim para que o "cultive e guarde". Aqui, as palavras são importantes. O verbo traduzido por "cultivar" significa primeiramente "servir" e, por extensão, trabalhar, logo, cultivar (o solo). "Servir" à terra é também respeitá-la (como um servo respeita seu senhor), e certamente não explorá-la sem medida. Da mesma maneira, "guardar" significa "velar por", e até mesmo "preocupar-se com". Nada, portanto, visa a uma atitude conquistadora, puramente dominadora. Esboça-se até mesmo, nesse texto, uma dinâmica de aliança. De fato, se os humanos "servirem" ao jardim com seu trabalho, o jardim os alimentará com seus frutos (Gênesis 2, 16); se guardarem o jardim e o cercarem de cuidados, este os

protegerá (em hebraico, o termo jardim vem de um verbo que significa "proteger"). Se assim é, o bem do homem dependerá da maneira como ele tratará a terra que recebe como dádiva. Israel ouvirá repetir esta verdade: a terra que habitará deverá ser considerada sempre como uma dádiva, ou mesmo como uma "herança", isto é, um bem recebido da geração anterior (e, em última instância, de Deus) e que a ele caberá transmitir à geração seguinte. Daí a consciência de que não se possui a terra: usufrui-se dela durante certo tempo, com a responsabilidade de cuidá-la para a geração seguinte. Não estamos longe dos fundamentos da Ecologia Integral, ao que me parece. Porém, no fundo, o que diz o Gênesis em sua linguagem mítica não é primeiramente uma afirmação teológica, trata-se de uma verdade de experiência.

**IHU On-Line - Que outras passagens bíblicas citadas na Encíclica o senhor destaca e como entende a perspectiva de tais passagens?**

**André Wénin** - Nesta Encíclica, Gênesis 1-3 é um texto claramente muito explorado, junto com outras páginas bíblicas que são essencialmente do Antigo Testamento. A leitura feita não é nova. Na minha visão de biblista, surge uma questão quando leio essas páginas (n. 65-75): pode-se recorrer, para fundar uma teologia, a versículos desvinculados de seu contexto (literário, mas também histórico), dos quais se induz assim uma leitura imediatamente teológica? Isso é especialmente verdadeiro no caso do início do Gênesis, que, como todos os especialistas reconhecem, aproxima-se do mito. Faz-se como se a frase "o homem é criado à imagem e à semelhança de Deus" enunciasse uma verdade teológica que não viria de uma linguagem particular, de um gênero literário específico (mesmo se a teologia toma facilmente o mito por teologia, tendo ela mesma uma tendência a mitificar o real).

Se trouxermos de volta essa frase para dentro de seu contexto literário, é forçoso constatar isto. O Criador em cena no Gênesis 1 deseja que o ser humano (ou/e a humanidade) seja “à sua imagem e semelhança” (Gênesis, 1, 26). Mas ao criá-lo (versículos 27-28), ele o faz somente “à sua imagem”, sem que a semelhança seja dada. Esta é mais, como já disseram alguns padres da Igreja, uma tarefa que é da responsabilidade do ser humano: fazer com que se assemelhe à imagem do Deus criador, cuja última ação, nesse texto, é renunciar à onipotência, parando sua criação no sétimo dia. Se o ser humano deve assemelhar-se a Deus, é tanto limitando sua potência para dar lugar ao outro (humano, natureza) quanto exercendo esta força.

No que tange ao contexto histórico, é claro que o convite a dominar a natureza não significa a mesma coisa em nosso mundo que significa em uma sociedade essencialmente rural para a qual a natureza é uma ameaça permanente (seca, feras, etc.). Dominar a natureza circundante é uma necessidade vital em tal cultura, assim como o respeito à natureza é uma atitude óbvia. Acerca desse ponto, a Bíblia testemunha sobre um mundo onde, na relação entre o homem e a natureza, esta prevalece. É a fonte de sua sabedoria, como era o caso entre os índios das Américas, ou os camponeses europeus ainda no início do século passado. Fazer da Bíblia um representante dessa corrente universal de sabedoria não possibilitaria manifestar a pertinência universal de sua mensagem?

O capítulo 3 do Gênesis é também citado a respeito do pecado, que é recusa de reconhecer-se criatura limitada e vontade de tomar o lugar de Deus (*Laudato Si'*, n. 66). Tal afirmação me traz uma indagação. Ela introduz entre a criatura e Deus uma relação de oposição que eu não vejo no mito bíblico (Deus seria ilimitado e superior, o homem limitado e inferior). De fato, o personagem de Deus que o

início do Gênesis encena é um ser que, longe de se pôr como ilimitado, assume voluntariamente um limite (Gênesis, 2, 1-3). E a vocação do ser humano, como eu disse, é precisamente a de tornar-se como Ele. De resto, a serpente do Gênesis 3 não propõe que a mulher tome o lugar de Deus! Ela propõe que a mulher realize a vocação humana de ser como Deus! O momento em que as coisas derrapam é quando a serpente propõe realizar isso recusando precisamente o limite que é bom porque leva à relação, à aliança; a serpente propõe tornar-se como Deus, “comendo”, isto é, apropriando-se em seu proveito exclusivo. Eis a perversão da serpente: ela propõe tornar-se como Deus, negando o limite, ao passo que Deus assume esse limite; ela propõe tornar-se como Deus tomando para si, enquanto Deus, desde o início da narrativa, é quem não cessa de dar... Ora, o que faz a ideologia do progresso ilimitado, justamente essa que é apontada pela Encíclica, senão adotar e pregar a lógica da serpente... Não se trata de pecado (no Gênesis 3, nenhum termo expressa pecado nem culpa...), mas, mais profundamente, de um erro com consequências desastrosas para todos.

#### **IHU On-Line - Como fazer a conexão entre as grandes questões da humanidade candentes até hoje e os textos bíblicos?**

**André Wénin** - A Bíblia — ou, pelo menos, o Antigo Testamento, que me é mais familiar — nada mais faz que levantar à sua maneira as questões essenciais da humanidade. Mas aquele que crê que ela dá respostas está enganado. Porque, na Bíblia, muito frequentemente, várias respostas coexistem; privilegiar uma única delas só pode empobrecer a riqueza da Palavra. A Bíblia é, neste sentido, um livro que mais convida a pensar do que dá a crer. Como mostra a Encíclica quando se refere à Bíblia, esta levanta as questões da relação entre o homem e

a terra e da diferença paradoxal entre o humano e o animal, mas também aquelas da violência individual e coletiva (a guerra), da palavra e de sua capacidade para alimentar as oposições e pacificar as relações. Ela fala do trabalho, da vestimenta, do alimento, que são realidades em que os humanos devem se relacionar com a natureza, mas podem escolher como fazê-lo. Ela fala da sexualidade (e de seus desvios), da propriedade, do poder e das maneiras de exercê-lo, etc. Sobre todas essas questões, sua contribuição consiste menos em dizer o que se deve pensar (como dá a entender certa maneira de citar a Escritura) do que esclarecer o que está em jogo para levar os leitores — a comunidade dos leitores, idealmente — a pensar sua própria realidade à luz de uma palavra de homens na qual a Tradição reconhece o eco da palavra do próprio Deus.

#### **IHU On-Line - Como debater e trazer temas da Bíblia para a atualidade?**

**André Wénin** - A atualidade impõe os temas que devem ser refletidos e debatidos. Se a Bíblia pode alimentar a reflexão ou o debate, tanto melhor. Se há um tema que o Antigo Testamento tratou frequentemente e com certa amplitude, mas que é pouco levantado hoje, esse tema é o bom uso da palavra. Vivemos em um mundo que se diz sociedade da informação. Não seria mais uma sociedade da manipulação da informação para fins de desinformação? Se a palavra é essencial para construir uma sociedade humana, a mentira, como diz Montaigne<sup>1</sup>, é um vício maldito, pois solapa as bases do viver juntos e da confiança que torna isso possível. A mentira, e o

<sup>1</sup> **Michel Eyquem de Montaigne** (1533-1592): escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente, nos seus “Ensaaios”, analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. (Nota da **IHU On-Line**)

que a ela se assemelha, a saber, a manipulação da linguagem ordenada para maximizar o poder ou o lucro de alguns em detrimento do maior número, eis o que poderia dar a pensar. E, na Bíblia, não fal-

tam recursos para isso: narrativas variadas, salmos, leis, palavras proféticas, reflexões de sábios falam tão bem dos efeitos mortíferos de uma linguagem deturpada e instrumentalizada. Ela contém

todo um material que poderia alimentar uma reflexão e debates profundos sobre o que se torna a palavra em nosso mundo hiperconectado em que a aparência é soberana. ■

## LEIA MAIS...

- *O feminino do Gênesis - A partir de Gn 2, 18-25.* Artigo de André Wénin publicado no **Cadernos Teologia Pública**, 87ª edição, 2014, disponível em <http://bit.ly/1CWqwLW>.
- *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: dificuldades e possibilidades.* Artigo de André Wénin publicado no **Cadernos Teologia Pública**, 80ª edição, 2013, disponível em <http://bit.ly/1M7WpX1>.
- *O verdadeiro poder de Deus é o poder de reter-se.* André Wenin, exegeta belga, analisa *Gênesis 1-4*. Reportagem publicada em **Notícias do Dia**, de 18-03-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1NJgKma>.
- *Decálogo, a revelação de Deus e caminho para felicidade? com André Wenin.* Reportagem publicada em **Notícias do Dia**, de 18-03-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1H4lqPz>.
- *Aprender a ser humano. Uma leitura do Gênesis.* Entrevista com André Wénin publicada na **IHU On-Line**, edição 306, de 31-08-2009, disponível em <http://bit.ly/1J0Kszq>.



## ENTREVISTA

# Uma outra face de São Francisco de Assis

Historiadora Chiara Frugoni revela um Francisco menos adocicado, menos “estatueta de presépio”, mais contestador

Por João Vitor Santos | Tradução Ramiro Mincato

**S**ão Francisco de Assis é um dos santos mais populares da Igreja Católica. Aliás, existem muitos não católicos que se dizem fiéis ao monge. Muito disso é atribuído à sua relação com o meio ambiente e com a forma despojada que vivia. O próprio Jorge Mario Bergoglio, ao escolher ser chamado Papa Francisco, quer alinhar esse ícone ao seu pontificado. Na Encíclica *Laudato Si'*, o pontífice mais uma vez revela o quanto se orienta pelo simbolismo franciscano. No entanto, o próprio Papa traz questões de fundo que dão pistas, apontam para algo mais em São Francisco de Assis. É algo que transcende a candura do monge pobre, que amava a natureza. Há uma mística muito intensa no santo, por vezes dura e nem tão romântica. Essa faceta é objeto de estudo da historiadora italiana Chiara Frugoni. “Ele decidiu aplicar o Evangelho ao pé da letra e seguir a vida de Cristo, para espalhar uma mensagem de amor e de paz”, explica, ao referir que essa tarefa, por vezes, o colocava em choque com a própria Igreja.

É como se dessa necessidade de aplicar o Evangelho derivasse a urgência de viver desprendido de tudo, como fruto integral da Criação. Para Chiara, tamanho desprendimento fazia São Francisco levar uma vida singela, simples como a dos animais. Assim, vivendo com despojamento quase animal, poderia ser “como as aves do céu, livres para voarem com total liberdade”. No entanto, na prática, fazer essa mística se materializar em ações era algo extremamente complexo. A postura de Francisco de Assis o colocou em oposição até aos seus pares. “Enquanto a Igreja, em armas, sonhava, em nome de Deus, conquistar a Terra Santa e aniquilar também fisi-

camente os muçulmanos, Francisco explicava aos frades como deviam viver *entre os muçulmanos*”, exemplifica a historiadora.

Ao longo de toda a entrevista concedida por e-mail, Chiara revela mais desse Francisco que é pouco falado. Segundo ela, pouco falado pelos mesmos motivos que fazem populares as biografias mais adocicadas de São Francisco (como a escrita por São Boaventura de Bagnoregio). “Boaventura empurrou para um segundo plano ou apagou as propostas mais ‘revolucionárias’ de Francisco. Todas sempre baseadas na aplicação ortodoxa do Evangelho. Foi ele que fez de Francisco um santo adocicado, como uma estatueta de presépio”, dispara a pesquisadora. Segundo a historiadora, “desta forma fixou e difundiu uma imagem unívoca de Francisco que se tornou especialmente o santo dos estigmas, o milagre possivelmente menos imitável”.

Chiara Frugoni é historiadora italiana, especialista da Idade Média e da história da Igreja. É uma das maiores especialistas na vida de São Francisco de Assis. É autora de diversos livros, entre os quais citamos *Invenções da Idade Média. Óculos, livros, bancos, botões e outras invenções geniais* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007); *Vita di un uomo: Francesco d'Assisi* (Torino: Einaudi, 2005); *Una solitudine abitata. Chiara d'Assisi* (Roma: Laterza, 2006); *Storia di Francesco, il santo che sapeva ridere* (Roma: Laterza, 2006); *Il cammino di Francesco. Natura e incanto nella Valle Santa Reatina* (Milão: Federico Motta Editore, 2006), e *Storia di Chiara e Francesco* (Torino: Einaudi, 2011).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quem de fato foi Francisco de Assis? Quais eram os pontos de divergência com o alto clero?**

**Chiara Frugoni** - Desde o momento de sua conversão, pode-se dizer, São Francisco não inventou nada, mesmo quando suas decisões tinham alcance revolucionário. Ele decidiu aplicar o Evangelho ao pé da letra e seguir a vida de Cristo, para espalhar, por toda parte, uma mensagem de amor e de paz.

Para alcançar a paz, algumas premissas cheias de consequências eram necessárias: por exemplo, nada possuir, nem em comum, nem em particular. O bispo Guido I<sup>1</sup>, a quem o futuro Santo recorria muitas vezes para um conselho confiante, depois de uma difícil missão em Marca de Ancona<sup>2</sup>, havia manifestado sérias preocupações com a vida da fraternidade. Essa vida lhe parecia “áspera e amarga” demais por “não quererem possuir nada neste mundo”. Assim, o bispo recebeu de Francisco uma resposta contundente: “Se tivéssemos bens, precisaríamos de armas para proteger-nos, porque é da posse dos bens que surgem problemas e disputas. Desta maneira, estaríamos impedindo, de muitos modos, o amor a

**1 Bispo Guido:** é descrito pelas fontes como aquele que apoiava e aconselhava Francisco e seus companheiros. Era tido como conselheiro e confiante. Quando Francisco e seus primeiros frades foram a Roma para pedir aprovação pontifícia para a forma de vida deles, encontraram-se com o bispo Guido. Quando São Francisco morreu, o bispo Guido, que estava em peregrinação, teve uma visão sobre o fato ocorrido em Assis. Nas biografias do santo, o bispo Guido surge no momento crucial do conflito entre o jovem Francisco e seu pai, Pedro de Bernardone. (Nota da **IHU On-Line**)

**2 Marca anconitana:** (também chamada de Marca anconetana ou Marca de Ancona) era uma das quatro províncias, instituídas pelo Papa Inocêncio III (1198-1216) no primeiro ano de seu pontificado, como uma divisão dos Estados Pontifícios. Os territórios provinciais eram regidos por funcionários nomeados pelo papa, chamados de reitores. Tal província foi confirmada na Constituição egidiana de 1357, promulgada pelo cardeal Gil Álvarez Carrillo de Albornoz, mais conhecido na Itália como Egidio Albornoz. Sua capital não era, como muitos acreditam, Ancona, mas sim a cidade de Macerata. (Nota da **IHU On-Line**)

Deus e o amor ao próximo”<sup>3</sup>. Francisco queria viver como os animais, sem possuir nada, como as aves do céu, livres para voarem com total liberdade.

Ao longo da vida constantemente golpeada por guerras, cruzadas e lutas, Francisco nunca pronunciou sequer uma palavra agressiva. Qualquer palavra referente à guerra está ausente da sua linguagem. Enquanto a Igreja, em armas, sonhava, em nome de Deus, conquistar a Terra Santa e aniquilar também fisicamente os muçulmanos, Francisco, na Regra de 1221,

## “ Francisco estava longe da ideologia eclesiástica do seu tempo

*Regula non bullata*, isto é, que não recebeu a bula de chumbo, o selo papal de aprovação, explicava, no capítulo XVI, aos frades como deviam *viver entre os muçulmanos*: “sem brigas, nem disputas”. Só quando em situação de respeito mútuo poderiam tentar falar de Deus. Caso contrário, contentar-se-iam em dar bom exemplo.

Dessas referências vê-se o quanto Francisco estava longe da ideologia eclesiástica do seu tempo. Com seu modo característico de tratar os problemas, nunca expressou desacordo com o Papa ou com a hierarquia. Não acusou, nem repreendeu quem agia de maneira oposta ao seu modo de entender, mas bastava-lhe mostrar seu agir diferente. Enquanto a Igreja pregava cruzadas, Francisco ia ao encontro dos muçulmanos, considerando-os seus próprios vizinhos, mostrando, a quem até então só tinha conhecido a violência dos cristãos, a mansidão do Evangelho, que os cruzados,

**3** Legenda trium sociorum, cap. IX, par. 35. (Nota da entrevistada)

enquanto cristãos, deviam ser os arautos. Diante de uma Igreja envolvida em questões políticas, uma Igreja rica, Francisco mostrava seus pés e os de seus companheiros descalços.

**IHU On-Line - Qual modelo de religiosidade propunha? Como se dá a conexão com o meio ambiente?**

**Chiara Frugoni** - Francisco, porque Cristo fez-se homem, sentia-se irmão de Jesus. E por isso mantinha uma forte relação com Deus Pai, Deus criador, cheio de gratidão pelo plano divino, do qual ele também, como criatura, sentia-se parte. Exatamente por isto respeitava profundamente a natureza. Não pensava ter direito, enquanto homem, de explorar e destruir.

Para perceber e valorizar a diferença com os outros religiosos de seu tempo, vale alguns exemplos: os monges cistercienses<sup>4</sup> e camaldulenses<sup>5</sup>, além da oração e da penitência, cuidavam de comercializar madeira. Por isso, sua relação com a floresta era, embora numa escala minúscula, próxima à nossa. As árvores eram vistas como recursos para explorar. Por isso, os

**4 Ordem de Cister:** também conhecida como ordem cisterciense, é uma ordem monástica católica reformada. A sua origem remonta à fundação da Abadia de Cister (em latim, Cistercium; em francês, Cîteaux), na comuna de Saint-Nicolas-lès-Cîteaux, Borgonha, em 1098, por Roberto de Champagne, abade de Molesme. A ordem terá um papel importante na história religiosa do século XII, vindo a impor-se em todo o Ocidente por sua organização e autoridade. Uma de suas obras mais importantes foi a colonização da região a leste do Rio Elba, quer corta as atuais República Checa e a Alemanha, onde promoveu simultaneamente o cristianismo, a civilização ocidental e a valorização das terras. (Nota da **IHU On-Line**)

**5 Ordem dos Camaldulenses:** também conhecida como Congregação Camaldulense da Ordem de São Bento, é uma ordem religiosa católica de clausura monástica pertencente à família dos Beneditinos. O ramo Camaldulense estabeleceu-se graças aos esforços do monge italiano São Romualdo, no início do segundo milênio, no Sagrado Ermitério de Camaldoli, no cimo das montanhas centrais de Itália, perto de Arezzo. A sua reforma pretendia renovar e reintegrar a dimensão solitária da vida monástica sendo, por isso, uma Ordem essencialmente contemplativa. (Nota da **IHU On-Line**)

monges intervinham na natureza, não só desmatando, mas privilegiando as espécies mais adequadas à construção de edifícios, com a monocultura do carvalho, faias e pinheiros.

É diferente da relação dos franciscanos que extraíam da floresta apenas o suficiente para o consumo próprio. Não só isso: Francisco queria os troncos serrados de maneira que as árvores pudessem reflorescer<sup>6</sup>. Também queria uma parte da horta não cultivada, para que as “irmãs” flores silvestres se mostrassem com toda sua beleza e “convidassem qualquer um que as olhasse a louvar a Deus!”<sup>7</sup>.

**IHU On-Line - Como entender a mística de São Francisco de Assis?**

Chiara Frugoni - Durante sua vida, repetidamente, Francisco declarou ter certeza de que Deus lhe revelara como deveria levar uma vida radicada no Evangelho com seus companheiros. Isso tudo sem propriedades, nem próprias, nem em comum, totalmente pobres frades, como outros pobres, partilhando com eles da mesma precariedade de vida, material e psicológica. Com um vestuário mínimo, pés descalços como os apóstolos, sempre em caminho, os frades deviam espalhar por toda parte a mensagem de amor e de paz de Cristo, usando palavras simples, sem necessidade de estudos ou de preparação erudita.

**IHU On-Line - Como se davam as contestações a Francisco dentro da própria ordem?**

Chiara Frugoni - A primeira *Regra* de Francisco chegada até nós, a chamada *Regula non bullata* de 1221, não tinha sido aprovada pelo Papa e nem pela maioria dos frades.

6 Tommaso de Celano, *Memoriale*, cap. CX-XIV, 165 (Nota da entrevistada)

7 *Scripta Leonis, Rufini et Angeli Sociorum s. Francisci*, ed. e trad. inglesa de R.B. Brooke, cap. 51 (Nota da entrevistada)

A impaciência de grande parte dos companheiros com relação aos compromissos assumidos, nos primeiros tempos, era tão evidente que fez o santo preferir demitir-se da liderança da Ordem, em 1220, ficando apenas uma pedra incômoda de comparação (nomeou Pietro Cattani como “vigário”, mas logo falecido, em março de 1221, foi substituído, em seguida, por Elia). A *Regula non bullata* fixava normas bastante genéricas, projetada para pequenos números e dirigida para companheiros animados pelo mesmo entusiasmo e espírito de abnegação.

“

***Diante de uma Igreja envolvida em questões políticas, uma Igreja rica, Francisco mostrava seus pés e os de seus companheiros descalços***

Os frades, no entanto, aumentaram vertiginosamente em número, e não conseguiram manter o mesmo nível de empenho e entusiasmo dos primórdios. Além disso, uma parte deles acreditava numa organização mais articulada e específica para uma ordenada vida comunitária. Também a segunda *Regra*, a chamada *Regula bullata*, aprovada pelo Papa Honório III<sup>8</sup>,

8 **Papa Honório III** (1148–1227): 177<sup>o</sup> Papa da Igreja Católica. Convocou um Concílio em Paris em 1226, que condenou a heresia dos Albigenses. Foi árbitro na questão da primazia entre Braga e Toledo, que se arrastava desde o tempo de Inocêncio III, a que pôs termo, em 1218, com as bulas *Cum tu, frater*, enviada ao arcebispo de cabido de Toledo, e *Cum venerabilis frater*, ao arcebis-

em 1223, embora marcada por forte interferência da Cúria, segundo uma parte dos frades, podia ser ulteriormente interpretada e modificada em sentido menos restritivo.

Em poucas palavras: a Ordem de Francisco teve imediato e extraordinário sucesso, mas os frades, tornando-se milhares, não estavam mais à altura de Francisco e dos seus primeiros companheiros.

A proposta de Francisco era dirigida aos leigos, o que foi uma novidade importantíssima. Queria que seus companheiros continuassem trabalhando, grátis, é claro. Só podiam aceitar comida para um dia, sem acumular suprimentos para o dia seguinte. Não podiam viver em casas de alvenaria, mas em cabanas feitas de galhos. Se não estivessem em caminho, deviam viver nos leprosários e curar os leprosos. Não podiam pedir esmolas em dinheiro, porque isso seria “roubar dos pobres.” Tinha grande respeito às mulheres, e seu projeto foi originalmente concebido aberto para homens e mulheres.

**IHU On-Line - Como eram recebidos os preceitos de Francisco de Assis? Por que há tantas contradições entre as inúmeras biografias?**

Chiara Frugoni - Todas essas ideias de São Francisco não foram bem aceitas, nem pela Igreja de Roma, nem por muitos frades sacerdotes, que, no entanto, tinham entrado na Ordem. Eles queriam estudar, ter bons códigos, viver em conventos espaçosos, ter uma biblioteca e fazer-se manter pela

po e cabido de Braga. Acabou com os litígios do bispo de Coimbra com os Templários, por causa das igrejas de Ega, Pombal e Redinha, e com o mosteiro de Santa Cruz. Confirmou a D. Afonso II os privilégios concedidos pelos seus antecessores a Portugal, que toma debaixo da proteção da Santa Sé, bula *Manifestis probatum*, de 1218. Concede indulgências e outras graças aos cruzados da 5<sup>a</sup> cruzada que tomaram parte na conquista de Alcácer do Sal, aos que contribuísem para a defesa dessa praça e para a guerra contra os Mouros e aos que fortificassem e guardassem os lugares pertencentes aos freires de Évora. (Nota da **IHU On-Line**)



comunidade dos fiéis em troca do serviço que prestavam. Entre os serviços estão a pregação, aconselhamento para bem confessar-se e também para um bom testamento (muitas vezes os fiéis deixavam, por gratidão, suas propriedades aos franciscanos).

Além disso, os frades recusavam-se decididamente à pobreza total. Com uma série de dispositivos legais, tornaram-se ricos: todos os bens eram formalmente da Igreja e os franciscanos mantinham apenas seu uso. Por meio dos chamados procuradores, pessoas de fora da Ordem, que manejavam o dinheiro, os frades também podiam manejá-lo.

Parte dos frades não concordava, e via de forma negativa essas transformações. Essas tensões refletiram-se dentro da Ordem nas diferentes biografias. Aquelas oficiais procuravam adaptar a figura do santo à evolução histórica da Ordem. Mas havia também biografias não oficiais, que queriam lembrar o que parecia ser a verdade sobre Francisco e sobre sua proposta de vida cristã.

## O Francisco de Boaventura

Frade Boaventura<sup>9</sup>, como Ministro geral, escreveu uma biografia oficial. Em 1266 tornou-se a única

9 **São Boaventura** (1221-1274): bispo franciscano, filósofo, confessor e doutor da Igreja. Foi uma das mais poderosas inteligências de seu tempo e de toda a história da Igreja. Discípulo de Alexandre de Hales, era amigo e companheiro de lutas do dominicano Tomás de Aquino. Tiveram ambas carreiras paralelas, juntos combateram os erros de doutores de Paris inimigos das Ordens mendicantes. Ambos faleceram relativamente jovens, no mesmo ano. Boaventura teve, diferentemente de Tomás, uma vida muito ativa que não lhe permitiu dedicar todo o seu tempo ao estudo. Também conseguiu superar a disputa interna de seus pares a respeito do voto de pobreza. Em 1273, foi nomeado cardeal-bispo de Albano e, no segundo Concílio de Lyon, desempenhou papel fundamental na reconciliação entre o clero secular e as ordens mendicantes. Foi nesse encontro que São Boaventura morreu, em 15 de julho de 1274. Homem tão inteligente quanto humilde, foi declarado doutor da igreja e canonizado em 1482. (Nota da **IHU On-Line**)

biografia oficialmente admitida. A destruição das anteriores foi uma operação conduzida meticulosamente e com grande sucesso, única na Idade Média desta magnitude. Foi uma das maiores “fogueiras” medievais, envolvendo centenas e centenas de manuscritos, pois em cada mosteiro franciscano –

“

**A Ordem de Francisco teve imediato e extraordinário sucesso, mas os frades, tornando-se milhares, não estavam mais à altura de Francisco**

no momento da primeira biografia (1228-1229) de Thomas de Celano<sup>10</sup> havia cerca de mil e quinhentos – havia pelo menos uma *Vida* do Fundador, uma *Legenda* compendiada era inserida no breviário de cada frade, e uma biografia reduzida fazia parte dos objetos litúrgicos das igrejas, não só dos Menores, para ser cantada na Oitava da festa ou ao menos no natalício.

10 **Tomás de Celano** (1200–1265): frade católico medieval da Ordem dos Franciscanos, um poeta e também um escritor, sendo autor de três obras de cariz biográfico sobre São Francisco de Assis. Em 1221, Tomás foi enviado para o Sacro Império Romano-Germânico com Caesarius de Speyer para promover ali a Ordem dos Franciscanos. Em 1223, ele foi nomeado para o cargo de Custos Unicus da Ordem na província da Renânia, que incluiu conventos em Colônia, Mogúncia, Worms e Speyer. Após alguns anos, voltou à Itália, onde ele se retirou para o resto de sua vida. Em 1260, ele foi liquidado no seu último posto como diretor espiritual do convento das Clarissas em Tagliacozzo, onde morreu nalgum momento entre 1260 e 1270. Ele foi primeiro sepultado na igreja de S. Giovanni dei Val Varri e depois reenterrado na igreja de S. Francesco em Tagliacozzo. (Nota da **IHU On-Line**)

Gregório IX<sup>11</sup>, de fato, havia estabelecido que o aniversário do santo fosse celebrado também pelos outros institutos de vida de perfeição: quando Boaventura, por exemplo, promulgou a ordem de destruição das biografias, os cenóbios cistercienses eram cerca de 650. Devemos, sobretudo, ao historiador protestante Paul Sabatier<sup>12</sup> (1858-1928) o fato de algumas das biografias anteriores à de Boaventura terem sido encontradas. Talvez fossem representantes de um único manuscrito, em alguns mosteiros bem distantes de Assis, onde a caça franciscana não tinha chegado. Durante séculos, Francisco foi o Francisco de Boaventura.

## Um santo menos revolucionário e mais doce

Boaventura empurrou para um segundo plano ou apagou as propostas mais “revolucionárias” de Francisco. Todas sempre baseadas na aplicação ortodoxa do Evangelho. Foi ele que fez de Francisco um santo adocicado, como uma estatueta de presépio. Desta forma fixou e difundiu uma imagem unívoca de Francisco que se tornou especialmente o santo dos estigmas, o milagre possivelmente menos imitável.

Pedia para admirar Francisco, cuja carne fora como que “divi-

11 **Papa Gregório IX** (1160-1241) foi o 178º papa, de 1227 a 1241. Foi importante incentivador dos dominicanos e dos franciscanos, tendo sido amigo pessoal do próprio São Francisco de Assis. Organizou a Inquisição Pontifícia com o objetivo de reprimir as heresias, com a promulgação da bula “Licet ad capiendos” em 20 de abril de 1233, dirigida aos dominicanos, que passaram a liderar o trabalho de investigação, julgamento, condenação e absolvição dos hereges. Canonizou S. Francisco de Assis dois anos após sua morte, S. Domingos de Gusmão e Santo Antonio de Lisboa. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Paul Sabatier** (1858-1928): teólogo franciscano e historiador, inclinou-se para a carreira eclesiástica, praticada ativamente por alguns anos (1885-1893). Dedicou-se inteiramente ao estudo da história religiosa, particularmente no campo franciscano, no qual ele alcançou notoriedade e autoridade internacional. (Nota da **IHU On-Line**)

nizada” pelo estrondoso milagre, mas não para tomá-lo como modelo, porque era impossível alcançar as alturas da sua santidade. Os frades deviam seguir outros santos franciscanos, tanto mais tradicionais, que a Ordem já podia recomendar. Por exemplo, o culto a Santo Antônio de Pádua<sup>13</sup>.

Francisco permanece o grande fundador, mas inacessível, fechado num relicário, em razão das feridas divinas. A Ordem, deste modo, estava livre para fazer todas as mudanças que a maioria dos frades pedia, e que os vários papas, desde Gregório IX, o santo que canonizou Francisco, aprovavam.

IHU On-Line - “Cântico do Irmão Sol”, também conhecido como “Cântico das Criaturas”, é um dos escritos mais difundidos de Francisco de Assis e inspira o Papa Francisco na *Laudato Si'*. Qual a origem histórica desse cântico? O que ele diz sobre a criação?

Chiara Frugoni - Adão, antes de receber sua companheira, vivia no *paradiso voluptatis*, destinado a um trabalho feliz de agricultor: Deus o tinha criado *ut operaretur custodiret et illum* (“cultivá-lo e guardá-lo”, *Gên 2,15*). Deus queria, então, que o primeiro homem vivesse numa bela paisagem, e

<sup>13</sup> **Santo Antônio de Pádua** (1195-1231): santo franciscano de origem portuguesa, padre e doutor da Igreja. Entrou no mosteiro dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho de São Vicente de Fora, perto de Lisboa. Lá ele era professor. (Nota da **IHU On-Line**)

queria que o primeiro homem ajudasse a mantê-la assim. Deus havia previsto, além disso, uma alimentação só vegetariana, tanto para o homem como para os animais (*Gên 1,29-30*).

Com o pecado original introduziu-se a violência e a morte, afetando também o modo de viver dos animais. De exclusivamente vegetarianos, tornaram-se carnívoros, obrigados também eles, para sobreviver, a matar. Recita o

“

## A proposta de Francisco era dirigida aos leigos, o que foi uma novidade importantíssima

*Salmo 103,20-21*: “ruges os leões em busca da presa, pedindo a Deus sua refeição”. Francisco, com o Cântico das Criaturas, intitulado por ele, na verdade, de *Irmão Sol*, louvava a criação. Respondia silenciosamente, com isso, à sombria visão dos Cátaros<sup>14</sup>, de

<sup>14</sup> **Albigenses ou cátaros**: O catarismo (do grego *katharos*, que significa puro), foi uma religião cristã da Idade Média, surgida na França no final do século XI, apresentada por alguns como um sincretismo cristão, gnóstico e maniqueísta, manifestado num extremo

um mundo onde o espírito estava sufocado pelo mal e pela matéria. O hino de Francisco louva os quatro elementos, Fogo, Ar, Água, Terra, componentes essenciais de toda forma de vida, inclusive da vida humana, de acordo com as crenças medievais. Para seu *Cântico*, Francisco foi inspirado pelo *Salmo 148*, e a passagem de *Daniel 3*, 51-89, que compreendem um louvor incondicional a toda a criação, incluindo os animais, dos peixes às aves.

Francisco para nos quatro elementos porque está ciente da perturbação que o Pecado original introduziu. Mas o convite à paz, na segunda parte do *Cântico*, é um convite a retornar àquele estado de harmonia originária, quando o homem não se sentia no centro do mundo e no direito de oprimir e destruir, mas com a obrigação de “guardar”, respondendo assim ao dom da Criação concedido generosamente por Deus ao homem. ■

ascetismo. No entanto, os principais historiadores atuais do catarismo percebem este movimento como intrinsecamente cristão e relativamente independente de movimentos anteriores, derivando sua concepção gnóstica do universo de uma leitura independente das Escrituras Sagradas, especialmente o Novo Testamento. Os cátaros concebiam a dualidade entre o espírito e a matéria, relacionados respectivamente com o bem e o mal absolutos. Foram condenados pelo 4º Concílio Lateranense em 1215 pelo Papa Inocêncio III, e aniquilados por uma Cruzada e pelas ações da Inquisição, tornada oficial em 1233. Os cátaros, que também eram chamados de albigenses, rejeitavam os sacramentos católicos. (Nota da **IHU On-Line**)

## LEIA MAIS...

- *Francisco de Assis: um homem de personalidade complexa, mas de extraordinária humanidade*. Entrevista com Chiara Frugoni, publicada na **Revista IHU On-Line**, Edição 238, de 01-10-2007. Disponível em <http://bit.ly/1TjbpH>.
- “A verdadeira renúncia do papa é ao poder. Como queria São Francisco”. Entrevista com Chiara Frugoni, publicada nas **Notícias do Dia**, de 07-10-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1S6duTd>.
- *Francisco. O santo*. **Revista IHU On-Line**, Edição 238, de 01-10-2007. Disponível em <http://bit.ly/1NLA7>.

# De religiosa a laica e científica: as perspectivas de uma Encíclica

Christian Albini considera que a *Laudato Si'* assume um horizonte amplo a partir da ideia de Ecologia Integral, que, para o teólogo, tem uma dimensão laica

Por João Vitor Santos e Leslie Chaves | Tradução Ramiro Mincato

O texto da Encíclica, não só por tratar das questões ambientais, mas principalmente por se propor a cumprir essa missão a partir de uma visão complexa sobre as diversas facetas que compõem o debate sobre o tema, amplia sua abrangência. Segundo Christian Albini, a *Laudato Si'* evidencia a realidade de que as pessoas não são ilhas, elas fazem parte de um contexto maior, o qual, com frequência, é retratado de forma fragmentada, porém “as propriedades das partes só podem ser entendidas à luz da dinâmica do todo”. Conforme afirma o teólogo em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, “para compreender essa abordagem, é preciso refletir, no campo da ciência e da filosofia da ciência, sobre a superação do reducionismo cartesiano e do mecanicismo newtoniano”.

Albini ressalta ainda que a Encíclica reflete o propósito do Papa Francisco de conduzir uma “Igreja em saída”. O teólogo aponta que o documento não parte de uma preocupação intraclesial, mas sim de uma urgência histórica, se inserindo na “conversa do mundo”. Conforme o estudioso diz, o conceito que está no cerne da *Laudato Si'*, a Ecologia Integral, “não é uma espécie de “ecologia católica” alternativa ou concorrente, mas uma proposta

de visão de fé, com sua contribuição específica às questões ecológicas, que são questões de toda a humanidade”. Nesse sentido, Albini defende que esse ponto de vista sistêmico assume uma dimensão laica, pois é “uma abordagem partilhável por aqueles que não se colocam em perspectiva religiosa”.

Christian Albini, teólogo leigo italiano, é formado em Ciências Políticas pela Università degli Studi di Milano e licenciado em Ciências Religiosas pelo Istituto di Corso Venezia. É membro da Associação Teológica Italiana, fez parte da redação da revista *Aggiornamenti Sociali* e é sócio-fundador da Associação Viandanti. Atualmente, na diocese de Crema, na Itália, integra a presidência do Conselho Pastoral, colabora com a Cáritas, a pastoral familiar e o Centro Diocesano de Espiritualidade. Também mantém o blog *Sperare per Tutti*. Entre as suas publicações mais recentes estão *L'umanità di Gesù. Tra storia e fede* (Seattle: eBook Kindle, 2015), *La conversione del cristiano e della chiesa* (Seattle: eBook Kindle, 2014), *Guida Alla Lettura Dell'Evangelii Gaudium* (Seattle: eBook Kindle, 2013) e *Gesù: un insegnamento dentro la vita. Introduzione al Vangelo di Matteo (Lecture bibliche Vol. 1)* (Seattle: eBook Kindle, 2013).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Qual é o conceito central da *Laudato Si'* e como é articulado?**

**Christian Albini - A Encíclica *Laudato Si'* é de grande interesse**

tanto pelo conteúdo quanto pelo método. É raro que um Papa dedique um texto magisterial desta magnitude a questões não ligadas diretamente à pregação tradicional da Igreja. Alguns lembraram

da *Pacem in Terris* de João XXIII<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vati-



## A Laudato Si' adota um paradigma relacional mais coerente com os dados detectados, permitindo melhor interpretação do dado histórico e da sua complexidade

e penso que a observação é correta. Em ambos os casos, estes documentos não partem de uma preocupação intraeclesial, mas do confronto com uma urgência histórica, entrando na “conversa do mundo”. A Encíclica é muito importante naquilo que o Papa Francisco chama de “Igreja em saída”: não introversa, não voltada à comunicação autorreferencial e solipsística. Claro, os documentos sozinhos não adiantam, se não forem seguidos de compromissos e escolhas concretas. Porém, temos aqui um fundamento importante.

Do ponto de vista da metodologia, parece-me importante que a Encíclica não aborde o tema por meio do procedimento clássico na área da moral, que penso inadequado, isto é, partir de um conceito metafísico de natureza e dele deduzir as consequências e prescrições. A *Laudato Si'*, como veremos pouco a pouco, adota um paradigma relacional mais coerente com os dados detectados, permitindo melhor interpretação do dado histórico e da sua complexidade.

Isso nos conduz ao conceito central da Encíclica, resumido no que o texto chama de “Ecologia Integral”, introduzido no nº 15 (LS) como “ecologia que nas suas diversas dimensões integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia”. Seu fundamento teológico é explicado no segundo capítulo, enquanto sua

cano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da **IHU On-Line**)

articulação é exposta no capítulo quatro.

Se a ecologia “estuda as relações entre organismos vivos e meio ambiente no qual se desenvolvem”, a Ecologia Integral, sem excluir este, possui um horizonte mais amplo, pois abraça o cosmos e o ambiente, a casa comum, como criação e, portanto, em sua relação com Deus. Não é uma espécie de “ecologia católica” alternativa ou concorrente, mas uma proposta de visão de fé, com sua contribuição específica às questões ecológicas, que são questões de toda a humanidade.

Chamo a atenção! A Ecologia Integral possui uma dimensão “laica”, no sentido de uma abordagem partilhável por aqueles que não se colocam em perspectiva religiosa. Pensemos, por exemplo, como as carestias e problemas alimentares tiveram consequências sobre muitos conflitos africanos e do Oriente Médio. É necessária uma visão de conjunto, poderíamos dizer “de sistema”. Na Encíclica, de fato, a Ecologia Integral se articula como:

- Ecologia ambiental, econômica e social (LS, nº 138-142);
- Ecologia cultural, que lida com o histórico, artístico e cultural (LS, nº 143-146);
- Ecologia da vida cotidiana, o que afeta a qualidade de vida (LS, nº 147-155).

Os três níveis são unificados pelo princípio do bem comum, são critérios de orientação, a começar pelo respeito dos direitos humanos, e são assumidos numa perspectiva de justiça intergeracional,

hoje obrigatória. No momento em que nossa capacidade de ação, enquanto seres humanos, é capaz de afetar irreversivelmente o ambiente e até mesmo destruí-lo, não podemos não levantar o problema da responsabilidade para com as gerações que virão depois da nossa!

**IHU On-line** - Como compreender a ideia de “Ecologia Integral” e de que forma ela se articula com os temas que vão para além do meio ambiente?

**Christian Albini** - Para compreender essa abordagem, é preciso refletir, no campo da ciência e da filosofia da ciência, sobre a superação do reducionismo cartesiano e do mecanicismo newtoniano. Penso, por exemplo, o que escreveu Fritjof Capra nos livros *O Ponto de Mutação* ou *L'universo come dimora* (no qual dialoga com alguns teólogos). A reflexão de Capra tem aspectos questionáveis, do ponto de vista cristão, mas, em linha de fundo, ajuda a entender o pensamento sistêmico da Encíclica. Isto expressa bem o que quero dizer.

As propriedades das partes só podem ser entendidas à luz da dinâmica do todo. Em última análise, as partes não existem. O que chamamos “parte” é apenas a configuração de uma rede inextricável de relacionamentos. É por isso que não se pode pensar ecologia como algo independente da economia, da política, da cultura e do estilo de vida cotidiano. Não somos ilhas, vivemos dentro do todo. É o que nos diz a Encíclica, de outro modo.

“Quando falamos de ‘meio ambiente’, fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto nos impede de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, fazemos parte dela e compenetramo-nos. As razões pelas quais um lugar se contamina exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade. Dada a amplitude das

mudanças, já não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental procurar soluções integrais, que consideram as interações dos sistemas naturais entre e si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (LS, nº 139).

São pouco sensatas as críticas segundo as quais a Encíclica se ocupa de coisas marginais, no que diz respeito à Igreja e à sua doutrina. A “vida” é por acaso marginal? As ameaças à vida determinadas em nossas escolhas políticas, econômicas e de consumo são talvez marginais? Estas são ameaças à vida no planeta - recordemos que, segundo os cientistas, estamos vivendo a sexta “transição biótica”, a sexta extinção em massa, induzida e acelerada pelo comportamento humano - e são ameaças à vida humana, sobretudo dos mais pobres, dos últimos, dos indefesos.

Isto não pode ser considerado marginal, quando cremos em Deus que derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes (cf. Evangelho de Lucas 1,52), Deus que envia Jesus para trazer a boa nova aos pobres e aos cativos a libertação (cf. Evangelho de Lucas 61,2; e 4,18). Economia, política, cultura, estilos de vida não são eventos profanos, estranhos ao discurso religioso. Falamos aqui de uma religiosidade que abraça toda a vida humana, consciente das relações que interligam todos os âmbitos da existência pessoal e social.

**IHU On-Line - De que forma é apresentada a crítica ao antropocentrismo na *Laudato Si'*? E como o conceito de tecnocentrismo aparece no documento?**

**Christian Albini** - Uma das críticas dos conservadores de certos centros de poder econômico é que o documento vai contra a moder-

nidade e o progresso, está virado para trás, mas se trata de uma leitura não confiável, sem nenhum fundamento no texto. Isto pode ser visto na crítica ao antropocentrismo e ao tecnocentrismo no terceiro capítulo. O tema de fundo é a raiz humana da crise ecológica.

Os problemas ambientais são causados pelo comportamento do ser humano, e este possui determinada visão de si e da sua relação com o mundo. Há alguns anos, Alberto Melucci, sociólogo italiano dos processos culturais, havia refletido sobre a intensidade da transformação que vivemos e que determinamos, transformação que incide sobre a própria natureza.

O primeiro paradoxo que somos obrigados a olhar, hoje, é o da produção da reprodução. Tanto a manutenção da ordem biológica como da ordem social, na vida individual e coletiva, dependem de escolhas e decisões humanas, e não mais de leis fatalistas que as culturas do passado vinham, de tempos em tempos, atribuindo à vontade divina, à natureza ou à história.

É a sociedade, são as relações entre os homens, frágeis produtores de sentido, a decidir a manutenção e o desenvolvimento das espécies e do seu ambiente. O que podemos reproduzir de nós mesmos e do mundo, o que pretendemos manter ou mudar da natureza que nos constrói e rodeia, mas também da nossa história individual e coletiva? É esta a pergunta que a sociedade planetária não pode mais evitar, mas que, na verdade, já evitou, infelizmente, com níveis de consciência e de controle sobre as escolhas, muito mais limitados do necessário, pelo tamanho do desafio<sup>2</sup>.

A própria natureza humana torna-se objeto de intervenção e manuseio, e com isso nossa liberdade tem a ver com o mundo exterior e também com nós mesmos, com possibilidades, sem precedentes na

<sup>2</sup> Sobre esse tema ver: MELUCCI, Alberto. *Passaggio d'epoca* (Milão: Ledizioni, 1994, p. 18-19). (Nota do entrevistado)

história, de pôr fim à vida humana no planeta.

Isso tudo remete à questão da técnica, da capacidade humana de transformar a realidade, em base a procedimentos racionais codificados e padronizados, que na era da tecnociência alcançou poder inimaginável. Com seu sucesso, a técnica torna-se, por assim dizer, “o ambiente” da atividade humana: de instrumento torna-se fim, e ultrapassa nossa capacidade de dar sentido ao seu operado. O único sentido que tem chance de permanecer é o da lógica do mais forte, mas com o paradoxo de que, no final, a técnica poderá destruir também aqueles que dela usufruem.

São questões levantadas no campo da filosofia, especialmente alemã, por pensadores como Heidegger e Jaspers, estimulados pela reflexão de Nietzsche sobre o niilismo. Na teologia, o primeiro a lidar diretamente com essas questões foi, de fato, o alemão Romano Guardini, em obras como *Lettere dal Lago di Como* (Brescia: Morcelliana, 1993) e *La fine dell'epoca moderna. Il potere* (Brescia: Morcelliana, 1993), esta última citada várias vezes na Encíclica.

Guardini, no coração do século XX, estava ciente de que a natureza se inseria cada vez mais no mundo do pensamento e do desejo, artificializando-a e prejudicando também a si mesmo. Para lidar com as forças irrompentes da tecnologia, exige-se uma base de inteligência nova e liberdade para obviar que este poder não se direciona unicamente à utilidade. A referência a esta posição de Guardini é explícita em *Laudato Si'*, nº 105.

O parágrafo seguinte resume a questão da técnica em relação à situação de emergência ecológica: “Sempre se verificou a intervenção do ser humano sobre a natureza, mas durante muito tempo teve a característica de acompanhar, secundar as possibilidades oferecidas pelas próprias coisas; tratava-se de receber o que a realidade natural por si permitia, como que estendendo a mão. Mas, agora, o

que interessa é extrair o máximo possível das coisas por imposição da mão humana, que tende a ignorar ou esquecer a realidade própria do que tem à sua frente. Por isso, o ser humano e as coisas deixaram de se dar amigavelmente a mão, tornando-se contententes. Daqui passa-se facilmente à ideia de um crescimento infinito ou ilimitado, que tanto entusiasmou os economistas, os teóricos da finança e da tecnologia. Isto supõe a mentira da disponibilidade infinita dos bens do planeta, que leva a 'espremê-lo' até o limite e para além desse".

A Encíclica não é contra o homem, nem contra a tecnologia, ao contrário, convida a alegrar-se pelo progresso que pode trazer verdadeiro desenvolvimento da qualidade de vida e da beleza do nosso mundo (cf. LS, nº 102-105). Mas para isto tem que estar integrada na lógica do bem comum e das relações que conectam todos os seres humanos entre si e com o ambiente. O bem da parte é inseparável do bem do todo. O antropocentrismo, ao contrário, isola a parte e desequilibra as relações.

**IHU On-line - Em que medida o conceito de ecologia se conecta com teologia? Como esta relação é apresentada no documento? Como teses teológicas e teses científicas dialogam na Encíclica, de modo a não serem antagônicas?**

**Christian Albini** - A perspectiva ecológica da Encíclica tem seu fundamento na teologia. Na base está a recuperação da relação de Deus com o mundo criado, e não com a pessoa humana isoladamente. Assim, a história da salvação é a história da salvação cósmica, a encarnação do Filho é a encarnação no cosmos, a Páscoa é "nova criação" também para a natureza inteira que geme e sofre em dores de parto (cf. Romanos 8,22).

Uma abordagem deste tipo foi, por muito tempo, reservada a poucas figuras isoladas e até mesmo malvistas. Penso, por exemplo, no

jesuíta Pierre Teilhard de Chardin<sup>3</sup>, em seu conceito de "Cristo Evoluidor", inspirado na percepção da dinâmica impulsionadora do mundo natural, reinterpretada à luz da fé cristã, que entrelaçou visão teológica e visão cosmológica. Não por acaso Papa Francisco o lembra na

“

**A Encíclica é muito importante naquilo que o Papa Francisco chama de 'Igreja em saída'**

nota do parágrafo 83 da Encíclica, que diz: "A meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal. E assim juntamos mais um argumento para rejeitar

**3 Pierre Teilhard de Chardin** (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo IHU em 2005. Sobre ele, leia a edição 140 da **IHU On-Line**, de 09-05-2005, *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. Veja também a edição 304, de 17-08-2009, *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*, em <http://bit.ly/ihuon304>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, na edição 135, de 05-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon135> e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon142>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon143>. Leia também a edição 45 dos **Cadernos IHU ideias**, *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica*, disponível em <http://bit.ly/1l6IWAC>; a edição 78 dos **Cadernos de Teologia Pública**, *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã*, disponível em <http://bit.ly/1pvlEG2>; e a edição 22 dos **Cadernos de Teologia Pública**, *Terra Habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs*, disponível em <http://bit.ly/1pvlJL>. (Nota da **IHU On-Line**)

todo e qualquer domínio despótico e irresponsável do ser humano sobre as outras criaturas. O fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente conosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente em que Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina. Com efeito, o ser humano, dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador".

Este olhar orienta-se para o futuro, mas parte do presente, da responsabilidade humana de colaborar na obra da criação e da redenção, dentro de uma liberdade que pode até mesmo contrastá-la. A *Laudato Si'* colhe em cheio o desafio do diálogo entre teologia e ecologia: fazer voltar a resplandecer a relação da fé cristã com a terra em seu vulto luminoso, redescobrimo, em toda sua densidade, a promessa ecológica que ela traz consigo. O Deus das Escrituras é, naturalmente, o Santo, o Totalmente Outro do mundo, mas é também aquele que nunca é sem o mundo, numa relação fundante, manifestada em toda a sua densidade na Encarnação e na Páscoa<sup>4</sup>.

Sempre volta o paradigma relacional, próprio desta Encíclica, onde toda a realidade é lida como rede de conexões, com Deus no centro e no cume. É um verdadeiro e próprio paradigma teológico correspondente à essência da narrativa bíblica, que deveria substituir o sistema metafísico ainda presente, de tipo essencialista, baseado numa hierarquia de entes e numa concepção fixista. Em suma, a Encíclica contém um forte apelo para repensar uma inteira abordagem teológica.

Neste contexto, a abordagem teológica da ecologia pode ser interpretada na chave da comunhão do homem com o meio ambiente e com Deus, a partir da marca trinitária que toda a realidade contém dentro de si (cf. LS, nº 239). O cos-

<sup>4</sup> Sobre o tema ver: MORANDINI, Simone. *Teologia e Ecologia* (Padova: Edizioni Messaggero, 2005, p. 41). (Nota do entrevistado)

mos não é apenas o “background” da ação de Deus e da história da salvação, mas está envolvido completamente.

As Pessoas divinas são relações subsistentes, e o mundo, criado segundo o modelo divino, é uma teia de relações. As criaturas tendem em direção a Deus, e, por sua vez, é próprio de todo ser vivo tender para outra coisa, de tal modo que, dentro do universo, podemos ver inúmeras relações contínuas tecendo-se secretamente. Isto não só nos convida a admirar as muitas ligações existentes entre criaturas, mas também nos leva a descobrir a chave para nossa própria realização. Na verdade, a pessoa humana tanto mais cresce, amadurece e se santifica, quanto mais entra em relação, quando sai de si mesma para viver a comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas (LS, nº 140).

Compreende-se, sob esta mesma luz, a relação da Encíclica com a ciência, estruturada segundo uma clara distinção epistemológica, porque a teologia se ocupa com questões de sentido e não com a leitura do “livro da natureza”. A ciência não se subordina a uma visão metafísica preexistente, por isso não há necessidade de questionar sua autonomia. O discurso teológico encontra-se em outro plano, aquele do sentido, e não o do conhecimento dos fenômenos e das leis que os regem. A *Laudato Si'* está livre das preocupações culturais, econômicas e políticas que instrumentalizam o dado científico em prol de determinados interesses.

Penso na questão do aquecimento global, um dos temas que suscitaram a “crítica preventiva” ao texto, também de alguns políticos republicanos nos Estados Unidos (cf. LS, nº 25-26). O fato de que vários deles se apresentem como fervorosos e cristãos e também católicos, diz muito sobre como certa mentalidade, que reflete um sistema sociopolítico com sua ideologia, tenha se infiltrado em parte da cultura cristã, identificando-se equivocadamente com ela.

Há uma ideologia capitalista que nega qualquer evidência de aquecimento global, porque perturba seus dogmas econômicos e os que dele se beneficiam. A abordagem teológica da Encíclica está, ao contrário, livre dessas restrições.

“  
***A Ecologia Integral possui um horizonte mais amplo, pois abraça o cosmos e o ambiente, a casa comum, como criação e, portanto, em sua relação com Deus***”

**IHU On-line - De que forma a experiência mística de São Francisco de Assis é apropriada pela *Laudato Si'*? O que esse movimento de inspiração no “Cântico do Irmão Sol”, ou “O Cântico das criaturas”, diz sobre a relação do homem com o planeta?**

**Christian Albini - *Laudato Si'*** observa que “Jesus viveu em harmonia com a criação, para o espanto dos outros: ‘Quem é este a quem até os ventos e o mar obedecem’ (Evangelho de Mateus 8,27)”. Como Jesus articula essa concepção de pertencer ao planeta, e não colocar-se em seu confronto como dominador?

É a primeira Encíclica que traz um título em italiano e não em latim, tomado exatamente do início do cântico de São Francisco. A presença do Santo é constante em toda a Encíclica. A mística de Francisco expressa comunhão com Deus e com a criação, o lado teológico

e espiritual da ecologia integral, apresentada pelo Papa.

No nº 11 há uma citação da *Legenda Maior* de São Boaventura<sup>5</sup>, discípulo e biógrafo de São Francisco, que ajuda a compreender como o sentido de comunhão vivido por ele se expressa na relação com todas as criaturas.

Francisco, considerando que todas as coisas têm origem comum, sentia-se cheio de uma piedade ainda maior, e chamava as criaturas, por menores que fossem, pelo nome de irmão e irmã.

O Cântico do Sol<sup>6</sup>, em síntese, é uma espécie de compêndio poético e espiritual da visão trinitária da Encíclica e de sua perspectiva ecológica integral. Claro, não podemos identificar Francisco de Assis com tudo o que está escrito na *Laudato Si'*, mas há uma continuidade básica que ajuda a entender como os pensamentos e temas realmente não são estranhos à tradição cristã. Apesar da teologia e do Magistério tê-los subestimado, estão ligados por meio de um fio condutor invisível aos diferentes períodos da história da Igreja.

**5 São Boaventura (1221-1274):** bispo franciscano, filósofo, confessor e doutor da Igreja. Foi uma das mais poderosas inteligências de seu tempo e de toda a história da Igreja. Discípulo de Alexandre de Hales, era amigo e companheiro de lutas do dominicano Tomás de Aquino. Tiveram ambos carreiras paralelas, juntos combateram os erros de doutores de Paris inimigos das Ordens mendicantes. Ambos faleceram relativamente jovens, no mesmo ano. Boaventura teve, diferentemente de Tomás, uma vida muito ativa que não lhe permitiu dedicar todo o seu tempo ao estudo. Também conseguiu superar a disputa interna de seus pares a respeito do voto de pobreza. Em 1273, foi nomeado cardeal-bispo de Albano e, no segundo Concílio de Lyon, desempenhou papel fundamental na reconciliação entre o clero secular e as ordens mendicantes. Foi nesse encontro que São Boaventura morreu, em 15 de julho de 1274. Homem tão inteligente quanto humilde, foi declarado doutor da igreja e canonizado em 1482. (Nota da **IHU On-Line**)

**6 Cântico das criaturas:** também conhecido como **Cântico ao Sol**, foi composto por São Francisco de Assis (1181-1226) pouco antes de sua morte. Sobre São Francisco, confira a obra *Em nome de São Francisco. História dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI*, publicada pela editora Vozes, escrita por Grado Giovanni Merlo. (Nota da **IHU On-Line**)

Francisco de Assis é exemplar em sua proximidade a Jesus, em querer viver o Evangelho *sine glossa*, e, sendo uma espécie de “homem universal”, realiza as instâncias antropológicas que atravessam as fronteiras culturais: simplicidade, pobreza, fraternidade com os outros e com o cosmos, humildade, liberdade, espiritualidade simples...

Também antes de Francisco a comunhão entre Deus, homem e mundo estava presente na visão cristã. Sobretudo, na liturgia. Penso na “liturgia cósmica” de Máximo, o Confessor, retomada recentemente pelo eminente teólogo ortodoxo Ioannis Zizioulas<sup>7</sup> (cf. *Il creato come Eucaristia* [Biella: Qiqajon, 1994]), que não por acaso interveio<sup>8</sup> na apresentação da Encíclica. Deve-se lembrar também “A Missa sobre o Mundo”, de Teilhard de Chardin, em que toda a criação é consagrada. Todas estas referências, que exigiriam um grande desenvolvimento, reenviam ao fato de que nos sinais e gestos litúrgicos reconhece-se a integração entre Deus, homem e mundo, que precede a conceitualização teológica. Isso porque a liturgia, em suas múltiplas linguagens, é uma verdadeira “teologia em ato”, uma suma “prática” da fé cristã.

O que a liturgia celebra não é, porém, arbitrário, remonta ao próprio Jesus, ao seu ser homem novo e princípio da nova criação. Lembra-nos do Catecismo da Igreja Católica (LS, nº 281): “É por isso que as leituras da Vigília Pascal, celebração da criação nova em Cristo, começam pelo relato da criação; da mesma forma, na liturgia bizantina, o relato da criação constitui sempre a primeira leitura das vigílias das grandes festas do Senhor.

<sup>7</sup> **Ionnis Zizioulas** (1931): Metropolita de Pérgamo, copresidente da Comissão Internacional de diálogo entre a Igreja católica e a Igreja ortodoxa, conduziu a delegação do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla durante sua viagem a Roma, por ocasião da celebração da solenidade dos Santos Pedro e Paulo, patronos da Igreja de Roma. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>8</sup> Em oração pelo ambiente. Artigo de Ioannis Zizioulas publicado nas Notícias do Dia, de 16-06-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1gE01cZ>.

Segundo o testemunho dos antigos, a instrução dos catecúmenos para o batismo segue o mesmo caminho”.

Se pensamos na experiência humana de Jesus, vemos como estava atento às realidades do mundo natural: os lírios do campo e as aves do céu, mas também o dourar dos campos de trigo, fruto do trabalho humano. Exatamente, pão e vinho são consagrados na Última Ceia, frutos da terra e do trabalho, sinais de pessoas vivendo em harmonia com a natureza, transformando-a com seu trabalho, sem feri-la ou desvirtuá-la. Tudo é dom de Deus, tudo para dar graças a Deus, isto é, “fazer Eucaristia”. Sim, estava já presente em germe no estilo de vida de Jesus, o quanto encontramos em Francisco de Assis e na Encíclica.

**IHU On-Line - Que conceitos centrais na “teologia do Papa Francisco” o senhor percebe presentes na *Laudato Si’*? Como o senhor avalia o tratamento dado às questões de gênero na Encíclica (especificamente em 155, dentro do subtítulo “Ecologia da vida Cotidiana”)?**

**Christian Albin** - No texto há certamente expressões e conceitos típicos da linguagem do Papa: penso na “cultura do descartável” e na “globalização da indiferença”. No geral, porém, todo o documento pode ser considerado uma extensão, em escala planetária e ambiental, da centralidade da misericórdia, característica do seu Magistério.

Com a *Laudato Si’* temos em mãos elementos suficientes para uma primeira reconstrução da perspectiva deste pontificado. A pedra angular é a fé em Deus e em seu amor misericordioso, como evidenciado na Encíclica *Lumen Fidei*<sup>9</sup>

<sup>9</sup> **Lumen Fidei**: Luz da Fé (em português), é o nome da primeira encíclica do Papa Francisco, assinada em 29 de junho de 2013, na Solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo, publicada a 05 de julho de 2013, quase quatro meses depois do início do seu pontificado. A encíclica centra a sua temática na fé e conclui uma trilogia de seu predecessor, o Papa Bento XVI, que já havia escrito sobre a esperança e a caridade, as outras virtudes teológicas,

e, especialmente, na Bula de Proclamação do Jubileu *Misericordiae Vultus*<sup>10</sup> (visto que o primeiro texto é principalmente obra de Bento XVI). A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*<sup>11</sup> representa o aspecto eclesiológico, *ad intra*: a boa notícia da misericórdia desperta a alegria que é impulso missionário, na perspectiva de uma “igreja em saída”, colocada em estado de renovação e reforma. Com a Encíclica *Laudato Si’* e na sua proposta de ecologia integrada, vemos o aspecto mais político e social numa projeção *ad extra*.

No que diz respeito às questões de gênero, faço notar que o Papa está preocupado em indicar a positividade da diferença sexual, mas não aborda explicitamente a chamada “teoria do gênero”, que ele mencionou em apenas duas ou três ocasiões, eu acho. O furor polêmico e a frequência martelante com a qual na Itália certos círculos católicos abordam a questão não parecem pertencer-lhe. Além disso, porque há muitas abordagens diferentes para o gênero e seria útil fazer um esclarecimento sobre o assunto, uma vez que, parece-me, fala-se muitas vezes de forma inadequada. O fato de se distanciar das teorias mais radicais, obediência, não nos deve isentar, como católicos, de outro dever igualmente forte: aquele de refletir sobre como uma certa cultura, inclusive religiosa, tenha favorecido a subordinação das mulheres aos homens, em certas representações que alteram a realidade.

nas encíclicas *Deus Caritas Est*, *Spe Salvi* e *Caritas in Veritate*. Francisco assumiu, de fato, o trabalho de Bento XVI que, antes de sua renúncia ao papado, já tinha completado o primeiro rascunho do texto, ao qual foram adicionadas algumas contribuições do papa argentino. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>10</sup> **Misericordiae Vultus**: bula pontifícia, documento expedido pela Santa Sé e que institui o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>11</sup> **Evangelii Gaudium** (A alegria do Evangelho): sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, é a exortação apostólica do Papa Francisco, publicada no dia 24 de novembro de 2013. Ela constitui-se no documento programático do pontificado do Papa atual. A íntegra do documento foi publicada pelas Edições Loyola e Paulus, 2013. (Nota da **IHU On-Line**)



**IHU On-Line - Qual é a origem da compreensão de que o cristianismo tem uma visão de homem somente antropocêntrico e dominador? Como, na Encíclica, o Papa sugere uma revisão dessa visão? A Encíclica desenvolve um dado de fé de que Deus criou todas as criaturas. Como entender essa ideia de Deus, o Criador? Ele só domina a criação, ou faz parte dela?**

**Christian Albini** - A acusação contra o cristianismo de ter tendência antropocêntrica e dominadora remonta aos anos sessenta e setenta do século passado. Por um lado, a ascensão da tecnociência e o seu impacto sobre o meio ambiente fugiram do debate teológico daquele tempo. A teologia de matriz tomista, de estrutura metafísica, era estranha a estes temas, e as novas teologias estavam focadas mais no homem. Não por acaso, falava-se de “virada antropológica”. O “esquecimento” da teologia em relação à questão ecológica foi favorecido também pelos estudos bíblicos da época, orientados a enfatizar a demitização do mundo das Escrituras, mais do que sublinhar a marca divina nele.

A este dado, mais propriamente teológico, adicionaria a assimilação da cultura capitalista, focada na técnica, pelo catolicismo sobretudo anglo-saxão, como denunciado pela voz profética, e fora do coro, do monge Thomas Merton<sup>12</sup>. No momento histórico do pleno desenvolvimento da cultura ecoló-

<sup>12</sup> **Thomas Merton** (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro *Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários* (Rio de Janeiro: Fisus, 2001) é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Fisus, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da **IHU On-Line**, de 21-03-2005, publicamos um artigo de *Ernesto Cardenal, discípulo de Merton*, que fala sobre sua relação com o monge. Leia também *A mística nupcial. Teresa de Ávila e Thomas Merton, dois centenários*, publicada na **IHU On-Line** 460, de 16-12-2014, disponível em <http://bit.ly/ihuon460>. (Nota da **IHU On-Line**)

gica, o silêncio das Igrejas cristãs sobre estes temas, e até mesmo de parte dos teólogos considerados “progressistas”, favoreceu a acusação dirigida ao cristianismo. Penso em Harvey Cox<sup>13</sup>, para quem o mundo estava totalmente entregue à criatividade humana. Em algumas posturas eclesiais daqueles anos se falava tranquilamente da vocação do homem para controlar e subjugar o mundo. A referência bíblica mais ou menos explícita era da ordem divina de dominar a terra (cf. Gênesis 1,28; 2,20).

“

**Não somos ilhas,  
vivemos dentro do todo**

Somente alguns poucos discoravam desta colocação. O ponto de viragem ocorreu, entre os anos oitenta e noventa, com a teologia da libertação e, especialmente, a uma série de obras de Leonardo Boff, que entretecia o grito dos pobres ao grito da Terra violentada pela ganância humana. Entretecia a visão da Trindade com a mística de Francisco de Assis e sua atenção aos “laços que unem todos os seres naturais e culturais” (BOFF, Leonardo. *Ecologia, mondialità e mística. L'emergenza di un nuovo paradigma* [Assis: Cittadella Editrice, 1993, p. 17-18]).

A Encíclica, na verdade, vai reverberar muitos ecos do pensamento ecológico de Boff, cujos escritos parecem ter sido amplamente consultados pelo Papa Francisco e por seus assessores na redação. Se pensarmos na perspectiva da ecologia integral e sua relação com a teologia, não podemos deixar de reconhecer o quanto o teólogo brasileiro escreveu em seu *Ecologia: Grito da terra, o grito dos*

<sup>13</sup> **Harvey Cox**: teólogo batista americano, professor na Universidade de Harvard. Autor de livros como *Fire From Heaven* (Massachusetts: Addison Wesley, 1985) e *A Cidade do Homem* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971). (Nota da **IHU On-Line**)

*pobres* (São Paulo: Ática, 1996): o cosmos apresenta-se como um jogo de relações, porque foi criado à semelhança e imagem do Deus-Trindade, Ele mesmo relacional, em comunidade e não em solidão.

Nas últimas duas décadas do magistério papal, a atenção à questão ecológica foi crescendo, mas a atual Encíclica representa um verdadeiro salto de qualidade. Subjaz nela uma renovada consideração não só da relação do homem com o mundo, mas ainda mais radicalmente do relacionamento de Deus com o mundo. O cosmos não é somente “matéria” descansando passivamente nas mãos de Deus.

A demitização e desdivinização do universo, que a Encíclica recorda (cf. LS, nº 78), não significa sua desvalorização. O cosmos é matéria e energia dentro de um sistema de relacionamentos abertos à transcendência, que no caminho do homem manifesta-se como vindo de Deus e voltado para Ele. Deus não é separável do caminho, faz parte dele. A história, enquanto história da salvação, é um processo, assim como os fenômenos naturais são processos: são eventos que não se desenvolvem caoticamente, mas contêm uma racionalidade e uma possibilidade de sentido.

Deus é aquele que chama e acompanha os processos, mas em liberdade. Poderemos ver a relação entre Deus e o cosmos de modo semelhante à que existe entre Deus e o homem. Deus oferece seu impulso e sua chamada, mas não determina o resultado mecanicamente. Estamos dentro de uma criação contínua, em permanente devir.

“De certa maneira, quis limitar-se a Si mesmo, criando um mundo necessitado de desenvolvimento, onde muitas coisas que nós consideramos males, perigos ou fontes de sofrimento, na realidade, fazem parte das dores de parto que nos encorajam a colaborar com o Criador. Ele está presente no mais íntimo de cada coisa, sem condicionar a autonomia da sua criatura, e isto dá lugar também à legítima autonomia das realidades terrenas.

Esta presença divina, que garante a permanência e o desenvolvimento de cada ser, 'é a continuação da ação criadora'. O Espírito de Deus encheu o universo de potencialidades que permitem que, do próprio seio das coisas, possa brotar sempre algo novo: 'A natureza nada mais é do que a razão de certa arte - concretamente a arte divina - inscrita nas coisas, pela qual as próprias coisas se movem para um fim determinado. Como se o mestre construtor de navios pudesse conceder à madeira a possibilidade de mover-se a si mesma, para tomar a forma de nave.'" (LS, nº 80).

A transcendência de Deus não significa, portanto, estranheza de Deus em relação ao cosmos; Deus é distinto do cosmos, mas sua presença nele é constante.

**IHU On-line - Que perspectivas de leituras de textos bíblicos, em específico os relativos à criação, são abertas a partir da *Laudato Si'*? Quais são as principais passagens bíblicas que apoiam a Encíclica?**

**Christian Albin** - A Encíclica dá ênfase particular aos relatos da criação do Gênesis, mas não se detém em versículos isolados. Faz uma leitura abrangente que se integra com o resto do Pentateuco, os profetas, os Salmos e a literatura sapiencial. Exatamente, o olhar sapiencial parece ser o mais marcadamente presente.

Assinalo como particularmente significativas duas passagens, ligadas ao que foi dito acima.

"As narrações da criação no livro do Gênesis contêm, na sua linguagem simbólica e narrativa,

ensinamentos profundos sobre a existência humana e sua realidade histórica. Estas narrações sugerem que a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado. A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. Este fato distorceu a natureza do mandato de 'dominar' a terra (cf. Gênesis 1,28) e de a 'cultivar e guardar' (cf. Gênesis 2,15). Como resultado, a relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito (cf. Gênesis 3,17-19)." (LS, nº 66).

"Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração do Gênesis, que convida a 'dominar' a terra (cf. Gênesis 1,28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja. Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de sermos criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas. É importante ler os textos bíblicos no contexto, com uma

justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a 'cultivar e guardar' o jardim do mundo (cf. Gênesis 2,15). Enquanto 'cultivar' quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, 'guardar' significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza." (LS, nº 67).

Deus, em síntese, nega qualquer pretensão de propriedade absoluta e de exploração. O homem é hóspede, e a terra é para todos. Há um texto bastante útil para aprofundar a leitura bíblica da criação, onde se encontram antecipadamente muitos temas da Encíclica. É uma das maiores obras do monge e biblista Enzo Bianchi, *Adamo, dove sei?* (Biella: Qiqajon, 1994). Este livro conecta o relato criacional com o resto da narrativa bíblica, mostrando forte unidade e fazendo compreender como o ato de criação é substancialmente um ato salvífico em união com Cristo.

A existência do Filho, do Cristo entre os homens, supõe um projeto criador. Máximo, o Confessor, escreve: "Aquele que é iniciado no mistério da ressurreição conhece a finalidade para a qual Deus criou todas as coisas no início"; e Rupert de Deutz: "é por causa do Filho do Homem, que devia ser repleto de glória, que Deus criou todas as coisas. Deus não podia, em seu amor, criar o homem sem oferecer-lhe a divinização" (p. 338-339).

Ainda que o ambiente pareça, muitas vezes, à beira da catástrofe, esta confiança dá-nos esperança para enfrentar a questão ecológica como família humana: não estamos sozinhos, não estamos abandonados! ■

## LEIA MAIS...

- *O novo léxico católico do Papa Francisco*. Artigo de Christian Albin publicado nas **Notícias do Dia**, de 26-06-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1JZoP5A>.
- *O conflito de interpretações sobre o Papa Francisco*. Artigo de Christian Albin publicado nas **Notícias do Dia**, de 27-11-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1Cv3Xml>.
- *O papa, os valores e o respeito*. Artigo de Christian Albin publicado nas **Notícias do Dia**, de 18-11-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1NYZkTf>.

# Os ecos de *Laudato Si'* e o discurso do Papa Francisco no Encontro dos Movimentos Populares em Santa Cruz de la Sierra

Numa perspectiva missiológica, Paulo Suess analisa a Encíclica de Francisco e a relaciona às ideias defendidas na sua passagem pelo “fim do mundo”

Por João Vitor Santos

**S**e a ideia de Ecologia Integral é um dos principais conceitos da *Laudato Si'*, a ideia de “igreja em saída” e missão, presentes na teologia bergogliana, se reforçam na Encíclica. É por esta perspectiva que o teólogo e missiologista Paulo Suess olha para o documento. Para ele, é mais um movimento do Papa Francisco para mobilizar. Desta vez, não somente católicos. Convida todos a repensar o uso da “casa comum”. Isso fica ainda mais claro quando Suess faz a ligação do texto com os discursos e posturas de Francisco na sua recente viagem por países da América Latina, o “fim do mundo” - de onde saiu Bergoglio. “Por sua atenção aos movimentos sociais e pela *Laudato Si'*, Francisco fez do esquecido, do desnecessário, do pobre e do outro uma chave de interpretação da realidade”, analisa Suess.

No discurso do Papa aos movimentos populares,<sup>1</sup> é possível perceber um resgate. O teólogo encara como uma nova forma do desafio de missão. Pela Ecologia Integral, Francisco reconhece a relação de povos nativos com a Terra. E a relação inspira. “A causa indígena não pediu carona à questão ecológica. Pelo contrário, os povos indígenas foram os primeiros que despertaram, a partir de suas culturas, religiões, mitos e do sofrimento que lhes foi imposto desde a conquista, para a interdependência entre natureza e cultura”, explica Suess, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Esse novo momento, na visão do missiologista, reverte a lógica, suscitando a conhecer povos nativos e sua cultura. “A Ecologia Integral faz parte das culturas indígenas. Por conseguinte, os povos indígenas oferecem à sociedade não

indígena a herança de uma educação e espiritualidade integral. As tentativas sistêmicas de destruir essa herança, que é orientada para a vida de todos e não para o lucro de particulares, constituem o conflito básico entre duas visões do mundo”, destaca.

Ainda olhando para a visita do Papa ao Paraguai, Bolívia e Equador, Paulo Suess reforça que Bergoglio sai em missão fazendo circular suas percepções teológicas - agora apoiado na *Laudato Si'*. “Em sua fala aos movimentos sociais, o Papa tinha toda razão de pedir perdão aos povos indígenas pelos pecados cometidos pela Igreja durante a conquista das Américas”. E vai além, ao afirmar que “ao recuperar memória e voz dos injustiçados de ontem e dos excluídos de hoje, pelo seu pedido de perdão, o Papa Francisco surgiu como um Las Casas redivivo por Equador, Bolívia e Paraguai”.

Paulo Suess nasceu na Alemanha. É doutor em Teologia Fundamental com um trabalho sobre Catolicismo popular no Brasil. Também é fundador do curso de Pós-Graduação em Missiologia, na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. É assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário - Cimi e professor no ciclo de Pós-Graduação em Missiologia, no Instituto Teológico de São Paulo - ITESP. Entre suas publicações, estão *Dicionário de Aparecida. 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida* (São Paulo: Paulus, 2007) e *Impulsos e intervenções. Atualidade da Missão* (São Paulo: Paulus, 2012) e *Dicionário da Evangelii gaudium* (São Paulo: Paulus, 2015).

**Confira a entrevista.**

<sup>1</sup> A íntegra pode ser lida nas Notícias do Dia, de 10-07-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1A8SiG>. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Qual a novidade da Encíclica *Laudato Si'* acerca das questões ambientais? Quais são os conceitos principais?

Paulo Suess - A Encíclica *Laudato Si'* (LS) caiu como uma fruta madura no jardim da Igreja Católica e no mundo. Recebeu raios de sol, ventos, águas e tempestades que contribuíram para esse amadurecimento. Sabe-se que colaboradores discretos e indiscretos contribuíram para um compêndio socioecológico que, afinal, tem o pulso do Papa Francisco que o assinou no dia 24 de maio de 2015, na festa de Pentecostes.

Grandes inovações científicas e filosóficas, muitas vezes, surgem numa certa sincronicidade em vários lugares do planeta, sem ligação causal ou dependência explícita. Assim existiu uma simultaneidade inexplicável entre descobertas de Copérnico<sup>2</sup> e Galilei<sup>3</sup>. A Encíclica

2 **Nicolau Copérnico** (1473-1543): astrônomo e matemático polonês, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico. Desenvolveu a teoria heliocêntrica para o sistema solar, que colocou o Sol como o centro do sistema solar, contrariando a então vigente teoria geocêntrica – o geocentrismo (que considerava a Terra como o centro). Essa teoria é considerada uma das mais importantes descobertas de todos os tempos, sendo o ponto de partida da astronomia moderna. A teoria copernicana influenciou vários outros aspectos da ciência e do desenvolvimento da humanidade, permitindo a emancipação da cosmologia em relação à teologia. O IHU promoveu de 03-08 a 16-11-2005 o ciclo de estudos *Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein*. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Galileu Galilei** (1564-1642): físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve um papel preponderante na chamada revolução científica. Desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial, ideias precursoras da mecânica newtoniana. Galileu melhorou significativamente o telescópio refrator e terá sido o primeiro a utilizá-lo para fazer observações astronômicas. Com ele descobriu as manchas solares, as montanhas da Lua, as fases de Vênus, quatro dos satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, as estrelas da Via Láctea. Estas descobertas contribuíram decisivamente na defesa do heliocentrismo. Contudo a principal contribuição de Galileu foi para o método científico, pois a ciência se assentava numa metodologia aristotélica de cunho mais abstrato. Por essa mudança de perspectiva é considerado o pai da ciência moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

respira o frescor pentecostal e a jovialidade franciscana, sem excessiva preocupação com conceitos, já que o papa não quer propor umas “palavras definitivas” (conceitos), mas animar um “debate honesto” (LS 61) e aberto entre os interessados.

## Fontes

Para fundamentar as questões abordadas, Francisco recorre à *Gaudium et spes*<sup>4</sup>, a contribuições de seus antecessores, a documentos das Igrejas locais, sejam católicas ou ecumênicas, e ao consenso científico sobre a situação climática hoje. No Brasil, desde os anos 70 do século passado, a questão social foi articulada com a questão ecológica, como já mostravam tema e lema da Campanha da Fraternidade<sup>5</sup> de 1979: “Por um mundo mais humano” (ecologia humana) e: “Preserve o que é de todos” (bem comum). Em 1992, com a iminente realização da Conferência das Na-

4 **Gaudium et spes**: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma), “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em <http://bit.ly/9lFZTk>, intitulada *A igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Campanha da Fraternidade**: é uma campanha realizada anualmente pela Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, sempre no período da Quaresma. Seu objetivo é despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução. A cada ano é escolhido um tema, que define a realidade concreta a ser transformada, e um lema, que explicita em que direção se busca a transformação. A campanha é coordenada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. (Nota da **IHU On-Line**)

ções Unidas sobre “Meio Ambiente e Desenvolvimento”, o Setor Pastoral Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB realizou um Seminário sobre “A Igreja e a Questão Ecológica” (cf. LS 88), que tratou os custos sociais e ambientais do desenvolvimento.

A Campanha da Fraternidade de 2004 focou a questão da água (“Água, fonte de vida”), que repercutiu na Campanha de 2011 (cf. n. 71-76) e na *Laudato Si'* (cf. LS 27 a 31). Na Campanha da Fraternidade de 2011, a Igreja do Brasil convidou outra vez para a “conversão ecológica” abordando o tema do aquecimento global e das mudanças climáticas: “Fraternidade e a Vida no Planeta”. O lema deu voz à palavra do apóstolo Paulo<sup>6</sup>: “A criação geme em dores de parto”

6 **Paulo de Tarso** (3–66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originalmente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-04-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/iuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <http://bit.ly/105Sq3R>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/iuon32>, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/iuteo55>. (Nota da **IHU On-Line**)

(Rm 8,22). Muitas outras Campanhas anteciparam preocupações de uma “ecologia integral” tratadas na LS: trabalho (Campanhas de 1978, 1991, 1999), migração (Campanha de 1980), terra (Campanha de 1986), moradia (Campanha de 1993). Cursos, semanas de estudo, planos pastorais assumiram e divulgaram o pensamento socioecológico nas respectivas bases, embora devamos admitir que o conjunto do povo de Deus e da humanidade ainda não mordeu a questão.

As reflexões teológicas, que precederam a LS, apresentam em seu conjunto um dossiê bíblico completo geralmente assumido pela Encíclica. Uma ou outra vez, por exemplo, na questão da evolução (cf. LS 81), ela parece ter dificuldade na conciliação entre exegese bíblica e ciência. O que não impede, como na parábola do Bom Samaritano que com duvidosas opções teológicas, pelos quais os samaritanos foram excluídos do Templo de Jerusalém, assumiu práticas corretas (Lc 10,30ss).

## Linhas mestras

A Encíclica não precisava inventar a roda da reflexão ecológica. Ela se beneficia de preocupações prévias e conceitos socioecológicos já consolidados e os assume como linhas mestras:

1. Existe um nexos essencial entre questões ecológicas e questões sociais (cf. LS 43). “O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto” (LS 48) e exigem uma “ecologia integral” (LS 137ss).

2. A noção do desenvolvimento subordinado ao lucro produziu a “cultura do descarte” (LS 16, 22, 43) e a deterioração da qualidade de vida.

3. Somente uma “ecologia humana” (LS 5, 148, 152, 155s), que antes de tudo deve ser uma “ecologia integral” (LS, cap. IV), pode frear a degradação socioambiental e climática. Ela exige “conversão ecológica” (LS 5, 216-221) e responsabilidade.

4. A “ecologia humana” é o cuidado da “casa comum” do planeta terra e é expressão vivencial e responsável do “bem comum” (LS 23ss, 156ss).

## Novidades?

A falta de novidade teológica e científica da Encíclica nos faz perguntar: “Por que essa curiosidade do mundo jornalístico antes da publicação da *Laudato Si’*?” “O que explica o sensacionalismo que precedeu à publicação da LS, como se o Vaticano tratasse do lançamento do mais novo produto de Tim Cook e de sua *Apple-Comunity*, de uma nova versão do *iPad*, do lançamento antecipado do *Apple Watch* ou de uma nova versão do *Android* da *Google*?”. Os setores eclesiais interessados não se perguntaram sobre eventuais novidades teológicas, mas sobre implicações pastorais daquilo que já se sabe: “Como a LS vai articular a poesia franciscana com a realidade ecológica e a prática pastoral?”. “O papa vai propor um capitalismo verde ou vai avançar com a crítica sistêmica? Francisco vai poder comunicar questões tão complexas numa linguagem acessível que rompe com o hermetismo científico e a erudição teológica?”.

A “novidade” da LS pode ser atribuída ao ministério universal do Papa. Também à assunção de conteúdos e horizontes da teologia latino-americana pelo magistério universal da Igreja e ao carisma pessoal de Francisco que, em sua biografia, nem acadêmica nem institucionalmente, foi obrigado através de um estágio prolongado a adaptar-se ao pensamento curial. Sendo assim:

A LS assume e devolve muitas perguntas. Das respostas, hoje possíveis, procura construir imperativos pastorais e categóricos em benefício de toda a humanidade: “Torna-se indispensável criar um sistema normativo que inclua limites invioláveis e assegure a proteção dos ecossistemas” (LS 53).

A reflexão ecológica aprofunda as questões sociais e a opção pe-

los pobres: “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental” (LS 139).

Sem pestanejar, o Papa faz uso da metodologia indutiva do ver-julgar-agir, que Roma, depois de *Medellín* (1968)<sup>7</sup>, tachou teologicamente incorreta impondo novamente teologias dedutivas.

Denuncia uma concepção idolátrica e mágica do mercado (cf. LS 190, 56) e a economia que exclui os mais pobres (cf. LS 95).

Francisco assume amplamente a reflexão das Igrejas locais que articulam os verdadeiros problemas do povo de Deus. E respalda os resultados da comunidade científica sobre as questões climáticas e ambientais.

A atenção política do peregrino, a autenticidade espiritual do místico, a crítica do sistema milenar, que representa, e a sensibilidade humana do militante, contribuíram para um interesse mundial antes nunca observado na publicação de uma Encíclica. O mundo queria ouvir a voz de um ser humano confiável. Como a estrela de Belém não errou quando parou sobre o casebre de gente pobre, também Francisco não errou em sua recente viagem visitando os países mais pobres da América Latina: Equador, Bolívia e Paraguai. Mostrou que é possível falar, sem diplomacia do óbvio, da necessidade de mudanças, da necessidade e do direito fundamental de ter acesso a um teto, ao trabalho e à terra. Eis a novidade: O Papa Francisco representa hoje sujeitos e destinatários de uma comoção inquieta e de uma grande esperança. Como um Condor, desce dos Andes, cumprindo a

<sup>7</sup> **Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano:** realizou-se em Medellín, na Colômbia, no período de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968. A Conferência foi convocada pelo Papa Paulo VI para aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II às necessidades da Igreja presente na América Latina. A temática proposta foi “A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II”. A abertura da Conferência foi feita pelo próprio Papa que marcou a primeira visita de um pontífice à América Latina. (Nota da **IHU On-Line**)

promessa de Caetano Veloso (cantada por Milton Nascimento) que fala de “Um Índio”<sup>8</sup> que virá:

“E aquilo que nesse momento se revelará aos povos

Surpreenderá a todos não por ser exótico

Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto

Quando terá sido o óbvio”<sup>9</sup>.

**IHU On-Line - Qual a importância de uma instituição como a Igreja Católica se manifestar sobre as questões ambientais? Quais as relações entre ecologia e religiosidade?**

Paulo Suess - O próprio Francisco se faz essa pergunta: “Por que motivo incluir neste documento dirigido a todas as pessoas de boa vontade, um capítulo referido às convicções de fé” (LS 62)? E ele responde que no caso da ameaça de toda a humanidade, ciência e religião, ambas com finalidade humanística, têm o dever de colaborar na mudança desta realidade.

A partir da reflexão teológica da fé cristã compreende-se a argumentação fundamental da LS: “Não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS 49).

Nessa situação, a Igreja não só pode produzir documentos na altura do *status quaestionis*, mas precisa assumir seu papel de uma instância mediadora e mobilizadora de suas bases. Quem não ama e defende sua “irmã maior”, a natureza, nem a sua “mãe”, a terra, regride ao estado animal da evolução que faz prevalecer a lei do mais forte.

8 A canção é composta por Caetano Veloso e integra o álbum “Bicho”, do cantor e compositor baiano, lançado em 1977. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Confira a canção completa em <http://bit.ly/1LD8jdlk> (Nota do entrevistado)

A Igreja do Papa Francisco tem muitos registros e razões para o engajamento nessa causa:

- seus imperativos doutrinários radicados na fé;

- sua capacidade de costurar alianças com todos os setores, abrindo mão de interesses corporativistas, em benefício do “bem viver” e da sobrevivência de toda a humanidade;

- e, pela autenticidade e facilidade de comunicação, observa-se um convencimento crescente sobre as massas populares, num momento em que adesão institucional à Igreja católica perde expressividade.

**IHU On-Line - Que leitura da criação *Laudato Si'* propõe?**

Paulo Suess - A convicção da fé, nessas questões, parte do “Evangelho da Criação”<sup>10</sup>. Tudo que existe fora de Deus foi criado por Ele, inclusive o tempo e o espaço. Seguindo esse Evangelho, o Deus uno e trino é origem e fim da criação e da história de salvação. Criação e redenção, como obras da Trindade, são obras do amor (cf. LS 238-240, cf. GS<sup>11</sup> 19a). A finalidade da criação é o ser humano e a revelação da glória de Deus. Através do trabalho e da criatividade cultural, a humanidade continua a obra da criação com certa liberdade que exige responsabilidade. Jesus Cristo corrige a lei “natural” da sobrevivência do mais forte, que era necessária até o aparecimento do ser humano. Consciência, liberdade e língua, que constituem a dignidade particular da humanidade, são capazes de superar a programação dos instintos.

Através do Antigo Testamento, Deus preparou Israel para romper com a lei do mais forte através da missão de seu Enviado, Jesus Cristo. Este defendeu o conjunto da humanidade a partir dos pequenos, dos mais fracos, dos pobres e das minorias étnicas ameaçadas (cf. Lc 4,18; 6,20; 19,10; Mt 12,20;

10 O Evangelho da Criação é o título do segundo capítulo da Encíclica *Laudato Si'*. (Nota da **IHU On-Line**)

11 *Gaudium et spes*. (Nota da **IHU On-Line**)

25,40). A partir da nossa fé compreendemos a substituição da lei do mais forte pela boa convivência de todos - com Deus, a humanidade e a natureza - como “Nova Criação” (2Cor 5,17; Gal 6,15).

## Teologia da Criação

A Teologia da Criação não responde a questões científicas do desenvolvimento do mundo, dos seres humanos e da evolução. Mas também as ciências humanas não invalidaram as narrativas teológicas. Ensinaram à teologia compreender cada vez mais o fundo metafórico dessas narrativas. Com Darwin (1809-1882)<sup>12</sup>, por exemplo, a teologia aprendeu a incluir com mais realismo a humanidade na evolução da criação e da natureza. De um modo especial, a humanidade faz parte da evolução da natureza, que é sua irmã maior (em idade): “A terra existe antes de nós e foi-nos dada” (LS 67). “Estamos incluídos nela (na natureza), somos parte dela e compenetramo-nos” (LS 139).

O “modo especial” da nossa pertença à natureza pode ser descrito com a graça salvífica da liberdade e a missão ética da responsabilidade. Por fazer parte da natureza temos uma solidariedade recíproca com tudo que foi criado (cf. LS 92). Partilhamos com a natureza nascimento e finitude (morte). Temos

12 **Charles Darwin** (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento *Abrindo o Livro*, do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**. Sobre o assunto, confira as edições 300 da **IHU On-Line**, de 13-07-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlrR>, e 306, de 31-08-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABfrH>. De 9 a 12-09-2009, o IHU promoveu o *IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin*. (Nota da **IHU On-Line**)

um DNA, que nos condiciona, independente de nós, como pessoa. A herança genética está inscrita em nossa vida, mas temos também dispositivos que nos fazem ir além da obrigatoriedade dos instintos e das programações genéticas. Em nossas culturas aprendemos a respeitar limites e horizonte que nos permitem construir uma convivência pacífica que é sempre uma construção histórica, social e ecológica.

**IHU On-Line - Que desafio missiológico a Encíclica enseja e em que medida dialoga com o processo de reforma missionária mobilizada ainda na exortação *Evangelii gaudium*?**

Paulo Suess - Na *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco falava *ad intra*, como pastor que se dirige “aos membros da Igreja, a fim de mobilizá-los para um processo de reforma missionária” (LS 3). Na *Laudato Si'*, Francisco, o irmão do mundo, dialoga *ad extra* “com todos acerca da nossa casa comum” (LS 3). Ambos os textos tratam do resgate da vida humana ameaçada, que “é um dom que deve ser protegido de várias formas de degradação” (LS 5). Não é suficiente dirigir-se à própria casa e cada comunidade cuidar, somente, de seu teto. Agora, na *Laudato Si'*, o “pastor” se confraterniza com o “irmão” para defender, num mutirão universal, o teto e a terra de todos.

Em ambos os documentos, o Papa Francisco faz um grande esforço para mostrar a continuidade de seu pensamento com o de seus antecessores e com práticas pastorais das diferentes Igrejas locais e o Catecismo Universal. Como se ele quisesse dizer: “Não sou eu que inventei essa roda. Coloco apenas um pouco de óleo na engrenagem enferrujada. Minha palavra-chave não é ‘invenção’, mas ‘assunção’”. Francisco procura legitimar suas palavras, por vezes, convencionais, outras vezes, inusitadas pelas diferentes fontes do magistério: o Evangelho, as preocupações do povo de Deus, os documentos do

Vaticano II, os pronunciamentos das Igrejas locais e os sinais do tempo. A partir do lugar dos pobres, começa a destravar bloqueios internos da Igreja por certo distanciamento do “essencial” e pelo desencontro com as pessoas concretas.

Já na *Evangelii gaudium*, Francisco formulou um imperativo categórico para o trabalho missionário e a reflexão missiológica: “Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” (EG 35).

## Vaticano II

Na esteira do Vaticano II (1962-65)<sup>13</sup>, setores eclesiais se converteram de caçadores de almas em jardineiros do Evangelho. Organizaram-se em defesa dos povos indígenas, de seus territórios, de sua autodeterminação e construíram

<sup>13</sup> **Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-06-2009, disponível em <http://bit.ly/02e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. Em 2015, o IHU promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1lFYpJ2> e também em Notícias do Dia no sítio do IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

uma nova prática missionária e uma nova reflexão teológica. Com a ajuda dos povos indígenas, esses setores procuravam reler a história da Conquista, ouvir os gritos dos povos indígenas e interpretar as reorientações conciliares. Resumidamente, são as seguintes:

- A salvação não é privilégio de poucos, mas graça para todos (cf. 1Tim 2,4; LG 16).

- “Os que ainda não receberam o Evangelho se ordenam por diversos modos ao Povo de Deus” (LG 16; cf. AG 7a).

- “O plano da salvação abrange também aqueles que reconhecem o Criador” (LG 16), muitas vezes, em religiões não cristãs que “refletem lampejos daquela Verdade que ilumina todos os homens” (NA 2b; cf. LG 16).

- A esperança da ressurreição “vale não somente para os cristãos, mas também para todos os homens de boa vontade em cujos corações a graça opera de modo invisível. [...] Devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus, a este mistério pascal” (GS 22e).

- A liberdade religiosa é um direito da pessoa humana e um pressuposto da missão (cf. DH 2a).

Os documentos da época conciliar ainda não conhecem o conceito “inculturação”, mas usam termos semanticamente próximos como “aggiornamento”, “adaptação” (cf. SC 37; GS 514), “autonomia da realidade terrestre” (GS 36; 56), “sinais do tempo” (GS 4; 11) e “diálogo” (CD 13; UR 4), “encarnação” e “solidariedade” (GS 32). “Aggiornamento”, na macroestrutura, e “inculturação”, na microestrutura, traduzem o conceito “assunção” para hoje (cf. AG 3b).

## Igreja em saída

Com o *shiboleth* “Igreja em saída”, o Papa Francisco traduziu o conceito “natureza missionária” ou “Igreja essencialmente missionária”, para os dias de hoje. Trata-se

de uma Igreja que sai da própria comodidade e parte para as periferias (cf. EG 20; 30). “A Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas abertas” (EG 46) e despojada. A missão é o antídoto contra a mundanidade espiritual que cultiva “o cuidado da aparência” e se coloca a si mesma no centro e, ao mesmo tempo, num círculo de giz da autorreferencialidade (cf. EG 8, 94, 95). A “resposta à doação absolutamente gratuita de Deus” (EG 179) é a saída de si como “absoluta prioridade” da vida cristã: “A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros” (EG 10).

## Responsabilidade, encontro, diálogo

No horizonte da missão que emerge da LS, as palavras-chave são “responsabilidade”, “encontro” e “diálogo”. A responsabilidade exige de todos novo estilo de vida. Mas, como a catástrofe socioambiental não atinge apenas os indivíduos, mas países inteiros, somos obrigados “a pensar numa ética das relações internacionais” (LS 51). A verdadeira sabedoria é “fruto da reflexão, do diálogo e do encontro generoso entre as pessoas” (LS 74).

Por ocasião da Festa de S. Caetano<sup>14</sup>, dia 7 de agosto de 2013, o Papa enviou uma videomensagem para os fiéis de uma paróquia de Buenos Aires e comentou o lema da Festa: “Com Jesus e São Caetano, saíamos ao encontro dos mais necessitados”. Esse comentário do lema orienta o pensamento missiológico de Francisco: O lema Festa fala do encontro com as pessoas que têm mais necessidade, daqueles que têm necessidade de

14 **São Caetano de Thiene** (1480-1547): sacerdote católico italiano, beatificado em 8 de outubro de 1629 pelo Papa Urbano VIII canonizado em 1671 pelo papa Clemente X. Ele fundou em Roma a congregação de clérigos regulares chamados Teatinos. É conhecido como Santo da Providência, Patrono do pão e do trabalho. É padroeiro dos gestores administrativos, assim como das pessoas que buscam trabalho e dos desempregados. A festa de São Caetano é celebrada pelos católicos no dia 7 de agosto. (Nota da **IHU On-Line**)

estendermos a mão a eles, que os olhemos com amor, que partilhe-mos a sua dor e as suas ansiedades, os seus problemas. Porém, a coisa importante não é olhá-los de longe ou ajudá-los de longe. Não, não! É ir ao encontro deles. [...] Devemos edificar, criar, construir uma cultura do encontro. [...] Peço a vocês somente uma coisa: que se encontrem! Que vão e procurem e encontrem os mais necessitados! Porém não sozinhos, não. Com Jesus e com São Caetano! Vai convencer o outro a ser católico? Não, não, não! Vai encontrá-lo, é teu irmão! E isto basta. E você vai e o ajuda, o resto faz Jesus, faz o Espírito Santo”.

## O essencial

Eis os esteios missiológicos de Bergoglio que o fazem ler o Vaticano II, 50 anos mais tarde, com inspirações próprias: sair para encontrar, aproximar, acompanhar, dialogar, afastar expectativas proselitistas, devolver a Deus “o resto” da responsabilidade pelas conversões individuais e assumir a responsabilidade pelo planeta Terra até seus confins, já que a missão de tudo que foi criado é “uma contínua revelação do divino” (LS 85; cf. 221). Finalmente, concentrar-se em tudo no essencial. O que é o essencial? A Santíssima Trindade (criação por amor), a esperança da Páscoa e o Caminho entre ambas, que é Jesus e todos que o acompanham na fé.

### IHU On-Line - No que consiste a ideia de conversão ecológica?

**Paulo Suess** - O Papa Francisco coloca a “conversão ecológica” no contexto de “espiritualidade” e “educação”, capazes de renovar a humanidade através de “uma paixão pelo cuidado do mundo” (LS 216). Essa paixão precisa ser socializada pela educação e despertada pela espiritualidade. Mas a conversão ecológica exige também abandonar enfoques parciais ou setoriais da questão ambiental e assumir um enfoque integral, já que hoje todas as crises sistêmicas estão interligadas (cf. LS 137ss).

## Pecados contra a criação

Conversão pressupõe comportamento errado, dívida e pecado: “Propor uma sã relação com a criação como dimensão da conversão integral da pessoa [...] exige também reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências, e arrepende-se de coração, mudar a partir de dentro” (LS 218) e de fora porque “a desigualdade não afeta apenas indivíduos, mas países inteiros [...]. Com efeito, há uma verdadeira ‘dívida ecológica’, particularmente entre o Norte e o Sul” (LS 51). A força destrutiva, o “*tanatos*” - a morte - diria Freud<sup>15</sup>, manifesta-se hoje “no abandono dos mais frágeis, nos ataques contra a natureza” (LS 66).

Segundo as narrativas bíblicas, o pecado é a ruptura entre as três relações fundamentais que envolvem a criação: “as relações com Deus, com o próximo e com a terra” (LS 66). Para explicitar esse aspecto, o Papa cita o Patriarca Ecumênico Bartolomeu<sup>16</sup>, da Igreja Ortodoxa de Constantinopla: “Quando os seres humanos destroem a biodiversidade na criação de Deus, quando os seres humanos comprometem a integridade da terra e contribuem para a mudança climática, desnu-

15 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Freud nos trouxe a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam ainda muito debatidos hoje. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Bartolomeu I - Igreja Ortodoxa** (1940): é um religioso grego (e um cidadão turco), o atual Patriarca de Constantinopla, principal bispo da Igreja Ortodoxa, desde o ano de 1991. (Nota da **IHU On-Line**)



dando a terra das suas florestas naturais ou destruindo as suas zonas úmidas, quando os seres humanos contaminam as águas, o solo o ar... tudo isso é pecado” (LS 8).

## Dimensões da conversão

O pecado delinea a amplitude da “conversão ecológica” exigida e a nossa fé descreve conteúdo e sentido dessa conversão (cf. LS 221). Assim, destaca-se:

- A dimensão macroecumênica: “Cada criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem para nos transmitir” (LS 221).

- A dimensão cristológica: “Cristo assumiu em Si mesmo este mundo material e agora, ressuscitado, habita no íntimo de cada ser, envolvendo-o com o seu carinho e penetrando-o com a sua luz” (LS 221).

- A perspectiva do direito natural (jus naturalista): Deus inscreveu no mundo “uma ordem e um dinamismo que o ser humano não tem o direito de ignorar” (LS 221).

A espiritualidade desenha o horizonte da conversão e a educação indica seus passos concretos. Francisco convida “todos os cristãos a explicitar essa dimensão de sua conversão, permitindo que a força e a luz da graça recebida se estendam também à relação com as outras criaturas e com o mundo que os rodeia” (LS 221), construindo a fraternidade cósmica que resplandeceu na vida de São Francisco de Assis<sup>17</sup> que “entrava em comunicação com toda a criação” (LS 11).

Os passos educativos dessa conversão apontam para a passagem “do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício

à capacidade da partilha numa ascese que significa aprender a dar, e não simplesmente renunciar” (LS 9), a unir-nos intimamente a tudo o que existe. A conversão ecológica “não pode ser assegurada somente com base no cálculo financeiro de custos e benefícios” (LS 190).

## Conversão como freio de emergência

Hoje, a conversão deve ser o freio de emergência contra a maximização dos lucros e a aceleração do crescimento: “Dentro do esquema do ganho não há lugar para pensar nos ritmos da natureza, nos seus tempos de degradação e regeneração, e na complexidade dos ecossistemas que podem ser gravemente alterados pela intervenção humana” (LS 190). “A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio” (LS 11).

## Uma segunda modernidade

A modernidade ensinou, com Descartes<sup>18</sup>, que tudo que foi criado, é sujeito (*res cogitans*) ou objeto (*res extensa*). Hoje, precisamos com uma segunda modernidade reaprender a subjetividade da natureza e reclassificar a suposta objetividade da “lei natural”. O questionamento da rigidez do divisor das águas entre ciências humanas e ciências exatas faz parte da “conversão ecológica” e, nesse processo, a Igreja faz bem de não se manifestar antes das ciências

<sup>18</sup> René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

com afirmações dogmáticas, a não ser pelo preço de pedidos de perdão atrasados.

**IHU On-Line** - O senhor escreveu em seu blog<sup>19</sup> que *Laudato Si'* “respalda a prática pastoral indigenista”. Gostaria que o senhor explicasse no que consiste essa prática e como ela se legitima na Encíclica?

**Paulo Suess** - No contexto da assunção e confirmação de um longo processo de “proximidade”, “encontro” e “conscientização”, podemos compreender algumas colocações da LS sobre os povos indígenas, que nos dizem: “É indispensável prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes com as suas tradições culturais. Não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços” (LS 146), que são territórios sagrados com um valor afetivo. “Um amor apaixonado pela própria terra” (LS 179), enraizado nas populações aborígenes, exige um desligamento da terra do valor de mercado, exige organização, pressão política e luta: “Dado que o direito por vezes se mostra insuficiente devido à corrupção, requer-se uma decisão política sob pressão da população. A sociedade, através de organismos não governamentais e associações intermédias, deve forçar os governos a desenvolver normativas, procedimentos e controles mais rigorosos. Se os cidadãos não controlam o poder político - nacional, regional e municipal -, também não é possível combater os danos ambientais” (LS 179).

A causa indígena não pediu carona à questão ecológica. Pelo contrário, os povos indígenas foram os primeiros que despertaram, a partir de suas culturas, religiões, mitos e do sofrimento que lhes foi imposto desde a conquista, para a interdependência entre natureza e cultura. A pastoral indigenista pós-

<sup>19</sup> paulosuess.blogspot.com.br (Nota da **IHU On-Line**)

-conciliar organizada pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi)<sup>20</sup>, comprometeu-se desde sua Primeira Assembleia Geral (1975) e ainda numa certa solidão eclesial, a “apoiar decidida e eficazmente, em todos os níveis, o direito que têm os povos indígenas de recuperar e garantir o domínio de sua terra”. Já a Assembleia de 1977 tratou a defesa da terra sob o prisma da autodeterminação, quando prometeu “apoiar, com todos os meios ao nosso alcance, os povos indígenas que estão lutando pela demarcação, recuperação e garantia de suas terras. Defender também o direito que têm os índios de serem ouvidos nas demarcações, fazendo valer os seus critérios no traçado de limites”.

Os participantes desta Segunda Assembleia Geral do Cimi consideravam seu dever “mobilizar a opinião pública no sentido de cobrar o prazo de cinco anos dado pelo Estatuto do Índio<sup>21</sup> (art. 65), em 1973, para a demarcação de todas as terras indígenas”. Na V Assembleia Nacional do Cimi, em setembro de 1983, os próprios índios presentes exigem: “O que nós queremos com mais urgência é a demarcação das terras”. E os missionários responderam ao apelo dos índios no seu Comunicado Final: “Denunciamos a subordinação ilegal das terras indígenas à tutela da Segurança Nacional e reafirmamos como objetivo prioritário da causa indígena a demarcação e garantia de todos os territórios indígenas”.

20 **CIMI**: Conselho Indigenista Missionário, fundado em 1972. O órgão é vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Em sua atuação, conferiu um novo sentido ao trabalho da Igreja Católica junto aos povos indígenas. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Estatuto do Índio**: é o nome pelo qual ficou conhecida a lei brasileira de número 6.001, que dispõe sobre as relações do estado e da sociedade com os povos indígenas. Essa lei entrou em vigor em 1973. O Estatuto do Índio segue o mesmo conceito do Código Civil Brasileiro de 1916 e considera os povos indígenas como “relativamente capazes”, sendo tutelados por um órgão estatal. Atualmente, cabe à Fundação Nacional do Índio a tutela estatal. Em seu primeiro artigo, a lei estabelece que seu objetivo é “integrar os índios à sociedade brasileira, assimilando-os de forma harmoniosa e progressiva”. (Nota da **IHU On-Line**)

Em sua IV Assembleia Nacional, de 1985, realizada no contexto da constituição de uma “Nova República”, o Cimi se comprometeu mais uma vez a “apoiar decididamente, em aliança com outros setores da sociedade nacional, a luta indígena pela garantia e/ou recuperação de seus territórios, bem como do usufruto exclusivo das riquezas, tanto do solo como do subsolo”. Neste rosário de invocações não atendidas, até hoje, pouco se mudou.

## Pedido de perdão

Em sua fala aos movimentos sociais, dia 9 de julho<sup>22</sup>, o Papa tinha toda razão de pedir perdão aos povos indígenas pelos pecados cometidos pela Igreja durante a conquista das Américas. Esta considerou os índios não como sujeitos de culturas, mas como objetos da natureza e por isso os chamou de “*los naturales*”. O dominicano Bartolomé de las Casas<sup>23</sup>, em sua “Brevíssima Relação da Destruição das Índias Ocidentais”<sup>24</sup>, documentou as crueldades genocidas dessa conquista. Sua luta contra a exploração da força de trabalho dos índios foi uma luta solitária.

## Inverdades hermenêuticas

Ainda por ocasião das comemorações dos 500 anos de conquista e evangelização das Américas ficou patente que a rejeição aos povos indígenas e as inverdades hermenêuticas continuam até hoje. A destruição de suas culturas se tor-

22 O sítio do IHU publicou o discurso traduzido em português. Confira em <http://bit.ly/1Hk2vm7>. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **Frei Bartolomé de las Casas** (1474-1566): frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas, no México. Foi grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. Sobre ele, confira a obra de Gustavo Gutiérrez, *O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992), e a entrevista *Bartolomeu de Las Casas, primeiro teólogo e filósofo da libertação*, concedida pelo filósofo italiano Giuseppe Tosi à **IHU On-Line** 342, de 06-09-2010, disponível em <http://bit.ly/9EU0Go>. (Nota da **IHU On-Line**)

24 Casas, Bartolomé de las. O paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias. Porto Alegre: L&PM, 1984. (Nota da **IHU On-Line**)

nou “encontro entre as culturas”, a ocupação territorial foi descrita como “pacificação”, a conquista se tornou “descobrimto” e a guerra de extermínio foi apresentada como “vicissitudes da história” (cf. *Puebla*, n. 6), sem sujeito responsável. Onde o pó da amnésia não bastava para alisar as rugas causadas pela convivência com o conquistador, a Igreja desculpou-se, muitas vezes, com o “espírito da época”.

## Encomenda e servidão

Os povos indígenas pagaram caro pela conquista militar e espiritual. As inúmeras catedrais, os palácios e toda riqueza da América colonial não representam contribuições espontâneas dos conquistados. Foram construídos por índios “encomendados” aos cuidados do conquistador, do colono e do religioso. A encomenda, caracterizada por Las Casas como “tirânica peste”, tornou-se servidão perpétua. E os eclesiásticos, na sua maioria, não só toleravam essa servidão do índio e a escravidão do negro; se beneficiavam delas.

## Las Casas redivivo

Ao recuperar memória e voz dos injustiçados de ontem e dos excluídos de hoje, pelo seu pedido de perdão, o Papa Francisco surgiu como um Las Casas redivivo por Equador, Bolívia e Paraguai. Por sua atenção aos movimentos sociais e pela LS, Francisco fez do esquecido, do desnecessário, do pobre e do outro uma chave de interpretação da realidade. Transformou a pedra rejeitada em pedra angular.

## Do destinatário ao interlocutor

Nesta perspectiva, a “Mensagem Final” do “Encontro de Bispos responsáveis da Pastoral Indígena das Conferências Episcopais de América Latina e do Caribe” (2013), que se reuniram no Celam<sup>25</sup>, em Bogo-

25 **Conselho Episcopal Latino-Americano – Celam**: trata-se de um organismo da Igreja Católica fundado em 1955 pelo Papa

tá, emitiu um sinal semelhante ao pedido de perdão do papa: “Constatamos que o limite ou erro que acompanhou nosso trabalho em favor dos Povos Indígenas foi de considerá-los, quiçá exclusivamente, como destinatários de nossa ação, e muito pouco, como verdadeiros interlocutores ou como autênticos sujeitos e atores responsáveis de sua história”.

## Um magistério pró-índio

Sim, o Cimi, como setor indigenista da CNBB, pregou tudo isso há muito tempo como uma voz política que clamou no deserto da sociedade brasileira. Mas agora mudou algo. O magistério universal começou a respaldar nossas intuições e práticas pastorais. As perguntas “Quantos índios vocês batizaram?” e “Cadê a evangelização explícita do Cimi?” perderam relevância. Não perdeu relevância o martírio de tantas lideranças indígenas e de alguns dos nossos companheiros e companheiras. Não perdeu relevância a concentração no essencial, a luta pela vida, o acompanhamento, o diálogo, a autodeterminação, o respeito da alteridade, o trabalho educativo na sociedade não indígena. “Anualmente, durante o mês de abril, o Cimi promove a Semana dos Povos Indígenas, como espaço de divulgação da causa indígena, buscando desconstruir relações preconceituosas. Junto a outros setores da sociedade, com atitudes de diálogo e solidariedade, afirmamos “que um outro mundo será possível com os povos indígenas e através deles” (*Plano Pastoral do Cimi/PPC*, n. 94).

## IHU On-Line - De que forma a prática pastoral indigenista pode

Pio XII a pedido dos bispos da América Latina e do Caribe, cuja sede está localizada na cidade de Santa Fé de Bogotá, na Colômbia. A entidade presta serviços de contato, comunhão, formação, pesquisa e reflexão às 22 conferências episcopais que se situam desde o México até o Cabo de Hornos, incluindo o Caribe e as Antilhas. Seus dirigentes são eleitos a cada quatro anos por uma assembleia ordinária que reúne os presidentes das conferências episcopais da América Latina e do Caribe. (Nota da **IHU On-Line**)

## contribuir para a constituição de uma educação e espiritualidade ecológica?

**Paulo Suess** - A Ecologia Integral faz parte das culturas indígenas. Por conseguinte, os povos indígenas oferecem à sociedade não indígena a herança de uma educação e espiritualidade integral. As tentativas sistêmicas de destruir essa herança, que é orientada para a vida de todos e não para o lucro de particulares, constituem o conflito básico entre duas visões do mundo, causando violência, mortes e lutas.

## A luta continua

A sociedade moderna só se deu conta de que a questão ambiental é uma questão sistêmica conjugada com a questão social, quando sentiu em seu próprio corpo os impactos negativos entre desenvolvimento, progresso e qualidade de vida, o antagonismo entre política e economia no interior de suas opções sistêmicas. A pastoral indigenista pode contribuir para a constituição de uma educação e espiritualidade ecológica na medida em que é capaz de convencer os povos indígenas e os movimentos populares, as Igrejas, a sociedade e as organizações internacionais afins da necessidade de assumir e radicalizar a contradição entre capital e bem viver de todos.

Na Amazônia se trava hoje uma batalha decisiva entre a opção por um desenvolvimento lucrativo que destrói os ecossistemas das florestas e a biodiversidade. Em consequência dessa destruição acoplada à lucratividade, exclui parte da humanidade e não permite um desenvolvimento balizado pela experiência da população local e pelos objetivos de desenvolvimento das Nações Unidas (cf. LS 38). Estes procuram em todas as regiões do mundo combater a pobreza e sustentar o reconhecimento do outro, articulando ecologia, economia e redistribuição social dos bens do planeta.

## Uma cartilha para o bem viver

A cartilha educativa da espiritualidade ecológica deve-se construir no diálogo em torno dos seguintes questionamentos:

1. Como fazer uma crítica radical ao sistema capitalista que mata (cf. EG 53) pelos estímulos à desigualdade, à acumulação e à migração, ao crescimento, à aceleração e banalização da vida e das relações sociais, pela precarização do trabalho?
2. Como desmascarar as soluções paliativas para mitigar os efeitos negativos do capitalismo sem tratamento das raízes causadoras? Neste cenário, a chamada “erradicação da pobreza” é uma espécie de mitigação sofisticada. Cestas básicas em terras não demarcadas criam o tédio total nas aldeias indígenas.
3. Como convencer os “beneficiados” dessa mitigação, de que eles vivem das sobras da exploração e não num Estado de bem-estar social?
4. Como encontrar e articular aliados nessa crítica? Brecht<sup>26</sup> dizia em seu *Galileu Galilei*<sup>27</sup>: “A única finalidade da ciência está em aliviar a cansaça da existência humana”.
5. Como congregar setores das Igrejas que estão dispostos a resgatar os valores contraculturais do Reino e vivê-los em nossas lutas co-

<sup>26</sup> **Bertold Brecht** (1898-1956): escreveu poesia, teatro, ensaios e roteiros de cinema, lutando durante toda a sua vida pelos oprimidos. Assumiu uma clara posição de esquerda e procurou colocar a luta de classes no palco, utilizando-se da dialética. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>27</sup> **A Vida de Galileu** (no original em alemão, *Leben des Galilei*): peça de teatro de autoria de Bertolt Brecht, escrita entre 1937 e 1938, e depois em 1943. O dramaturgo alemão escolhe situações paradigmáticas da vida de Galileu Galilei (1564-1642) para problematizar questões que permanecem atuais, as implicações da utilização da ciência e a relação do cientista com a sociedade. “Galileu” é uma das peças centrais da obra de Bertolt Brecht. É apontada também, como o testamento de Brecht. Por coincidência, o dramaturgo morreu enquanto dirigia os ensaios da peça para o Berliner Ensemble, que era a sua companhia de trabalho. (Nota da **IHU On-Line**)

tidianas: gratuidade, ascese, despojamento, mística, transparência administrativa, conversão, solidariedade, responsabilidade?

6. Como reeducar o mundo alienado pela mídia e o consumo num mundo militante pelo bem viver de todos?

7. Como aprofundar o nome de Deus, que é justiça e misericórdia (Jer 23,6; 33,16)? A justiça cristã é justiça da ressurreição. Deus Pai rasga a sentença de morte do Filho e o faz ressuscitar. Essa justiça, por ir além da reciprocidade, é um ato de gratuidade e misericórdia.

### Memória e militância

Hoje, os povos indígenas são os indignados das Américas, são o movimento "occupy"<sup>28</sup>, não no Parque Zucotti na Wall Street de New York, mas em Mato Grosso do Sul. Eles representam o protesto contra um país e um mundo em que os pobres salvam os Bancos, e os ricos ocupam as terras. A pastoral indígenista procurou aprender com eles a reler a história na chave da memória subversiva e prospectiva de Jesus e devolver à terra-mercadoria a sacralidade da terra-mãe, como é invocada nas primeiras linhas da Encíclica: "Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras" (LS 1).

**IHU On-Line - Outro conceito que aparece na Encíclica é o da terra como bem comum. Como o senhor compreende esse conceito e como articular esse conceito entre os fiéis?**

**Paulo Suess -** Sociedades indígenas - que ainda não foram arras-

<sup>28</sup> **Occupy:** série de protestos mundiais iniciados no dia 15 de outubro de 2011, a partir da ocupação de *Wall Street*, nos Estados Unidos, dando origem ao movimento *Occupy*. O movimento se espalhou por várias cidades do mundo, organizado por coletivos locais, organizações de bairro ou movimentos sociais, os quais propunham alternativas de desenvolvimento voltadas à preservação do planeta e ao consumo consciente de produtos, opondo-se à especulação financeira e à ganância econômica. (Nota da **IHU On-Line**)

tadas até as periferias do sistema capitalista porque resistiram ao parcelamento de suas terras em pequenas unidades de propriedade privada - podem nos dar muitas lições do "bem viver". Estes pressupõem considerar a terra um "bem comum": produzem materialmente o necessário para viver e convivem também em relações sociais sem arame farpado.

### Herança comum

Segundo a LS, há um consenso entre crentes e não-crentes "que a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos. Para os crentes, isto torna-se uma questão de fidelidade ao Criador, porque Deus criou o mundo para todos" (LS 93). Também na Doutrina Social da Igreja<sup>29</sup> prevalece a subordinação da "propriedade privada ao destino universal dos bens" (LS 93).

“

*Laudato Si'*  
*caiu como uma*  
*fruta madura*  
*no jardim da*  
*Igreja Católica*  
*e no mundo*

### Ameaça à alteridade

Na realidade, estamos longe, sobretudo em territórios indígenas, do reconhecimento desse direito. "Os povos indígenas continuam ameaçados em sua existência física e espiritual; em seus modos de vida; em suas identidades; em sua diversidade; em seus territórios e projetos de vida. O modelo de

<sup>29</sup> **Compêndio da Doutrina Social da Igreja:** documento que reúne os princípios da Doutrina Social da Igreja. A função da doutrina social é o anúncio de uma visão global do homem e da humanidade e a denúncia do pecado de injustiça e de violência que de vários modos atravessa a sociedade. (Nota da **IHU On-Line**)

desenvolvimento regido pelas leis do mercado capitalista neoliberal, que tem no agronegócio uma de suas bases de sustentação, produz contra esses povos uma violência estrutural, que atinge permanentemente suas formas próprias de viver em sociedade" (Plano Pastoral do Cimi<sup>30</sup> - PPC 5). Essa sociedade tem como pivô o uso coletivo da terra, "na utilização de técnicas de domínio de todos, nas relações de reciprocidade e de respeito com a natureza, povoada por seres que dão significado à existência humana" (PPC 5).

Um dos itens-chave da *Laudato Si'* (LS) e do Plano Pastoral do Cimi<sup>31</sup>, a terra, permite facilmente detectar a sincronicidade ou a "legitimação" recíproca entre pastoral indígenista e Encíclica.

### Terra no Plano Pastoral do Cimi

- "A terra é considerada fonte de vida, direito inalienável dos povos indígenas e elemento aglutinador de suas lutas e do próprio trabalho do Cimi" (PPC 32).

- "A luta pela terra é estratégica e está ancorada na cosmovisão indígena, na qual terra e água, mundo natural e mítico estão profundamente articulados. Apoiar essa luta dos povos indígenas exige repensar as bases da sociedade capitalista, colocando em evidência diferentes projetos e visões de mundo" (PPC 33).

- "O Cimi assume o apoio decidido e irrestrito às diferentes formas de luta e iniciativas dos povos indígenas pela reconquista e garantia de seus espaços territoriais, tais

<sup>30</sup> **Plano Pastoral do Cimi:** nasceu da necessidade de o Conselho Indigenista Missionário - Cimi dar e aprofundar a razão de sua esperança, contida em seu trabalho pastoral com os povos indígenas. Trata-se de um texto elaborado com a participação das bases missionárias e aprovado pela Assembleia Geral do Cimi, de 2005. Esse Plano Pastoral que vai balizar o trabalho da entidade poderá sofrer mudanças de acordo com a caminhada histórica dos povos indígenas e com os sempre novos desafios que essa caminhada apresenta à pastoral da Igreja. (Nota da **IHU On-Line**)  
<sup>31</sup> A íntegra do Plano Pastoral do Cimi está disponível em <http://bit.ly/1g8dcjb>. (Nota da **IHU On-Line**)

como retomada, autodemarcação, desintrusão e revisão dos territórios. Posiciona-se firmemente contra os projetos desenvolvimentistas de morte, que afrontam os direitos indígenas e desrespeitam a dimensão sagrada das relações afetivas estabelecidas com a terra-mãe (PPC 34).

## Terra na “Louvado sejas”

Também a Encíclica afirma essa sacralidade da terra. Para as comunidades indígenas “a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam integrar para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida. Em várias partes do mundo, porém, são objeto de pressões para que abandonem suas terras e as deixem livres para projetos extrativos e agropecuários que não prestam atenção à degradação da natureza e da cultura” (LS 146).

- “Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que «geme e sofre as dores do parto» (Rm 8,22). Esquecemos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2, 7)” (LS 2).

- “Os recursos da terra estão a ser depredados também por causa de formas imediatistas de entender a economia e a atividade comercial e produtiva” (LS 32).

- “A terra dos pobres do Sul é rica e pouco contaminada, mas o acesso à propriedade de bens e recursos para satisfazerem as suas carências vitais é-lhes vedado por um sistema de relações comerciais e de propriedade estruturalmente perverso” (LS 52).

- “Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras.[...]. Por isso, Deus proíbe-nos

toda a pretensão de posse absoluta: «Nenhuma terra será vendida definitivamente, porque a terra pertence-Me, e vós sois apenas estrangeiros e meus hóspedes» (Lv 25, 23)” (LS 67).

- “Hoje, crentes e não-crentes estão de acordo que a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos” (LS 93).

“

## A “novidade” da LS pode ser atribuída ao ministério universal do Papa

- “As economias de larga escala, especialmente no setor agrícola, acabam por forçar os pequenos agricultores a vender as suas terras ou a abandonar as suas culturas tradicionais” (LS 129).

Com S. Francisco, podemos cantar o “Louvado sejas, Senhor!” pela “Igreja em saída”. Cinquenta anos depois do Vaticano II, o Papa Francisco abre o portal do Ano Santo da Misericórdia<sup>32</sup> e solidariedade para nos enviar aos territórios indígenas na periferia da nossa sociedade.

“Os pobres e a terra estão bradando:

Senhor, tomai-nos

Sob o vosso poder a vossa luz,

Para proteger cada vida,

<sup>32</sup> **Jubileu da Misericórdia** (Ano Jubilar): anunciado pelo Papa Francisco em 13 de março de 2015, o “jubileu extraordinário” é centrado na “misericórdia de Deus”. Terá início a 8 de dezembro deste ano e percorrerá todo o ano de 2016. O Ano Jubilar é uma comemoração religiosa da Igreja Católica, celebrada dentro de um Ano Santo, mas o que difere deste é que a celebração jubilar é feita de 25 em 25 anos. A celebração cristã se fundamenta na Bíblia, tanto no Antigo Testamento, de onde temos a tradição judaica, como no Novo Testamento. (Nota da **IHU On-Line**)

Para preparar um futuro melhor,  
Para que venha o vosso Reino  
De justiça, paz, amor e beleza.  
Louvado sejas!” (LS 246).

**IHU On-Line - Em que medida o pensamento antropocêntrico limita a concepção do ser humano como parte integrada da criação? Como subverter a lógica antropocêntrica da sociedade na atualidade?**

**Paulo Suess** - Fracassou o “sonho prometeico de domínio sobre o mundo, que provocou a impressão de que o cuidado da natureza fosse atividade de fracos” (LS 116). Não podemos dizer que esse “sonho prometeico” não se inspirou também em interpretações bíblicas, como hoje sabemos, errôneas. “Uma apresentação inadequada da antropologia cristã acabou por promover uma concepção errada da relação do ser humano com o mundo” (LS 116).

Como subverter essa lógica? A LS responde: “A crítica do antropocentrismo desordenado não deveria deixar em segundo plano também o valor das relações entre as pessoas. Se a crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais” (LS 118). “Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. [...] Um antropocentrismo desordenado não deve necessariamente ser substituído por um ‘biocentrismo’, porque isto implicaria introduzir um novo desequilíbrio que não só não resolverá os problemas existentes, mas acrescentará outros” (LS 118).

O antropocentrismo é o eclesiocentrismo da sociedade secular. Permite a um instrumento, que é relativo em vista de um objetivo, se tornar objetivo. Na *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco já havia apontado para essa proximidade entre antropocentrismo desor-

denado e relativismo. “Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo” (EG 122). É um deslocamento ético que coloca “a razão técnica acima da realidade” (LS 115) e desconsidera “a natureza como norma válida” (ibid.).

O que significa “natureza como norma válida”? Sobre essa questão haverá ainda muitas discussões, inclusive no próximo Sínodo.

### **Essencialismo natural e processos históricos**

É verdade que o ser humano, quando se coloca fora da comunidade cósmica, pela sua ambição, debilita “o valor intrínseco do mundo” (LS 115) e o ser humano troca o dom de seu verdadeiro lugar, que é partilhado com toda a criação, com a usurpação do mundo como se fosse uma propriedade privada. Mas novamente precisamos perguntar: “O que significa ‘valor intrínseco’”? O essencialismo da lei natural e dos valores intrínsecos não bloqueia os processos históricos? O diálogo no mundo secular exige de nós certo bilinguismo ideológico, isto é, saber falar com a linguagem do outro sem perder os próprios referenciais. Precisamos aprender a argumentar “como se Deus não existisse”.

**IHU On-Line - Como a Encíclica deve influenciar os debates e acordos internacionais acerca do clima?**

**Paulo Suess** - A desigualdade social acoplada à degradação ambiental, climática e cultural “não afeta apenas os indivíduos, mas países inteiros, e obriga a pensar numa ética das relações internacionais” (LS 51; cf. 56). A crise ecológica é a “manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade” (LS 119). Quem vai ter a força para sanar as relações humanas fundamentais afetadas?

Vivemos num mundo limitado e finito e, ao mesmo tempo, num

mundo alienado que procura-nos distrair dos verdadeiros desafios do futuro (cf. 56). É difícil construir um consenso entre os que apostam nas soluções de novas tecnologias e os que se encontram no extremo oposto e confiam na redução da presença humana no planeta para garantir uma não intervenção (cf. 60).

“

**Com o shiboleth “Igreja em saída”, o Papa Francisco traduziu o conceito “natureza missionária” ou “Igreja essencialmente missionária”**

Nessa situação complexa, qual é o impacto que podemos esperar da LS na construção da ética de relações internacionais? A voz do Papa é uma só num coro polifônico de interesses divergentes entre lucro individual e solidariedade coletiva (cf. 162). Francisco nos faz sentir a fragilidade de sua palavra perante o poder que cresce continuamente (cf. LS 105), a falta de instrumentos de controle, o egoísmo, a corrupção e a violência brutal em marcha. A Encíclica lamenta que atualmente “não se consegue reconhecer verdadeiros horizontes éticos de referência” (LS 110).

### **Construir uma ética ambiental**

Contudo, a construção dessa ética ambiental entre os povos é imaginável. Deve ser o primeiro capítulo de uma educação ambiental que propõe uma agenda pedagógica de solidariedade, responsa-

bilidade para uma ética ecológica (cf. LS 210). As questões da ética ecológica são prefixos que apontam em duas direções: *ad intra*, para ganhar o setor institucional da Igreja católica e sua base popular nas paróquias, nos movimentos sociais e Organizações de Ajuda, como “Misereor”, e *ad extra*, para construir alianças com setores ideológicos afins (macro ecumenismo como “Pão para o Mundo”, ONGs, sindicatos, movimentos populares), mas sem vínculo institucional com a Igreja.

Nesta perspectiva de alianças, diálogo e consenso a ser construído *ad extra*, certamente três Conferências Internacionais das Nações Unidas foram o alvo do calendário da publicação da Encíclica LS sobre “o cuidado da casa comum”, o planeta Terra, no dia de Pentecostes de 2015: as Conferências de Adis Abeba, de Nova Iorque e de Paris. Adis Abeba (Etiópia) hospedou, entre os dias 13 e 16 de julho de 2015, a Terceira Conferência Internacional sobre o Financiamento para o Desenvolvimento que abordou os mais variados temas, como financiamento da infraestrutura científica, investimentos na educação, financiamentos inovadores para a saúde, transparência e redução da pobreza. Garantido o financiamento, pode-se pensar em propostas globais para o assim chamado “desenvolvimento sustentável”, que prevê decisões políticas para os desafios globais como pobreza, desigualdade social e mudanças climáticas.

Nova Iorque vai hospedar do dia 25 a 27 de setembro de 2015 a Conferência que pretende redefinir os Objetivos Globais do Desenvolvimento Sustentável, ainda baseados nos oito Objetivos do Desenvolvimento do Milênio, de 2000 (1. Fome, 2. Educação, 3. Gênero, 4. Mortalidade infantil, 5. Gestantes, 6. Aids, malária e outras doenças, 7. Qualidade de vida e meio ambiente, 8. Desenvolvimento). Finalmente, Paris vai hospedar, de 30-11 a 11-12-2015, a Conferência sobre as Mudanças Climáticas.

## Carta da Terra

Para mostrar que a Igreja não é protagonista nem intrusa, mas simples aliada nas questões socio-ambientais, queria lembrar a “Carta da Terra”<sup>33</sup>, de 2000, que pre-

**33 Carta da Terra:** declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século XXI, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Busca inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada, voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança e um chamado à ação. O documento é resultado de uma década de diálogo intercultural, em torno de objetivos comuns e valores compartilhados. O projeto começou como uma iniciativa das Nações Unidas, mas se desenvolveu e finalizou como uma iniciativa global da sociedade civil. Em 2000 a Comissão da Carta da Terra, uma entidade internacional independente, concluiu e divulgou o documento como a carta dos povos. A íntegra do documento está disponível em <http://bit.ly/1CWXHVo>. (Nota da **IHU On-Line**)

cedeu a “Louvado sejas” (LS) por 15 anos. Depois de uma década de discussões internacionais e interculturais, em torno de objetivos comuns e valores compartilhados ganhou a adesão de mais de 4.500 organizações.

A Carta da Terra é uma declaração de princípios éticos fundamentais que reconhece que os objetivos de proteção ecológica, erradicação da pobreza, desenvolvimento econômico equitativo, respeito aos direitos humanos, democracia e paz são interdependentes e indivisíveis. Essa Carta, cujo redator latino-americano era Leonardo Boff, é, semelhante à LS, uma chamada para a ação, que pode servir como um código universal de conduta para pessoas, instituições e Estados.

A LS se agrega à Carta da Terra e à Carta de Santa Cruz de la

Sierra,<sup>34</sup> Bolívia, do dia 9 de julho de 2015. Em Santa Cruz, organizações sociais se reuniram no Segundo Encontro Mundial de Movimentos Populares e se uniram ao Papa Francisco “no compromisso com os processos de transformação e libertação como resultado da ação dos povos organizados, que a partir de suas memórias coletivas tomam a história em suas mãos e decidem transformá-la, para dar vida às esperanças e às utopias que nos convocam a revolucionar as estruturas”. Estão de pé os que querem mudar a rota e não apenas reforçar a ganância do capitalismo cinzento com um verde-oliva. ■

**34 Carta de Santa Cruz:** A íntegra da Carta de Santa Cruz pode ser lida nas Notícias do Dia, de 14-07-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1Ik6k9l>. (Nota da **IHU On-Line**)

## LEIA MAIS...

- *Por uma Igreja livre das amarras sistêmicas.* Entrevista com Paulo Suess, publicada na **IHU On-Line**, edição 465, de 18-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1TTwF5g>.
- *70% das comunidades são privadas da Eucaristia dominical. “A Igreja é a responsável por esta situação”.* Entrevista com Paulo Suess, publicada em **Notícias do Dia**, em 16-04-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1hKRQGM>.
- *“Missas e ministros midiáticos, alinhados a padrões de marketing, podem destruir o sagrado”.* Entrevista com Paulo Suess, publicada na **IHU On-Line** 398, de 13-08-2012, disponível em <http://bit.ly/1ALBpiv>.
- *Teologia e capitalismo: incompatíveis?* Entrevista com Paulo Suess, publicada na **IHU On-Line** 404, de 05-10-2012, disponível em <http://bit.ly/1H7jV7Z>.
- *A Igreja de Francisco. “Voltar para as fontes, e caminhar devagar no ritmo do povo”.* Entrevista com Paulo Suess, publicada em **Notícias do Dia**, em 06-08-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1zZyrfe>.
- *Outra vez, a mão de Deus. Os sete espantos do Papa Francisco.* Artigo de Paulo Suess, publicado em **Notícias do Dia**, em 14-03-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1IAOKkk>.
- *Dois projetos e cinco cenários.* Artigo de Paulo Suess, publicado em **Notícias do Dia**, em 07-03-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1cwvMip>.
- *Desafio do “Bem Viver”. Horizonte político e imperativo profético.* Artigo de Paulo Suess, publicado em **Notícias do Dia**, em 04-10-2011, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1zZzD2q>.
- *Fé, fome, suor e sangue. Religiosidade e mística nordestina.* Entrevista com Paulo Suess, publicada na **IHU On-Line** 436, de 10-03-2014, disponível em <http://bit.ly/1FkdEWf>.

# Ecologia Integral e justiça ambiental no cuidado da “casa comum”

Para José Roque Junges, a abordagem multidimensional das questões ecológicas está entre as principais contribuições da *Laudato Si'*

Por Leslie Chaves

**A**s discussões acerca dos problemas ambientais não são novidade. Os alertas quanto aos reflexos das ações dos humanos sobre o equilíbrio da natureza têm sido recorrentes nos últimos tempos. Entretanto, o Papa Francisco retoma esse debate de maneira incisiva e traz à tona a essência da crise ecológica: o valor da natureza. José Roque Junges considera que a Encíclica é uma Suma Ecológica, pois contempla os problemas e desafios da questão ambiental a partir de diversas perspectivas e de uma concepção de natureza que considera a justiça ambiental. “A Encíclica *Laudato Si'* assume claramente a perspectiva do ecologismo dos pobres, porque parte de uma valoração da terra como nossa casa comum e defende todo tempo que não se preserva o ambiente sem olhar para os pobres, que sofrem as consequências de sua degradação. Por isso, para a Encíclica, o grito dos pobres ressoa em uníssono com o grito da natureza”, aponta em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Para Junges, a *Laudato Si'* propõe que as ações em prol da preservação do ambiente sejam alicerçadas em uma transformação cultural advinda da mudança de mentalidade quanto à natureza e ao consumismo, apoiada por uma espiritualidade e mística ecológicas. A incongruência entre o atual mo-

delo econômico e o respeito ao meio ambiente, segundo o pesquisador, reside nessa dimensão do entendimento do que é a vida. “Nunca será possível conciliar a concepção capitalista com uma mentalidade ecológica por mais que se queira travestir o capitalismo de um verniz verde, sempre será um puro verniz que mais dia menos dia mostra a sua cara pelos seus efeitos. Preservação do ambiente e desenvolvimento do capital são totalmente irreconciliáveis, porque partem de duas concepções opostas quanto à valoração da natureza”, ressalta.

José Roque Junges é jesuíta, graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e em Teologia pelas Faculdades Cristo Rei - Unisinos, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidad Católica de Chile e doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Itália. Atualmente é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Unisinos. Entre seus livros mais recentes estão *Bioética sanitária: Desafios éticos da saúde coletiva* (São Paulo: Loyola, 2014), *(Bio) Ética Ambiental* (São Leopoldo: UNISINOS, 2010) e *Bioética: hermenêutica e casuística* (São Paulo: Loyola, 2006).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Como o senhor avalia o modo como a *Laudato Si'* apresenta e debate os problemas ambientais?**

**José Roque Junges -** A Carta Encíclica *Laudato Si'* pode ser considerada uma verdadeira Suma Ecológica, porque contempla os

mais diversos problemas e desafios ligados à questão ambiental e os aborda numa perspectiva socioambiental e ecológica em total conso-



nância com as melhores contribuições da atual reflexão e discussão sobre essa temática. O documento segue a tradicional metodologia do ver, julgar e agir, consagrada pela *Gaudium et Spes*<sup>1</sup> no Vaticano II.<sup>2</sup> No ver, aponta com muita propriedade as diferentes expressões da crise ambiental, analisando em profundidade a sua causa explicativa: o paradigma econômico tecnocrático de produção e a cultura consumista excludente do descarte, causadores de pobreza e degradação ambiental. Por isso acolhe

**1 *Gaudium et Spes*:** Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma), “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em <http://bit.ly/gfZTK>, intitulada *A igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

**2 Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. A revista **IHU On-Line** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/02e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC> (Nota da **IHU On-Line**)

o grito uníssono tanto dos pobres quanto da terra. Em seguida, no julgar, faz uma leitura cristã da crise ambiental, tendo como base as fontes bíblicas, mas usando igualmente em todo documento declarações dos últimos Papas, do atual Patriarca da Igreja Ortodoxa<sup>3</sup>, de muitas conferências episcopais e de um místico muçulmano numa perspectiva ecumênica, inter-religiosa e de colegialidade como nenhum outro documento pontifício anterior. Por fim, quanto ao agir, o documento propõe várias iniciativas de cunho radical para fazer frente ao problema ambiental, em que a principal é cultural, identificada com uma mudança de mentalidade em relação à natureza e ao consumismo, uma verdadeira conversão atitudinal a ser alimentada e fortalecida por uma espiritualidade e mística ecológica.

A Encíclica assume uma proposta de Ecologia Integral, englobando a dimensão natural, social e cultural na compreensão do ambiente. Essa mesma visão está presente no célebre pequeno livro de Felix Guattari<sup>4</sup> *As três ecologias* (Campinas: Ed. Papirus, 2003), que também falava de uma ecologia ambiental, social e mental como condição para poder analisar e discutir a crise ambiental. A não consideração e integração dessas três dimensões para pensar a crise conduz a propostas superficiais e desviantes da verdadeira causa do problema, como aconteceu nas últimas conferências mundiais sobre o meio ambiente, organizadas pela ONU. O forte acento numa abordagem de

**3 Bartolomeu I – Igreja Ortodoxa** (1940): é um religioso grego (e um cidadão turco), o atual Patriarca de Constantinopla, principal bispo da Igreja Ortodoxa, desde o ano de 1991. (Nota da **IHU On-Line**)

**4 Félix Guattari** (1930-1992): psicanalista francês, pensador, militante, admirado por movimentos de esquerda alternativos, autor de um dos livros mais discutidos entre os anos 70/80, *O Anti-Édipo*, escrito em parceria com o filósofo francês Gilles Deleuze. Guattari visitou várias vezes o Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

Ecologia Integral é uma das grandes contribuições da encíclica.

**IHU On-Line - Que concepção de meio ambiente é expressa na Encíclica? Como essa visão implicou no modo de construção do documento?**

**José Roque Junges** - Existem três modos de conceber o meio ambiente: como estoque de recursos naturais para o proveito humano, como museu natural a ser preservado da intervenção humana ou como ambiência (*oikos*) de reprodução das condições ecossistêmicas e sociais para a sobrevivência da vida.

A primeira identifica-se com a visão antropocêntrica em que o ambiente é o conjunto dos recursos naturais a serem apropriados e transformados a serviço do consumo e conforto humano. Para essa tendência, ser ético é defender a conservação da natureza e a limitação do seu aproveitamento para possibilitar o usufruto dos recursos naturais pelas gerações futuras.

A segunda visão do meio ambiente é mais biocêntrica, pois está centrada nos seres vivos sem nenhum protagonismo dos humanos, cuja intervenção precisa ser reduzida e/ou eliminada para que haja preservação da natureza. Eles defendem um culto ao silvestre que preserva ambientes naturais intactos sem presença humana, transformando a natureza num museu a ser apreciado. Muitas ONGs ecológicas do primeiro mundo estão ancoradas nessa compreensão.

A terceira concepção do meio ambiente é ecocêntrica, pois tem como foco ecossistemas, entendidos como conjuntos de interdependências socioambientais, que possibilitam as condições para que a vida se reproduza. Nesses conjuntos, os humanos e a sociedade estão interligados com os restantes seres vivos numa integração que não separa o social e o ambiental, o humano e o natural, condição in-

dispensável para discutir a sustentabilidade socioambiental. Essa é a maneira típica de pensar dos povos originários e dos camponeses tradicionais, que aprenderam, desde tempos imemoriais, a fazer um uso sustentável da natureza.

A Encíclica assume essa visão ecocentrada de compreensão da natureza, privilegiando as interdependências socioambientais da sustentabilidade ecológica. Nisso consiste a segunda grande contribuição da *Laudato Si'* para o debate ambiental.

**IHU On-Line - O senhor trabalha com a perspectiva do ecologismo popular, a qual se alinha ao paradigma ecológico da *Laudato Si'*. Poderia falar um pouco sobre essa visão?**

**José Roque Junges** - O economista catalão Joan Martinez Alier publicou um interessante livro intitulado *O Ecologismo dos Pobres* (São Paulo: Ed. Contexto, 2009), que me serviu de base para introduzir essa perspectiva na minha reflexão sobre a questão ambiental. Martinez Alier argumenta que o ambientalismo em geral é identificado com as lutas das ONGs do primeiro mundo que defendem um preservacionismo biocêntrico, mas nunca se pensa que os conflitos de indígenas, camponeses, pescadores ribeirinhos e outras populações originárias contra a instalação de empresas hidroelétricas, de agro-negócio, mineradoras, petroleiras em seus territórios de origem sejam lutas ambientalistas. A obra de Martinez Alier percorre diferentes regiões do mundo inteiro para analisar movimentos e organizações de populações pobres contra empreendimentos econômicos que destroem o seu ambiente de sobrevivência e reprodução social da vida. Ele mostra, ao contrário do que em geral se pensa, que essas lutas são motivadas por conflitos ambientalistas. Nos seus próprios países, es-

ses movimentos do ecologismo popular são acusados de serem contra o progresso e o desenvolvimento da sua nação. Aqui é necessário colocar a pergunta: desenvolvimento para quem e a que custo?

Governos latino-americanos, tidos como de esquerda, caem nesta falácia, ridicularizando e perseguindo essas lutas ambientalistas de sua população para favorecer grandes empreendimentos capitalistas das multinacionais com o mote de que isso vai trazer progresso para seus países. É necessário desmascarar essa ideologia enganosa. O conflito de fundo entre essas duas concepções é irreconciliável, segundo Martinez Alier, porque se trata de um conflito quanto à valoração da natureza. O ecologismo dos pobres concebe a natureza como sua casa (*oikos*), seu ambiente de sobrevivência e convivência social e o capitalismo sempre verá a natureza como um estoque de recursos a serem explorados a serviço da mais valia. Por isso nunca será possível conciliar a concepção capitalista com uma mentalidade ecológica por mais que se queira travestir o capitalismo de um verniz verde, sempre será um puro verniz que mais dia menos dia mostra a sua cara pelos seus efeitos. Preservação do ambiente e desenvolvimento do capital são totalmente irreconciliáveis, porque partem de duas concepções opostas quanto à valoração da natureza. Essa é a grande tese do ecomarxismo de James O'Connor<sup>5</sup>.

A Encíclica *Laudato Si'* assume claramente a perspectiva do ecologismo dos pobres, porque parte de uma valoração da terra como nossa casa comum e defende todo tempo que não se preserva o ambiente sem olhar para os pobres, que sofrem as consequências de sua degradação. Por isso, para a Enci-

<sup>5</sup> Sobre o conceito de ecomarxismo ver: O'CONNOR, James. *Natural Causes: Essays in Ecological Marxism*. (New York: The Guilford Press, 1998). (Nota do entrevistado)

clica, o grito dos pobres ressoa em uníssono com o grito da natureza.

**IHU On-Line - De que forma a origem latino-americana do Papa Francisco influencia na escolha da perspectiva ecológica da Encíclica?**

**José Roque Junges** - A origem latino-americana do Papa Francisco certamente influenciou o modo de abordar a questão ambiental, porque articula a preservação do meio ambiente com a defesa da justiça social que sempre foi um tema muito caro principalmente para a Igreja da América Latina, cuja máxima expressão foi a teologia da libertação. Embora não cite diretamente, pode-se dizer que o documento tem uma abordagem, do que se convencionou chamar de justiça ambiental. Esse movimento surgiu nos Estados Unidos da luta dos negros por seus direitos. Os afrodescendentes americanos foram dando-se conta de que os danos ambientais do desenvolvimento industrial eram empurrados para bairros onde viviam populações negras. No início esse fenômeno foi denominado de racismo ambiental e depois assumiu o nome de injustiça ambiental. Esse movimento social foi introduzido no Brasil no Fórum Social de Porto Alegre de 2001 através da criação da Rede Brasileira de Justiça Ambiental<sup>6</sup>, que funciona a partir da Fundação Osvaldo Cruz do Rio de Janeiro<sup>7</sup>. Esse movimento faz um retrato permanente das chagas ambientais do Brasil para denunciar como os danos ambientais do nosso desenvolvimento são descarregados para populações pobres e indefesas que não têm força política para impedir essa externalização dos custos do nosso pretenso progresso.

<sup>6</sup> Ver: [www.justicaambiental.org.br](http://www.justicaambiental.org.br) (Nota do entrevistado)

<sup>7</sup> Sobre o assunto ver: ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. *O que é Justiça Ambiental* (Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2009). (Nota do entrevistado)

A impositação da Encíclica em sua abordagem das questões ambientais tem claramente uma matriz teórica que se identifica com a linha de reflexão e argumentação da justiça ambiental, pois articula continuamente ecologia com justiça.

**IHU On-Line - Em seus estudos o senhor aponta que o conceito de Bioética, que tem seu berço na ecologia, teve seu sentido reduzido. Em que implica esse distanciamento da Bioética da ecologia para a compreensão das relações dos humanos com o meio ambiente?**

**José Roque Junges** - A origem da palavra "bioética", tanto em Fritz Jahr (*Bio-Ethik. Eine Umschau über die ethischen Beziehung des Menschen zu Tier und Pflanze. Kosmos. Handweiser für Naturfreunde*, Vol. 24, n. 1, 1927, p.2-4) quanto em Van Rensselear Potter (*Bioethics, Bridge to the future* [Upper Saddle River: Prentice-Hall, 1971]), tinha especificamente um sentido ecológico, porque para ambos se tratava de criar um saber moral, uma ética da vida, que pudesse acompanhar o desenvolvimento tecnológico aplicado à vida que começava a proliferar, para que os seres vivos fossem respeitados e para que a intervenção humana não colocasse em perigo a sobrevivência da vida no planeta terra. Atualmente pode-se aquilatar a importância dessa proposta pelos efeitos ambientais que hoje já são uma certeza, contudo desde o início a bioética foi capturada pelo poder tecnocrático médico colocando-a a serviço da saúde humana e da clínica na avaliação sobre o uso das biotecnologias e fazendo esquecer a sua origem ecológica. A Encíclica analisa e denuncia o paradigma tecnocrático aliado ao econômico como uma das causas da degradação ambiental e humana, pois os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que

acaba por condicionar os estilos de vida e orientar as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder (LS, nº 107). Devido a essa captura tecnocrática da saúde humana através da medicina, a bioética precisa assumir a perspectiva de uma hermenêutica crítica das dinâmicas biopolíticas dessa captura que retira a saúde do uso comum das pessoas, colocando-a sob o comando de uma nova casta sacerdotal identificada com os médicos. Essa constatação leva a defender uma bioética que possibilite à subjetividade humana reapropriar-se da sua saúde e a compreender as suas condições ambientais, numa abordagem ecológica da própria saúde. Isso significa que os dois grandes temas da bioética, meio ambiente e saúde humana, não podem ser abordados isoladamente, mas compreendidos numa visão integral.

**IHU On-Line - O que é a compreensão ecossistêmica da saúde? Como esse olhar se relaciona com a visão ecológica de meio ambiente?**

**José Roque Junges** - O final da resposta anterior aponta para essa necessidade de uma compreensão ecossistêmica da saúde. A visão antiga tinha essa concepção de um condicionamento ambiental da saúde que dependia de lugares e ares saudáveis e a própria doença era entendida como uma transmissão dos miasmas fétidos que circulavam no ambiente. A visão microbiana levou ao olvido dessa explicação ambiental da doença, cuja causa foi identificada dali em diante com os micróbios e o ambiente era apenas o seu reservatório. Assim, o processo do adoentarse dependia exclusivamente do micróbio e não do contexto social. Essa visão microbiana trouxe grandes benefícios para a superação de doenças transmissíveis, mas trouxe igualmente um grande malefício, que foi o esquecimento dos deter-

minantes sociais dos processos de saúde e doença. Para a concepção neoliberal essa explicação caiu como uma luva, porque o Estado não precisava preocupar-se com as causas ambientais das enfermidades e criar ambientes saudáveis, porque a doença era reduzida a um micróbio e uma preocupação que dependia apenas do indivíduo. Hoje essa compreensão socioambiental está sendo redescoberta e difundida pelo movimento da saúde coletiva. Por isso a discussão sobre a sustentabilidade socioambiental está intimamente ligada a uma preocupação pela saúde da população. Sem ambientes ecossocialmente sustentáveis não se pode falar de saúde dos indivíduos. Aqui vale o princípio ético primordial de todo profissional da atenção básica: não se pode cuidar individualmente da saúde de uma pessoa sem se preocupar com a sustentabilidade do seu ambiente de vida e com a sociabilidade do seu coletivo de pertença social. Portanto a saúde está essencialmente imbricada com o contexto socioambiental das pessoas.

**IHU On-Line - Na *Laudato Si'* é ressaltada a incompatibilidade do atual modelo de consumo e desenvolvimento econômico com a preservação do meio ambiente. Como o senhor avalia essa questão? Qual caminho pode ser apontado para a busca da sustentabilidade dentro da perspectiva ecológica?**

**José Roque Junges** - Sempre se defende que o desenvolvimento e o consumo devem ser sustentáveis. Mas nunca se define em que consiste o adjetivo "sustentável" e quais são os seus critérios de definição. O conceito de sustentabilidade fica indefinido e vago, cabendo nele qualquer proposta. Ninguém vai defender um desenvolvimento que não seja sustentável. As minerações da Vale do Rio Doce, as prospecções de petróleo da Petrobras,

as hidroelétricas como, por exemplo, a de Belo Monte, sempre serão justificadas como sustentáveis, porque receberam o aval técnico do IBAMA. Os critérios e parâmetros de sustentabilidade só poderão ser definidos quando se tiver a coragem de discutir quais modelos econômicos são sustentáveis. As conferências mundiais do meio ambiente sempre chegam a um impasse porque a caixa preta do modelo econômico é intocável e por isso aparecem propostas mistificadoras e enganadoras que apenas servem para não tocar o verdadeiro problema: que tipo de economia é adequada para um ambiente verdadeiramente sustentável. Por exemplo, a proposta da economia verde apresentada na última conferência no Rio de Janeiro é uma dessas enganações ideológicas que apenas servem para desviar a discussão. Não adianta colocar um verniz verde num modelo econômico que já demonstrou à saciedade que é insustentável ambientalmente falando. A máxima falácia do documento final é afirmar que essa economia verde poderá erradicar a pobreza. O verde seria o passe de mágica que acabaria com a miséria sem mudar nada no modelo. Essa é uma verdadeira história da carochinha.

A Declaração da Cúpula dos Povos na Conferência Rio+20 (Justiça social e ambiental - Em defesa dos bens comuns e contra a mercantilização da vida<sup>8</sup>) denuncia esse engano: "A atual fase financeira do capitalismo se expressa através da chamada economia verde e de velhos e novos mecanismos, tais como o aprofundamento do endividamento público-privado, o superestímulo ao consumo, a apropriação e concentração das novas tecnologias, os mercados de carbono e biodiversidade, a grilagem

8 Documentos finais da Cúpula dos povos na Rio+20 por justiça social e ambiental. Disponível em <http://bit.ly/1L2a43n>. (Nota da IHU On-Line)

e estrangeirização de terras e as parcerias público-privadas, entre outros".

Não é que não existam alternativas concretas de modelos econômicos diferentes como, por exemplo, a escola de pensamento, ligada ao modelo de economia ecológica proposto por Nicholas Georgescu-Roegen (*The Entropy Law and the Economic Process* [Cambridge: Harvard University Press, 1971]; *O desenvolvimento: Entropia - Ecologia - Economia* [São Paulo: Ed. Senac, 2012]) com todas as suas ramificações. A tese fundamental desse modelo é afirmar que a natureza deve ser um limite para a economia, devido à entropia dos processos econômicos, fenômeno que o pensamento econômico predominante não leva em consideração e empurra para debaixo do tapete, quando exclui as externalidades dos seus orçamentos. Essa desconsideração das externalidades ambientais provoca uma maquiagem dos cálculos, porque a amostragem do que foi gasto é enganosa, no momento que exclui a entropia. O esquecimento desse processo entrópico está na base da insustentabilidade ambiental do atual modelo. A Encíclica afirma que o crescimento econômico tende a gerar automatismos e a homogeneizar, a fim de simplificar os processos e reduzir os custos, sendo necessária uma ecologia econômica, capaz de induzir a considerar a realidade de forma mais ampla (LS, nº 14). Se a economia deve fazer as contas com os limites da natureza e o aumento do lixo, então ela não pode pautar o seu crescimento pelo aumento do consumo. Um modelo econômico baseado no consumo significará sempre um desastre ecológico devido à finitude dos recursos naturais e à proliferação geométrica dos resíduos. Esse modelo focado no consumo está baseado na financeirização da economia<sup>9</sup>. Consu-

9 Sobre esse assunto ver: *Financeirização da vida. Os processos de subjetivação e a*

mismo e cartão de crédito são almas gêmeas do mesmo fenômeno: o capitalismo financeiro, incompatível com a preservação ambiental.

### IHU On-Line - Como a fragmentação e a compartimentação dos conhecimentos nos conduziu à crise ecológica em sentido conceitual?

**José Roque Junges** - A racionalidade instrumental que está na origem da ciência moderna desencantou a natureza como unidade de interdependências vitais, porque a reduziu a um conjunto de recursos naturais a serem apropriados em proveito do ser humano. Para dominar essa natureza foi necessário fragmentá-la em partes sempre menores para serem analisadas pelos diferentes ramos do conhecimento, compartimentalizando a realidade e perdendo sempre mais a perspectiva sistêmica. A crise ecológica é fruto dessa compartimentalização dos conhecimentos e da perda da visão ecossistêmica da natureza. O conhecimento produzido pela racionalidade instrumental não tem parâmetros nem condições para avaliar a destruição ambiental que a intervenção humana está ocasionando na natureza, por ter uma tendência à fragmentação e ser cega para captar o conjunto e porque a soma das partes não é o todo. Por isso não haverá solução para a questão ambiental sem uma mudança no próprio padrão científico, pela recuperação de uma racionalidade mais sistêmica, o que já está ocorrendo através da proposta da física quântica e da sempre maior centralidade da ecologia como modelos de referência para um outro tipo de ciência.

### IHU On-Line - O senhor assinala que a América Latina tem muito a contribuir para iniciativas de

*reconfiguração da relação 'economia e política'*, Revista **IHU On-Line**, edição 468, de 29-06-2015. Disponível em <http://bit.ly/1LYrWxI>. (Nota da IHU On-Line)

**desenvolvimento que conjuguem justiça social e proteção ambiental. Por quê? De que maneira?**

**José Roque Junges** - A América Latina tem dois desafios que ela deverá saber conjugar: a preservação da sua rica biodiversidade e a dívida social em relação aos pobres. A destruição dos ambientes que garantiram, durante tempos imemoriais, a sobrevivência da nossa megadiversidade de seres vivos, nunca poderá ser a solução para erradicar a pobreza. Problema está nos modelos de desenvolvimento que foram sendo implantados nos diferentes países, geralmente importados de contextos sociais que não tinham nada a ver com o típico ambiente da nossa realidade latino-americana. Nossas elites políticas e econômicas sempre olharam para estilos e modelos importados dos países ricos sem nenhuma atenção às populações autóctones, faltando-lhes total inteligência e criatividade para imaginar caminhos de desenvolvimento que sejam adequados ao nosso contexto ambiental geográfico e fomentem a inclusão social da população secularmente marginalizada. A importação de modelos forâneos sem nenhuma compatibilidade socioambiental nem socio-cultural com nosso contexto não trouxe melhor qualidade de vida para a população, mas aumento da pobreza e desestruturação social pela destruição dos ambientes que sempre serviram para sua reprodução social e vital. A ideologia do progresso foi sempre uma promessa enganosa para a população, não importando a coloração política do governo. Por isso é necessário pensar que um outro modelo de desenvolvimento seja possível que congregue sustentabilidade ambiental, considerando a natureza como casa comum, e a inclusão social dos pobres, permitindo-lhes maior qualidade de vida.

Os países tropicais teriam as condições ideais, segundo Ignacy Sachs

(*Caminhos para o desenvolvimento sustentável* [Rio de Janeiro: Garamond, 2002]), para desenvolverem um modelo alternativo de aproveitamento sustentável equitativo dos recursos naturais renováveis de sua biomassa. Não se trata de retroceder a modos ancestrais de vida,

“

***Nunca será possível conciliar a concepção capitalista com uma mentalidade ecológica por mais que se queira travestir o capitalismo de um verniz verde***

mas transformar o conhecimento dos povos dos ecossistemas, decodificando e recodificando pelas etnociências esses saberes numa moderna civilização da biomassa. A própria Encíclica em seu nº 143 afirma que a ecologia envolve também o cuidado das riquezas culturais da humanidade, no seu sentido mais amplo, fazendo dialogar a linguagem técnico-científica com a linguagem popular. Tal civilização da biomassa poderá cancelar a enorme dívida social acumulada, porque inclui, pela valorização dos seus conhecimentos, os povos que sempre foram marginalizados, podendo também reduzir a dívida ecológica. Esse modelo não pode ser colonizado pela ideologia do permanente crescimento econômico, porque gera exclusão social, mas pela efetivação de modos de convivência social e política que promova a participação cidadã. Isso significa valorizar os conhecimentos e saberes populares para

uma economia solidária de produção de bens de consumo e para a construção de uma sociabilidade pautada pela partilha do que é comum.

**IHU On-Line - Em que consiste a perspectiva de “ecoeficiência econômica” e do “culto ao silvestre” e em que se diferenciam da visão ecológica? Qual sua crítica em relação a elas?**

**José Roque Junges** - A ecoeficiência econômica é a proposta capitalista para fazer frente à crise ambiental sem mudar o modelo. Significa incluir a componente ambiental nos cálculos financeiros, mas sem mudar a dinâmica dos processos econômicos que já foram naturalizados como algo dado e imutável a exemplo da gravidade. Para essa dinâmica a crise ecológica tornou-se até uma oportunidade de negócio, e o fator ambiental uma ocasião de mais valia. A economia não pode tirar proveito da ecologia, mas, ao contrário, a ecologia precisa dar um choque “eco” na economia, para que ela volte ao seu significado original como boa norma da nossa casa comum, a terra. O culto ao silvestre é o reverso da medalha da ecoeficiência econômica, porque luta pela preservação de determinados ambientes naturais “museificados”, sem questionar a “desertificação” ambiental do entorno ao museu natural, provocada pelo modelo econômico. Por isso o capitalismo não tem nenhum problema, ao contrário, torna-se uma ocasião de marketing, financiar os grupos ambientalistas do culto ao silvestre. O único movimento, verdadeiramente crítico do modelo econômico, tem uma perspectiva ecocêntrica e identifica-se com o ecologismo dos pobres, porque considera a natureza como casa comum para todos os seres vivos e não como estoque de recursos naturais apropriados para a mais valia.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado?**

**José Roque Junges** - Sob o aspecto teológico é necessário ressaltar que a Encíclica tem uma interpretação ecológica da compreensão cristã da criação, na linha da obra do teólogo luterano Jürgen Moltmann<sup>10</sup> em seu livro *Doutrina Ecológica da Criação* (Petrópolis: Ed. Vozes, 1993), principalmente quanto à questão do descanso sabático no relato do Gênesis sobre a criação. No nº 237 é apontado o significado do repouso

<sup>10</sup> **Jürgen Moltmann (1926):** professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de *Teologia da Esperança* (São Paulo: Herder, 1971) e *Deus crucificado: a cruz de Cristo como fundamento e crítica da teologia cristã* (Petrópolis: Vozes, 1993), entre outros. Do autor, a Editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã* (São Leopoldo, 2003). Confira a entrevista de Moltmann na **IHU On-Line** n.º 94, de 29-03-2004 em <http://bit.ly/ihuon94>. Sobre o tema, Frei Luiz Carlos Susin deu uma entrevista na edição 72, de 25-08-2003, disponível em <http://bit.ly/ihuon72>. A edição 23 dos **Cadernos Teologia Pública**, de 26-09-2006, tem como título *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann*, de autoria de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. Nota da **IHU On-Line**

semanal, quando diz que é preciso incluir na atividade uma dimensão receptiva e gratuita que não é inatividade, mas preservar a ação humana do puro ativismo vazio e da ganância desenfreada que só pensa no benefício próprio. A lei do repouso semanal impunha abster-se do trabalho no sétimo dia, “para que descansem o teu boi e o teu jumento e tomem fôlego o filho da tua serva e o estrangeiro residente’ (Ex 23,12)” (LS, nº 68). O repouso é uma ampliação do olhar, que permite voltar a reconhecer os direitos dos outros. Assim o dia de descanso, cujo centro é a Eucaristia, difunde a sua luz sobre a semana inteira e encoraja-nos a assumir o cuidado da natureza e dos pobres” (LS, nº 237). Assim se recupera para repouso dominical do cristão um significado ecológico, que se encontra no relato do Gênesis, porque se trata de parar a atividade para deixar também a natureza em repouso, reconhecendo que ela é criação de Deus e não está simplesmente ao nosso dispor como um estoque de recursos para apropriação e domínio. O problema é que os cristãos, principalmente os católicos, reduziram o domingo a uma prescrição de frequentar a

missa, esvaziando-o do seu significado profundo que relaciona Eucaristia e ecologia no descanso da criação.

Hoje, em tempos de economia capitalista desenfreada em que *time is money*, não é permitido descansar porque o mercado funciona 24 horas por dia, não se podendo perder as chances de lucrar com o tempo. Nesse contexto de total patologização financeira do tempo, provocando stress, depressão e todo tipo de sofrimentos mentais, os cristãos são convidados a dar um basta a essa patologia, vivendo e testemunhando outra maneira de viver, inspirada no significado do descanso sabático, caracterizado pela simplicidade e harmonia com a natureza, reconhecida como criação de Deus, bases indispensáveis para uma vida de felicidade. Está mais do que comprovado que os níveis de felicidade da sociedade diminuem drasticamente com o aumento do consumo, que é um sinal da perda de sensibilidade pela natureza. Portanto, consumo e felicidade não podem andar juntas, porque suas dinâmicas são opostas. Por que não se tem a coragem de tirar as consequências dessa constatação? ■

## LEIA MAIS...

- *A vida nas interfaces das mutações tecnocientíficas e suas repercussões sobre a subjetividade.* Entrevista com José Roque Junges publicada na **IHU On-Line**, edição 454, de 15-09-2014, disponível no link <http://bit.ly/1DjUYSw>.
- *Agenciamentos imunitários e biopolíticos do direito à saúde.* Entrevista com José Roque Junges publicada na **IHU On-Line**, edição 344, de 21-09-2010, disponível no link <http://bit.ly/1DjUYSw>;
- *A medicalização da vida faz mal à saúde.* Entrevista com José Roque Junges publicada nas **Notícias do Dia**, de 26-05-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1M00hcJ>
- *O Concílio Vaticano II e a ética cristã na atualidade.* Entrevista com José Roque Junges publicada na **Revista IHU On-Line**, edição 401, de 03-09-2012, disponível no link <http://bit.ly/1MH5Clq>
- *“Se o aborto é um problema, a sua solução não é o próprio aborto”.* Entrevista com José Roque Junges publicada na **Revista IHU On-Line**, edição 219, de 14-05-2010, disponível no link <http://bit.ly/1SW5OmU>

# O despertar da consciência

Para Jame Schaefer, a ciência, ao ser relacionada com a religião, atualiza a profundidade dos conceitos religiosos no tempo presente

Por João Vitor Santos e Leslie Chaves | Tradução: Luís Sander

A publicação da Encíclica *Laudato Si'* pelo Papa Francisco colocou em pauta a aproximação entre religião e ciência a partir do debate sobre as questões ambientais. A Encíclica evidencia a importância de buscar embasamento no campo científico como pré-requisito para a tomada de decisões prudentes. Essa é a opinião de Jame Schaefer, que defende: "Os teólogos refletiram sobre Deus, a pessoa humana e o cosmo por séculos informados por sua compreensão do mundo em sua respectiva época. Hoje em dia, os teólogos e teólogas deveriam dar continuidade a essa tradição a fim de manifestar o sentido da fé religiosa e refleti-la em nossas ações". Para a pesquisadora, essa é uma das atribuições dos teólogos, sobretudo dos que são especialistas em relacionar construtivamente a teologia e as ciências naturais.

Ao longo da entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Schaefer aponta que o principal ganho da convergência entre ciência e religião é a função de orientar nossas ações sobre o mundo e nos alertar das consequências que podem resultar de tais atitudes. De acordo com a pesquisadora, as esferas científicas e tecnológicas têm a competência de oferecer soluções possíveis para os problemas ecológicos; entretanto, a religião tem mais condições de instigar a consciência das

pessoas a respeito dessas questões. Ela ainda ressalta que, com a Encíclica, o Papa Francisco "incentiva as pessoas crentes a buscar nas profundezas de suas crenças religiosas 'tesouros éticos e espirituais' para levar para o diálogo com os cientistas, tecnólogos e 'movimentos ecológicos', com o objetivo de resolver problemas e nos converter para viver de formas que promovam o florescimento da Terra".

Jame Schaefer é doutora em Teologia Sistemática e Ética pela Universidade de Marquette, de Milwaukee, Wisconsin, Estados Unidos, onde também é professora e diretora do centro de Ética Ambiental. Centra suas pesquisas nas relações entre teologia, ciências naturais e tecnologia, com especial atenção aos fundamentos religiosos para a ética ecológica. Entre suas publicações mais recentes estão *Environmental Justice and Climate Change: Assessing Pope Benedict XVI Ecological Vision for the Catholic Church in the United States* (Lexington: Lexington Press, 2013), *Confronting the Climate Crisis: Catholic Theological Perspectives* (Milwaukee: Marquette University Press, 2011), e *Theological Foundations for Environmental Ethics: Reconstructing Patristic and Medieval Concepts* (Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2009).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Quais são as contribuições da Encíclica *Laudato Si'* para a ciência e para a teologia?**

**Jame Schaefer** - O Papa Francisco demonstra, na *Laudato Si'*, a importância de buscar e apropriar-se de fatos científicos como

pré-requisito para tomar decisões prudentes. Ele segue o processo de ver-julgar-agir para a tomada de decisões prudentes salientado por Santo Inácio de Loyola no século XVI e explicado três séculos antes por São Tomás de Aquino (por exemplo, *Summa Theologiae*

2/2.47.8) em seu ensino sobre as virtudes morais, cuja chave é a virtude da prudência, que influencia as virtudes da justiça, temperança e fortitude.

**IHU On-Line - Como é possível compreender a relação en-**



## ***O Papa Francisco demonstra, na Laudato Si', a importância de buscar e apropriar-se de fatos científicos como pré-requisito para tomar decisões prudentes***

tre ciência e religião? Em que pontos uma área pode auxiliar e complementar a outra? Que relação é possível construir entre fundamentos teológicos e ética ambiental?

**Jame Schaefer** - Se entendemos a religião como uma forma organizada particular de conhecer e orientar os membros em relação a preocupações últimas e/ou uma Realidade sagrada, a teologia como pensamento crítico sobre como uma fé religiosa é demonstrada em palavras e ações, e as ciências naturais e sociais como formas de obter conhecimento sobre o mundo através de metodologias de pesquisa empírica, deveríamos ser capazes de reconhecer que cada uma tem seus próprios dados, métodos, campos de ação e limitações. Uma não tem a tarefa da outra. Entretanto, juntas, elas contribuem para a compreensão de um tema mútuo (por exemplo, a pessoa humana, a consciência, a Terra e o universo) de maneira mais abrangente do que uma única disciplina tem condições de proporcionar. O conflito só ocorre quando as disciplinas são confundidas, misturadas e/ou entendidas erroneamente.

Passei anos examinando os fundamentos teológicos para a ética ambiental na tradição teológica cristã católica e, menos profundamente, os fundamentos nas religiões mundiais. Visto que nas religiões alguns dos conceitos são expressos sob as condições de sua respectiva época (por exemplo, a bondade da criação), eles têm um sentido

profundo hoje em dia quando são informados por fatos científicos atuais. A reflexão sobre o sentido da bondade da criação hoje em dia pode nos estimular a valorizar outras criaturas, o processo evolutivo do qual todas as criaturas surgiram e a própria Terra como valiosas em si mesmas, e não exclusivamente para o uso humano.

**IHU On-Line - A fé religiosa inebria a compreensão da ciência? A perspectiva agnóstica limita o humanismo na ciência? Explique.**

**Jame Schaefer** - A fé religiosa e a reflexão teológica sobre ela jamais deveriam inebriar a compreensão da ciência. Os teólogos refletiram sobre Deus, a pessoa humana e o cosmo por séculos informados por sua compreensão do mundo em sua respectiva época. Hoje em dia, os teólogos e teólogas deveriam dar continuidade a essa tradição a fim de manifestar o sentido da fé religiosa e refleti-la em nossas ações. Essa é nossa responsabilidade como teólogos e teólogas e minha obrigação explícita como especialista em relacionar construtivamente a teologia e as ciências naturais.

**IHU On-Line - De que forma é possível compreender a teoria do Big Bang numa perspectiva que não destitua a ideia do criacionismo? E, baseado na Laudato Si', de que forma o Papa Francisco compreende essa teoria (como imagina que ele compreenda)?**

**Jame Schaefer** - Primeiramente, precisamos definir nossos termos

cuidadosamente porque "criacionismo" tem sido usado de várias formas, incluindo o uso feito dele por parte de literalistas bíblicos que aceitam como fato científico e histórico os relatos da criação enormemente distintos de Gênesis 1 e 2 ou, de alguma maneira, os misturam. Não há conflito quando aceitamos e valorizamos os esforços dos autores bíblicos inspirados para expressar sua fé no Deus criador e a responsabilidade humana para com Deus no contexto de sua época e compreensão primeva do mundo. Continuando naquele grande desafio, o "criacionismo" pode ser definido atualmente como crença no Deus que tornou possível tudo que existe, e sustenta na existência tudo que surgiu ao longo dos últimos 13,7 bilhões de anos a partir de uma singularidade finita chamada metaforicamente de "Big Bang" ou uma partícula infinitesimal já existente que começou a inflar-se. A conclusão que se tira das perspectivas das três religiões abraâmicas é que o universo (ou os universos múltiplos) não existiria se Deus não tivesse querido sua existência, sustenta sua existência sem interferir em seu funcionamento e o convoca para a consumação. O Papa Francisco compartilha essa perspectiva básica da fé na *Laudato Si'* e em todos os outros pronunciamentos que fez, homilias que proferiu e entrevistas que deu.

**IHU On-Line - Laudato Si' trata, em seu capítulo cinco, das "religiões no diálogo com as ciências". Qual sua avaliação sobre as perspectivas abordadas neste ponto da Encíclica? Como se dá o diálogo das religiões e da ciência na tentativa de explicar a totalidade da realidade?**

**Jame Schaefer** - Como você deve suspeitar, concordo inteiramente com o Papa Francisco. As ciências e as tecnologias podem oferecer algumas soluções para problemas ecológicos causados pelo uso excessivo e pelo abuso das tecnologias por parte dos seres humanos,



mas elas (as ciências e tecnologias) não podem nos motivar para agir no sentido de restringir nossas atividades e mitigar seus efeitos adversos. Como ele indica no nº 200 (LS), precisamos estar abertos para receber a graça de Deus e agir a partir das “mais profundas convicções sobre o amor, a justiça e a paz” que estão inseridas em nossas várias crenças religiosas. Ele incentiva as pessoas crentes a buscar nas profundezas de suas crenças religiosas “tesouros éticos e espirituais” para levar para o diálogo com os cientistas, tecnólogos e “movimentos ecológicos”, com o objetivo de resolver problemas e nos converter para viver de formas que promovam o florescimento da Terra.

Falando bem francamente, o fato de deixarmos de amar está na base dos problemas ecológicos atualmente - de deixarmos de amar uns aos outros e umas às outras, amar os pobres e vulneráveis, amar outras criaturas, amar os sistemas ecológicos dentro dos quais funcionamos, amar nosso lar comum com todos os outros e que deixaremos para futuros outros. Em última análise, ao deixar de amar os outros e as outras, deixamos de amar a Deus.

**IHU On-Line - Um dos conceitos centrais da *Laudato Si'* é a Ecologia Integral. Que leitura é possível fazer desse conceito? Como a Ecologia Integral rompe com o paradigma da ecologia profunda?**

**Jame Schaefer** - Talvez influenciado pela “teoria integral” do filósofo Ken Wilber,<sup>1</sup> o Papa Francisco nos urge a reconhecer e compreender a inter-relacionalidade e interdependência de todas as formas de vida biológica, do ar, da terra e da água e dos sistemas que constituem a Terra - nosso lar comum -, e quer que vivamos de formas que

<sup>1</sup> **Ken Wilber** (1949): nascido em Oklahoma, Estados Unidos, é um pensador e criador da Psicologia Integral, e de forma mais geral do Movimento Integral. Sua obra concentra-se basicamente na integração de todas as áreas do conhecimento. (Nota da **IHU On-Line**)

demonstrem nossa relacionalidade, com especial atenção aos pobres e vulneráveis. Viver seguindo a compreensão do Papa a respeito da “Ecologia Integral” exige levar todos os aspectos da existência humana em consideração - ambientais, econômicos, sociais, científicos e tecnológicos - quando nos envolvemos em diálogo sobre uma conversão ecológica que leve ao cuidado da Terra.

A compreensão de “Ecologia Integral” do Papa Francisco se harmoniza bem com as reflexões de alguns pesquisadores da “ecologia

“

## **O fato de deixarmos de amar está na base dos problemas ecológicos atualmente**

profunda” que escrevem a partir de uma perspectiva teológica e são motivados a agir por sua perspectiva de fé. Outros ecologistas profundos não se baseiam na fé religiosa, de modo que encontram sua motivação em suas conexões com a Terra, seus constituintes e seus sistemas.

**IHU On-Line - Na Encíclica, o Papa Francisco ataca a forma de consumo capitalista, uma das causas da deterioração do planeta. Para além da *Laudato Si'*, qual o papel da Igreja na busca pela consciência ambiental de uma Ecologia Integral? E como pode contribuir em discussões de temas como crise energética e emissão de gases?**

**Jame Schaefer** - Uma lista de documentos que os bispos americanos (a autoridade magisterial da Igreja Católica - o magistério) e seus comitês já contribuíram para

as discussões sobre a crise energética pode ser encontrada e acessada no sítio da Conferência Episcopal americana<sup>2</sup>. Mais deles se farão necessários e são de se esperar quando eles reagirem à *Laudato Si'* e a particularizem para os Estados Unidos.

**IHU On-Line - Como a teologia interpreta essa tese do antropocentrismo? Por quais razões esse conceito foi supervalorizado pela modernidade?**

**Jame Schaefer** - Se por “tese do antropocentrismo” você se refere a viver como se só a própria pessoa, outra pessoa humana e/ou o *homo sapiens* são intrinsecamente valiosos - isto é, valorizada por si mesma ou como uma espécie -, o antropocentrismo deve ser rejeitado por razões teológicas por qualquer pessoa que crê em Deus. Uma perspectiva teológica colocaria Deus acima e além de todos os outros como valioso no *self* divino.

Entretanto, se a “tese do antropocentrismo” a que você se refere insiste que os seres humanos são as únicas criaturas intrinsecamente valiosas entre as muitas animadas e inanimadas que constituem a Terra e todas as outras criaturas se destinam a ser usadas como instrumentos para satisfazer as necessidades e os desejos humanos, minha pesquisa sobre fontes teológicas patrísticas e medievais rejeita essa tese inteiramente. Sem apontar para as muitas fontes na tradição teológica católica que veiculam a valorização de todas as criaturas, embora aceitem valorizá-las para satisfazer as necessidades humanas (semelhante a que algumas criaturas usem outras em função de suas necessidades), o Papa Francisco urge explicitamente a valorização de outras criaturas, sistemas e na Terra por si mesmas (por exemplo, nºs 115, 118, 138, LS), à parte de sua utilidade para os seres humanos.

<sup>2</sup> Disponível em <http://bit.ly/1JOFrgn>. (Nota da entrevistada)

**IHU On-Line - O que o Papa Francisco sugere ao chamar atenção para a crise humana que está baseada numa visão antropocêntrica do homem?**

**Jame Schaefer** - Enquanto o antropocentrismo forte ou até fraco impulsionou ações humanas destrutivas, embora desincentivadas na tradição teológica cristã, o teocentrismo é vigorosamente incentivado. Viver teocentricamente significa orientar todas as nossas ações no sentido de dar a honra e glória a Deus (por exemplo, nº 127, LS). Essa é a tradição teológica jesuítica pregada e praticada pelo fundador da Companhia de Jesus da qual o Papa Francisco é membro professo.

**IHU On-Line - Como a senhora compreende o tecnocentrismo e o antropocentrismo? Em que medida o tecnocentrismo pode ser visto como ainda mais nocivo ao planeta do que o próprio antropocentrismo?**

**Jame Schaefer** - Você se refere ao "paradigma tecnocrático" que o Papa Francisco considera tirânico, reducionista, extremado, distorcido e nocivo? Nesse caso, concordo com o Papa Francisco que ficamos tão enredados na tecnologia e controlados por ela que procuramos soluções tecnológicas para problemas, excluindo outras formas de conhecimento e funcionamento em nossa relação mútua e com a Terra. Ele nos chama para uma "humanidade autêntica" (LS, nº 112) em que "recuperemos a profundidade da vida" (LS, nº 113), para "diminuir a marcha e olhar a realidade de outra forma" do que aquela que o paradigma tecnocrático abrange, "recuperar os valores e os grandes objetivos levados de roldão por nossas ilusões desenfreadas de grandeza" (LS, nº 114).

Nós sabemos que a engenhosidade humana produziu algumas tecnologias maravilhosas que melhoraram a saúde, a vida e o bem-estar dos seres humanos e de outros animais. Também sabemos que

tecnologias altamente perigosas (por exemplo, bombas atômicas e outras armas usadas na guerra) e incompletas (desde o nascimento, mas não até a morte - por exemplo, eletricidade gerada por usinas nucleares) foram e provavelmente continuarão sendo produzidas e exigirão restrições. Deixar de restringir a aplicação de tecnologias nocivas e/ou aplicá-las sem considerar e impedir seus efeitos adversos sobre seres humanos vulneráveis, outras espécies e sistemas atualmente e no futuro próximo deveria ser proscrito. Também deveria ser proscrita a exportação de tecnologias nocivas e/ou incompletas que não são admitidas nos Estados Unidos. Parece-me que o tecnocentrismo tirânico e reducionista provém de um antropocentrismo tirânico e reducionista que é seletivamente autocentrado e ultraganancioso.

“

***O Papa Francisco nos urge a reconhecer e compreender a inter-relacionabilidade e interdependência de todas as formas de vida biológica***

**IHU On-Line - De que forma a senhora interpreta o trecho da *Laudato Si'* que destaca que uma "Ecologia Integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano" (11)? É uma crítica à fragmentação do conhecimento e do pensamento científico?**

**Jame Schaefer** - O Papa Francisco quer que pensemos mais

profundamente sobre nós mesmos e sobre o que significa ser autenticamente humano do que permitem as ciências naturais e matemáticas. No livro *Deeper than Darwin* (Boulder: Westview Press, 2013), o teólogo John Haught<sup>3</sup> demonstrou o pensamento que é mais profundo do que a biologia evolutiva e o sentido que resulta da reflexão teológica. O Papa quer que pensemos profundamente sobre nossa racionalidade com todos os outros e com a Terra que está em perigo e, como São Francisco de Assis, "nos sintamos intimamente unidos a tudo que existe" e abordemos o meio ambiente com sua "abertura para a admiração e o encanto" (LS, nº 11) que fará "espontaneamente" com que cuidemos de nosso lar comum (LS, nº 12). Antes do que ser uma crítica do pensamento científico, a reflexão teológica busca debaixo dos fatos para explorar seu mais profundo sentido possível para a vida em um mundo em que todas as coisas estão relacionadas.

**IHU On-Line - Como compreender a experiência ecológica de São Francisco de Assis? Que proposta de ecologia São Francisco de Assis fazia surgir já na Idade**

<sup>3</sup> **John F. Haught:** professor de Teologia da Universidade de Georgetown, Estados Unidos, e membro sênior do Woodstock Theological Center. Graduado em Filosofia pela St. Mary's University, de Baltimore, é mestre e PhD pela Catholic University of America, Washington, com a tese *Foundations of the hermeneutics of eschatology*. É autor de inúmeros livros, dentre os quais destacamos *Deeper than Darwin: the prospect for religion in the age of evolution* (Boulder, Colo: Westview Press, 2003); *Purpose, evolution and the meaning of life* (Ontario: Pandora Press, 2004); *Is nature enough: meaning and truth in the age of science* (Cambridge: Cambridge University Press, 2006); e *Christianity and science* (Maryknoll: Orbis Press, 2007). Em português, leia Deus após Darwin. Uma teologia evolucionista (Rio de Janeiro: José Olympio, 2002). Leia as entrevistas *A incompletude do universo, um futuro aberto à criação* publicada nas Notícias do Dia, de 25-07-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1MH49Sx>; e *A nossa compreensão de Deus não pode ser a mesma depois de Darwin* publicada na IHU On-Line, edição 300, de 13-07-2009, disponível em <http://bit.ly/1IU29qg>. (Nota da IHU On-Line)

### Média (levando em conta a patristica e conceitos medievais)?

**Jame Schaefer** - Depois de estudar obras de São Francisco de Assis e sobre ele, seus predecessores e primeiros seguidores, vê-se que nos dão atitudes e ações para imitar: proteger fisicamente e dar alimento a outros animais, expressar piedade (na acepção medieval - amor, afeição, gentileza, compaixão, devoção e fidelidade) para com eles; viver com outros animais como companheiros seus; usar linguagem familiar para expressar sua proximidade para com eles; valorizar e preservar seus meios ambientes naturais; e sentir a reciprocidade dos animais para com eles (veja detalhes no capítulo 6, "Acknowledging Kinship and Practicing Companions", in: SCHAEFER, Jame. *Theological Foundations for Environmental Ethics* [Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2009] p. 149-191).

Somos desafiados e desafiadas hoje a demonstrar essas atitudes e ações na medida em que o ritmo da extinção de espécies se acelera, em parte por causa da destruição de seus habitats em função de efêmeros projetos de "desenvolvimento" ou "urbanização" e monoculturas. Entretanto, deveríamos nos conscientizar de quão estreitamente estamos relacionados com elas quando informados pela biologia evolutiva e molecular. Essa conscientização deveria nos levar a ser humildes em nossa época como foi exemplificado por São Francisco de Assis na época dele.

### IHU On-Line - Qual a visão ecológica para Igreja Católica nos Estados Unidos? Quais fundamentos teológicos sustentam essa visão?

**Jame Schaefer** - A Conferência Nacional dos Bispos dos Estados Unidos veicula uma "visão ecológica" da Igreja<sup>4</sup>. Na sequência do

<sup>4</sup> Conforme documentos: *An Invitation to Reflection and Action on Environment in Light of Catholic Social Teaching. A Pastoral Statement of the United States Catholic Conference* (United States Catholic Conference - USCCB), disponível em <http://bit.ly/1LWiuen>, publicado em 14 de novembro de 1991 em resposta à primeira declaração papal dedicada à crise ecológica; *Global Climate Change: A Plea for Dialogue Prudence, and the Common Good* (United States Catholic Conference - USCCB), disponível em <http://bit.ly/1LS26KN>, publicado em 15 de junho de 2001; e o Programa de Justiça Ambiental da Conferência, disponível em <http://bit.ly/1Lfk7eK>. (Nota da entrevistada)

lançamento da Encíclica *Laudato Si'*, expressou-se interesse, em círculos eclesiais e teológicos, em ressuscitar a "túnica inconsútil" e a "ética coerente da vida" do Cardeal Joseph Bernardin<sup>5</sup>, que apresentam continuidade com a

“  
**O tecnocris-  
mo tirânico e  
reducionista  
provém de um  
antropocris-  
mo tirânico e  
reducionista que  
é seletivamente  
autocentrado e  
ultraganancioso**

compreensão do Papa a respeito da "Ecologia Integral". Os fundamentos básicos da visão dos bispos estão resumidos em "ensinamentos sociais católicos"<sup>6</sup> que são fundamentados por sua compreensão magisterial (autoridade de ensino) da dignidade da pessoa humana.

rence - USCCB), disponível em <http://bit.ly/1LWiuen>, publicado em 14 de novembro de 1991 em resposta à primeira declaração papal dedicada à crise ecológica; *Global Climate Change: A Plea for Dialogue Prudence, and the Common Good* (United States Catholic Conference - USCCB), disponível em <http://bit.ly/1LS26KN>, publicado em 15 de junho de 2001; e o Programa de Justiça Ambiental da Conferência, disponível em <http://bit.ly/1Lfk7eK>. (Nota da entrevistada)

<sup>5</sup>Cardeal **Joseph Bernardin** (1928-1996): nascido em Columbia, Carolina do Sul, Estados Unidos, foi cardeal da Igreja Católica. Foi arcebispo de Chicago de 1982 até sua morte, e foi elevado ao cardinalato em 1983. Também exerceu o cargo de primeiro Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos Católicos dos Estados Unidos, de 1968 a 1972. Ele foi fundamental na formação da Igreja Católica nos Estados Unidos após o Concílio Vaticano II. Bernardin tornou-se um mediador entre as partes divergentes no mudo da Igreja pós-conciliar. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Disponível em <http://bit.ly/1fnnKuc>. (Nota da entrevistada)

Exploro mais profundamente os fundamentos patristicos e medievais para uma visão ecológica na obra *Theological Foundations for Environmental Ethics* (Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2009). Entre eles estão a bondade, a beleza, a sacramentalidade e a integridade da criação, o viver virtuoso e o amor à criação. Cada um deles sugere uma trajetória de ações morais.

### IHU On-Line - E como tem sido a recepção da Encíclica nos Estados Unidos?

**Jame Schaefer** - Não fiz um levantamento e não vi nenhum levantamento abrangente sobre a recepção da *Laudato Si'* nos EUA, mas indícios anedóticos apontam para uma reação variada, desde uma grande atenção por parte da mídia (chamada por um repórter de "megaevento encíclico"), passando por completo encanto por parte de ambientalistas e declarações de apoio por alguns bispos, até total ausência de menção da Encíclica durante missas católicas no fim de semana após a publicação dela. Podemos esperar outra *blitz* midiática quando o Papa Francisco visitar o país em setembro, quando, além de celebrar liturgias e se encontrar com religiosos professos, ele vai falar em uma sessão conjunta do Congresso (é a primeira vez que um Papa fará isso) e na Assembleia Geral das Nações Unidas. Se a mensagem dele afetará suficientemente o resultado das deliberações nos contenciosos Senado e Câmara de Deputados dos EUA é uma incógnita, embora tenhamos tido indícios suficientes de que o Presidente Obama e o Papa Francisco têm uma perspectiva semelhante sobre a mudança climática que deveria ser evidenciada pelas ações da delegação americana à Conferência das Partes da Convenção-Quadro da ONU sobre Mudança do Clima a ser realizada em Paris de 30 de novembro a 11 de dezembro. ■

# O novo e o velho na Encíclica de Francisco

Para Christiana Peppard, o Papa está ampliando e atualizando o trabalho de seus predecessores desde 1967. É nisso que reside, ao mesmo tempo, a novidade e o tradicional

Por João Vitor Santos | Tradução Luis Sander

**A** publicação da Encíclica *Laudato Si'* foi cheia de expectativa por ser a primeira gestada integralmente no pontificado de Bergoglio. A curiosidade se dava em torno do que o Papa, tido por alguns como reformador, traria de novo acerca do meio ambiente. Para Christiana Peppard, professora de Teologia, Ciência e Ética, Francisco não propõe quebras. Segue apoiado na tradição social da Igreja Católica, mas vai além, estende e atualiza a abordagem de temas já tratados por outros papas. “O que é novo é que Francisco está dando sustentação e propondo um contexto de atenção unificador para a equidade e a ecologia e identificando causas fundamentais desses problemas, que, em sua perspectiva, são tanto estruturais quanto morais”, destaca em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Com esse movimento, na perspectiva da professora, Francisco aproxima ciência e religião. Assim, busca um entendimento dos problemas da degradação da Terra a partir da realidade contemporânea de forma ampla e interdisciplinar, analisando desde as causas fundamentais desses problemas. “Para o Papa - assim como para muitos especialistas em ética ambiental e social do presente -, os problemas da pobreza e da degradação ambiental estão ligados e remetem a estruturas mais amplas de economias que não estão orientadas para objetivos verdadeiramente morais, que sustentem a vida”, explica.

Ao longo da entrevista, Christiana recupera o conceito de Ecologia Integral. Entende que “tem a ver, fundamentalmente, com relações. O que Francisco quer propor é uma visão de ‘ecologia integral’ que atente para o bem-estar de todos os seres humanos, agora e no futuro, bem como do planeta do qual toda a vida depende”. O que culmina na ideia de conversão integral, que para professora é a revelação de “que está na hora de reconhecermos e assumirmos responsabilidade por proteger as relações e os aspectos do mundo e da sociedade dos quais dependem a dignidade da vida humana e toda a vida na terra”.

Christiana Peppard é professora de Teologia, Ciência e Ética na Fordham University, universidade jesuíta de Nova Iorque. Seus projetos incluem a análise ética dos modos de valorizar fontes naturais de água em uma era de globalização econômica e construções dos conceitos da natureza e da natureza humana. Isto tendo como base as representações científicas, teológicas e filosóficas da materialidade. Entre suas publicações, estão *Just Water: Theology, Ethics, and the Global Water Crisis* (Maryknoll: Orbis Books, 2014) e “Fresh Water and Catholic Social Teaching: A Vital Nexus” (*Journal of Pensamento Social Católico*, vol. 9, iss. 2 (Verão 2012): 325-352). O artigo foi vencedor do Prêmio 2013 Catherine Mowry LaCugna da Sociedade Teológica Católica da América.

**Confira a entrevista.**



## Muitos políticos nos Estados Unidos têm ignorado convenientemente a ideia da responsabilidade moral global nos âmbitos econômico e ambiental

**IHU On-Line - Como Bergoglio articula a ideia de Crise Ecológica com a complexidade dos desafios contemporâneos? Como isso se evidencia na *Laudato Si'*?**

Christiana Peppard - *Laudato Si'* é claramente moldada por uma abordagem do tipo “ver-julgar-agir”, ou pelo que os jesuítas chamam de “ação-reflexão-ação”. Tomando como seu ponto de partida os problemas da degradação de “nossa casa comum”, a Encíclica descreve a realidade contemporânea e depois passa a analisar as causas fundamentais desses problemas. Para o Papa - assim como para muitos especialistas em ética ambiental e social do presente -, os problemas da pobreza e da degradação ambiental estão ligados e remetem a estruturas mais amplas de economias que não estão orientadas para objetivos verdadeiramente morais, que sustentem a vida. Na *Laudato Si'*, essas ideias se tornam claras através da análise que o Papa faz do problema.

Assim, ele apresenta sua interpretação bíblica da história de Caim e Abel e do que significa ser “guarda do irmão”, o que estende ao planeta, dizendo que as interpretações cristãs que justificaram a pilhagem do mundo natural são simplesmente incorretas e precisam ser corrigidas. Em capítulos subsequentes, o Papa trata da economia e da tecnologia e dos problemas de um “antropocentrismo moderno” que ignora nossa dependência fundamental do mundo natural. O capítulo quatro expõe sua visão positiva, moral da “ecologia integral” para o florescimento de todas as pessoas e da vida. Os dois

últimos capítulos conclamam à colaboração internacional e - o que é o mais importante - a uma contínua educação e conversão espiritual e ecológica.

**IHU On-Line - Qual abordagem a Encíclica oferece sobre a relação entre Ciência e Religião? Em que medida essa articulação se apresenta como alternativa ao tecnocentrismo e à compartimentação do conhecimento no meio científico?**

Christiana Peppard - *Laudato Si'* é um documento fascinante no tocante à religião e à ciência. Ela recorre aos ensinamentos consagrados da Igreja segundo os quais a ciência e a fé não estão em contradição e diz duas coisas. Em primeiro lugar, a fé não deveria contradizer o que a ciência identifica como verdadeiro. Isso implica que as interpretações da Escritura podem mudar - uma ideia que o próprio Francisco exige em relação ao “antropocentrismo moderno”! - e isso é muito importante. Mas, em segundo lugar, Francisco destaca, com razão, que a ciência, em e por si mesma, não tem uma bússola moral suficiente. É preciso haver fontes de sabedoria e princípios naturais reunidos a partir de culturas e tradições religiosas para ajudar a dar suporte às compreensões humanas da finalidade da ciência, de como ela deveria ser praticada e do que significa para o comportamento humano.

A concepção de Francisco - e eu concordo com ela - parece ser de que sem parâmetros morais tanto os mercados quanto a capacidade

tecnológica se tornarão “fins em si mesmos”. No entanto, devem, em vez disso, ser considerados meios para fins que estejam orientados para o florescimento de todas as pessoas e da vida no planeta.

**IHU On-Line - Como compreender os conceitos de natureza e natureza humana desde as perspectivas teológicas, filosóficas e científicas? Como a *Laudato Si'* articula esses conceitos?**

Christiana Peppard - Essa é uma pergunta muitíssimo ampla, mas importante. Enquanto está claro que, na visão do Papa, a humanidade criou uma autocompreensão caracterizada pela *hybris* (“natureza humana” como maximizados racionais do lucro, etc.) que implica uma determinada abordagem da “natureza” (como um recurso a ser explorado) nos últimos 300 anos, ele pensa que ambas são interpretações excessivas. Sim, a natureza humana inclui os poderes da criatividade e da inovação, e a tecnologia é um resultado disso. Sim, existem justificativas bíblicas para o “domínio” sobre a terra e suas criaturas.

O que o Papa quer salientar é que as formas como elas foram interpretadas não são necessariamente acuradas - não conduzem ao bem-estar da maioria das pessoas nem do planeta - e que de fato há outros modelos de como entender a natureza e de como ser humano. Precisamos resgatá-los e reintroduzi-los em nossa educação espiritual e ecológica, sugere Francisco. Para esse fim, seu principal exemplo é São Francisco<sup>1</sup>, naturalmente.

A questão é fascinante também porque, embora ele esteja disposto a reafirmar uma ordem natural do mundo, esse texto também está re-

<sup>1</sup> São Francisco de Assis (1181-1226): frade católico, fundador da “Ordem dos Frades Menores”, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da *IHU On-Line*, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, disponível para download em <http://migre.me/61MbS>. (Nota da *IHU On-Line*)

pleto de evidências de que o Papa aceita a mudança - mudança ambiental, mudança social, mudança econômica, mudança cultural, mudança política. Como esses conceitos de ordem natural e mudança endêmica combinam, essa é de fato uma questão muito fascinante que os pesquisadores vão explorar durante muito tempo. Com efeito, ela é um dos mais interessantes tópicos de discussão na filosofia, na teologia e na ciência atualmente, em minha opinião.

**IHU On-Line - Que caminhos a religião, e a teologia em específico, podem trazer para enfrentarmos a crise mundial da água?**

**Christiana Peppard** - A maioria das pessoas não sabe que a Igreja Católica vem defendendo um direito humano à água desde 2003, e que o Compêndio da Doutrina Social da Igreja<sup>2</sup> aborda o tema de um direito humano fundamental à água (cf. capítulo 10). Esse tema também aflora no primeiro capítulo da Encíclica, quando Francisco avalia qual é o estado de nossa casa comum. Nos parágrafos 28 a 30, ele salienta que a escassez de água limpa e potável está aumentando e que o acesso à água é um direito vital, fundamental que é essencial para a realização de todos os outros direitos.

A Encíclica é muito crítica em relação à privatização e mercantilização da água especialmente na medida em que afetam os pobres e beneficiam primordialmente empresas multinacionais. A Igreja Católica é um aliado muito importante para muitas organizações no mundo todo em termos da defesa de um direito à água (que foi reafirmado pela ONU em 2010), e aguardo com expectativa para ver como a Igreja integrará essa obrigação social em suas missões de caridade e de justiça nas próximas

**2 Compêndio da Doutrina Social da Igreja:** documento que reúne os princípios da Doutrina Social da Igreja. A função da doutrina social é o anúncio de uma visão global do homem e da humanidade e a denúncia do pecado de injustiça e de violência que de vários modos atravessa a sociedade. (Nota da IHU On-Line)

décadas. Creio que as organizações religiosas e as que lutam pela justiça ambiental são claramente líderes em temas como o direito à água.

**IHU On-Line - A encíclica apresenta a perspectiva de que, enquanto os poderes econômico e tecnológico têm melhorado as condições de vida de milhões de pessoas, outros são alijados dessa possibilidade. De onde vem essa dinâmica? Quais são os limites e possibilidades?**

**Christiana Peppard** - Como muitos economistas ecológicos, o Papa Francisco percebe que uma “maré montante” não eleva necessariamente todos os barcos. Ele não é contra o desenvolvimento, mas é contra o desenvolvimento que coloca os pobres e o planeta em perigo a fim de beneficiar uma pequena porção da humanidade. Sim, milhões de pessoas foram tiradas da pobreza, e nós deveríamos comemorar isso. Mas essas comemorações não deveriam obscurecer o fato de que muitas, muitas pessoas tiveram negado o acesso a esses benefícios ou foram impactadas negativamente, que sua economia ou seus meios de vida ou suas terras foram destruídas pela dinâmica econômica global.

Assim, o Papa chama a atenção para uma métrica econômica desequilibrada, para que o desenvolvimento possa ser verdadeiramente “integral” e “autêntico”. Na verdade, a proeminência dessas ideias no pensamento social católico remonta ao Papa Paulo VI<sup>3</sup> em *Populorum Progressio*<sup>4</sup>, e elas foram

**3 Papa Paulo VI:** nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da IHU On-Line)

**4 Populorum Progressio:** encíclica do Papa Paulo VI, intitulada *O Desenvolvimento dos Povos*, emitida na páscoa de 1967. Ela teve uma grande repercussão no mundo, especialmente, na América Latina. O documento está disponível on-line em <http://bit.ly/vaticanoII>. (Nota da IHU On-Line)

tratadas constantemente até mesmo por Bento XVI<sup>5</sup> e João Paulo II<sup>6</sup>.

**IHU On-Line - Para muitos, o Papa Francisco assume um papel político no debate das questões climáticas de forma única, como nenhum outro chefe de estado. Como isso deve repercutir em termos de políticas internacionais? Quais devem ser os impactos nos acordos e encontros como a COP 21?**

**Christiana Peppard** - Mesmo antes do encontro da COP em Paris, em dezembro, ficará claro como Francisco pretende usar a Encíclica por sua alocução ao Congresso americano e à ONU<sup>8</sup>. Como líder que é chefe de um Estado muito pequeno, mas também de uma Igreja muito grande, o Papa oferece uma voz moral que não tem paralelo em termos de alcance. Creio que veremos o Papa explicar que o moral é social, e que o social é político: nós temos uma responsabilidade para com nossos vizinhos globais de agir em relação a questões como a mudança climática, e de fazer isso agora. Ele não vai oferecer plata-

**5 Bento XVI,** nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da IHU On-Line)

**6 Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da IHU On-Line)

**7 COP 21:** COP é a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática. É a autoridade máxima para a tomada de decisões sobre os esforços para controlar a emissão dos gases do efeito estufa. Em 2015, a COP tem sua 21ª edição, a ser realizada em Paris, França, em dezembro. O objetivo é revisar o comprometimento dos países, analisar os inventários de emissões e discutir novas descobertas científicas sobre o tema. Foi criada na ECO-92 e teve sua primeira edição em 1995, em Berlim na Alemanha. Desde então, ocorre anualmente. (Nota da IHU On-Line)

**8** Está marcada para setembro de 2015 a visita do Papa Francisco aos Estados Unidos. Ele deve fazer um pronunciamento no Congresso norte-americano e na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas - ONU. (Nota da IHU On-Line)

formas ou propostas específicas em termos de políticas, mas acho que vai falar com franqueza. Ele quer ver as pessoas cooperarem em prol do bem comum, agora e no futuro.

**IHU On-Line - Como a Encíclica tem repercutido nos ambientes político, acadêmico e religioso nos Estados Unidos? De que forma a carta impactará na visita do Papa Francisco ao país?**

**Christiana Peppard** - Muitos políticos nos Estados Unidos têm ignorado convenientemente a ideia da responsabilidade moral global nos âmbitos econômico e ambiental. O Papa Francisco está questionando essa suposição, e isso é muito importante. Estou interessada em ver como sua visita aos EUA vai recorrer à *Laudato Si'* e, em particular, que mensagem ele vai transmitir ao Congresso.

Muitas pessoas - não apenas católicas - nos EUA estão interessadas no documento, o que é muito animador. A Encíclica está motivando muitas boas conversas. Isso se deve, em parte, ao fato de estar alinhado com desenvolvimentos importantes que estão ocorrendo na economia ecológica, na justiça ambiental e no ativismo. E, em parte, deve-se ao fato de esse Papa ser uma figura respeitada até mesmo nos EUA.

**IHU On-Line - Encíclicas de pontífices anteriores já trataram de temas sociais e econômicos e são, inclusive, recuperados por**

**Francisco na *Laudato Si'*. Qual a diferença de Francisco com relação aos seus antecessores no tratamento desses temas?**

**Christiana Peppard** - Francisco está dizendo algo novo e, ao mesmo tempo, não está. Em questões profundamente arraigadas na tradição social católica - como, por exemplo, o direito à água, a noção de hipoteca social sobre a propriedade privada, a realidade da mudança climática e a obrigação internacional, os limites do mercado -, Francisco está ampliando e atualizando o trabalho importante feito por seus predecessores desde 1967. Então, em certo sentido, isso é "velho". Mas o que é novo é que Francisco está dando sustentação a isso e propondo um contexto de atenção unificador para a equidade e a ecologia e identificando causas fundamentais desses problemas, que, em sua perspectiva, são tanto estruturais quanto morais. E, é claro, Francisco tem seu estilo retórico próprio e sua linguagem poético-pastoral. Isto, até mesmo em uma encíclica, lhe possibilita associar, de modo singular, críticas estruturais ou filosóficas com realidades do cotidiano em uma linguagem acessível. Isso é novo para uma encíclica.

**IHU On-Line - Do que se trata a conversão ecológica proposta por Francisco? Como podemos compreendê-la?**

**Christiana Peppard** - Ecologia tem a ver, fundamentalmente, com

relações. O que Francisco quer propor é uma visão de "ecologia integral" que atente para o bem-estar de todos os seres humanos, agora e no futuro, bem como do planeta do qual toda a vida depende. Na medida em que os seres humanos deixaram de manter esse marco moral como orientação para nossas ações, nós falhamos. Recorrendo às palavras do Patriarca Bartolomeu<sup>9</sup> - a quem Francisco cita nas primeiras páginas da encíclica -, ignorar essas relações e responsabilidades fundamentais para com Deus, nossos próximos e o planeta é cometer uma espécie de pecado ecológico.

Ecologia, aqui, é um termo mais amplo do que "meio ambiente" (embora o inclua). Esse termo se refere às relações fundamentais das quais nossa vida depende. Conversão ecológica significa, portanto, que está na hora de reconhecermos e assumirmos responsabilidade por proteger as relações e os aspectos do mundo e da sociedade dos quais dependem a dignidade da vida humana e toda a vida na terra. Isso não é parecido com atos simples como reciclar (embora isto também seja importante). Significa uma reorientação de nossas prioridades para reconhecer que o que significa ser humano é, em última análise, uma questão moral, teológica e corporificada, e que tudo - e todos e todas - está conectado. ■

<sup>9</sup> **Bartolomeu I:** Igreja Ortodoxa (1940): é um religioso grego (e um cidadão turco), o atual Patriarca de Constantinopla, principal bispo da Igreja Ortodoxa, desde o ano de 1991. (Nota da **IHU On-Line**)

## LEIA MAIS...

- "A cosmologia sem ecologia é vazia. Nosso futuro está em jogo. Existe algo mais importante?". Reportagem publicada no sítio National Catholic Reporter, de 21-11-2014, reproduzida em **Notícias do Dia**, no sítio do IHU, de 25-11-2014, disponível em <http://bit.ly/1HB0Jen>.
- *Visita do Papa aos EUA deve atizar a batalha do clima*. Reportagem publicada pelo The Hill, em 25-01-2015, reproduzida em **Notícias do Dia**, no sítio do IHU, de 27-01-2015, disponível em <http://bit.ly/1H55rWy>.

# A desertificação humana e ecológica

Patrick Viveret nega a binariedade ao pensar os desafios contemporâneos e identifica a solidão e a desertificação como sintomas de uma mesma racionalidade

Por Ricardo Machado | Tradução Sena A. Laetitia

**N**ão somente romper o projeto modernista de separar cada aspecto da vida humana e planetária em categorias específicas e pouco dialogais, mas também superar uma perspectiva binária de relação é o que propõe Patrick Viveret, em entrevista por telefone à **IHU On-Line**, ao apresentar sua leitura sobre a Encíclica *Laudato Si'*. "Aqui não é só um problema entre ciência e religião. É, de maneira mais ampla, a relação entre modernidade e tradição. A própria ciência é diretamente inspirada pela modernidade?", questiona. "Podemos ver hoje os limites, o lado sombrio da modernidade. Entretanto só se pode ver o lado escuro dela à medida que identificamos o lado luminoso e fazemos o mesmo com relação às culturas e sociedades de tradição", complementa.

Segundo o pesquisador, esse tipo de relação levou a uma interpretação do mundo como algo a ser dominado pelo homem, o que estaria relacionado à ideia moderna de um Deus unicamente uno e todo poderoso. Um dos principais impactos desta racionalidade resultaria nos processos de financeirização subsidiários de um certo tipo de economicismo. "Quando se tem uma lógica econômica com base no princípio da apropriação, no princípio da concorrência e no princípio da predação, é claro que não podemos responder a uma exigência ecológica alinhada à lógica da cooperação, do respeito e da não depredação", critica. "Há uma

passagem forte na qual o Papa recorda que a propriedade privada não pode ser considerada como um absoluto", sublinha.

Diante de tal contexto, Viveret ressalta a importância da Encíclica para compreender o caráter sistêmico dos desafios contemporâneos, o que inclui questões emocionais como a solidão e a depressão. "Trata-se da questão do deserto interior que está ligada à questão da desertificação ao nível ecológico. Esse é um ponto que tínhamos chamado do "duplo desarranjo climático", isto é, por um lado, a perturbação ecológica causada pelo aquecimento e, por outro lado, a perturbação emocional e relacional marcada pelo contrário, por certa glaciação, ou seja, a glaciação do coração, a glaciação da alteridade", ressalta.

Patrick Viveret é formado em Filosofia e doutor pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris. Na década de 1960, participou da Juventude Estudantil Cristã - JEC (*Jeunesse Étudiante Chrétienne*, no original). É autor de *Reconsiderar a Riqueza* (Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2006), *De la convivialité. Dialogues sur la société conviviale à venir, ouvrage collectif* (Paris: Éditions La Découverte, 2011) e *La Cause Humaine, du bon usage de la fin d'un monde* (Paris: Éditions Les Liens qui Libèrent, 2012).

**Confira a entrevista.**





**Quando se tem uma lógica econômica com base no princípio da apropriação, no princípio da concorrência e no princípio da predação é claro que não podemos responder a uma exigência ecológica alinhada à lógica da cooperação**

**IHU On-Line - Como a Encíclica *Laudato Si'* nos ajuda a termos um olhar mais complexo frente aos desafios de nosso tempo?**

**Patrick Viveret** - Ela nos ajuda na medida em que permite ver o caráter sistêmico dos diversos desafios que enfrentamos. O laço, por exemplo, entre o desafio ecológico e social. E por outro lado o Papa fala sobre a questão social, não só na encíclica, mas, por exemplo, em seu discurso na Bolívia.<sup>1</sup>

Para que possamos responder ao desafio ecológico que a Encíclica aborda, é preciso questionar o modelo da economia dominante e também relacioná-la aos diferentes desafios, inclusive, espirituais. Trata-se da questão do deserto interior que está ligada à questão da desertificação ao nível ecológico. Esse é um ponto que tínhamos chamado do “duplo desarranjo climático”, isto é, por um lado, a perturbação ecológica causada pelo aquecimento e, por outro lado, a perturbação emocional e relacional marcada pelo contrário, por certa glaciação, ou seja, a glaciação do coração, a glaciação da alteridade.

Por exemplo, quanto mais as pessoas se sentem solitárias e deprimidas, mais elas precisam de um consumo energético elevado. Por outro lado, uma pessoa que faz compartilhamento de carona (para

o trabalho, por exemplo) não só tem uma vida relacional de qualidade superior, mas também consome menos energia. Assim, a grande vantagem da Encíclica é destacar o caráter sistêmico, a interpelação de vários desafios. Não se contentar com a simples questão do clima, que é extremamente importante e é o sintoma de um problema mais profundo, em que a humanidade está em guerra com a natureza e porque ela está em guerra, de alguma forma, com ela mesma.

**IHU On-Line - O que significa resgatar a espiritualidade em tempos de crise? Em que medida isso ajuda a compreendermos a contemporaneidade?**

**Patrick Viveret** - Primeiro, temos de chegar a um acordo sobre a questão da espiritualidade. A espiritualidade é tudo o que permite à humanidade fazer a pergunta do essencial. O essencial do sentido. O problema do ser não é só o problema de ter; portanto, há uma questão espiritual obviamente cada vez mais importante, mas não devemos confundir espiritualidade com religião; espiritualidade e transcendência.

Por exemplo, existem grandes tradições espirituais que são tradições agnósticas ou mesmo ateísticas e, inversamente, pode haver tradições chamadas de materialismo religioso. Se nós temos uma forma de captação do sentido que afirma possuir o privilégio da relação com o divino, podemos ter os

mesmos efeitos perigosos que se tem na captação da riqueza do capitalismo ou mesmo do poder com o despotismo. Então, sim, é possível reparar que a questão espiritual é uma questão absolutamente importante, mas é muito mais importante ainda não confundir a espiritualidade com a religião e religião com religião monoteísta.

Assim, é preciso fazer uma relação entre esta Encíclica e a encíclica do Papa João XXIII,<sup>2</sup>

*Pacem in Terris*,<sup>3</sup> em que o Papa Francisco a dirige a todos os homens de boa vontade. Os desafios que ele aponta em 90% da encíclica são dirigidos a “todos os homens de boa vontade”, enfatizando assim o quanto a questão espiritual vai muito mais além do simples fato religioso e que é muito importante não confundir espiritualidade e religião.

Onde quer que o fato religioso seja vivenciado como sinal de fechamento, de dominação e regressão, neste momento, sim, a identificação entre os dois pode ser prejudicial. Deve-se dizer que vivemos em uma época de interpelação dos grandes fatos religiosos, haja vista o número de crimes, o número de falhas morais que foram cometidas em nome de Deus e em nome das religiões. Por isso há também necessidade de que as grandes tradições, especialmente as grandes tradições religiosas, façam um trabalho espiritual sobre si mesmas e possam responder a cha-

<sup>2</sup> **Papa João XXIII (1881-1963)**: nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Pacem in terris**: Carta encíclica do Papa João XXIII a todos os homens e mulheres de boa-vontade, com uma mensagem de esperança. A *Pacem in Terris* enuncia quatro critérios para uma sociedade em paz: verdade, justiça, amor e liberdade. Trata-se de quatro valores tão essenciais que constituem não somente os sinais que nos permitem reconhecer uma sociedade realizada, mas também os quatro princípios que sustentam o edifício da paz. A revista IHU On-Line já abordou esse tema na edição número 53, datada de 31 de março de 2003, com o título 40 anos depois: *Pacem in terris*. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>1</sup> A íntegra pode ser lida nas Notícias do Dia, de 10-07-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1IASSIG>. (Nota da **IHU On-Line**)

mada espiritual e ética que nem sempre está presente nas próprias culturas dominantes.

### **IHU On-Line - Qual a contribuição da Encíclica para superarmos uma concepção binária entre ciência e religião?**

**Patrick Viveret** - Aqui não é só um problema entre ciência e religião. É, de maneira mais ampla, a relação entre modernidade e tradição. A própria ciência é diretamente inspirada pela modernidade? Podemos ver hoje os limites, o lado sombrio da modernidade. Entretanto só se pode ver o lado escuro dela à medida que identificamos o lado luminoso e fazemos o mesmo com relação às culturas e sociedades de tradição. Por exemplo, a ciência nasceu como uma espécie de emancipação da liberdade de consciência para entender um universo que inicialmente foi capturado por uma interpretação religiosa que não autoriza a pesquisa científica autônoma. O Cristianismo tem tido famosas repercussões com Giordano Bruno,<sup>4</sup> que foi condenado ao postigo, com Galileu,<sup>5</sup> que foi for-

çado a negar a veracidade de sua teoria etc. Portanto, se quisermos superar este conflito histórico, é preciso reconhecer a parte legítima da modernidade, que é a liberdade, e identificar o seu lado escuro, que é a coisificação da natureza do ser vivo.

No fato religioso, o lado positivo, o lado luminoso está voltado para o lado da crença, na natureza, no discurso do sentido, nas questões pertinentes às relações sociais, mas, também, no lado perverso como a dependência. Se o laço social não deixa espaço para a liberdade ele se torna controle social. Se o sentido não está aberto a outras tradições, ele se transforma em sentido fundamentalista.

“

***Aqui não é só um problema entre ciência e religião. É, de maneira mais ampla, a relação entre modernidade e tradição***

Hoje onde há fundamentalistas religiosos, há também sociedades teocráticas, como é, por exemplo, o Irã. Podemos ver, assim, que há necessidade de viver a iniciativa, a liberdade necessária à ciência. Isto é um subconjunto da questão da modernidade, da mesma forma que a questão da religião é um subconjunto do problema maior das tradições milenares da humanidade sobre o discurso do sentido.

a principal contribuição de Galileu foi para o método científico, pois a ciência se assentava numa metodologia aristotélica de cunho mais abstrato. Por essa mudança de perspectiva é considerado o pai da ciência moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

### **IHU On-Line - Em que medida a atual e ininterrupta crise econômica que vivemos é resultado da Crise Ecológica denunciada por Bergoglio?**

**Patrick Viveret** - A encíclica é muito convincente nisso, porque mostra que a crise ecológica está ligada a uma forma econômica que é predatória. Quando se tem uma lógica econômica com base no princípio da apropriação, no princípio da concorrência e no princípio da predação, fica evidente que não podemos responder a uma exigência ecológica alinhada à lógica da cooperação, do respeito e da não depredação. Há uma passagem forte na qual o Papa recorda que a propriedade privada não pode ser considerada como um absoluto. De qualquer forma, somos os usuários, recebemos e temos o privilégio do uso desta terra, mas não somos os donos. Portanto, a lógica do capitalismo financeiro não possibilita resolver as principais questões ambientais de nosso tempo, e neste sentido a encíclica leva uma contribuição muito importante.

### **IHU On-Line - Que novidade a *Laudato Si'* traz ao debate relacionado às questões ambientais em perspectiva com a racionalidade economicista?**

**Patrick Viveret** - É especialmente a partir do momento em que a racionalidade econômica é colocada de volta como um subconjunto de questões ecológicas. A economia é a gestão das nossas pequenas visões, e entendemos que podemos preservar a nossa pequena casa somente se nós não prejudicamos a ecologia, os ecossistemas da grande casa comum. Assim essa postura convida a repensar a questão econômica à luz da questão ecológica e, é claro, à luz também da questão humana.

### **IHU On-Line - Do que se trata a ética do pensamento de Morin?**

**6 Edgar Morin** (1921-): sociólogo francês, autor da célebre obra *O Método*. Os seis livros da série foram tema do *Ciclo de Estudos sobre "O Método"*, promovido pelo IHU em parceria com a Livraria Cultura de Porto

**Como esta perspectiva dialoga com a ideia da Ecologia Integral de Francisco?**

**Patrick Viveret** - Morin tinha escrito um texto por antecipação intitulado "Terra pátria" levantando a questão daquilo que ele chama de "Política da humanidade" e que possa ser coerente com a preservação da nossa terra mãe. Portanto, existe uma estreita relação entre esta abordagem e a abordagem da ecologia integral desenvolvida pelo Papa.

**IHU On-Line - De que maneira a Laudato Si' coloca em pauta um novo entendimento sobre o humanismo?**

**Patrick Viveret** - Ela permite opor uma lógica de pré-humanidade a uma lógica que pode ser chamada de pós-humanidade, isto é, uma lógica levada pelas correntes que são fascinadas pela tecnologia principalmente como transumanismo. Isso permite também inserir a humanidade em uma dimensão mais ampla. A humanidade é a natureza nela mesma, ela não está colocada na natureza. Ela não está na natureza, portanto a humanida-

Alegre em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A religião dos saberes. O desafio do século XXI* (Bertrand do Brasil, 2001). Confira a edição especial sobre esse pensador, intitulada *Edgar Morin e o pensamento complexo*, de 10-09-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon402>. (Nota da **IHU On-Line**)

de deve compreender que é parte da cadeia de vida e sair de uma forma de humanismo de dominação sobre a natureza para passar a um humanismo de colaboração com a natureza.

## “ Trata-se da questão do deserto interior que está ligada à questão da desertificação ao nível ecológico

**IHU On-Line - Como pensar esse conceito em uma sociedade pós-humana? Como a ecologia Integral apresentada na Encíclica dialoga com essa perspectiva?**

**Patrick Viveret** - Em vez de um diálogo em termos de "pós", de pós-humanidade, temos de propor outra perspectiva positiva da pré-humanidade para a pós-humanidade. A pré-humanidade é o direito de cada ser humano de viver sua dignidade e não ser condenado à sobrevivência. É também a questão social levantada pelo Papa, mas que está também ligada ao seu discurso na Bolívia. É uma dimensão qualitativa, é o fato de que o ser humano não tem simplesmente uma vocação de sobrevivência biológica, mas também de viver plenamente a promoção humana, participar do desenvolvimento e

não apenas estar na corrida para ter, para possuir.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Patrick Viveret** - Há uma questão que não se encontra diretamente abordada na Encíclica que faz a ligação com as questões ambientais e também com as questões espirituais. É o fato de que, além dos problemas de energia e carbono, temos também cada vez mais um problema com a gestão do oxigênio. O oxigênio se refere diretamente a uma questão do sentido em todas as tradições. É a questão da respiração devido ao fato de que um dos problemas que não é suficientemente abordado nos relatórios científicos é o problema dos oceanos e o fato de que os fitoplânctons são os principais promotores do oxigênio nos oceanos. Ele está ameaçado desde os anos 1950. Estamos testemunhando um desaparecimento de cerca de 40% de fitoplâncton. Por isso esta é uma questão mais importante ainda que a do carbono.

Trata-se de um acelerador de consciência, porque para muitas pessoas o clima ainda está relativamente distante, enquanto a questão da respiração é uma necessidade que todo ser humano entende e que poderia ser uma dimensão que a chamada do Papa poderia alcançar. Ela está envolvida à questão do mar abordada na Encíclica. A questão do fitoplâncton é a do oxigênio, e lá ela se conecta com a grande questão espiritual por excelência, que é a questão do sopro, da respiração. ■

## LEIA MAIS...

– “*Estamos indo em direção a uma qualidade superior de humanidade*”. Entrevista com Patrick Viveret publicada nas *Notícias do Dia*, de 07-02-2010, disponível em <http://bit.ly/1DeLb3C>;

# A luta pela Ecologia Integral na Amazônia brasileira

Roseanne Murphy retoma o legado de Dorothy Stang, missionária e religiosa, assassinada enquanto lutava pelo direito à terra e pela preservação do meio ambiente

Por João Vitor Santos | Tradução: Walter O. Schlupp

Pouco antes da divulgação oficial da Encíclica *Laudato Si'* pelo Vaticano, o portal Crux divulgou reportagem que revelava que o Papa Francisco, na feita do documento, não se esqueceria da "Martir da Amazônia"<sup>1</sup>. A Mártir é a irmã Dorothy Stang, assassinada há dez anos por grileiros. Sua morte teve repercussão internacional por trazer à luz a verdadeira guerra por terras que ocorre no norte do Brasil. Um dos tantos efeitos nefastos dessa guerra é a destruição da Floresta Amazônica através das ações dos grandes fazendeiros. "Ela desenvolveu uma paixão por ajudar os agricultores a conhecer seus direitos humanos, os quais eles não conheciam, assim como também não sabiam que tinham dignidade de seres humanos", destaca a irmã Roseanne Murphy, biógrafa de Dorothy, que pertence à congregação das Irmãs de Notre Dame de Namur, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

Ao longo da entrevista, a religiosa, que integra a mesma ordem que a irmã Dorothy, analisa a Encíclica *Laudato Si'* e vê no documento muito dos preceitos da freira morta no Brasil. E, para isso, recorda as ações da missionária. "Ela ensinou os lavradores a usarem agricultura sustentável em vez do cultivo baseado

na derrubada e queimada", lembra. Para Roseanne, a Ecologia Integral do Papa Francisco conclama a todos a repensar sua relação com o planeta, com o outro. Isso, na sua opinião, reforça e torna mais viva a luta de Dorothy Stang. "Dorothy teria ficado radiante com a encíclica. Ela vinha manifestando as mesmas ideias que o Papa Francisco expressa em sua encíclica", exalta.

Roseanne Murphy é mestre e doutora em Sociologia. Atuou durante 37 anos no Department Chair for the Sociology/Psychology Department no Notre Dame de Namur University, novo nome do antigo Colégio de Notre Dame, onde atualmente ocupa o cargo de vice-residente. Trabalhou na pesquisa sobre o trabalho apostólico de São Julie Billiart, fundadora das Irmãs de Notre Dame. Ela ficou tão entusiasmada com a vida de São Julie, que escreveu uma nova biografia da religiosa. O livro, *Julie Billiart, Uma Mulher de Coragem*, foi publicado em 1995. Por causa desse trabalho, ela foi convidada a escrever sobre a vida de Irmã Dorothy Stang. Seu segundo livro, *Mártir da Amazônia: A vida de Irmã Dorothy Stang* (São Paulo: Paulus), foi publicado em 2007.

Confira a entrevista.

**HU On-Line - Como resumir a atitude de Dorothy Stang nas questões ambientais? Quais eram alguns dos seus lemas e qual seu embasamento teológico? Como**

<sup>1</sup>A reportagem foi reproduzida pelo sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1gxl5v>. (Nota da IHU On-Line)

**imagina que a Irmã Dorothy receberia a Encíclica *Laudato Si'*?**

Roseanne Murphy - A Irmã Dorothy foi para o Brasil em 1966, começando seu ministério em Coratá, nordeste do Brasil. Ela nunca esteve num lugar onde trabalhado-

res eram tratados como virtuais escravos dos proprietários de terra. Ela e outras irmãs de Notre Dame<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Irmãs de Nossa Senhora de Namur (mais conhecidas como Irmãs de Notre Dame de Namur): congregação religiosa feminina da Igreja Católica, dedicada à educação dos mais pobres. Fundada em 1804, em Amiens, Fran-

começaram a se encontrar com agricultores para iniciar “Comunidades cristãs de base”, ensinando os agricultores sobre a religião católica, sobre a qual sabiam muito pouco, e sobre a Bíblia. Ela estimulou alguns agricultores a tomarem a iniciativa de encorajar outros a virem para as reuniões.

Aos poucos, ela começou com aulas especiais para os líderes, os quais vinham para a cidade e permaneciam com as irmãs durante o fim de semana. O objetivo era crescer na fé e aprender mais sobre como ensinar outras pessoas sobre sua religião. A Irmã Dorothy e outras irmãs chamaram a atenção de alguns militares na cidade, sendo colocadas sob suspeita de serem “comunistas”.

Ela desenvolveu uma paixão por ajudar os agricultores a conhecer seus direitos humanos, os quais eles não conheciam, assim como também não sabiam que tinham dignidade de seres humanos. Também contribuiu para que os agricultores construíssem escolas para seus filhos, mesmo que os donos da terra não quisessem que se construíssem escolas, ou que as crianças recebessem instrução. Ela viu a destruição da terra que estava acontecendo naquela região.

## Devastação na Amazônia

Irmã Dorothy tinha se mudado para a floresta amazônica quando esta foi liberada para os pobres, os quais receberam 250 hectares cada para construir um lar e trabalhar

ça, durante o Período Napoleônico (1799-1815), por Santa Júlia Billiard (1751-1816) e Maria Luíza Francisca Blin de Boudon (1756-1838). A missão inicial da congregação era a educação dos jovens e a formação de professores de religião. As regras da congregação e sua espiritualidade são de inspiração inaciana. A congregação está presente no Congo, Quênia, Nigéria, África do Sul, Zimbábue, Bélgica, Grã-Bretanha, França, Itália, Escócia, Japão, Estados Unidos, Nicarágua, Peru e Brasil. No Brasil as Irmãs de Nossa Senhora de Namur estão no Pará (Belém, Anapu, Itaituba, Região do Xingu) e no Ceará (Fortaleza). Na missão em Anapu, Pará, ocorreu o assassinato de Irmã Dorothy Stang. (Nota da IHU On-Line)

20% da sua terra, deixando 80% em seu estado natural. Viu a devastação da terra pelos madeireiros, os quais escondiam suas ações da polícia.

No Pará, 99% da derrubada era ilegal, mas o governo não dispunha de efetivos de segurança para monitorar o que estava acontecendo. Além disso, muitos deles estavam sendo subornados. Quando os madeireiros quiseram aumentar suas terras para derrubar árvores visando ao lucro, muitas vezes contratavam pistoleiros para matar os pobres que tinham colonizado a terra recebida do governo e que tentavam proteger seus lares.

Ao longo dos primeiros cinco anos do seu tempo no Brasil a estação chuvosa encolheu de nove para cinco meses por ano. Os mananciais e rios baixaram, e quando os pecuaristas adubaram a terra que eles tinham desmatado para plantar uma forma resistente de capim que eliminava todos os outros tipos de planta, os produtos químicos foram levados para os rios, onde os pobres pescavam para se alimentar.

A floresta amazônica perdia milhares de hectares todos os anos, e quando o solo não conseguia mais produzir qualquer vegetação, transformava-se em deserto irrecuperável. A Irmã Dorothy usava uma camiseta com as palavras “A morte da floresta é a morte de nós todos”.

## Amazônia de Dorothy

A região amazônica é uma das maiores fontes de oxigênio do mundo, possuindo vegetação utilizada em 30% dos produtos farmacêuticos em todo o mundo. Ela ensinou os lavradores a usarem agricultura sustentável em vez do cultivo baseado na derrubada e queimada, como tinham aprendido dos seus ancestrais indígenas, os quais não tinham as ferramentas para cortar árvores e arbustos o suficiente para limpar uma área para o plantio. Quando se esgotavam os nutrientes do solo, faziam queima-

da em outro lugar a fim de limpar a terra para o cultivo. Ela mostrou aos agricultores como enriquecer o solo a fim de reutilizar a terra para sua alimentação.

Irmã Dorothy era uma mulher de grande fé e católica devota. Ela levava sua Bíblia onde quer que fosse. Desde o início da Bíblia, no livro de Gênesis, quando Deus criou o mundo, Ele viu que este era “bom”. Dorothy amava a floresta e os animais na floresta. Ela chorava ao ver as árvores sendo destruídas e os animais, dizimados. Ela sabia que o consumismo a dominar o mundo, e a ganância daqueles que gostariam de usar indiscriminadamente os produtos da natureza, eram responsáveis por destruir a terra e a floresta, sem ter em conta as futuras gerações e, especialmente, sem levar em consideração os pobres.

O cristianismo se baseia na crença de que Deus criou o mundo, e que nós, seres humanos, seríamos capazes de cuidar dele, ou, como no caso da Amazônia, capazes de destruí-lo. Ela viu a destruição desenfreada da natureza e o desrespeito às pessoas pobres que estavam tentando sobreviver ali e que eram consideradas “dispensáveis”.

## Laudato Si'

Na Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco exorta todas as pessoas de boa vontade a trabalharem para salvar o planeta da destruição irreparável e levarem em consideração a próxima geração. Do contrário, ignorando isso, as próximas gerações acabarão por herdar terras destruídas e águas contaminadas. Dorothy teria ficado radiante com a encíclica. Ela vinha manifestando as mesmas ideias que o Papa Francisco expressa em sua encíclica, porque ele via a mesma coisa acontecendo em seu país natal, Argentina.

IHU On-Line - Que é o conceito de “ecologia integral” na Encíclica

ca e como se relaciona com pontos de vista da Irmã Dorothy?

**Roseanne Murphy** - Na Encíclica, o Papa Francisco explica detalhadamente as razões pelas quais o clima está mudando tão drasticamente, e como os ecossistemas estão sendo arrasados. Ele destaca a delicada relação entre o meio ambiente e atitudes humanas perante a natureza. Condena o fato de que a criação seja vista pela maioria das sociedades como algo a ser “usado” para os seus fins, sem levar em conta os danos infligidos à flora e fauna de cada continente. Ele afirma: “A saúde das instituições de uma sociedade tem consequências para o ambiente e para a qualidade de vida humana.” Por exemplo, ele destaca que a demanda por drogas ilegais nas sociedades mais ricas tem impacto sobre os países pobres, custando-lhes vidas e a destruição de suas terras.

Irmã Dorothy viu que a demanda por carne bovina, por exemplo, provocava a destruição da Floresta Amazônica. Os países ricos exigiam mais e mais carne. Assim, os ricos proprietários de terras viram como oportunidade para aumentar os lucros ainda mais, mesmo sabendo que os agricultores pobres seriam mortos para que se assumisse o controle de sua propriedade, com a finalidade de criar mais gado.

Dorothy teve uma experiência de primeira mão ao ver os agricultores sendo expulsos de suas terras legítimas ou sendo mortos, caso se recusassem a sair para que os proprietários de terra ricos pudessem criar mais gado. Os responsáveis pelos assassinatos eram as pessoas ricas, cujo objetivo era conseguir ainda mais dinheiro para aumentar a riqueza. A ganância dos ricos motivava a expansão de seus negócios.

O Papa assinalou que a avareza leva muitas pessoas a desprezar a terra e os pobres que nela vivem. Irmã Dorothy sabia muito bem que as pessoas pobres, que viviam literalmente da terra pela pesca, pelo

cultivo de arroz, feijão, etc., estavam sendo privadas de seus alimentos e meios de subsistência.

## Devastação cultural do pobre

Além da destruição da terra, o Papa destaca na sua Encíclica que estão sendo destruídas a cultura e a dignidade das pessoas submetidas à exploração pelos ricos. Irmã Dorothy trabalhou duro para convencer as pessoas que ela conhecia. Queria deixar claro que elas tinham direito a uma vida digna, e que seus filhos mereciam receber instrução. Assim, ajudou os agricultores a formar um sindicato e incentivou as mulheres a iniciar um “movimento das mulheres” para ajudá-las a adquirir um senso de valor.

O Papa escreve que todas as pessoas almejam um “lar” digno, asseado, um lugar onde se possam sentir aceitas na comunidade. Ele também menciona que todo mundo deve ter acesso a serviços essenciais, como assistência médica, serviços jurídicos, etc., precisam sentir que são protegidos pelo sistema jurídico.

Irmã Dorothy negociava, ia para rua, sentava por horas a fio com membros da organização que distribuía a terra para os pobres quando estavam sendo grilados. Ela foi a Brasília conversar com órgãos federais sobre os abusos contra os pobres no Pará. Repetidas vezes lhe recusaram ajuda. Na verdade, ela tinha recebido promessa de proteção no dia em que foi assassinada, quando de fato a deixaram sem qualquer segurança.

## Inspiração apostólica

A missionária conhecia os escritos dos papas que, no passado, tinham lançado encíclicas sobre o direito dos povos a ter casa, trabalho e vida digna. Papa Leão XIII escreveu *Rerum Novarum*, sobre o direito dos trabalhadores, sobre o direito de todas as pessoas a uma vida digna. O Papa João XXIII, em

*Pacem in Terris*, de 1971, escreveu: “Por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, [o ser humano] começa a correr o risco de a destruir e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação.” Ele falou da catástrofe ecológica devida à efetiva expansão da civilização industrial.

São João Paulo II, em sua primeira encíclica, alertou contra a destruição do meio ambiente natural e conclamou para a conversão ecológica global, mudando nosso estilo de vida. Mais recentemente, o Papa Bento XVI conclamou para a conversão da vida e alertou que os seres humanos não podem presumir que o meio ambiente está aí apenas para o seu próprio consumo. Ele acrescentou que destruir o meio ambiente faz com que os seres humanos fiquem incapazes de salvá-lo da destruição. O Papa Francisco segue o pleito de muitos papas do passado no sentido de que as pessoas pensem em partilhar os bens da terra, preservando a criação, a qual se destina a melhorar a vida de todas as pessoas.

## Dorothy em Francisco

Irmã Dorothy concordaria plenamente com o Papa Francisco. Ela disse muitas vezes que o “povo do norte”, referindo-se aos Estados Unidos e Canadá, estava consumindo muito mais do que seu quinhão dos bens da terra. Ela incluía o meio ambiente, em contraste com os outros povos. Pediu que adquirissem apenas o que precisassem, e não tudo que quisessem. Papa Francisco frequentemente falou da nossa cultura do excesso, onde as pessoas continuam adquirindo coisas que elas entendem como sinal de sua importância.

Como consequência da destruição do meio ambiente, o Papa Francisco relaciona os efeitos sobre a criação. Ele diz que estamos enfrentando uma poluição em nível sem precedentes (ele cita a China como um exemplo), acidificação do solo, resíduos não biodegradáveis e

industriais, além dos resíduos nucleares. Ele expressa seu alarme ao dizer que a Terra, nosso lar, está começando a parecer uma montanha de sujeira. Mas o pior é que, para ele, parece haver uma perda generalizada de um senso de responsabilidade para com os nossos concidadãos, homens e mulheres das quais toda a sociedade civil depende. Todas essas situações, precisamente, a Irmã Dorothy percebeu na floresta amazônica.

**IHU On-Line - Assim, considere irmã Dorothy a "Padroeira da Laudato Si'?"**

**Roseanne Murphy** - Irmã Dorothy é certamente uma pessoa que poderia ser usada como exemplo de quem personifica tudo que o Papa Francisco descreve: como alguém que honra e ama o meio ambiente, que trabalhava em prol da justiça social. A tal ponto que, dez anos antes de seu assassinato, em 12 de fevereiro de 2005, ela já constava na "lista negra" de muitos proprietários de terra.

Ela sempre levava a Bíblia, mapas da terra concedida aos agricultores pobres, seu breviário e as leis fundiárias brasileiras. Acreditava que as leis seriam cumpridas. No ano anterior a seu assassinato, a Ordem dos Advogados do Brasil concedeu-lhe o "Prêmio de Direitos Humanos" por sua atuação em prol da justiça para os agricultores. Sua fé religiosa era muito forte, dia-

riamente ela rezava por conseguir melhorar a vida das pessoas para quem ela trabalhava.

### As obras de Dorothy Stang

Ela iniciou 23 escolas, criou programas de formação de professores, ajudou a fundar um sindicato de lavradores, um movimento de mulheres e foi capaz de resolver muitas disputas fundiárias em favor dos agricultores que tinham sido despojados pelos latifundiários. Dorothy começou a ensinar os agricultores a cultivar a terra sem destruir o solo e os encorajou a replantar as árvores que haviam sido derrubadas. Isso e muito mais pode ser enumerado como razão para designar a Irmã Dorothy Stang como Padroeira da Encíclica.

No entanto, o Papa Francisco já designou seu xará como Patrono da Encíclica, já que São Francisco igualmente se preocupou com "Irmão Sol e Irmã Lua" e encarava todas as criaturas como dádivas de Deus. Seja lá quem tenha sido ou seja designado padroeiro ou padroeira, a mensagem da encíclica é muito poderosa. Todas as pessoas fariam bem em lê-la com atenção e levá-la a sério. É um alerta para todos nós, e se nós a ignorarmos, fá-lo-emos sob risco próprio.

**IHU On-Line - Depois da morte da irmã Dorothy, como a congre-**

**gação das Irmãs de Notre Dame de Namur vem trabalhando as questões ambientais? E como tem sido a atuação no norte do Brasil?**

**Roseanne Murphy** - As Irmãs de Notre Dame de Namur têm um grupo internacional de Irmãs cujo ministério é manter todas as Irmãs (cerca de 2000) informadas sobre questões de justiça social. Para responder a esta questão, recorri à irmã Jane Dwyer<sup>3</sup>, que está em Anapu, no Pará. É apenas um exemplo do que nossas irmãs estão fazendo. Nossa missão é educar os "pobres nos lugares mais abandonados." Embora existam muitas irmãs que trabalham nos EUA em escolas modernas, a nossa missão é informar e motivar os alunos sobre os pobres no nosso próprio país e no exterior.

Irmãs de Notre Dame atuam em sete dos nove continentes. Queremos que as pessoas saibam que "Deus é bom" e que tenham direitos humanos em função da justiça e da nossa esperança de paz. Além de nossas escolas, também temos clínicas na África e trabalhamos em áreas de pobreza, ajudando as pessoas a encontrar a ajuda de que necessitam. ■

3 A contribuição da irmã Jane Dwyer é um relato sobre a situação no norte do Brasil e está publicada nesta edição da **IHU On-Line**. Confira em Artigo da Semana na seção Destaques da Semana. (Nota da **IHU On-Line**)

## LEIA MAIS...

- *O grande levante social e religioso de Irmã Dorothy*. Entrevista com Margarida Pantoja, publicada nas **Notícias do Dia**, de 12-02-2009, do sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1TgSBHi>.
- *Irmã Dorothy: mártir, profeta, mística e santa proclamada pelo povo*. Entrevista com David Stang, publicada nas **Notícias do Dia**, de 01-03-2009, do sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1fhjMTZ>.
- *Dorothy Stang. Os assassinos em liberdade no faroeste verde*. Reportagem da **Revista Época**, reproduzida em **Notícias do Dia**, de 18-11-2011, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1fhk9hf>.
- *Irmã Dorothy, Anapu e Belo Monte*. Entrevista com Felício Pontes Júnior, publicada em **Notícias do Dia**, de 09-02-2011, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1NJ6MB8>.

# Os conflitos pela terra no Norte do país e as Irmãs de Notre Dame de Namur

Por Jane Dwyer

“**A**s pessoas entendem que a terra aqui é basicamente terra do governo e deve ser usada para os pobres na agricultura familiar. A invasão de terra de que os pobres são acusados aconteceu nas mãos dos ricos. Eles invadiram, venderam e roubaram terras do governo. As pessoas estão a tomá-las de volta rapidamente e a custo elevado para elas e há muitos riscos”, escreve a irmã Jane Dwyer. A religiosa pertence à congregação das irmãs de Notre Dame de Namur. É o mesmo grupo da missioneira Dorothy Stang, assassinada há dez anos no norte do país. Irmã Dorothy se tornou referência na luta pelo direito à terra e pela preservação do meio ambiente. Irmã Jane é uma das missionárias que seguem o trabalho da freira assassinada. No ano em que se completam dez anos da morte de Dorothy Stang, Jane apresenta um relato da atual situação no norte do Brasil.

Jane Dwyer, Irmã de Notre Dame<sup>1</sup> de Namur, tem 75 anos. Entrou para a Congregação em 08 de setembro de 1963, no mesmo dia em que participou do “I have a dream”, marcha de Martin Luther King em Washington, nos Estados Unidos. Irmã Jane está no Brasil desde 20 de janeiro de 1972.

Eis o artigo.

É evidente que o Projeto “1 Milhão de Árvores”, ao qual nos propomos, já passou desse número. Mas não é um projeto, e sim um modo de vida. Aqui, todos têm seus viveiros individuais e comunitários, cheios de mudas. Nós replantamos a floresta todos os dias. Até nosso quintal. É um modo de vida.

Os conflitos de terra também fazem parte disso. As pessoas entendem que a terra aqui é basicamente terra do governo e deve ser usada para os pobres na agricultura familiar. A invasão de terra de que os po-

bres são acusados aconteceu nas mãos dos ricos. Eles invadiram, venderam e roubaram terras do governo. As pessoas estão a tomá-las de volta rapidamente e a custo elevado para elas e há muitos riscos. Nós acompanhamos esse movimento aqui em Anapu<sup>2</sup>.

Nós, da nossa parte, não incitamos as ocupações de terra, mas quando as pessoas ocupam e mostram as suas razões, geralmente constituídas de documentação ilegal, etc., nós acompanhamos e providenciamos reuniões e espaços. Eles entendem que é a agricultura familiar dos pobres que planta e salva as árvores. A floresta só tem valor enquanto está de pé. E as pessoas lutam para manter a floresta em pé. Elas bloqueiam estradas, impedem caminhões de madeireiros, denunciam. Fazem de tudo para salvar a floresta e ocupam terras para que os madeireiros não possam usar a floresta.

Nosso povo se mobiliza para defender o pequeno agricultor, os índios, pescadores e ribeirinhos. São pes-

<sup>1</sup> Irmãs de Nossa Senhora de Namur (mais conhecidas como Irmãs de Notre Dame de Namur): congregação religiosa feminina da Igreja Católica, dedicada à educação dos mais pobres. Fundada em 1804, em Amiens, França, durante o Período Napoleônico (1799-1815), por Santa Júlia Billiard (1751-1816) e Maria Luíza Francisca Blin de Boudon (1756-1838). A missão inicial da congregação era a educação dos jovens e a formação de professores de religião. As regras da congregação e sua espiritualidade são de inspiração inaciana. A congregação está presente no Congo, Quênia, Nigéria, África do Sul, Zimbábue, Bélgica, Grã-Bretanha, França, Itália, Escócia, Japão, Estados Unidos, Nicarágua, Peru e Brasil. No Brasil as Irmãs de Nossa Senhora de Namur estão no Pará (Belém, Anapu, Itaituba, Região do Xingu) e no Ceará (Fortaleza). Na missão em Anapu, Pará, ocorreu o assassinato de Irmã Dorothy Stang. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Anapu: município brasileiro do estado do Pará. (Nota da IHU On-Line)



soas oprimidas e reprimidas pela represa Belo Monte<sup>3</sup> aqui em Altamira<sup>4</sup>. Nós somos um dos municípios afetados. A destruição é maciça e imoral.

## Ações na comunidade

As pessoas, especialmente as mulheres, trabalham com sementes, nozes, folhas e outros itens naturais da floresta para fazer biojoias, artesanato, etc. Peças extras de madeira são usadas para fazer móveis e seu acabamento. Estão educando seus filhos na mesma linha. Há uma luta constante para conseguir educação para as comunidades florestais, para que as crianças não sejam mandadas para as cidades, onde elas perdem seu senso de identidade e valor. O Projeto de Desenvolvimento Sustentável - PDS Esperança agora tem 13 escolas, e não abrirá uma escola secundária. Tem sido uma longa luta, mas as crianças vão ficar junto a suas famílias.

<sup>3</sup> **Belo Monte**: projeto de construção de usina hidrelétrica previsto para ser implementado em um trecho de 100 quilômetros no Rio Xingu, no estado brasileiro do Pará. Planejada para ter potência instalada de 11.233 MW, é um empreendimento energético polêmico não apenas pelos impactos socioambientais que serão causados pela sua construção. A mais recente controvérsia sobre essa usina envolve o valor do investimento do projeto e, conseqüentemente, o seu custo de geração. Saiba mais na edição 39 dos **Cadernos IHU em formação**, *Usinas hidrelétricas no Brasil: matrizes de crises socioambientais*, em <http://bit.ly/ihuem39>; e nas entrevistas publicadas no sítio do IHU: *Belo Monte: a barreira jurídica*, com Felício Pontes Júnior, dia 26-04-2012, em <http://bit.ly/ihu260412>; *Belo Monte. "O capital fala alto, é o maior Deus do mundo"*, com Ignez Wenzel, dia 28-01-2012, em <http://bit.ly/ihu280112>; *Belo Monte e as muitas questões em debate*, com Ubiratan Cazetta, dia 23-01-2012, em <http://bit.ly/ihu230112>; *"Belo Monte é o símbolo do fim das instituições ambientais no Brasil"*, com Biviany Rojas Garzon, dia 13-12-2011, em <http://bit.ly/ihu131211>; *Não é hora de jogar a toalha e pendurar as chuteiras na luta contra Belo Monte*, com Dom Erwin Krautler, dia 03-08-2011, disponível em <http://bit.ly/ihu030811>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Altamira**: município brasileiro localizado no estado do Pará, na Região Norte do país. (Nota da **IHU On-Line**)

Nós patrocinamos e ajudamos a sustentar uma Escola Agrícola Alternativa, que oferece educação alternativa para os filhos dos agricultores. Os jovens passam 15 dias na escola e 15 dias em casa colocando em prática o que aprenderam. Tudo isso é acompanhado por técnicos agrícolas e florestais. Também conseguimos obter assistência técnica para as nossas comunidades agrícolas florestais em todos os assentamentos. Atualmente, o governo deixou de pagar, mas as coisas vão mudar.

Temos reuniões mensais dos agricultores e suas famílias aqui em Anapu, com participação de cerca de 250 pessoas. Tudo isso é educacional, compartilhamento, resolução comunitária de problemas. Estamos constantemente nas comunidades, escutando, compartilhando, estando presentes.

E, claro, há a Romaria da Floresta<sup>5</sup> anual, que é uma espécie de retiro, é mística, uma experiência espiritual. Este ano, como faz dez anos do assassinato de Dorothy, as celebrações começaram com um dia de antecedência<sup>6</sup>, celebrando um Dia de Memória. Muitos aqui não a conheciam pessoalmente, pois nossa população cresceu enormemente, mas todos a reverenciam e acreditam nela, sentem sua presença e importância entre nós. ■

<sup>5</sup> Romaria da Floresta: realizada anualmente no norte do norte do Brasil, na cidade de Anapu no Pará, é uma celebração religiosa que visa refletir sobre a relação entre homem e ambiente. É um momento em que a população dessa região conflagrada pelas lutas por terra e de grande devastação ambiental se unem para orar pela terra e pelos direitos dos mais pobres que lá vivem. É um momento em que reverenciam e lembram a trajetória da irmã Dorothy Stang, religiosa assassinada intimamente ligada aos conflitos da região. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>6</sup> Neste ano, a Romaria ocorreu de 23 a 26 de julho. (Nota da **IHU On-Line**)

SEMINÁRIO  
**AGROTÓXICOS:**  
 IMPACTOS NA SAÚDE E  
 NO AMBIENTE  
 24 DE AGOSTO DE 2015



**SEMINÁRIO  
OBSERVATÓRIOS  
METODOLOGIAS  
E IMPACTOS**



**DADOS  e  
PARTICIPAÇÃO**

DATA:

**28 e 29**  
**setembro/2015**

Local: Auditório Central  
Unisinos - São Leopoldo | RS

**ihu.unisinos.br**

observasinos@unisinos.br | (51) 3590-8213



**IHU** ON-LINE



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em  
Revista**

# Agenda de Eventos

Confira os eventos que ocorrem no Instituto Humanitas Unisinos - IHU de 03-08-2015 a 14-08-2015.

## **2º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum**

O ciclo de Estudos dá continuidade aos debates iniciados no primeiro semestre de 2015, e seguirá abordando o tema das metrôpoles em uma perspectiva interdisciplinar, que se utiliza do paradigma da multidão, da perspectiva da (des)governança territorial, do comum e das políticas públicas. Assume-se a perspectiva da metrópole enquanto uma realidade produtiva, como a fábrica de hoje, o lugar da multidão e suas resistências. A multidão entendida como um conjunto de singularidades, que não é homogêneo nem idêntico consigo mesmo e que não diferencia, mas inclui os que estão do lado de fora. Ainda, tem-se como horizonte a potência do comum, que pensa outras formas de fazer política, para além das formas de representação Estado/sociedade que existem hoje.

O evento acontece de 13 de agosto a 5 de novembro.

Saiba mais em <http://bit.ly/1CYggCW>

132



## **2º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo - A metrópole comunicacional que emerge dos aplicativos para dispositivos móveis**

Conferencista: Prof. Dr. Fabrício Farias Tarouco - Unisinos

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1e4K7Dh>





INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



[unisinos.br/blogs/ihu](http://unisinos.br/blogs/ihu)



[fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos](https://fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos)



[instagram.com/\\_ihu](https://instagram.com/_ihu)



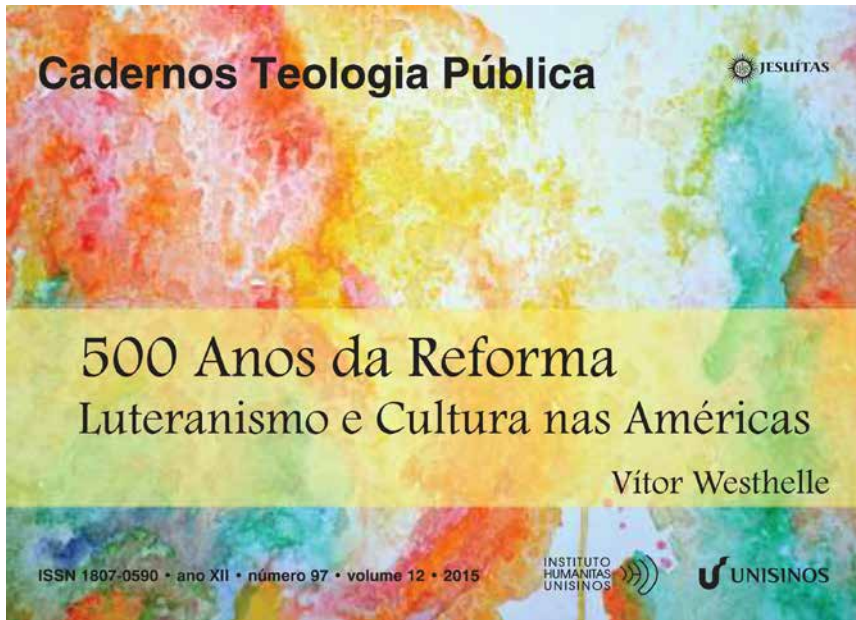
[youtube.com/ihucomunica](https://youtube.com/ihucomunica)



[twitter.com/\\_ihu](https://twitter.com/_ihu)

## PUBLICAÇÕES

# 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas



**Cadernos Teologia Pública**, em sua 97ª edição, traz o artigo de Vitor Westhelle, professor de Teologia na Escola Superior de Teologia - EST e na Lutheran School of Theology at Chicago - LSTC.

A proposição do artigo é apresentar a maneira como Lutero é ou poderia ser em termos de importância para a América Latina. O trabalho é desenvolvido a partir de dois

momentos. “Um é puramente sociodemográfico e está vinculado à expansão do protestantismo e particularmente do luteranismo; o outro é de caráter teológico, em que a teologia luterana de fato oferece opções para entender e operar em um continente dependente que busca sua autonomia e o direito de dizer sua própria palavra”, explica Westhelle.

O primeiro assunto tratado dentro da perspectiva das mútuas relações entre a Europa e a América Latina refere-se aos elementos que vinculam a reforma protestante ao movimento da teologia da libertação. O professor ressalta que “estas teologias que se formaram em pontos diametralmente distantes do planeta tinham em comum inícios modestos, tentativos, assim como também vigorosos e polêmicos que nasceram de um clamor do povo ouvido por Deus”.

Para debater essas relações, o autor retoma a Bíblia, a qual considera a principal catalisadora do discurso teológico. Westhelle ressalta que “a razão do apelo à Bíblia decorre do fato de que as escrituras marcam, na literatura ocidental, o momento em que classes subalternas (mulheres e homens nômades, migrantes, escravos, pescadores, carpinteiros, etc.) aparecem como protagonistas principais de uma literatura que adentrou o nível das grandes obras literárias. Não é de surpreender que estas vozes bíblicas ressoassem no consciente de grupos subalternos tanto na época da Reforma quanto na América Latina”.

Esta e outras edições dos **Cadernos Teologia Pública** podem ser adquiridas diretamente no **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**, solicitadas pelo endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) e também suas versões digitais podem ser acessadas através do link <http://bit.ly/1kxEWJU>. ■

# Retrovisor

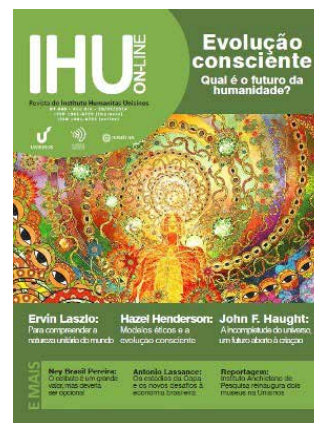
Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

## Evolução consciente. Qual é o futuro da humanidade?

Edição 448 - Ano XIV - 28-07-2014

Disponível em <http://bit.ly/1CJHBhs>

Ainda nas primeiras décadas do século XX o jesuíta e paleontólogo Teilhard de Chardin vislumbrava a formação da noosfera – uma esfera de pensamento que envolveria a Terra, criada a partir da consciência dos processos evolutivos em nível biológico, tecnológico e espiritual. Hoje, em uma época em que a internet, as redes sociais e as economias globalizadas permitem o surgimento de uma sociedade interconectada, talvez estejamos mais próximos do que nunca de atingir tal consciência. A edição 448 da revista **IHU On-Line** debate o tema com a participação de pesquisadores e pesquisadoras de diversas áreas do conhecimento. Contribuem para as discussões John F. Haught, Iliá Delio, Bárbara Marx Hubbard, Diarmuid O’Murchu, Hazel Henderson, Ted Chu, Elisabet Sahtouris e Ervin Laszlo.



## Rio+20. Desafios e perspectivas

Edição 384 - Ano XI - 12-12-2011

Disponível em <http://bit.ly/1Ld4kFA>

Vinte anos depois da Eco-92, a cidade do Rio de Janeiro foi novamente sede, em junho de 2012, da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a chamada Rio+20. O número 384 da **IHU On-Line** debate os desafios e as perspectivas desta conferência.

Contribuem para as discussões André Trigueiro, Cristovam Buarque, Dal Marcondes, Ladislau Dowbor, Ricardo Abramovay e Pedro Ivo de Souza Batista. A edição conta ainda com uma entrevista com Reinaldo Gonçalves, sobre os rumos do capitalismo global, com o artigo de Rosana Vieira de Souza, com o comentário de Aurora Fornoni Bernardini sobre os livros *Guerra e Paz*, de Tolstói, e *O duplo*, de Dostoievski, e o relato de vida de Leônidas Tatsch.



## Estamos no mesmo barco. E com enjôo. Anotações sobre o Relatório do IPCC

Edição 215 - Ano VII - 16-04-2007

Disponível em <http://bit.ly/1MHRoln>

“Eu me peguei dias atrás levando uma carta para o correio. Estava atrasado, e era urgente. Tirei minha Blazer de duas toneladas, mais os meus 90 quilos, para levar para o correio uma carta de 20 gramas. Isso é surrealista”, testemunha Ladislau Dowbor, professor do PPG em Administração da PUC-SP, em entrevista concedida à **IHU On-Line**, que na edição de número 215 discute o relatório Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas - IPCC. Também contribuem para a edição Washington Novaes, jornalista especialista em temas ambientais; Adalberto Bianchini, professor do Departamento de Ciências Fisiológicas da FURG; Paulo Artaxo, físico da USP; José Goldemberg, professor da USP; Williams Pinto Marques Ferreira, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Milho e Sorgo; e Fernando Antonio dos Santos Fernandez, professor da UFRJ.



## Errata

Na edição 468 da **IHU On-Line**, de 29-06-2015, na entrevista de Yann Moulrier Boutang, intitulada “A financeirização e as mutações do capitalismo”, onde se lê “default” o correto é “default”.

# SEMINÁRIO AGROTÓXICOS: IMPACTOS NA SAÚDE E NO AMBIENTE

24 DE AGOSTO DE 2015

Mais informações sobre o *Seminário Agrotóxicos: impactos na saúde e no ambiente* e as inscrições sobre o evento podem ser acessadas em [ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br).

## A metrópole comunicacional que emerge dos aplicativos para dispositivos móveis

Dentro da programação do 2º Ciclo de Estudos *Metrópoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum*, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU apresenta no dia 13 de agosto de 2015 a palestra do professor e pesquisador da Unisinos Fabrício Tarouco sobre metrópoles e aplicativos para dispositivos móveis.

**Data:** 13-08-2015

**Conferencista:** Prof. Dr. Fabrício Farias Tarouco - UNISINOS

**Local:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Mais informações em <http://bit.ly/1Hm3WwO>.

## As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral *Gaudium et spes*

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU publica o Cadernos Teologia Pública com o artigo intitulado *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém - Aspectos epistemológicos e constelações atuais*, de Christoph Theobald, professor de Teologia no Centre Sèvres da Faculdade Jesuíta de Paris.

“Falar de ‘potencialidades de futuro’ de *Gaudium et spes* requer uma conscientização imediata da distância histórica que nos separa desse texto, redigido há quase 50 anos. É a própria Constituição Pastoral que, em um ato que pode agora ser considerado profético, nos adverte acerca de seu próprio enraizamento contingente e, por esta razão, nos convida a fazer hoje o mesmo trabalho de discernimento que ela realizou em ‘seu tempo’”, sustenta o autor. Leia a íntegra em <http://bit.ly/1P0l6p0>.



[twitter.com/\\_ihu](https://twitter.com/_ihu)



[bit.ly/ihuon](http://bit.ly/ihuon)



[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



[youtube.com/ihucomunica](https://youtube.com/ihucomunica)



[medium.com/@\\_ihu](https://medium.com/@_ihu)